

A N A R I T A

MELHORES AMIGOS

PARA LUCAS



NOV
1
2019

PLACE
STAMP
HERE



ANA COSTA

MELHORES AMIGOS

Baseado em uma história real.

Copyright@2019by Ana Costa

Diagramação : Ana Costa

Capa : Esther Fontes

Revisão inicial: Simone Moreira

Revisão Final: Fabiano de Queiroz Jucá

ISBN: 9781799135265

Selo editorial: Independently published



Dedicatória

Às minhas amigas que me inspiraram com suas loucas e divertidas histórias contadas ao longo de nossas vidas juntas. E aos amigos de sexos opostos que se mantêm amigos até o fim! Á Simone Moreira, que se habilitou ser minha primeira leitora beta quando o livro tinha apenas sete capítulos. Obrigada, por cada ajuda e cada dica de ajustes. Aos leitores fiéis que se tornaram amigos enquanto eu escrevia e reescrevia cada capítulo dessa história. Pri, Juh e Edson, vocês são incríveis!

Em especial à minha prima e amiga linda, *Esther Fontes*, por ser a primeira para quem contei que eu escrevia, por me apoiar desde o início e por fazer essa capa que amo de paixão. Obrigada por ficar sempre comigo e por me ajudar a superar meus maiores problemas e até me impulsionar para frente! E parabéns pelo seu talento lindo que você tem no coração, de amar as pessoas independentes do que são. Ao meu marido maravilhoso, que descobriu de uma forma inusitada que eu escrevia e não me julgou ou me desanimou! Eu te amo.



Mariza

(Nota)

Quando conheci o Lucas, eu não esperava que nos tornaríamos amigos, quanto mais ter o nível de intimidade que criamos. Ele me atraiu por sua atenção, carinho e companhia. Mesmo estando distante ele nunca me abandonou. Lucas sempre foi um ótimo amigo!

Ficamos longe um do outro por muito tempo e nos ferimos algumas vezes por bobagens. Já tivemos ciúmes, raiva e até falta de compreensão um com outro, mas nunca nos desrespeitamos. Sempre admirei isso em nosso relacionamento.

Adoro o fato de sermos tão próximos e tão sinceros, adoro até mesmo nossas briga sem sentido. Superamos com excelência o que muitos casais de amigos nunca superam, e isso nos fortaleceu e nos ajudou a chegar até aqui.

Pensar em perdê-lo destrói meu coração e não sei se um dia seria capaz de deixá-lo ir. E sentirei falta se um dia ele não estiver mais por perto!

Querido Lucas, espero que esse dia nunca chegue!

Um
Mariza

Estou sentada há duas horas na cama, encarando o celular sem saber o que seria certo escrever após anos de amizade. Apagando, escrevendo, apagando de novo e começando mais uma vez. Mas sem enviar nada.

Antes de sair de casa, Karen insistiu para que eu escreva logo tudo o que penso, mas não sei como fazer isso. Recebi várias ligações e rejeitei todas. Algum tempo depois ouço a campainha.

— Quem é? — pergunto, deixando o celular de lado e indo até a escada no fim do corredor, enquanto limpo os olhos marejados, irritados de tanto chorar. Ninguém responde. Então desço e dou uma olhada no olho mágico, que me revela os cabelos lisos levemente desarrumados de Lucas. Que eu adoro!

Após uma noite conturbada e dramática da minha parte, eu não sei se quero vê-lo. Tentei mandar várias mensagens antes mesmo de o sol aparecer, mas fui impedida pelo meu orgulho, que insiste que eu não posso ceder mais uma vez. Eu já tenho sofrido demais. E hoje não é mesmo um bom dia para ouvir suas aventuras sexuais.

Encostei-me à porta sem abri-la, com o coração acelerado. Tenho medo de acabar ignorando tudo sem querer tocar no assunto. Preciso ser forte. Não posso desconsiderar o que ele fez comigo.

Ele insiste e bate na porta, dessa vez com as mãos fechadas. Até que eu abro.

— Oi, Mariza — ele diz, com a cabeça escorada ao seu braço direito que está apoiado na parede, dando a impressão que se arrependeu de ter vindo.

— Oi, Lucas — respondo friamente e com vergonha por meus olhos entregarem que eu estava chorando. Olho em seu peito e vejo sua camisa tremendo, o que me conforta em saber que ele também está nervoso. E minhas mãos trêmulas seguram com força a maçaneta da porta.



Lembro-me bem de como nos conhecemos. Karen saía com ele há poucas semanas, mas antes disso tudo acontecer, ela morava no interior de São Paulo e recebeu uma boa oferta de trabalho na NPBR. Estando há mais de oito meses desempregada, ela ficou empolgada e ansiosa, então aceitou a vaga de coordenadora operacional ofertada, mesmo não sabendo como faria para ir e voltar todos os dias da capital de Minas Gerais.

Mas logo soube que sua prima estava à procura de alguém para dividir o aluguel e as despesas da casa. O que combinou perfeitamente para elas na época. Fazia pouco mais de um ano que sua prima havia deixado a casa para morar com o noivo. Mas agora que ia se casar, resolveu voltar para a antiga casa, deixando Karen mais uma vez sem um lar.

Por morar sozinha, eu também quase não tinha companhia e fazíamos tudo juntas. Éramos uma espécie de irmãs de mães diferentes. Então por que não morarmos juntas? E já fazia seis meses que dividíamos a mesma casa.

Karen, como sempre, gostava de sair e não se contentava fácil. Ela nunca se importou em dirigir horas para conhecer barzinhos e boates diferentes, e com os homens era um pouco parecido. Ela não se prendia. Na verdade, fazia tempo que ela não namorava sério. Nas poucas noites que ficava em casa ela se sentava comigo para ver filmes, e geralmente ela pedia pra repetirmos os filmes de Velozes e Furiosos, só para ver o Vin Diesel. Mas em uma dessas noites, coloquei um dos filmes da saga espontaneamente e ela se negou a assistir, e eu logo a questioneei. Sem tirar os olhos do computador, ela me chamou para ver as fotos do "carinha do site" com quem ela estava conversando há uns dois dias. Era o Lucas! E uma semana depois eles já tinham marcado um encontro e desde então fazia poucas semanas que estavam saindo. Depois de ouvir tanto como ele era mais bonito pessoalmente, engraçado e que tinha uma "carinha de bebê sapeca" (era bem assim que ela falava dele), ela resolveu nos apresentar; e de imediato nos demos muito bem.

Karen fez questão de nos levar ao seu lugar favorito, um trailer próximo à sua antiga casa. Conversamos e rimos bastante naquela noite, até me esqueci de que Lucas acabara de me ser apresentado. E a cada assunto, percebíamos o tamanho da nossa afinidade. Karen contou como entrou na empresa, como nos conhecemos, e disse que falava dele a todo tempo durante

o dia.

Sempre amei a segurança dela em si mesma. Sem jogos, sem medo de falar demais, sem medo de se entregar. Se o cara se assustasse, ele quem estava perdendo. *Esse era seu lema quanto aos homens*. Parecia pretensioso, mas se todas nós agíssemos assim, não sofreríamos tanto quando alguém sai de nossas vidas depois de criarmos expectativas.

No dia seguinte, Lucas já tinha me encontrado no Facebook e estávamos curtindo e comentando as mesmas fotos de Karen. Fazíamos de suas fotos um bate papo aberto. *Eu realmente gostei daquele garoto!*

Algumas semanas depois notei que Lucas raramente era citado em nossas conversas e até pensei que isso tivesse algo a ver comigo, ou talvez por nossa aproximação repentina. Mas Karen nunca foi ciumenta.

— Como vai o feliz casal? — perguntei enquanto caminhávamos para a mesa no refeitório da empresa.

Ela me ignorou e deu de ombros com um olhar de desprezo. Conheço o olhar. É o mesmo que ela faz quando vê melancia decorada no supermercado. Um olhar que quer dizer o quão desnecessário foi o tempo perdido com aquele trabalho.

— Está tudo bem? — perguntei, insistente.

— Sim. Parece que sim. Não. Não está nada bem. Não sei te explicar, mas não está dando certo — me deixando confusa, ela acabou se abrindo.

Então ela me contou com todos os detalhes como não conseguia se apaixonar por ele. Mesmo com todo esforço e apreço por seu carinho, atenção e romantismo.

Karen não sabia como encarar o fato de que seu casamento tão sonhado de princesa e com vestido bufante acabou tão rápido. E passou a ter problemas emocionais. Desde então, de uma hora para outra, sem aviso prévio, ela perde o interesse e nem todo esforço do cara mais legal faz com que ela volte atrás. Eu tentei não julgar, mas era inevitável. Lucas era perfeito para ela. E ela estava feliz! Por muito tempo eu tinha torcido para que ela encontrasse alguém assim, e agora ela está deixando acontecer tudo novamente.

— Deviam ficar juntos. Vocês se dão tão bem! — disse ela, com ar de que falava sério.

— Eca! Não fala uma coisa dessas! — esbravejei.

Lucas de fato era lindo, exceto pelo seu cabelo liso e grande, que ele não parava de passar a mão para tirar do olho e colocar atrás da orelha. E

aquele corte de cabelo me irritava profundamente, de tanto que passava a mão. Era uma espécie de chanel que acabava acima da orelha, com as pontas desfiadas. O Estilo dele parecia até o do *Ashton Kutcher* no filme "*De repente é amor*". Sem toda aquela beleza do ator, é claro!

Agora acredito que ele realmente não tinha amigos! *Porque se tivesse eles já teriam o feito cortá-lo.* Mas Lucas não me chamou a atenção dessa forma. De maneira alguma. E ele namorava minha amiga. Então ele não seria uma opção. Não mesmo!

— Ele é tão legal, e agora... — Karen suspirou, exausta. — Não me interessei mais por ele. Eu não posso insistir, Mariza! Só o magoaria.

Sáímos do restaurante e voltamos ao trabalho. Mais tarde, como havia lhe prometido, levei Karen à academia onde meu irmão era o dono, e a quem ela sempre fez questão de deixar claro que estava só à espera que sua namorada terminasse com ele, para que enfim pudesse me chamar de cunhada. Voltei para casa e enquanto me ajeitava na cama, com meu notebook no colo, abri meu Facebook e lá estava a primeira mensagem privada de Lucas para mim. Não sabia, mas aquela seria a primeira mensagem do meu futuro melhor amigo. Ele não economizou no texto desesperado, pois já tinha se apaixonado por Karen e não sabia o que estava acontecendo, o porquê de ela ter se afastado tanto.

"Ela está distante"

"Acho que vai romper comigo"

"Você a conhece melhor que eu. Pode me ajudar a decifrá-la".

"Me ajuda?"

Em meio a um texto enorme, estavam essas frases. Senti-me na obrigação de respondê-lo à altura. Com dó do pobre apaixonado, dei-lhe conselhos que pensei que poderiam ajudar. Mas sem expor que Karen tinha problemas emocionais, nem mesmo que pensava em terminar com ele. Afinal, amigas não fazem esse tipo de coisa. E eu não ia fazer esse trabalho por ela! Não mesmo!

Passamos horas conversando, sem nos preocuparmos com o relógio. Mas o sono chegou. Então me despedi e fui dormir. Nem vi que Karen não dormiu em casa naquela noite. Mas ela me deixou uma mensagem pedindo para que eu a buscasse em um certo endereço antes do trabalho, provavelmente saiu da academia com alguém que conheceu lá, e virou a noite na balada.

No dia seguinte, eu estava ansiosa para contar a Karen sobre seu

namorado ser o melhor cara do mundo e dizer que ela não deveria de forma alguma terminar, e sim, casar-se com ele!

Parei o carro no endereço que indicava no GPS e fiquei a aguardando descer daquele prédio de cinco andares. Buzinei e, pelo visto, ela iria se atrasar. Enfim ela apareceu em umas das janelas e estendeu as mãos com um sinal pedindo para que eu a esperasse.

"E aonde mais eu iria? Se já cheguei aqui e esperei até agora? Coisas de Karen!"

Toda desajeitada, com a mesma roupa que usou no trabalho ontem, segurando uma sacola que julguei ser a roupa que usou para malhar na noite passada, e se esforçando para não deixar a bolsa e nem a pasta de documentos caírem, ela se aproximou toda atrasada e atrapalhada. Não posso julgá-la. Sou idêntica!

Então, sem rodeios, comecei:

— Bom dia! Adivinha quem me enviou uma mensagem desesperadora de socorro ontem à noite?

Ela sentou, fechou a porta, e enquanto estava virada para trás guardando suas coisas no banco traseiro, disse:

— Bom dia! Adivinha quem conseguiu terminar com o Lucas ontem à noite assim que você se despediu dele e foi dormir?

Eu não conseguia acreditar! Além de saber os detalhes de nossa conversa antes mesmo que eu a contasse, ela ainda teve forças para terminar com Lucas sem lamentos, choro ou peso. Pelo contrário! Ela parecia leve. Feliz. Livre.

Eu estava literalmente boquiaberta, e ela ria!

— O que foi? Você já sabia o que ia acontecer, certo? — Sua voz era aguda e sem culpa.

— Você é má! — Censurei, desacreditada e balançando a cabeça. — Ele gosta mesmo de você, Karen!

Ela me olhou, cruzou os braços e sorriu com o canto da boca, maldosamente.

— Você sabia que eu iria terminar e ainda lhe deu esperança, Mari... Não sou eu a má aqui, sou?

Ele havia lhe contado toda nossa conversa, dando detalhes. Usou-a como uma cartada do tipo "até sua amiga nos apoia e acredita que podemos dar certo".

Não havia mais o que pensar, nem dizer. Karen era assim. Quando

não gostava, não gostava. E não iria ser eu a insistir!

— Eu, hein! — disse, contorcendo a boca e franzindo a testa. *Sim! Eu julgo muito.*

Ela riu!

— Espero que meu irmão não tenha nada a ver com isso! — Eu disse em um tom ameaçador enquanto dirigia.

— Não! Ainda não! E por falar nele, sua cunhadinha será minha *personal*, acredita nisso? — ela respondeu, debochando.

— Eu sei! Liguei e contei a ela que você preferia uma instrutora feminina! — Gargalhei ao contar meu feito.

— Você é uma péssima amiga, Mari! — Ela cruzou os braços e começou a contar como foi a noite passada, que conheceu um homem mais velho na academia e que após duas horas no bar decidiu ir embora para casa com ele.



Durante semanas Lucas e eu conversamos online por horas, a todo tempo. E seu assunto preferido era Karen! Conversávamos tanto que resolvemos mudar de aplicativo. Se era tão legal conversar com ele, por que não passar meu Whatsapp?

Nós falávamos sobre tudo, inclusive sobre a Karen! Com o passar dos meses ele foi superando a perda e fomos intercalando os assuntos para desviá-lo de falar dela. Por mais lindo que eu achasse aquele amor platônico, eu não poderia permitir que isso se estendesse. Não sou nenhuma psicóloga, mas sei bem que ficar falando da sua ex não ajuda a esquecê-la. Então, com nosso gosto em comum por filmes, começamos a ter mais assuntos além dela. Até que ele já não falava tanto quanto antes.

Ter a Karen morando comigo nunca mudou muita coisa para mim, ela sempre foi agitada, baladeira e disposta. Já eu, pagava para não sair de casa, e sempre a agradeci por não tentar me mudar.

Mais uma noite que não a vi chegar em casa, como a maioria delas. Eu só me lembro dela ter me ligado sete vezes, incansavelmente, até que

finalmente acordei; não me lembro de muita coisa, mas tenho certeza de que ela perguntou se caberia um homem em nosso lar. Sem hesitar, disse que sim. Só de pensar nela indo para casa de um estranho novamente minha espinha arrepiava. De alguma forma eu me sentia responsável por ela, talvez por eu ser dois anos mais velha que ela e por eu não ter mais com que me preocupar depois do trabalho. Não me lembro de sequer tê-los ouvido entrando.

Marcos e eu fomos apresentados já no dia seguinte, pela manhã, o que confirmava que não sonhei com aquela ligação no meio da noite. Quando acordei, trombei com ele no corredor enquanto silenciosamente ele voltava para o quarto com uma bandeja de café da manhã. Preferi não mencionar sua semelhança com Vin Diesel e, mais tarde, Karen me disse que era um café especial para ela!

E o "carinha" do bar já estava em sua vida por um mês! E durante nossos almoços só se ouvia Marcos, Marcos, Marcos! Eu estava feliz por ela. Parecia que dessa vez ia dar certo. Era nítida sua felicidade. Ele a incentivava a correr atrás de seus sonhos, ela parou de beber e já não saía mais sozinha. Seus olhos brilhavam de alegria quando ele ligava e já não era uma tortura receber as flores que ele mandava ocasionalmente em casa ou até mesmo no trabalho. Já que ela nunca gostou de flores, sempre foi uma grande tarefa ter que contar isso aos caras. Marcos nunca perguntou. Simplesmente as enviou. E ela nunca reclamou. E graças a esse amor todo, Karen parou de dizer coisas do tipo:

“Seu irmão parece com aquele cara lindo que faz o papel daquele capitão, aquele com escudo.”

“Chris Evans, o cara com o escudo é o Capitão América. E, por favor, para de estragar a imagem que eu tenho desse gato!” Eu sempre a repreendia.

De repente estava tudo ótimo, eu tinha uma companheira de casa, uma amiga feliz e um novo amigo que, por trabalhar de barman em um bar, parecia um morcego, dormia o dia todo e passava a noite acordado.

Nas poucas vezes que Lucas estava acordado na hora do meu almoço, aproveitávamos para papear, e naquele momento eu estava tão entretida com nossa conversa que não notei que Karen havia se sentado na minha frente do outro lado da mesa, fazendo uma espécie de som que parecia mais um bufar de raiva. Ela podia não saber amar, se apegar, mas sabia esperar.

— Até que enfim! — bufou novamente.

Ela não se importava com minha amizade com Lucas. Não mesmo.

Mas naquele momento ela queria gritar comigo por isso.

— Kar... — tentei falar, mas fui interrompida por um trem de palavras sem vírgulas.

— Você está há vinte minutos digitando nesse celular, tão entretida, tão concentrada, que nem notou minha presença aqui!

Abri minha boca para me justificar e não deu tempo de formar sequer uma palavra. Ela não parava mesmo.

— Também tenho problemas, sabia?

Tentei novamente dizer algo e...

— Sim! Vocês são amigos, que lindo, mas poxa! Eu ainda preciso de você, Mariza!

Ela colocou seu rosto entre as mãos que estavam com os cotovelos sobre a mesa e chorou! Levantei-me, sentei ao seu lado e a abracei. Olhei nos seus olhos. Em todo aquele tempo de amizade nunca a vi chorar. Já a vi triste. Mas as lágrimas eram novidades para mim.

— Mari... perdoe-me. Estou tão desesperada que de alguma forma eu pensei que deveria descontar em você.

— Não se preocupe, eu deveria ter notado algo... E jamais me importaria por confiar que sou a única para quem quer contar algo tão...

— Tão bobo! — Ela me interrompeu novamente.

— Mas, afinal, o que aconteceu?

O problema era que Karen estava se apaixonando por Marcos de uma forma tão profunda que ela já não se reconhecia, tendo ciúmes, saudades e ficando cada dia mais dependente de sua atenção.

— Não tem motivo para tudo isso, maninha! Está se apaixonando e isso não é para chorar, e sim para se alegrar! — Eu disse, enquanto acomodava seu rosto em meu ombro.

— Não posso aceitar! Eu não sei lidar com isso, Mari! E se eu estragar tudo de novo?

— Não vai! A menos que você se sabote! Pare de pensar negativo, aproveite o momento, deixe as coisas rolaem.

Ficamos conversando durante nossos últimos minutos de almoço sobre seus sentimentos e ela realmente estava com medo, mas completamente apaixonada. E eu fiquei imensamente feliz por ver como Marcos de fato a salvou de um buraco emocional, sem saber de nada.

Voltei para casa sozinha, já que Marcos buscou Karen no trabalho naquele dia; ao chegar em casa tentei continuar o assunto interrompido com

Lucas, mas era complicado, já que no trabalho ele tinha pouco tempo livre. Ele estava eufórico, tinha tantos planos, tantos projetos e dúvidas. Lucas decidiu sair do bar, e abrir um estúdio de música junto com seu irmão mais novo. Fiquei tão empolgada que logo comecei a pesquisar ideias na internet para lhe mostrar. Eu também estava empolgada para que seu sonho se realizasse, ansiosa para ver tudo pronto. Ele merecia! Lutou tanto, não desistiu em nenhum momento!

Sua história não é muito diferente de outras, mas tem um final diferente de muitos. Um cara novo que nunca se importou com trabalho. Ele sempre diz que o importante era fazer o que ele acreditava ser o certo. Eu admirava a sua coragem! Já chegou a sair do estado para ser motorista para um primo que vendia utilidades. E quando não deu certo ele simplesmente veio embora. Ele dizia que pelo menos conheceu o estado de Pernambuco e suas lindas praias. Lucas era determinado, inteligente e muito ambicioso. Mas de um jeito bom.

Dois

Lucas

Quando Karen me disse que iria me apresentar à sua amiga eu fiquei pensando: *"por que eu tinha que conhecê-la? Não seria uma espécie de permissão, seria?"*.

Sempre fui péssimo em fazer novos amigos, e sempre detestei o fato de ter que ser analisado ou julgado. Fora que ter mais uma pessoa na mesa para dar atenção iria atrapalhar completamente meu quinto encontro com Karen. Mas enfim, se era importante para ela, eu me esforçaria ao máximo para ser aprovado por sua amiga e tentaria meu melhor para passar uma boa impressão.

Fazia quatro semanas que eu havia conhecido, mas estava muito apegado à Karen. Ela era completamente diferente de qualquer garota que já conhecera. Ela era linda, com cabelos longos, pretos e cacheados como um fio de telefone, pele morena, olhos pequenos e arredondados como de uma gatinha que te olha pedindo comida, e um sorriso incrível; bem moleca. Uma alma simples e um coração enorme. Engraçada e inteligente, uma mistura de menina levada com uma mulher séria. Fora o fato de que preferia hambúrguer na lanchonete da esquina com porção de batatas fritas a cinema e restaurante (a parte do cinema ainda era um pouco dura para mim).

Tudo que passava por minha cabeça era: *"E se essa Mariza for uma chata e não me aprovar?"*. Então ela entrou pela porta da lanchonete, usando uma blusa branca por dentro da saia preta que ia da sua cintura até abaixo do seu joelho. Nos pés ela usava um salto fino, na mão esquerda o celular, e uma sacola na direita. Respirei fundo. Levantei-me com Karen e agi normalmente. Se eu fosse julgá-la por sua aparência diria que veio fechar um negócio! Ou o meu negócio com Karen. E então, antes mesmo de chegar à mesa, ela abordou um garçom e pediu o mesmo que Karen. Logo vi que era mesmo só aparência.

— Eu vou querer o maior hambúrguer com uma porção dupla de batata frita e um copo enorme de refrigerante... Ah! E molho barbecue numa vasilha onde eu possa mergulhar as batatas!

O garçom parecia familiarizado com seu rosto e sorria amigavelmente como quem já sabia como ela gostava do seu pedido.

— Então você é o Lucas! — Ela deixou as coisas na mesa, estendeu

uma das mãos para mim com um grande sorriso e sentou-se.

Ela não era nada do que eu temia. Era realmente legal, divertida, exatamente como a Karen havia me descrito. Nossa mesa parecia ocupada por adolescentes, rindo alto de tudo. De repente ela citou uma frase da série *Big Bang Theory* e eu logo entrei no assunto! Acho que foi naquele momento que me apeguei a ela. Depois disso rendemos tanto o assunto sobre séries, filmes que Karen sentiu-se deslocada por um momento. Eu adorava Karen, mas quando encontro alguém que ama filmes e séries tanto quanto eu, não dá para resistir.

Karen não gostava de filmes. Ela gostava de ver somente aqueles que já tinha assistido, como "*Outono em Nova York*" e "*Velozes e Furiosos*". Ela raramente se abria para novos títulos, nada contra, já assisti, mas não são filmes que quero ver tantas vezes.

Mas mudamos o foco e falamos sobre a amizade delas. E sobre música! Minha outra paixão, e dessa eu compartilhava somente com Karen, que ao contrário de Mariza tinha uma voz maravilhosa, bem forte e imponente. Ficamos tão empolgados que estávamos cantando alto e nem percebemos. A voz de Karen não era nada sutil e o som de sua voz ecoava por outras mesas e pude notar as pessoas atentas, ouvindo e curtindo de verdade. Aquela noite foi ótima!



Contei a Mariza como tinha tomado coragem para abandonar o bar, e começar um negócio junto com meu irmão caçula. E que meu maior desejo no momento era viver da minha paixão. Eu trabalhava há mais de seis anos como barman no centro da cidade, e modéstia à parte, canto muito bem. Sempre quis abrir um estúdio para gravar minhas músicas, covers e para abrir ao público, de modo que pudessem alugar para ensaios com suas bandas ou algo do tipo, e quem sabe um dia, produzir novas bandas. Mariza logo se empolgou e disse que seria de fato um grande sucesso e que não havia dúvidas disso.

Apeguei-me rápido a ela e quando Karen rompeu comigo, eu

simplesmente esqueci que só havia algumas semanas que havíamos nos conhecido e fui chorar com ela pelo Messenger do Facebook. Fiz dela minha melhor amiga, bem rápido. E tudo que acontecia ao longo do meu dia eu queria contar a ela. Sentia que ela fazia o mesmo! Nunca tive amiga mulher, e geralmente não é algo em que se acredita dar certo!

Mas para a gente, dava!

Há meses.

E nesse tempo meu irmão vivia me dizendo que eu devia chamá-la para sair. Como se fosse algo que passasse por minha cabeça! E não era isso! Não era assim que eu a queria em minha vida. Pois dessa forma ela acabaria descobrindo meus defeitos, e não gostando deles. Sendo minha amiga ela poderia descobri-los, talvez eu mesmo os contasse, e ela não teria que amá-los por obrigação. Quando se é amigo se fala sinceramente, e quando um não gosta, o outro aceita ou não; sem obrigação.

Queria começar logo a realização do meu sonho. O primeiro passo já havia sido dado: sair de trás do balcão do bar onde eu trabalhei desde que eu tinha dezenove anos. Não que eu não gostasse das vantagens que ser um barman me proporcionava, como toda noite ter números de telefones diferentes em guardanapos e mulheres me esperando no corredor que dava acesso ao fundo do bar. Sempre uma aventura diferente! Exceto no tempo que estive com Karen. Nunca me comportei tanto, acho que por isso doeu perdê-la, mas não a culpei por nada. Eu só nunca vou entender o motivo real dela simplesmente dizer que não queria mais me ver. Mas já superei. Alice, a última cliente de todas as noites, me ajudou a não chorar no balcão.

Ela saía da faculdade, ia para o bar com as mãos cheias de livros e se debruçava no balcão, claramente exausta. Ela pedia uma taça de vinho. Com um sorrisinho no rosto ela aguardava que eu trouxesse seu pedido. Enquanto enchia sua taça, a olhava nos olhos e ela esticava-se toda para amarrar os cabelos. Agradecia. Tomava seu vinho, sempre em três goles, pagava e ia embora. Sem conversar nem nada. Enquanto estive com Karen eu não dava a mínima para sua forma sedutora de simplesmente amarrar os cabelos me olhando. Mas na noite seguinte ao pé na bunda que ganhei, resolvi investir.

— Você estuda o quê? — perguntei, analisando seu livro que estava sobre o balcão enquanto ela tomava seu vinho.

— Direito. — Ela sorriu. Abaixou a taça e debruçou-se sobre o balcão com um olhar audacioso. — E você namora há quanto tempo?

Foi como tomar um soco no estômago! Mas mantive-me de pé. Forcei

minhas mãos abertas sobre o balcão, empurrei meu corpo para trás, dando espaço para abaixar minha cabeça entre os braços. Olhei-a por cima dos olhos com um sorriso meia boca.

— Não namoro mais. — Eu a olhei nos olhos, retomei a confiança e debrucei-me no balcão, chegando mais perto do seu rosto. — Já estou fechando, poderíamos ir para outro lugar, o que acha?

Ela concordou com a cabeça e minutos depois já estávamos na casa dela. Eu sempre achei que eu quem morava perto do bar, mas sua casa era praticamente na mesma rua. E considerando o modo como ela me atacou assim que entramos em seu apartamento, ela não conseguiria mesmo esperar chegar até minha casa.

“Você é muito convencido!”

É o que a Mariza sempre disse para mim. Mas eu não sou de recusar quando uma mulher me quer! Não sou a espécie de *"cara galinha"* que ela achava. Eu só apreciava muito as mulheres e não deixava oportunidades passarem. Sempre me orgulhei de ser um cara diferente. Gosto de namorar. Sou sempre romântico, atencioso, carinhoso, detalhista, observador, um bom ouvinte — palavras de Mariza, que me deixava cada dia mais convencido, talvez por querer levantar meu astral pelo término com sua melhor amiga.

Quando decidi que era hora de abrir meu estúdio e gravar minhas músicas, Mariza foi a primeira pessoa para quem contei, e ela passou a me ajudar muito desde então. Não é o que se espera de uma amiga virtual, ser tão próxima assim como ela era comigo. E eu com ela. Sabíamos muitas coisas um do outro. Contava coisas para ela que não contava a mais ninguém. E gostava de como éramos sinceros. Ela sempre falou o que pensava e isso me animava.

Nunca olhei para ela de outra forma, de alguma maneira muito louca meu cérebro bloqueou qualquer outra forma de vê-la, que não fosse como uma amiga. Na verdade, era como se fosse um amigo! Olhei com detalhes sua roupa na primeira vez que nos vimos, julgando-a. Era realmente exagerada para o ambiente. Eu sequer notei seu corpo.

Sair do bar não foi nada fácil, como pareceu na minha cabeça. Primeiramente porque o dono do bar fez várias propostas de cargos e de horários tentadores! E depois porque eu não sabia como seria após sair por aquelas portas e não voltar no outro dia. Mas após uma longa conversa, chegamos a um consenso de que eu ficaria por mais um mês até treinar o novo barman. Isso me daria tempo para analisar mais friamente meus planos.

Encostei-me na parede dos fundos do outro lado do bar, e cocei a cabeça. Estava incomodado ao ver como Júlio, o dono, conversava com o novo barman, tão feliz por ter encontrado outro cara para me substituir que nem reparou em alguns detalhes que para mim eram primordiais.

Ele é novo demais para a profissão! Algo me dizia que não ia levar as tarefas a sério. Aquele seu cabelo arrepiado cheio de gel não me passava confiança. Ele era muito magrelo, não iria conseguir carregar as caixas para reabastecer o bar. Também era muito sério, assim não iria atrair a confiança dos clientes e fazer deles seus amigos. *Não! Assim não posso sair, talvez eu possa ficar uma semana a mais e dar a esse garoto um bom treinamento de como ser um barman. Mesmo porque não tenho nada definido a respeito do estúdio ainda. Preciso escolher uma boa localização, olhar fornecedores de equipamentos...*

"Estou com medo de não conseguir sair do bar e acabar aceitando a oferta de ser gerente e vir a cada três noites"

Digitei desesperadamente para Mariza, em busca de um choque de realidade que ela costumava me dar em meus momentos de desespero.

"Onde você está?"

Amava quando ela respondia na hora, como se ficasse com o telefone na mão à espera do meu pedido de socorro.

"Sentado aqui nos fundos em cima de um latão de lixo enorme!"

"Você é um bebezão! Pare de choramingar, levante-se, faça o que foi fazer e saia já desse bar".

Ela esbravejou. Mesmo por mensagem eu sabia quando ela estava brava.

"O cara novo não vai saber lidar com isso aqui. Esse bar faz parte de mim! Já te contei a história!"

"Eu te entendo, Lucas, mas você não pode deixar ser só isso para sempre! A não ser que o compre!"

Ela tinha razão, eu não podia parar minha vida ali! Não podia ser só aquilo! Tinha que pegar essa oportunidade que ganhei da vida e fazer dela meu grande passo. Eu amo música e não vou abandonar meu sonho por um apego sentimental. Além disso, o bar não sairia dali. Poderia ir até lá beber quando quisesse, e seria como minha casa sempre.

Voltei para dentro e percebi que o garoto não era mesmo de muitas palavras, mas era esperto como eu há seis anos, com garra nos olhos, e a empolgação por ser seu primeiro emprego. Comecei a analisá-lo melhor e ele

estava sempre por perto me observando, aprendendo e às vezes até perguntando como servir corretamente o drinque mais pedido. Voltei para casa feliz em poder fazer dele um bom barman.

Eu estava saindo com frequência com a Alice, a garota do bar. Ela era indecifrável; curti rock, tinha cara de garota mimada, mas na verdade era dura na queda. Tinha um sorrisinho maligno quando me aproximava dela, o que só me fazia pensar em quanta maldade ela queria fazer comigo. Ela gostava de aventuras, e eu não sabia o que era, mas sentia que ela me escondia algo.

— Boa noite, Ali! — Sorri enquanto a olhava fechar o portão da garagem do seu prédio para mim. Ela nem respondeu, sorriu maliciosa, se aproximou e me beijou.

Subimos as escadas e ela me levou até o terraço do seu prédio, cujas chaves eu não sabia como ela havia conseguido. Mas não me importei e segui seus passos. Se ela queria transar no terraço, nós iríamos transar no terraço.

Ela subiu um lance de escada na minha frente e dali debaixo eu pude ver que ela estava usando calcinha, o que me frustrou um pouco, mas logo percebi que propositalmente ela não estava usando sutiã, o que deixava seus seios livres e à mostra na transparência do decote do seu vestido. Eles eram lindos e atrativos. Médios e empinados, seus mamilos estavam eriçados, e eu não consegui me conter. Estava excitado desde que ela me recebera na portaria. Queria tocá-la, mas ela brincava de fugir.

Cansado daquela brincadeira, eu a alcancei. Naquele corredor não havia portas. Então me aproveitei da privacidade para agarrá-la pelo pulso, virando-a com voracidade. Eu a encarei e seu olhar malicioso fez o volume das minhas calças aumentarem. Aproximei-me ainda mais e, sem soltá-la, a encostei na parede.

— Huum! — sussurrou ela, mordendo o lábio inferior enquanto jogava a cabeça para trás, deixando o pescoço livre para os meus beijos. E eu a beijei, sem soltar as suas mãos, que continuei pressionando contra a parede. Minha boca passou pelo seu pescoço e desceu até os seus seios. Mas ela conseguiu se esquivar rapidamente e correu para a porta que dava acesso ao terraço.

— Vem! — falou ela com um gemido, fechando a porta atrás de mim, me puxando para meia parede de tijolinhos marrons no terraço. Consegui ver outros três prédios de frente para nós com muitas luzes ligadas, o que nos deixava mais expostos. Mas não me importei. Ela me encostou contra a meia

parede, aproveitando do volume por cima da calça, com muita vontade ela segurava minha carne rígida em suas mãos.

— Nossa! — gemi enquanto colocava minha mão no decote do seu vestido e o puxava para baixo, deixando seus seios saltarem para fora. Sem tirar o vestido do seu corpo, acariciei-os. Seus mamilos estavam durinhos de prazer. Então levei minha boca até um deles e o chupei ao mesmo tempo em que brincava com o outro entre meu polegar e meu indicador. Isso a fez gemer e jogar a cabeça para trás. Desci minhas mãos por sua barriga, que se contraiu ao sentir minha outra mão apertar sua cintura.

— Não temos muito tempo — ela sussurrou enquanto abria minha calça.

Ela era uma loira magrinha, de cabelos médios. Seu corpo era de quem mora na academia. Malhada, com as pernas firmes e torneadas, sua barriga seca era bem definida. Seu corpo tinha curvas perfeitas como um desenho que começava em sua cintura fina, e que iam até seu quadril que ficava mais largo. O que gostamos de comparar a um "*corpo de violão*".

Peguei em sua mão que já estava dentro da minha cueca, e a virei de costas para mim. Baixei minhas calças, arredei sua calcinha e passei meu membro por sua buceta molhada. *Muito molhada!*

Ela gemia com um som que parecia pedir para que eu entrasse logo nela. Mas me divertia em torturá-la, para vê-la se contorcer quando eu passava meu pau em seu clitóris duro de prazer.

Não consegui esperar mais. Enrolei seus cabelos em meus dedos fechados e com uma estocada forte entrei nela e a ouvi gemer enquanto pedia por mais. Quanto mais ela rebojava, mais prazer eu sentia. Trouxe seu corpo para junto do meu, e tendo ela ainda com as costas viradas para mim, coloquei minha mão esquerda em seu seio direito, de um jeito que eu envolvesse com um único braço, enquanto minha mão direita segurava seu pescoço para cima. E gozamos juntos. Foi inevitável, por ver ela se desfazer em prazer e arranhar meu braço de tanto êxtase.

Nunca dormia na casa dela e nem ela na minha. E não é porque eu não gosto de acordar ao lado de uma mulher, porque eu gosto e muito. Sou o tipo de cara que após o sexo quer abraçar, conversar e fazer carinho. O cara que toda mulher gostaria de ter. Mas toda noite por volta de três horas da manhã eu saía da casa dela e voltava para minha. E se ela estivesse na minha, eu mesmo a levava para casa.

Ainda sem crer na noite louca que eu tinha acabado de ter, entrei em

casa e me preparei para tomar banho, e quando tirei a roupa, lembrei-me do meu celular no bolso de trás da calça.

"Oi, está por aí?"

Vi a mensagem de Mariza. De horas antes.

"Oi, Batatinha, não estava em casa e só vi sua mensagem agora! Desculpe a hora."

"Batatinha?"

Ela perguntou sem saber de nada. E enviou um Emoji confuso.

"Sim! Toda vez que falamos sobre comida, você fala de batata frita, ou está comendo ou está pensando em fazer para comer. Sua opção é sempre batata frita!"

"Há. Há. Batata frita é mais terapêutica que correr para aliviar o estresse".

"Não é não, pergunte ao seu irmão o que ele acha da irmã menos fitness dele!"

"Nem tento, ele já me enche com sua mania de que eu devo ir ao menos duas vezes à academia para me exercitar"

"Academia de graça? Tem mais que aproveitar"

"Passo"

Ela enviou um Emoji revirando os olhos, o Emoji que mais a define.

"O que está fazendo acordada a essa hora, Batatinha?"

"Pensando em ver um filme, você anima?"

"Claro! É só me dar seu endereço e chego aí em minutos!"

Envio um Emoji com a língua para fora.

Até então não tínhamos citado a vontade de nos vermos. A noite na lanchonete tinha sido a primeira e a única vez. Enviei a mensagem sem medo de causar péssima impressão e talvez até sem pensar muito no que havia acabado de escrever. Eu ainda estava extasiado com a noite. E sexo claramente me deixa animado!

"Não, bobo! Cada um na sua casa. O que acha? Continuaremos conversando sobre o filme por mensagem mesmo!"

Achei a ideia engraçada. Nunca tinha feito, nem pensado nisso. Mas também eu nunca tive com quem fazer algo do tipo...

"Vamos, claro! Então escolhe o filme, vou tomar um banho e o que escolher é isso mesmo!"

"Qual seu gênero preferido?"

"Comédia, ação, terror, suspense, e até comédia romântica! Ah, eu

adoro animação infantil!"

"Era melhor ter dito TODOS"

"Chata!" – Digito, sorrindo, e vou ao banho.

Assistimos a nosso primeiro filme juntos. Uma comédia, com Ashton Kutcher. *Um ícone!* Parecia bobeira, mas para nós era um marco, estávamos fazendo juntos o que mais amávamos. Assistir filmes! O filme não era bem uma comédia, ele tinha mais sexo que tudo. Mas era muito bom. Nossas conversas são assim, começam sem sentido, como quem não tem nada para conversar e de repente estamos há quatro horas nos falando sem parar. E agora arrumamos algo para fazer quando um estiver entediado!

"Saí com a Alice hoje!" – contei enquanto os créditos subiam.

"Por isso não me respondeu, não é?" — Ela não é a maior fã da Alice.

"Sim! Estava na casa dela e..." – pensei em digitar o restante, mas achei melhor esperar para ver se ela entraria no assunto.

"E então? Conta direito!" – ela me surpreendeu. Quando achei que ela não iria me dar brecha, quis saber os detalhes!

"Ela é incrível, Batatinha! Você não faz ideia, me chamou para casa dela e ficamos no terraço do prédio! Eu não entendi ainda como ela tem as chaves e acesso daquele lugar, mas não vou negar! Eu amo isso!"

"Sério? Meu Deus! Como ela consegue essas coisas? Eu mal consigo olhar na direção do novato da empresa" – ela conta sem maldade e eu logo me surpreendo. Chego a me ajeitar sentado na cama, de tão chocado.

"Como é que é? Que novato? Olhar? Ai, meu Deus, você é humana e tem sentimentos?" – sempre brinco que ela nunca tem um caso quente para me contar. A não ser os antigos, e são tão poucos.

"Ai, que vergonha" – Ela enviou um Emojicom bochechas rosadas e um macaquinho com a mãozinha no rosto.

"Vergonha de quê?" – Balanço minha cabeça negativamente e elevo meus olhos. Como se ela pudesse me ver.

"De contar uma coisa dessas"

"Quer ajuda para chegar nele?" – Eu precisava brincar com isso. Era inevitável!

"Você acha mesmo que eu vou deixar que ele veja que eu estou a fim?"

"Conte-me direito o que está acontecendo, desde quando está a fim dele?"

"Para de caçoar! Vamos voltar ao assunto inicial. Você e Alice. Termine de me contar."

"Não estou caçoando. Esquece a Alice, agora o foco é você! Desabafa comigo! Você sempre me ouve, mas nunca se abre de verdade. Isso magoa. Parece que você não confia em mim como confio em você!" – fiz um pouco de drama, mas estava sendo sincero.

"Não é isso! Eu confio em você! Quantas coisas minhas você sabe, Lucas?"

"Pare de enrolar e conta logo"

"Tudo bem! Ele entrou faz duas semanas e está substituindo o outro editor-chefe, ou seja, agora sou secretária dele! E toda vez que ele fala comigo é uma tortura, porque eu não paro de imaginar ele falando no meu ouvido... Mas tenho mantido a postura perto dele!"

Ela realmente se abriu, e foi a primeira vez que ficamos por horas falando dela e dos seus pensamentos secretos, e não dos meus. Quanto mais nos abríamos um para o outro, mais próximo me sentia dela, mais eu me apegava e menos longe dela eu queria ficar! Era realmente verdade, estava dando certo. Eu tinha uma amiga mulher e eu não sentia atração por ela e nem ela por mim! Éramos como irmãos!

Três

Mariza

Passei a sexta à noite no telefone conversando com Lucas, o que foi ótimo! Estava precisando conversar um pouco. Na verdade, eu precisava mesmo era sair mais de casa. Minha vida social era bem extinta. Eu sentia falta de sair, dançar e conversar num tom elevado para tentar superar a música alta. Mas a minha disposição não me deixava passar da sala e do sofá.

Karen saía todo final de semana com o Marcos e durante a semana sempre chegava tarde. Por isso me apeguei ainda mais ao Lucas. Ela nem ao menos sabia da minha queda por meu chefe. O trabalho tinha aumentado no escritório, e não nos víamos mais como antes. Ela foi promovida e mudou-se para o quarto andar no prédio da empresa e nosso horário de almoço quase não se conciliava; ainda íamos e voltávamos juntas para casa, mas não era mais a mesma coisa.

— Mariza, poderia vir à minha sala? – Bruno, o meu novo chefe lindo, tinha a voz grossa, um tom grave. Como de um dublador em um filme muito bom. Arrepiava-me ao ouvir o meu nome sair daquela boca pequena e um pouco carnuda. E eu mal conseguia parar de comparar sua aparência com o ator *Taylor Kinney*.

— Sim, senhor, só um momento, por favor! – disse, tentando não transparecer que estava esbaforida, enquanto pegava o bloco de notas e uma caneta na gaveta.

— Hoje terei uma reunião com um possível novo escritor. Na verdade, está mais para um amigo. –Ele disse assim que entrei na sala.

Ele se levantou da sua cadeira e parou em frente à mesa; ele não sabia, mas a beleza dele me deixava constrangida. Por não ficar muito bem de terno pensei que seria mais fácil não me derreter por ele naquela manhã. Mas aí, ele encostou-se à mesa, apoiando suas mãos uma de cada lado do corpo, e contorceu os lábios como se tivesse que esconder o que dizia. Erguendo simultaneamente as sobrancelhas, ficando muito sexy. E eu incrivelmente consegui me manter intacta, sem mudar minha expressão. Ele continuou:

— André e eu estudamos juntos na mesma faculdade, mas perdemos contato desde então, e agora nos reencontramos por acaso, e gostaria de analisar um de seus trabalhos.

— Sim! – o interrompi sem ter a intenção. E ele sorriu. Parecia ter

percebido minha falta de jeito.

— Enfim, eu vou precisar de uma companhia que me assegure que eu não feche negócio por amizade, ou algo do tipo. Você está livre essa noite?

Uma atitude adolescente tomou conta do meu corpo, começando a me fazer tremer por dentro, e por pouco meus olhos não marejaram! A vontade que tive era de dar pulinhos e gritinhos bem agudos de *SIM! SIM! SIM!* Mas eu precisava me recompor. E rápido.

— Eu tinha um compromisso com um amigo – menti na cara dura – mas acho que consigo remarcar.

— Ótimo, nos encontramos no Atlas às oito, ok? – ele foi rápido! Sem enrolação. E sequer se importou com meu compromisso falso!

— Sim, senhor! – Abaixei a cabeça em sinal de reverência. *Meu Deus, o que eu estou fazendo?*

Ele sorriu, passando uma das mãos na cabeça, fazendo charme involuntariamente, depois as colocou no bolso da frente da calça. Ainda encostado à mesa, colocou o pé esquerdo na frente do direito. Aquela pose fazia com que eu quisesse ir até ele para beijá-lo lentamente enquanto minhas mãos abriam cada botão daquela camisa.

— Por favor, sem essa de senhor. Eu devo ser apenas três anos mais velho que você. Certo?

Seu sorriso lindo me despertou dos meus pensamentos. A barba por fazer combinava perfeitamente com seu rosto. Eu sempre tive uma tara por aquele estilo de barba! Mas na verdade ela parecia que havia sido criada para ele.

— Desculpe-me, é mania! O outro editor era mais velho, então... — dito isso, saí da sala acenando em sinal de despedida. E ignorando sua pergunta sobre minha idade.

Fui direto ao meu celular, contar ao Lucas o convite inesperado! Ele riu me lembrando de que eu não podia esquecer que era um jantar de negócios! Ele estava certo. Mas eu não precisava me arrumar como se fosse uma ida à padaria, não é mesmo? Então Karen que preparasse seus ouvidos e seu tempo, porque querendo ou não ela iria sair comigo na hora do almoço para comprar um vestido e ouvir tudo desde o início!

Foi uma confusão, tirei Karen da sua sala sem aviso prévio e a arrastei para o banheiro para contar tudo, bem resumidamente e cochichando. Ela riu de felicidade por mim por eu finalmente estar interessada em alguém. Mais feliz ainda porque era um caso proibido. Ela adiou seu compromisso na hora

do almoço para me ajudar com o vestido.

Entrávamos nos estabelecimentos como duas adolescentes indo comprar um vestido para um primeiro encontro. Rindo, felizes e conversando, contando casos como antes. Fomos às lojas mais prováveis e mais próximas do trabalho, e experimentei modelos variados em lugares diferentes, em tempo recorde, até que encontrei o vestido de reunião de trabalho sexy. Era assim que Karen descrevia para os vendedores, loja por loja.

Pareceu mesmo um evento, eu estar interessada por alguém. Raramente eu me permitia sentir algo por alguém além da amizade. Depois que sofri muito no colégio por gostar de caras que não me viam mais que uma amiga, eu decidi parar de tentar. Eu não era invisível para eles, mas nunca passava de uma amiga.

No ensino médio, eu era amiga de um dos garotos mais populares e bonitos da escola. E como todo final de semestre, nos reuníamos para festejar na casa do segundo garoto mais cobiçado da escola, que namorava minha melhor amiga na época. Nesse dia resolvi deixar minha “capa” de certinha de lado e beber do vinho que o time de basquete levou, e depois de três copos cheios, eu fiquei corajosa e tentei beijar o primeiro garoto mais popular, o qual estava ao meu lado, conversando comigo sobre as músicas de *Charlie Brow Jr*, que tocava incansavelmente. No instante que eu me debrucei para beijá-lo, ele se esquivou e disse, me abraçando:

— Você é muito engraçada, Mari. Adoro ser seu amigo.

Eu não tinha lhe contado piada alguma. Provavelmente a piada era eu! Nunca mais tocamos no assunto.

Uma vez vi em um filme que em todo grupo de amigas lindas existe uma menos bela, e essa sempre fui eu. A que era usada como ponte para os caras chegarem às amigas mais bonitas. Karen sempre me disse que eu era a única que pensava assim, e que na verdade meu erro era me interessar pelos caras errados. E que eu não era uma “*Duff*”, como dizia o filme. Na noite que passei acordada contando de mim para o Lucas, eu falei isso a ele, que, claro, disse que inventei essa loucura na minha cabeça como um sistema de proteção contra otários. A teoria do Lucas me confortava mais, até porque já tinha tanto tempo que eu nem sabia bem como foi que aconteceu. Só sei que havia mais de dois anos que não namorava ou ia a encontros. Se eu dissesse que não sentia falta estaria mentindo. Mas me sentia confortável assim, eu não precisava perder a noite de sono pensando se ele estava pensando em mim,

nem precisava passar o dia enviando o tipo certo de mensagem e deixando de ir a lugares que gostava porque o cara não queria, ou me afastar das minhas amigas porque encontrei *"o cara ideal para passar o resto da minha vida."* Sinceramente, não sei como conseguem.

Acho que deveria ser uma lei mundial: *"Amizade antes de amor."*

Porque se o namoro não der certo e você abandonar seus amigos, no colo de quem você vai chorar? Bom... Assim penso eu.



"E então? Cadê a foto da roupa que vai usar?"

Lucas sempre gostou tanto de me agradar que às vezes parecia minha melhor amiga, mas sua opinião valia muito nessas horas.

Enviei a foto e esperei seu bom e velho deboche sobre meu look.

"Perfeito! Essa parte de cima, cinza, é uma blusinha ou é do vestido?" – ele perguntou.

"Faz parte do vestido! Ficou bom mesmo? Não estou muito séria? A parte da saia justa, preta, combina mesmo com esse cinza de mangas curtas?"

"Vai com calma, eu sei dar opinião de feio e bonito! Não sou um estilista de moda! Mas se serve de consolo, você está uma gata com esse vestido! É... miudi, né?"

Raras as vezes que mandávamos áudios um para o outro. Até porque eu detestava minha voz. Mas eu amava ouvir a dele.

"Mídi. O modelo do vestido é mídi, Lucas!"

Enviei um áudio breve, o corrigindo e rindo do seu jeito bobo de definir minha roupa.

"Você é um fofo! Obrigada por ajudar!"

Enviei uma mensagem agradecendo o elogio.

Arrumei minha bolsa e joguei meu celular lá dentro, junto com toda papelada e até meu notebook. Tirei o carro da garagem e assim que o portão do prédio se fechou o meu celular tocou. Não conhecia o número. Desliguei o carro para atender.

— Alô?

— Mariza, é o Bruno, já saiu de casa? Se não, ainda dá tempo. Resolvemos mudar o lugar da reunião e concordei que fossemos para o prédio do E-commerce. Tudo bem para você?

Ele nem esperou eu terminar de dizer alô e já me atropelou com a informação completa!

— Cla... Claro, senhor...

— Mariza... o que eu disse sobre eu não ser tão velho? – ele me interrompeu, corrigindo-me, e eu achei graça.

— Não, Bruno, não há problema algum... – tentei disfarçar o fato de que eu não fazia sequer ideia para que lado ir. — Exceto pelo fato de não saber como se chega lá — disse, sorrindo sem graça como se ele pudesse me ver.

Tive medo que minha sinceridade e minha imaturidade profissional acabassem com a oportunidade. Afinal, quem do ramo de editora não conhecia o E-Commerce? Um dos prédios mais famosos, por ser exclusivo para se tratar de negócios, mas sem toda aquela formalidade habitual. O espaço era como o de um baile de gala, com música ambiente, muito luxo e conforto, privacidade e até uma sala com uma mesa enorme para grandes negócios. *Foi o que vi na internet.*

— Isso não é um problema. Mande-me seu endereço e eu passo aí e podemos ir juntos. Assim fica melhor? – Bruno respondeu prontamente.

— Fica sim!– Respondi.

Naquele momento eu não sabia o que pensar, mas eu precisava agir rápido. O adicionei no Whatsapp e mandei minha localização. Mas fiquei pensando se iríamos os dois no mesmo carro ou se cada um iria com seu próprio carro.

Não perguntei. Fiquei no carro retocando a maquiagem e fazendo um penteado às pressas, pois pensando em não ficar tão elegante optei apenas por manter o cabelo solto e liso. Quinze minutos depois ele chegou. Vi pelo retrovisor um carro se aproximar e logo que buzinou, se inclinou para acenar. Olhei pela janela e o vi acenando para que eu fosse até ele. *Acho que não iremos cada um no seu carro!*

Droga, Bruno não faça isso! – disse baixinho para mim mesma enquanto calçava meus saltos, que estavam no banco de trás. Pelo retrovisor o vi se aproximando, e eu ficava mais nervosa, sem saber o motivo dele estar vindo até mim.

— Você já está me fazendo um favor e ainda vou fazê-la dirigir? De forma alguma. Desça já desse carro! – ele disse enquanto abria a porta do meu carro para mim.

— Tudo bem, capitão! – eu disse, olhando em seus olhos verdes lindos e batendo continência! Eu precisava ser debochada, ou meu nervosismo acabaria me trazendo mais constrangimento.

Ele riu alto da minha atitude boba. Eu deveria fazê-lo rir mais vezes, seu sorriso era lindo, mas o som da sua risada era incrível. Atraente. Apaixonante.

Ele abriu a porta do seu carro para que eu entrasse. Fiquei completamente desconcertada com tanto cuidado e educação. No caminho eu não sabia onde pôr as mãos, nem mesmo a posição dos meus pés. Não sabia se ele queria conversar, então fiquei calada.

— Já foi ao prédio? – Ele quebra o silêncio e antes que eu pudesse responder, ele bateu uma das mãos na testa e me olhou respondendo a si mesmo. — Claro que não, você sequer sabe chegar lá. – Ele virou-se para mim soltando um sorriso quando parou no sinal vermelho. — Desculpe.

Eu sorri de volta.

— Não tem problema. Na verdade, o conheço por fotos na internet e muitos comentários dos executivos e editores-chefes da empresa.

— O antigo editor-chefe não te levava às reuniões de futuros clientes? – Senti seu tom e seu olhar levemente preocupados.

— Não! Mas agradeço a confiança! – Sorri, grata.

— Droga! Desculpe-me, devo ter causado uma impressão ruim, não é mesmo? Não ficou parecendo que te chamei para sair, ficou?

E de repente um soco na boca do meu estômago me trouxe de volta à realidade. *Sou sua secretária. Ele não estaria a fim de mim nem que pudesse. Não estou no seu carro porque estamos indo para um encontro. Mas sim para encontrar um novo cliente para a empresa.* Voltei à realidade e parei de fantasiar.

— De forma alguma, eu estou muito feliz pelo convite, e para você eu posso confessar. Eu esperei por um convite desses por toda minha carreira.

— Nossa! Eu nem pensei direito! Eu fazia assim na empresa anterior, sempre levei minha secretária às reuniões e me esqueci de que em todas as empresas deve haver uma regra específica sobre quem levar a esses jantares.

— Que bom que sempre faz isso. Então não tem que se preocupar. Eu estava louca para conhecer o prédio!

Chegamos ao edifício e um manobrista se aproximou para pegar as chaves e estacionar o carro. Antes que eu pudesse pensar em algo, Bruno encostou-se em meu braço com as pontas dos dedos para que eu o esperasse descer e abrir a porta para mim. Esperei.

Não é um encontro, ele não está a fim de mim e não namoro há mais de dois anos, mas pelo visto o cavalheirismo ainda está na moda.

Cruzamos a porta e eu fiquei maravilhada por tamanho luxo do restaurante, que poderia ser comparado a um hotel em Vegas. Não que eu conhecesse algum. A anfitriã do restaurante, muito educada, bonita e bem vestida, nos abordou antes de adentrarmos o salão:

— Boa noite! Bem-vindos ao E-comercce. Posso ver a reserva do casal? — Pensei em corrigi-la, mas não seria educado. Até porque Bruno não o fez. Ele era mais elegante que eu, estava acostumado àqueles lugares, sabia bem como se portar. Ela continuava a olhar em seu sistema e logo voltou sua atenção a nós.

— Ah, sim! Perdão por meu engano, seria uma mesa para quatro. Empresa NPBR? — Ela dobrou a dose daquele sorriso. — Desculpe minha indiscrição, mas tenho muitos livros de vocês em minha prateleira. É um prazer tê-los conosco nessa noite. — A mocinha linda corrigiu sua falha em nos chamar de casal quando notou que estávamos ali a trabalho. Mostrou-se bem tagarela e... *ela estava flertando com Bruno ou era impressão minha?* Ela correu os olhos na identidade de Bruno que ele a entregou.

— Senhor Bruno, é um prazer ter alguém tão importante conosco essa noite! Vou levá-los à mesa. — É, ela estava flertando. — Ele apenas sorria e concordava.

Não mencionei nada a respeito, mesmo querendo fazer uma piadinha. Mas eu não tinha tal intimidade. Estava olhando em volta enquanto caminhávamos, distraída, e nem percebi que ele estava me olhando.

— Você está linda — ele me disse enquanto puxava a cadeira para que eu pudesse me sentar. E a tal tagarela se afastou.

Desconcertou-me novamente, Bruno! Qual é a sua? É só gentileza ou está bancando o Lucas comigo?

Lucas gosta de flertar e deixar as mulheres interessadas quando ele mesmo não está. Pensei enquanto me congelava por dentro com o elogio.

— Obrigada. Eu tive que mudar de roupa quando me disse que viríamos vir para cá. Que bom que deu certo! Mal pude olhar-me no espelho. E fiz esse penteado no carro enquanto te esperava — menti. Afinal, ele não

precisava saber que eu já saí de casa vestida para a premiação do Oscar.

Eu sempre falava demais quando nervosa. Se o tal André não chegasse logo eu iria enlouquecer.

— Que isso, vo... — Ele interrompeu o que ia dizer para se levantar e cumprimentar André e Mônica, a sua agente, que o acompanhava.

— Graças a Deus — disse baixinho, antes de me levantar para ser apresentada.



A reunião foi ótima. Realmente incrível. Eu falei sério quando disse que esperei por um convite desses por toda minha carreira. E olha que ela era bem curta.

— Muito obrigado por vir! Amanhã às oito? — Bruno levantou e se despediu de André com um aperto de mãos.

— Sim! Às oito! — confirmou André, retribuindo o aperto e o puxando para um abraço.

Eles se afastaram e nos sentamos novamente. Fiquei sem saber o que ainda tínhamos para fazer ali, então comecei a falar sobre o livro, que era realmente bom, e disse que eu ainda não tinha lido, mas que pela sinopse e inspiração, havia me atraído. Comecei a escrever umas notas em meu notebook e depois de um leve "*sim, ele parece bom*" vindo do Bruno, eu o olhei por cima do computador e sinceramente eu não sabia por onde andava aquela empolgação de segundos atrás. Havia algo errado, ele parecia desconfortável.

— Está tudo bem? — perguntei, fechando o notebook.

— Está sim! Eu só... — Ele colocou as mãos sobre a mesa para pegar impulso para se levantar. — Podemos ir? Ou você quer pedir mais alguma coisa?

Ele estava inquieto, estranho.

— Eu estou satisfeita. Podemos ir, sim! — coloquei tudo na bolsa e, antes que eu me levantasse, Bruno já estava atrás do meu assento aguardando o momento certo para afastá-lo.

Andamos até a porta e no caminho eu via algumas mulheres olhando

“discretamente” para ele. Elas pareciam muito elegantes, todas vestidas adequadamente e não pareciam que sabiam ao menos lavar um prato, mas sabiam apreciar bem um homem bonito quando viam um. Ele sorria educadamente para os funcionários e desviou o olhar quando a anfitriã tentou lhe lançar uma piscadela. *Mas que cadela.*

O manobrista chegou com as chaves do carro e, antes que Bruno pudesse exercer mais uma dose do seu cavalheirismo, o próprio manobrista abriu a porta para que eu entrasse. Ele não disse nenhuma palavra por dois quartos, me deixando constrangida novamente. Pensei em puxar assunto brincando sobre a anfitriã, mas antes que eu terminasse de pensar ele começou a falar, fazendo com que rapidamente eu me ajeitasse no banco e o encarasse assustada.

— Eu não lido bem com mentira! Eu te chamei para vir porque desde o primeiro dia eu quero te chamar para sair, mas logo no segundo dia o Heitor me colocou no seu setor e eu virei seu "chefe", e não seria ético sair com minha secretária. Achei também que você poderia ter um namorado. Mas eu investiguei e soube que não. Então o melhor jeito de sair para jantar com você sem parecer assédio era te chamar para trabalhar.

Nunca vi ninguém falar tanto sem tomar fôlego e em tão pouco tempo. *E esse sinal que não abre? E eu que não consigo fechar meus olhos arregalados? E os olhos dele que não param de focar nos meus, esperando uma resposta?* Eu estava trêmula e sem reação, coisas assim não aconteciam.

Não comigo!

— É... – Tentei dizer algo, mas o sinal se abriu e ele me interrompeu.

— Se importa? – Ele sinalizou que iria encostar.

Eu disse que não com a cabeça.

O carro parou.

Ele tirou o cinto de segurança e se virou para mim.

Meu coração ia sair pela boca. Eu tinha certeza.

Eu coloquei as duas mãos no rosto rapidamente, depois apoiei meu cotovelo na janela e virei o rosto para fora, olhando o nada. Eu queria muito ouvir aquilo dele. Já havia fantasiado várias vezes ele querendo beijar minha boca tanto quanto eu. Já imaginei como era aquele corpo maravilhoso sem roupa, mas nunca achei que fosse mesmo acontecer algo do tipo. E agora que tudo aconteceu, não sabia o que responder! *Droga, eu devia ter como ligar para Karen. Ou seria melhor o Lucas?* Minha mente estava fervilhando. Meu coração parecia que iria parar a qualquer momento, o ar parecia escasso ali

dentro, mesmo com as janelas abertas. Minhas mãos tremiam e minha nuca começou a doer. *Não era mesmo uma boa hora para uma crise de ansiedade! Ou era?*

— Nossa, me desculpe! Eu sou um babaca! – ele repreendeu a si mesmo e logo colocou as mãos na cabeça, jogando-a para trás no encosto do banco. Passando as mãos pelo rosto, ele tapou a boca com uma delas e me olhou firme. Então eu precisei dizer algo.

— Me desculpe! Eu não sei como te responder, eu tenho medo de dar a resposta errada. – Comecei a tremer ainda mais. — Nenhuma pergunta foi feita, eu sei, mas eu estou sem saber qual opção correta aqui para a pergunta que não foi feita. Dá para entender, não dá? – Eu estava nervosa.

Meu medo era dizer: "também sinto o mesmo", e depois me prejudicar profissionalmente. Mas de alguma forma ele viu isso em meus olhos e resolveu tomar uma atitude.

— Então eu posso fazer uma pergunta? – Ele se curvou para mim, se aproximando mais. Colocou uma das mãos na parte superior do banco do passageiro onde eu estava. Eu disse “sim” olhando para baixo bem devagar, e dando um sorrisinho tímido. Fiquei ainda mais nervosa, já que eu podia sentir melhor seu perfume maravilhoso. Talvez importado. Eu estava perdida com aquele cheiro deslumbrante de homem durão que ele tinha, combinando com seu porte físico. Estava tão vidrada em seu cheiro que não notei que ele já estava a um palmo do meu rosto.

— Qual é a pergunta?

— Eu posso te beijar? – Parei de raciocinar assim que as palavras saíram de sua boca. E não consegui ter outra reação que não a mesma, que meu amigo jogador de basquete teve comigo no ensino médio: o abracei!

Ele não recuou, e me abraçou também. Jogou seu corpo contra o meu, passou um dos seus braços por cima do meu ombro e me apertou contra seu peito forte. A cena de uma garota um pouco bêbada sendo rejeitada por um lindo garoto numa festa da escola não saía da minha cabeça, e eu não queria soltá-lo, tanto por estar amando a sensação de estar entre seus braços, e de poder ficar imersa em seu cheiro bom, como por não querer mesmo ver seu rosto depois do que eu havia feito sem ao menos saber por quê.

— Mariza, ficaremos assim a noite toda? – ele perguntou com sua voz abafada em meu pescoço.

— Me desculpe! Eu... – Balancei a cabeça ao soltá-lo. Ele sorria e seus olhos me admiravam, deixando-me ainda mais arrependida de recusar

seu beijo.

Inclinei a cabeça, franzi o cenho e contraí os lábios, mostrando minha decepção com uma careta.

— Me desculpe! De verdade.

— Não tem do que se desculpar Mariza.

Ele ligou o carro e me levou de volta para casa. Antes de eu descer, ele novamente abriu a porta para mim, e sem saber como me despedir, apenas sorri e agradeci. Sem nenhum contato físico. Mas ele pegou em minha mão livre, que não estava segurando a alça da minha bolsa.

— Me desculpe! Eu não dever... – ele iniciou e eu logo o interrompi me aproximando do seu ouvido.

— Ei! Não pode se desculpar por dizer o que pensa! – sussurrei encostando meu lábio em sua orelha; ao me afastar novamente lancei uma piscadela de uma forma bem sacana. Eu não sei de onde veio tal atitude, mas gostei dela.

Entrei em meu carro, que estava na porta, o estacionei novamente na garagem do prédio e subi a escada eufórica, segurando meus saltos em minhas mãos juntamente com minha bolsa. Entrei em meu apartamento e, ainda desnorteada pelo acontecido, chamei por Karen e tudo que achei foi seu bilhete.

"Espero que tenha se divertido. Estou com Marcos, ficarei lá essa noite."

Enquanto eu amassava seu bilhete, pensei em mandar uma mensagem para o Lucas e contar tudo, eu precisava desabafar! Sentei-me no sofá e digitei a mensagem, mas antes de enviá-la ouvi alguém batendo na porta. Fui até lá olhar pelo olho mágico antes de abri-la. Não acreditei no que via, pensando em como ele entrou no prédio. Tentei procurar ao menos meu chinelo, e tentar prender meus cabelos novamente.

— Só um minuto! – gritei, correndo pela casa, tentando arrumar algumas coisas fora do lugar.

Droga! O que ele quer aqui?

Quatro

Bruno

Quando perguntei ao André se ele se importaria de mudarmos nossa reunião para o prédio do E-comercce, minha esperança era que ele não aceitasse. André seria meu sinal para não ir em frente com aquela loucura. É tão clichê estar a fim da secretária.

No primeiro dia que a vi, ela estava sentada em sua mesa e logo que passei por ela seu olhar me chamou atenção. Era hipnotizante e prendeu-me. Mais tarde, naquele mesmo dia, encontrei-a sentada almoçando com outra funcionária, e eu, como bom conquistador, não perderia tempo, iria me aproximar dela no dia seguinte. Mas então Heitor aparentemente mudou de ideia quanto ao setor que precisaria dos meus serviços e me colocou para trabalhar com Mariza. De fato, era a melhor secretária que eu poderia ter, mas isso acabaria com meus planos.

André não se opôs quando liguei, então eu não iria desistir. Minha consciência não parava de gritar que não era o certo. Então tive a ideia de ligar de última hora avisando sobre a mudança de planos, esperando que dissesse que não seria possível para ela, e foi o que ela fez, disse que não sabia chegar ao prédio.

Ignorei minha consciência mais uma vez e vi ali uma oportunidade de me aproximar. Mas já no carro, enquanto dirigia a caminho de sua casa, eu não tinha mais certeza se queria que ela percebesse minhas intenções; me fiz de preocupado com o convite e disse que não queria passar a impressão errada. Ela ficou tão chocada com meu pedido de desculpa que imaginei que estava realmente a constrangendo com a ideia.

Eu poderia sair do restaurante com um encontro para mais tarde, de fato não me importaria em voltar ao prédio e buscar a anfitriã Laís, que flertou comigo desde que percebeu que Mariza e eu não éramos um casal. Mas não era ela, nem nenhuma outra; eu estava, de uma forma errada, muito seduzido por Mariza. Era ela. Eu queria Mariza.

Resolvi não dar em cima dela. Decidi fazer amizade, ser gentil e conquistá-la aos poucos. Mas quando André foi embora e ficamos sozinhos, eu parei de pensar novamente. Ela estava tão linda! Eu até tentei evitar chamando-a para ir embora, mas, muito ansioso, nervoso e até medroso às vezes, juntei isso tudo em mim e disse toda a verdade a ela.

E quando eu disse que queria beijá-la, recebi um abraço. Como dois amigos no jardim de infância.

Qual o problema dela, afinal?

Seu cheiro era bom, sedutor e hipnotizante. Sentia as batidas desesperadas do seu coração contra meu peito, e mesmo assim soube que ela estava firme em sua decisão. Era estranho, o abraço parecia não ter fim, e de um jeito inusitado ele evitou que eu ficasse desconfortável com o fora que havia acabado de levar.

Eu deveria ter desistido. Era o que eu já tinha decidido, *até que ela sussurrou em meu ouvido*, me deixando com mais desejo. O que não era nem um pouco justo comigo. Eu sempre detestei esses jogos, modéstia à parte nunca fiz muito esforço para conquistar uma mulher. Minha ex-namorada dizia que meu sorriso, seguido do meu olhar estreito, valiam mais que qualquer cantada. E eu sempre abusei disso. Mas com Mariza não funcionou.

Até que ela sussurrou em meu ouvido. Pensei nesse ato mais uma vez enquanto ligava o carro. Cogitei em ir atrás dela. Mas eu a assustaria. Recostei a cabeça no volante e de relance vi uns papéis em cima do assento do passageiro. Desci do carro mais do que depressa e antes que eu chegasse à portaria, uma linda moça saiu, deixando a porta aberta para que eu entrasse, achando talvez que eu morasse ali. *Ela certamente não morava ali também.*

“Toc, toc”

Bati com meus dedos fechados à porta do apartamento 301, o qual o morador do primeiro andar me indicou ser o de Mariza.

Ela demorou, mas eu estava vidrado olhando sua sombra por baixo da porta. Ouvi alguns barulhos. *Ela está arrumando a casa?*

— Só um minuto! – ela gritou.

Ok. Não iria mesmo a lugar algum.

— O que faz aqui? – Ela abriu a porta subitamente e havia soltado os cabelos e deixando suas ondas, como de costume caírem por seus ombros, o que a deixaram ainda mais linda. Mas ela parecia espantada.

— Desculpe, você esqueceu suas anotações. — Levantei os papéis.

— Não são minhas, são as que você deixou no painel do carro e eu os coloquei lá quando... É... Quando nos abraçamos e caíram...

— Oh! Sim, claro! – Mantivemos o silêncio e eu não reconhecia a mim mesmo, estava ansioso, com desejo. Eu poderia descrever como um frenesi, um incontrolável frenesi. Eu estava paralisado a admirando, parada ali, descalça, com aquele vestido sexy e com seus cabelos ondulados e

castanhos sobre os ombros. Ela quebrou o silêncio e nem assim consegui me controlar.

— O que você quer, Bruno? – ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado e arqueando suas lindas sobranceiras, me desarmando por completo.

— Você!

Não me controlei e literalmente avancei em sua boca, e esperando mais uma vez ser rejeitado, ela me surpreendeu aceitando meu beijo desesperado.

Que beijo incrível. Ela acompanhava perfeitamente meu ritmo voraz. Não queria ser sexy demais para não parecer que fui ali para levá-la para a cama. Querer eu até queria, mas ela não precisava saber! Mas seu beijo não fazia eu ter outro pensamento que não eu subindo aquele vestido e tirando sua calcinha para entrar nela de uma só vez.

Mas eu fui rápido e consegui me controlar, afinal, era nosso primeiro contato mais íntimo. Eu precisava me colocar em meu lugar. Então me acalmei, e aproveitei cada segundo daquela boca. Diminuí o ritmo e ela me acompanhou. Ela finalmente parou o beijo, piscando várias vezes enquanto olhava para mim, assustada.

— Como... você... entrou aqui? – Ela colocou as mãos na cintura. E perguntou, ofegante, pausadamente.

— Uma moça deixou o portão aberto e eu entrei. Como não sabia o número do seu apartamento, bati em qualquer um, na esperança que o morador me dissesse em qual você morava.

Ela sorria desacreditada. Eu continuava parado na porta com minhas mãos apoiadas uma de cada lado dos umbrais de madeira preta. Que mais tarde ela me disse que era uma forma de fazer seu apartamento ser único... Ela falava e eu sorria, encantado por ela.

— Eu posso entrar? Ou vamos ficar aqui?

— Ah, é claro, entre!

Ela parecia afobada e se eu a deixasse pensar, me mandaria embora. Então, a segui, enquanto andava por trás do sofá, eu me coloquei atrás dela e a puxei pelo braço, trazendo aquela boca para junto da minha novamente. Nos beijamos freneticamente, com suspiros, mostrando muito desejo, mas fomos interrompidos pelo apoio do sofá em que ela esbarrou.

— Melhor irmos com calma. – Ela parou, ajeitando o vestido.

— Claro, tem razão. Não vim aqui com essa intenção. – Me recompus. Nos sentamos no sofá e ela me encarava como se tentasse me

decifrar; eu a admirava e pensava como eu queria repetir aquele beijo por mais tempo.

— Aceita alguma coisa? – Ela pergunta mas não consigo tirar meus olhos dela. Estava hipnotizado.

— Sua boca.– Disse pretencioso, tentando ser engraçado.

Ela gargalhou, encostando a testa em meu ombro, e eu acariciei seu cabelo e a maçã do seu rosto com meu polegar. Fazia tempo que eu não ficava assim com alguém. Mariza tinha a mim por completo. E eu não sabia como escapar.

— Isso não está certo – ela disse, se ajeitando em meus braços.

— Podemos curtir esse momento um pouco? – Disse a impedindo de pensar no amanhã.

— Ok, senhor. –Ela me provocou.

Apertei sua cintura com meu polegar e o indicador, fazendo com que ela sentisse cócegas. Ficamos naquele clima por um tempinho, brincando como dois adolescentes que deram o primeiro beijo da vida. Sua presença era maravilhosa e eu me sentia calmo com ela. Esquecia qualquer problema. Conversamos por um bom tempo naquela noite. Ela se ajeitou em meu colo como uma boa menina antes de me perguntar:

— Por que mudou de empresa? — ela perguntou, curiosa, deitando a cabeça em meu colo.

— Fiquei entediado com os livros que publicávamos. Os donos nunca davam chances a novos escritores como André. Se você não tem um bom agente, um badalado, bem conhecido, você não tem chance lá. Sempre achei isso injusto.

Ela me olhou de baixo com um olhar de amor, pegou minha mão que estava em seus cabelos e pressionou um beijo sobre ela.

— Você é um cara legal. É humano. – Ela sorriu de uma forma delicada, ficando ainda mais linda.

— Um dia abrirei minha própria editora e darei ainda mais voz a esses escritores maravilhosos que estão escondidos por aí.

Ela continuava a me olhar amavelmente.

— Você é bom! Mas tem ideia do que vamos fazer amanhã?

— Trabalhar? — Eu ri.

— Bruno, eu nunca saí com alguém do trabalho e... – A ficha dela caiu de verdade, fazendo-a entrar em pânico. — Ai meu Deus! Você é meu chefe!

Ela se levantou com as mãos na cabeça e ficou me olhando bem dramática.

— Como vou entrar na sua sala? Como vou tratar de assuntos com você, sendo que... Nossa, isso realmente está acontecendo! Eu...

Tive que interrompê-la.

— Ei! Calma! Sente-se aqui. Estamos há apenas duas horas juntos e você já está surtando. Como vai ser casar assim? – brinquei, mas ela não sorriu. Levantei-me, fui até ela e segurei seu rosto com minhas mãos, beijando-a lentamente. Eu poderia beijar aquela boca por horas! Dias, talvez anos.

Segurei suas mãos.

— Não quero que esse seja nosso primeiro encontro. Quero mesmo te conhecer melhor. Não quero que pense que isso é um caso de chefe e secretária, porque não é! – Arqueei as sobrancelhas de uma forma intimidadora, querendo passar confiança. Ela sorriu e abaixou a cabeça, esquivando-se de minhas mãos.

Fiquei olhando para ela sem saber o que dizer, esperando uma resposta. Depois de alguns poucos minutos tentando fazê-la parar de pensar e de falar sobre casos de secretárias com chefes, ela pediu para que eu fosse para casa. Tentando fazer com que ela mudasse de ideia sobre nós, eu notei um desapontamento dela consigo mesma. Então percebi que isso não a faria bem, que ela não era mesmo esse tipo de pessoa que ficava atendendo telefonemas de seu chefe durante o dia e deitava-se com ele à noite. Parecia que eu estava mesmo ferindo um de seus princípios e isso a magoava. *Droga, eu sou um traste!*

— Mariza. Desculpe-me se passei dos limites. Eu não deveria ter dito nada. Muito menos ter vindo aqui.

— Tudo bem! Eu poderia ter dito não. E te expulsado daqui há duas horas. – Ela sorriu com o canto da boca. E fiquei esperançoso que ela tivesse mudado de ideia. Mas ela não mudou sequer sua expressão.

— Eu realmente não pensei direito, no "pós-beijo". Por isso não consigo te dar uma opinião de como ficaremos a partir de amanhã, mas se te ajudar eu posso mudar alguma coisa, trocar você de andar, te transferir para outro setor...

— Bruno, você fala mais que eu quando estou nervosa!

Ela sorriu. E colocou a mão em meu ombro em sinal de compreensão

— Bom, o fato de que eu beijei meu chefe não vai mudar. Já está

feito. Mas se estiver tudo bem para você, eu gostaria mesmo que agíssemos naturalmente, sem mudar nada, nem atitudes ou conversas, e cortaremos essas reuniões extras. Tenho minha amiga Karen que poderá te ajudar com isso.

— Se vai te fazer sentir-se melhor... Ok! Nunca aconteceu! – respondi olhando nos seus olhos, com um sorrisinho sem demonstrar minha decepção. E eu estava muito decepcionado, achei que estávamos começando algo.

— Não se preocupe. Ainda seremos amigos. E obrigada pela noite! Foi incrível! Ela toda! – Ela piscou para mim, já abrindo a porta.

Minha vontade era de beijá-la uma última vez. Mas não era o que ela queria. Pela primeira vez, estava chateado por ter feito minha vontade. Realmente não imaginei como ela ficaria, ou até mesmo como eu ficaria. Não saí da sua porta, fiquei olhando-a fechá-la lentamente até que ela desapareceu do lado de dentro.

Por que não lhe dei tempo e não fui a conquistando aos poucos?

Em casa, indo em direção ao banho, cheguei a digitar uma mensagem de desculpas, mas apaguei com medo de piorar as coisas. Deixei o celular na cama, tirei as roupas e entrei no banho.

Antes de me deitar tomei a decisão de agir naturalmente, fingir que aquela noite não aconteceu. Simplesmente sentar na minha sala e evitar ao máximo chamá-la para não causar desconforto. Já havia feito uma bagunça em sua cabeça. Eu manteria a seriedade e a postura de trabalho. Creio que com três dias agindo da mesma forma iremos esquecer o que houve.

Não era do meu feitio ser tão leal, não me preocupava tanto com o que a mulher achava. Se por algum motivo ela viesse a se arrepender eu não ficaria me justificando ou tentando consertar. Eu seguiria em frente. Mas por algum motivo, com Mariza eu não conseguia ser assim. Queria agradá-la, fazer com que nunca tivesse acontecido daquela forma. E eu queria refazer minha imagem para ela. Ser o cara que ela achava que eu era.

Mas a verdade era que se eu tivesse pensado menos com a cabeça de baixo e mais com a de cima, eu teria agido com ela da mesma maneira que agi com a Nice no dia que entrei na empresa. Ou como todas as vezes que tive grandes chances dentro da mesma empresa e recusei por abominar esse tipo de relação.

— *Número da sua identidade e seu telefone, por favor, anote aqui – Nice pediu, autoritária, confiante de que eu o faria.*

— *O Heitor já tem meu número – afirmei.*

— *Eu sei! O número da identidade é para a empresa, o telefone é para mim.*

Eu já vi isso em algum filme.

— *O maior erro dessa conversa é sermos funcionários da mesma empresa. Isso nunca dá certo! Mas... vou guardar essa oportunidade, quem sabe um dia – eu disse a ela e em seguida saí de sua sala.*

Deitei na cama e fiquei recordando minha conversa com Nice quando fui à empresa fazer meu registro e pegar meu crachá. Era o que eu deveria ter feito com Mariza, ter cortado toda e qualquer chance! Eu não deveria tê-la chamado para esse jantar, não deveria ter ido até sua casa, sentindo seu beijo, ou seu perfume. *Ah, seu perfume!* Saltei da cama atrás da camisa que tirei do corpo quando cheguei, só para verificar se seu cheiro estava nela.

O que está acontecendo comigo? Repreendi a mim mesmo, soltando a camisa de volta ao cesto de roupa suja no banheiro.

— Mas... por que ela me beijou se não estava interessada? — perguntei em voz alta, olhando meu reflexo no espelho. — Não importa! Eu não quero entender! Preciso tirar ela da minha cabeça, e ser o chefe dela.

Cinco

Mariza

Droga! Em plena terça-feira Karen desaparece. Em meio a uma crise? Eu nunca tinha essas crises, não por um cara. E agora que finalmente tive uma, não tem ninguém em casa. *Eu vou enlouquecer. Como pude beijar meu chefe? E ainda o mandar embora?*

Andei da cozinha para a sala três vezes, ameacei sentar no sofá duas vezes e parei na porta da cozinha novamente, esperando ter uma luz. Abri a geladeira procurando por nada, já que com fome eu não estava. Voltei à sala, peguei meu telefone. Seis mensagens do Lucas e zero da Karen.

Como pode um "estranho" ter mais interesse em minha vida sentimental do que minha amiga de seis anos? Essa pergunta me levou a ignorar as seis mensagens do Lucas e enviar outra perguntando se eu poderia ligar para ele. O que para mim era complicado, porque sempre detestei falar ao telefone. Até mesmo para pedir uma pizza eu relutava.

"Claro", respondeu ele imediatamente.

"Você não está bem. O que foi? O que deu errado?" Ele enviou outra quase que no mesmo momento e eu a ignorei e disquei. E não completou uma chamada inteira e ele atendeu.

— Hum?

É sério? Ele atende ao telefone dizendo "hum"? Um som, um grunhido! Era assim que ele atendia?

— Lucas, deu tudo errado! Nós nos beijamos – gritei sem responder sua maneira louca de atender ao telefone.

— Calma. Vá devagar! Não era isso que você queria? – Não sei como ele conseguia ficar calmo quando eu estava sendo tão histérica.

— Sim. Não. Mas...

— Calma, Batatinha, respira fundo! Vamos começar do início. Você chegou ao restaurante e...

— Não, meu bem, não teve "eu cheguei ao restaurante"; saiu tudo fora de controle. Ele resolveu mudar o local da reunião para o prédio do E-commerce, e como eu não sabia chegar lá ele resolveu vir me buscar e fomos os dois no mesmo carro. No dele, para ser mais exata. Mas dentro do carro ele decidiu deixar claro que era mesmo uma reunião e que ele não tinha nenhum interesse em mim. Ao chegarmos ao restaurante ele me elogiou. A reunião foi ótima, muito profissional, a ponto de me fazer esquecer que ele era lindo. O André é um fofo e o livro é ótimo. Você precisa ver a inspiração do livro e conhecer a agente dele. Eles se comunicam tão bem, um entende claramente o que o outro quer, e nem parecem uma dupla de negócios e sim um casal, teve até uma história deles de quando se conheceram...

Ele me interrompeu.

— Mariza, eu não quero saber do André e da agente dele, a menos que tenham feito parte do beijo... Foco, Batatinha. Foco!

— Ah, desculpa! — Eu ri, pensando que esse era um dos motivos para eu odiar falar ao telefone. Perco o foco rápido.

Sentei-me no sofá, na esperança de me acalmar.

— Então, depois que o André e a Mônica foram embora ele começou a ficar desconfortável, cheguei a pensar que ele não sabia como pagaria a conta! — Rimos juntos. — Ele tentou dizer alguma coisa, mas desistiu e me chamou para ir embora. Ficou calado no caminho e assim que viu uma oportunidade, me soltou toda a verdade... Então ele tentou me beijar eu o abracei. — Lucas riu. E riu alto. — Sério! Eu recusei seu beijo o abraçando. Pare de rir! Mas aí, ele não se contentou e veio aqui em casa. Lucas, está me ouvindo?

— Estou, mas vou desligar se continuar enrolando.

— Não vai nada. Você não resiste a uma novidade dessas.

Continuei toda a história.

— Não sei como lidar com isso! Eu beijei meu chefe! E como vou fingir que isso não aconteceu? Eu não sou assim! Como vou ficar perto dele? Ficar na mesma sala? E a sós? Como...

Ele me interrompeu novamente.

— Pare, Mariza! Você nem curtiu o que aconteceu e já está pensando em como lidar. Você precisa viver as coisas mais intensamente, deixar acontecer e tentar se desligar um pouco desse senso da vida. Você não o beijou à força, não foi você quem foi parar na porta dele. Ele queria te beijar, você não iniciou nada disso!

Ele não sabia qual mesa de reuniões escolher para seu estúdio sem minha ajuda, mas sabia bem como lidar quando o assunto era sexo.

— Quem sou eu para discutir com você, tão experiente no quesito sexo! — Ri, debochando dele. Ele riu junto, e quando conseguiu se recompor, continuou a lição:

— Para, sua boba! É sério! Seja mais descontraída, você é muito tensa! E duvida da sua capacidade de sedução! Você é linda, e qualquer cara teria sorte em ter você!

— Lucas, isso foi lindo! Mas...

— Curta o momento, bebê! Você queria isso há duas semanas, e só agora você pensou nas consequências? Te conheço bem, você já tinha pensado nisso e simplesmente resolveu ignorar! Então siga com esse pensamento!

— Mas eu nunca achei que fosse acontecer de verdade, Lucas!

— Você queria. Ele queria. Isso não é uma bomba nuclear! Vocês vão conseguir resolver esse desconforto! Caso haja!

Resolvi ouvir o Lucas e ver como meu coração reagiria a suas ideias. E para minha supressa, eu não me senti mal com suas supostas formas de uma nova Mariza. Afinal, eu não seria mais *eu* depois daquela noite. Lucas passou a noite conversando comigo, me fazendo companhia, e até assistimos a um filme. Até eu pegar no sono e o deixar falando sozinho.

Consegui dormir bem. Não sonhei com o acontecido. Nem mesmo com Bruno. O que geralmente acontece quando estou preocupada ou empolgada com algo. O Lucas me encheu com tantas histórias dele com outras mulheres que acabei esquecendo qual era o meu problema.

Quando acordei, me assustei, esperando que tivesse sonhado. Que não tivesse realizado meu desejo de beijar meu chefe. Quando olhei meu telefone

havia duas mensagens. Uma era da Karen, dizendo que tinha novidades e que ela esperava por mim na hora do almoço para saber como foi minha noite. "*Quero detalhes*", dizia a mensagem. E a outra era do Lucas, que havia enviado ontem às três da manhã quando viu que eu o tinha abandonado.

"Não se esqueça de desligar o senso do certo e errado em você! Quando chegar ao trabalho, haja naturalmente, não olhe em volta procurando por ele, ou com medo de encontrá-lo. Sente-se em sua mesa, faça seu trabalho como se ele não existisse! E quando ele te chamar por qualquer que seja o motivo, continue como se nem soubesse o nome dele. Vá por mim! Ele vai seguir o ritmo da dança e vai agir da mesma forma com você. Afinal, qual cara quer lembrar uma mulher de uma noite frustrada com ele? Confia em mim, vai dar certo. PS: você ferrou a noite do cara." Se ele não debochasse do que fiz, não seria o Lucas.

Como eu, "a certinha", iria agir tão grosseira e friamente dessa forma? Eu não tinha ideia, mas se essa atitude faria a noite passada desaparecer, eu estava disposta a me esforçar. Fui trabalhar e fiz exatamente como o Lucas disse. Saí do carro e passei por todo o estacionamento desfilando naturalmente, certa do que eu deveria fazer. Peguei o elevador para o segundo andar. Até que minhas pernas estavam bem firmes. Eu estava confiante! Segui em direção à minha mesa, e quando cheguei à sala de espera topei com Mônica, que estava saindo do bebedouro para voltar ao sofá; trombamos tão forte que quase caímos ao chão.

Não! Não! Não! Eu me esqueci da reunião com André! Eu não estava preparada para ficar com Bruno em uma sala de imediato, mesmo que com outras pessoas junto a nós! Eu precisaria de pelo menos duas horas dando gelo nele! *Droga!*

— Está tudo bem, Mariza? — Mônica perguntou, segurando meus braços, notando meu rosto preocupado.

— Estou sim! Eu fiquei um pouco zonza com nosso impacto. — Recompondo-me, ajeitei minha blusa para baixo e estiquei o pescoço. E sorri.

— Bom dia, André! Bom dia, Mônica! Como vocês estão? — Os saudei, olhando em direção à sala de Bruno. — Ele já os atendeu?

— Ainda não, mas pediu a uma das simpáticas funcionárias que nos avisasse que logo viria nos buscar.

Em alguns segundos ele abriu a porta; evitei olhá-lo, mas ele veio até nós nos convidando para entrar.

— Poderia nos acompanhar Mariza? Vou precisar de você. — Ele disse cordialmente, como se nada tivesse mudado. Pelo visto ele também pensou o mesmo. *"Iríamos fingir que nada aconteceu"* Ok!

Ele estava lindo de casaco azul-marinho e camisa branca de gola em V. Aquela barba por fazer realmente me atraía, ela fazia com que o formato do seu rosto se destacasse e de alguma forma a mandíbula dele me chamava muito a atenção.

Tentei focar no assunto principal da reunião, mas por ter desligado completamente meu senso de certo e errado, e por ele estar incrivelmente lindo, eu só conseguia torcer para aquela reunião acabar logo para eu beijar a sua boca.

— Terra chamando! Alô, Mariza! — Mônica me chamou.

Assustei-me! Estava com meus pensamentos tão soltos que não ouvi que estavam os três falando comigo.

— Então. Como dizíamos, após toda a tiragem pronta enviaremos os livros juntamente com os marca-páginas personalizados... — Bruno parou de falar — ... Vocês se importam se eu tirar esse casaco? — Ele interrompeu sua explicação para pedir permissão para tirar o tal casaco, e claramente nenhum de nós naquela sala seria contra aquele ato, que me daria a mais clara visão do tamanho dos seus braços. O problema é que eu ficava lembrando deles em volta da minha cintura enquanto me beijava.

— De forma alguma! — eu disse de supetão e imediatamente todos olharam para mim. Acho que pensei alto demais.

— É que está mesmo quente aqui dentro, se não se importam, vou buscar o controle do ar-condicionado que ficou na minha mesa — tentei reverter minha gafe. Quando voltei com o controle, Bruno tirou o bendito casaco, me deixando sem graça. Sua camisa parecia ser magnética, pois estava fixada em sua pele de uma forma discreta. E muito excitante. Pelo menos para mim.

Após longos minutos, nos despedimos. Deu tudo certo. Contrato feito, detalhes acertados.

— O livro do André é realmente bom, obrigada por me incluir nessa decisão! — exclamei.

Levantei-me da mesa, juntando minhas anotações e enfiando tudo com pressa na bolsa, mas Bruno permaneceu sentado lendo suas anotações sem me olhar.

— Ah, sim! De nada. Eu que agradeço a ajuda. — respondeu sem ao

menos levantar os olhos.

— Certo! Vou para minha mesa, se precisar de algo sabe onde me encontrar – tentei flertar, mas de fato sou péssima nisso e não pareceu sequer uma indireta.

Ele concordou com a cabeça. Nem ao menos olhou para mim! Pelo menos um de nós soube usar a tática do gelo corretamente. Estava sentada em minha mesa, pensando em seguir seus passos, dançar conforme a música e me esquecer de vez que aquela noite maluca aconteceu, quando recebi uma mensagem.

"Por que ficou me olhando, me analisando, se não me quer?" — escreveu ele, de repente. Eu não ia responder, mas não é nada profissional deixar o chefe esperando.

"Estava tão nítido assim"? — espreguei os olhos, envergonhada, enquanto ria tímida.

"Ficou sim, tão nítido que eu estava nu durante a reunião. Pelo menos aos seus olhos." — Ele enviou um gif safadinho, me fazendo sorrir alto.

Olhei por cima dos ombros e consegui vê-lo rindo enquanto digitava. Era um belo sorriso safado.

"Desculpe-me! Tentei ignorar, até fiz planos de te evitar e não olhar para você por mais de trinta segundos, mas você não colabora. Não podia vir trabalhar mais desarrumado?" — sorri maliciosamente, mas só porque sabia que ele não conseguia me ver.

"Não posso não!" — vários emojis sorrindo. — *"Quer almoçar comigo?"* — ele era direto e eu, como sempre, falando muito.

"Não podemos almoçar juntos. Começariam a surgir conversas e não gosto dessas especulações".

"Não precisamos sair juntos, nem mesmo precisamos almoçar em um restaurante."

"Como assim?"

"Sempre almoço em casa, tenho uma cozinheira, e ainda dá tempo de pedir para acrescentar mais um prato na mesa."

"Na sua casa? Jura? Melhor não! Mas obrigada pelo convite!"

"Nossa! Você sempre na defensiva! Só achei que se nós saíssemos por portas diferentes e com uma diferença de quinze minutos ninguém notaria nada! E minha casa é longe daqui. Então não ficaria tão óbvio que estou interessado na minha secretária".

Fiquei um pouco tensa com a mensagem e ela me trouxe de volta à realidade. Ele é meu chefe. Isso não daria certo!

"Marcamos outro dia. Tenho que almoçar com Karen hoje".

"Tudo bem."

Ele não insistiu, será que ficou com raiva ou só não quer ser inconveniente? Eu sou dessas que dispensa, e quer que o cara fique atrás implorando... Nada normal, eu sei, mas faz meu ego se elevar.

Conseguimos manter as aparências perfeitamente. Até à hora do almoço, ele não me chamou em sua sala, o que foi ótimo, porque depois da minha resposta rápida e sincera eu não teria mais como correr dele.

— Boa tarde, amiga! — Karen disse com a voz estridente, se levantando e me abraçando assim que me aproximei.

Não que ela não fosse carinhosa, mas esse namoro estava mesmo fazendo bem a ela. Ela balançou duas chaves com um chaveiro de coração rosa para mim.

— O que é isso? — perguntei sem entender.

— Minha nova casa! Marcos e eu vamos morar juntos! — Saltou de alegria.

É claro que eu estava feliz pela notícia, mas eu tinha tanto medo de que ela se frustrasse com algo. E se de repente ela quisesse sair de casa? E se sua situação emocional piorasse e ela se fechasse mais? *Preciso me controlar, não posso deixar que ela veja que estou com medo. Não é bem um casamento. Eles estão indo morar juntos, seria como um teste. Certo?*

— Nossa! Karen! Que legal! Você não sabe quão feliz estou por você! — Segurei o choro.

Ela abraçou-me para esconder os olhos marejados, e chorou.

— Eu sei que está feliz! Nunca tive alguém que realmente ficasse assim por mim! Sei que quer muito que eu supere meu problema emocional. E eu te amo por isso! — ela se afastou e continuou. — Eu sei que não é nenhum casamento. Estamos apenas testando. Já que recusei seu pedido, resolvemos apenas morar juntos e nos conhecer de verdade primeiro. Pra ver se dará certo, sabe?

— Espera, ele te pediu em casamento, e você recusou? — perguntei, sorrindo, mas ainda emocionada.

— Senta que vou te contar como tudo aconteceu.

Ela me contou que Marcos fez uma surpresa linda em sua casa, decorando o quarto com velas e pétalas; ele se ajoelhou e pediu sua mão. E

ela, mesmo emocionada, recusou o pedido, contando tudo a ele de sua dificuldade em manter compromissos. Ele não se importou e, após um acordo, decidiram apenas morar juntos por um tempo.

Precisei sair mais tarde naquele dia e deixei que Karen fosse com meu carro para casa. Iniciaram uma reunião quase no fim do expediente e Bruno disse que precisariam de mim, até cheguei a pensar que ele inventou isso só para me castigar por eu ter recusado almoçar com ele. Eram mais de oito da noite quando finalmente Heitor e outro gerente saíram da sala, e em seguida Bruno me chamou.

— Sim? — Respondi, abrindo a porta.

— Assine essa pauta da reunião, Heitor disse que aqui vocês fazem o controle de horas extras dessa forma.

— Sim, antiquado, mas acho válido também. — eu respondi enquanto assinava.

Fui ao meu computador e o desliguei enquanto Bruno desligava as luzes de sua sala, repetindo o processo pelo corredor enquanto caminhávamos até o elevador.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei! Tem quem faça. Mas é como jogar lixo na rua e dizer que isso é para dar serviço ao gari, mas morrer para dar serviço ao coveiro ninguém quer, né? — Ele riu de si mesmo enquanto eu caía na gargalhada já dentro do elevador. — Pra que fazer o rapaz vir aqui se eu posso desligar? — ele continuou.

— Não é isso! — Eu não conseguia parar de rir do que ele disse sobre o coveiro. — É que tem uma chave geral. O Bernardo, o rapaz que você citou, desliga tudo de uma vez só sem sair do saguão.

Ele parou de rir e ficou sem graça. Chegamos à garagem e nos despedimos, continuei a andar até a portaria principal de onde eu pediria um uber para voltar para casa, quando notei que Bruno estava me seguindo com seu carro.

— Boa noite, gata!

Sorri sem graça e, se é possível, fiquei corada. E ele arrancou o carro. Eu parei na portaria e o porteiro me fazia companhia enquanto três motoristas cancelavam a corrida. Humberto não parava de me questionar, preocupado comigo por estar na rua àquela hora.

— Desculpe. Mas a senhora deveria ter pedido para o senhor Bruno uma carona. Ele parece um bom rapaz, e eu tenho aqui o número dele, se

precisar.

— Não, obrigada, senhor Humberto.

— Mariza, minha filha, não são horas de uma dama ficar na rua.

Humberto ganhou uma festa surpresa no mês passado pelos seus 53 anos, e sua visão sobre as mulheres frágeis e totalmente indefesas ainda eram da sua época.

— Está tudo bem! Já mandei mensagem para Karen. — Que não me atendia e nem visualizava minhas mensagens. E para melhorar, minha bateria estava no fim. — Desde que o senhor me faça companhia eu estarei segura, Humberto — eu disse, sentando na cadeira que ele havia me oferecido dentro de sua cabine de concreto.

— Sim. Mas eu tenho que ir embora em vinte minutos, querida. — Ele disse, me deixando preocupada, mas não demonstrei a ele, que logo voltou a falar:

— Pronto! Resolvi seu problema! Uma dama não pode sair por aí sozinha a essa hora!

Ele insistia nisso e eu revirava meus olhos mentalmente toda vez que ouvia.

— Como assim, senhor Humberto?

Não acabei de falar e Bruno estacionou do lado da cabine brincando:

— Soube de uma donzela indefesa por essas bandas e vim resgatá-la.

Não era possível. O velhinho sabia mesmo como usar com destreza seu pequeno smartphone, o qual eu não o vi usar, porque estava de costas para ele na esperança de ver um táxi ou algo do tipo passar por ali. Mas logo Bruno? Não, eu não poderia entrar em seu carro!

O olhei feio e ele sorriu sorratamente, gostando da minha dependência dele naquele momento.

— Não, obrigada!

— Não seja teimosa! — Ele desceu do carro, pegou minha bolsa e segurou minha mão, me puxando até a porta do passageiro. Abriu-a para mim e esperou que eu entrasse.

Eu não tive outra escolha, não poderia passar a noite esperando um milagre. A rua era deserta àquela hora e em minutos eu não teria nem mesmo a companhia do senhor Humberto.

— Tire esse sorrisinho do rosto! — Esbravejei.

Mentalmente arregalei os olhos e tapei a boca, assustada com minha audácia. Por fora mantive minha “cara de superior” enquanto ele dava a volta

no pátio da editora e saía do outro lado, buzinando para nosso querido porteiro.

— Custava ter me dito que estava sem carro hoje?

Apenas cruzei os braços, emburrada. Ele ligou o som, ignorando minha atitude.

— Gosta de funk? — ele perguntou, me olhando de relance enquanto mantinha uma velocidade estável. A cidade estava vazia e parecia que ele não estava com pressa.

— Credo! Como assim? Você é um editor de livros! Não devia ter um gosto clássico e peculiar por músicas?

— Que preconceito! Uma coisa não tem nada a ver com a outra, Mariza!

— Bom, eu detesto funk!

— Ah, é? E o que você ouve?

— Internacionais, são poucas as nacionais que ganham meu respeito.

Ele começou a rir, me ignorou e ligou o som que estava conectado a um pen drive. E logo uma música de Djavan começou a tocar me deixando surpresa.

— Eu também não disse nada sobre os clássicos. Só os nacionais atuais não ganham minha atenção. — Me corrija.

— Você é medrosa e preconceituosa musical. — Ele riu enquanto encarava a estrada.

— Medrosa? — perguntei curiosa e assustada e ele, sem perguntar nada, parou o carro no estacionamento de uma farmácia 24 horas. Achei que ele iria descer e comprar algum remédio, mas na verdade ele parou ali para conseguir tagarelar sem parar.

— Você ficou comigo ontem à noite, gostou, mas mesmo assim se recusou a tentar alguma coisa porque sou seu chefe, me fez acreditar que eu não era suficiente para você, passou o dia de hoje tentando me evitar, mas ao mesmo tempo me comia com os olhos. Se recusou a almoçar comigo porque achou que eu iria agarrá-la. E agora sabia que era praticamente impossível conseguir um Uber devido a essa localização maluca no mapa do GPS, e ainda sim, iria preferir dormir ali na cabine fria de concreto com o porteiro a me pedir carona! Tudo isso porque morre de medo de se apaixonar por seu chefe! — enquanto ele falava, ele tirava o cinto de segurança e eu ficava vidrada em suas palavras e sorria gentilmente, achando lindo tudo aquilo que ele dizia. Então resolvi recuar, tirei meu cinto de segurança, o encarei, me

debrucei em sua direção e segurando em seu braço, que estava apoiado no volante disse :

— Você achou mesmo que não era o suficiente para mim? — perguntei, sedutora e debochada. Eu estava irreconhecível.

— Você só ouviu isso? — ele perguntou, inclinando a cabeça para o lado, decepcionado comigo.

— Me beija, seu tagarela! — ordenei.

— Só se namorar comigo! — Ele me ameaçou.

Ele estava encarando meus lábios mas intercalava seus olhos claros e lindos nos meus, e notei que não era brincadeira. Fiquei perplexa, aquilo era novidade demais para mim. Um cara gostoso, bem-sucedido, cavalheiro estava querendo mesmo me namorar? Literalmente não são coisas que acontecem. Não comigo!

— Mas... – recuei e voltei ao meu lugar, sem palavras.

— Eu não quero só ficar com você! Te disse ontem. Quero te conhecer mais. E quero mesmo te namorar!

Eu sorri convencida e ele se aproveitou.

— E... talvez casar! – ele gargalhou!

E antes que ele, apressado como era, tirasse uma aliança do seu bolso, eu pulei em cima dele, o beijando.

— Eu aceito, senhor.

— Para com isso! – ele disse em tom ameaçador, rindo enquanto me beijava.

Seis
Lucas

— Oi, Luuuucaas! – Mariza me ligou e me senti em um daqueles programas de perguntas e respostas, onde os apresentadores são histéricos.

— Oi, Batatinha! Que saudade!

Ela estava eufórica e engraçada, falando sem parar. Me ligou logo cedo para contar toda a sua novidade, e claro, eu estava muito feliz por ela! Conversamos durante um tempo e tive que desligar, pois eu estava indo para uma reunião com os fornecedores de equipamentos para o estúdio, e ainda tinha toda a papelada para abertura do local, licenciamentos etc.

Acabei fazendo amizade com Diego, o novo barman. Entre as poucas vezes que conversamos, descobrimos nosso amor em comum por música. E como um empurrão em seu futuro, para que ele não fique para sempre atrás de um balcão, eu o trouxe para que ele veja que é possível! Ele tinha a mesma idade de quando eu comecei. Mas com histórias diferentes, e fico feliz por ele estar no bar com propósito de pagar sua faculdade.

— Eu tinha dezenove anos e assim que me formei decidi fazer novos amigos, já que meus pais me prendiam muito. E esses amigos me levavam a vários lugares diferentes, lugares onde nunca pude ir, porque meus pais eram muito religiosos; com o passar do tempo eu não me importava mais em seguir as regras dos meus pais. Sempre ficávamos em um bar, escondidos, é claro. No fundo, era um ponto de drogas. E depois de um tempo me envolvendo com esses novos amigos, comecei a traficar também, e pelo dinheiro fácil eu não me importava mais se era certo ou errado. E para mim eles eram meus amigos. Mas um dia, a polícia fez uma batida lá no bar e levaram todos presos. O verdadeiro dono do estabelecimento, o Júlio, do qual o bar tinha sido tomado à força pelos traficantes, viu algo bom em mim e me salvou, escondendo-me para que a polícia não me levasse também. Caso contrário eu estaria preso até hoje. — Conte para Diego enquanto aguardávamos na sala de espera.

— Nossa! Não sabia da história completa. No outro dia ouvi o Júlio conversando com um dos fornecedores de cerveja, e contou que você estava de saída e que ele o tinha como filho, pois te tirou de uma enrascada há muito tempo. Mas eu não sabia bem o que era.

— Sim! No início ele não me pagava nada. Ele me ameaçou logo

quando fui trabalhar com ele. Se eu não me afastasse dos supostos amigos ele me entregaria pra polícia. Nunca vi como uma ameaça de verdade ou arrogância, eu gostava de ter alguém de fora tentando me ajudar. Então fiquei, cresci e estou aqui.

— Já pode entrar, Sr. Lucas! — a secretária do Hugo me chamou e entramos.

A reunião foi um sucesso, fiquei feliz por ter dado tudo certo, Hugo era o melhor na área e aceitou me ajudar na próxima semana com o restante dos detalhes a respeito de sonoplastia. Estava ansioso para contar tudo para Mariza, mas ela não me atendia.

Assim que deixei Diego em casa, fui ao meu amigo Jonas, que estava vendendo sua moto e eu fiquei muito interessado. Depois de almoçar com meus pais levei meu irmão comigo. Fiquei feliz com a moto, mas sabia que minha mãe não iria gostar. Ela detesta moto! E desde então toda vez que eu saio de casa a vejo olhando pela porta da cozinha mexendo os lábios. Eu sei que ela está orando por mim toda vez que saio.



Mariza sumiu, não me atendia. Devia estar com o Bruno. Desde que começaram a namorar, estavam saindo sem parar para sua cidade, para que não fossem descobertos. Só estavam juntos há duas semanas e parecia que já tinha perdido a amiga. Falei com ela pela última vez na noite que comprei a moto. Ela reclamou tanto que ainda não sabia se estava feliz por mim ou não. Ela sempre se preocupou demais. Parecia minha mãe.

O cara que nunca caiu de moto ainda não teve uma. Acho que era o único a pensar assim. Mas era só pra amenizar que já havia caído duas vezes naquela semana.

Estava dando mais espaço para Mariza. Não queria assustar o Bruno. Afinal, nenhum homem gosta de saber que sua mulher tem outro cara na vida dela que não ele. Ela não estava mais mandando mensagens e nem mesmo ligando. Estava feliz por ela, mas sentia sua falta.

Alice e eu estávamos passando mais tempo juntos, mas ainda não

havia descoberto qual era seu segredo. No início da semana fomos a um restaurante e a vi se escondendo na volta do banheiro. Parecia que estava se escondendo de alguém. Não perguntei, mesmo sendo muito curioso, eu não me importava, às vezes há segredos que eu prefiro não saber. Só esperava que não estivesse correndo da polícia! Houve uma noite em que ela me convidou para ir à sua casa, queria me contar algo. Eu sinceramente não queria saber o que ela escondia, não queria que aqueles encontros acabassem, afinal estava sendo cada dia melhor. Na cama ela era completamente sedutora, desinibida. Eu adorava estar com ela porque era puro sexo, não tinha compromisso e nem mesmo sentimento. Era só sexo. Basicamente isso.

Então fui à sua casa para o tal jantar. Primeira surpresa, *ela cozinhava*. E eu não imaginava. Acho que precisávamos transar menos e conversar mais... Pensando melhor...*Que nada!*

Segunda surpresa: a casa dela tinha mais que a sala, o corredor, o quarto e o banheiro. Era uma espécie de ritual, nos encontrávamos na portaria, ela subia as escadas na minha frente sempre com um vestidinho soltinho, que ela o deixava mais curto, no ponto para que eu pudesse ver um pedacinho da sua bunda, e ao perceber que ela estava sem calcinha, subíamos as escadas bem devagar, e eu indo atrás admirando. Geralmente eu perdia a linha e subia os degraus dois a dois em passos largos para a alcançar e agarrá-la antes de chegarmos à sua porta. Ela não se importava, pois era essa sua intenção; como já entrávamos muito excitados, ficávamos por ali na sala mesmo. Às vezes conseguíamos chegar ao seu quarto. Eu via de relance uma cozinha, mas nunca a usei.

Sua casa era realmente grande, na cozinha havia uma mini adega climatizada, com vinhos de diferentes estados; ela me disse que ganhava de presente uma vez por mês de um amigo. Não me importei em saber quem era esse amigo. Era uma cobertura enorme, luxuosa. Incrível, por sinal. Não havia tempo para pensar nesse tal amigo. Eu olhava aquela mesa bem-posta na varanda que dava vista para toda a cidade iluminada e eu só pensava: "*por que nunca transamos aqui? Não seja por isso, vai ser essa noite*". O apartamento era tão incrível que eu tinha esquecido que aquele jantar bem servido era com propósito de me contar algo.

— Então, que apartamento incrível, hein? — disse, chegando perto e beijando devagar em seu pescoço. Ela se esquivou e voltou para dentro. Olhei-a feio. Não entendi.

— Obrigada — respondeu bem ríspida.

— Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — Eu quis saber, já que ela nunca se comportara tão friamente.

Ela caminhou em minha direção com uma garrafa de suco na mão, parou na porta e baixou a cabeça, respirando ofegante, puxando o fôlego várias vezes para conseguir respirar.

— Ei! Venha, sente-se aqui. — Puxei uma cadeira. — Você não está bem, conte-me, o que foi?

— Estou apaixonada por você! — Ela soltou essas palavras como se elas fossem o motivo de não poder respirar.

Eu estava agachado em sua frente, segurando em suas pernas, e a sensação fez parecer que tomei um empurrão e quase caí sentado. *Isso era uma droga! Quem eu queria que se apaixonasse não se apaixonou, e quem eu não queria se apaixonou? Como vai ser agora? Faremos jantares juntos? Andaremos no mesmo carro. Eu nem tenho mais um carro, só a moto, que ela nem anda porque tem medo.* Meus pensamentos estavam rápidos. Eu não gostava dela assim, eu gostava da Alice safadinha, a Alice namorada não deve ser nada legal. Tudo bem, talvez seja, mas eu não quero isso agora! Não sei se quero namorar de novo.

— Me desculpe. Eu não ia contar, mas eu não estou conseguindo disfarçar, porque eu tenho outra coisa para contar.

Ela pausou, olhou para cima tomando fôlego, se levantou fazendo com que eu me levantasse também e encostou à porta e disse, com as mãos no rosto:

— Eu sou casada! Ele viaja e fica uma semana em casa a cada mês. E na segunda-feira ele chega. Ele quem me traz os vinhos. É de cada lugar que ele vai. Ele compra um vinho qualquer e pede para personalizar. Com ele na minha vida seria impossível disfarçar, você me viu, eu sou muito intensa, não vou conseguir disfarçar e...

Sete
Lucas

Enquanto ela falava fui me afastando, andando meio baqueado até a porta. Ela continuou atrás de mim, falando, falando, mas eu não conseguia ouvi-la e saí de lá sem nem dizer tchau. Desci as escadas ligando para Mariza, que não me atendeu.

"Mariza, preciso de você urgente". Parei no estacionamento para enviar a mensagem antes de subir na moto.

No caminho pensava na razão de estar tão chocado. Por que tão tonto? Mas no fundo eu sabia que aquilo tudo era outra saída que Deus havia me dado. E eu sabia que não tinha feito muito por merecer. *Todo esse tempo com ela, e nunca fui pego, um marido que viaja muito? Deve ser um caminhoneiro, e muito bruto! O cara não deve dormir bem, então deve viver estressado! Ele me partiria ao meio se me pegasse com sua mulher! Onde eu estava me enfiando? Por que eu acabo caindo nessas armadilhas? E onde está Mariza? Por que eu quero tanto que ela me atenda? Por que confio tanto nela?*

Estava atordoado, e fui pra casa procurar um colo amigo de uma mulher que me ama e eu amo mais que qualquer coisa nessa vida, a mulher da minha vida que jamais me julgaria ou me enfiaria em confusão. Minha mãe. Sinto-me com três anos de idade.

Eu estava assustado, e ela mais ainda por minha atitude, fazia tempo que eu não chorava perto dela. Desliguei a moto e andei rapidamente para dentro de sua casa, deixei o capacete em cima da mesa, andei devagar, em direção à sala onde ela estava sentada lendo sua Bíblia, que tirei da sua mão, colocando-a no braço do sofá, e desabei no colo dela, principalmente por ela afagar meu cabelo sem fazer perguntas, apenas aceitando minha dependência dela naquele momento. Conteí tanta coisa a ela, me esvaziei, chorei, enquanto ela continuava a alisar meu cabelo.

— O que está acontecendo comigo, mãe? Por que eu não consigo me acertar? E por que as mulheres que entram na minha vida têm sempre algo para me ferir em algum momento? Mãe, ele podia ter chegado e nos pegado juntos a qualquer momento e acabado com minha vida. O que eu estou fazendo de errado?

Depois da sorte que tive em sair ileso a respeito das drogas com

dezenove anos, eu pensava muito antes de me enfiar em alguma enrascada. Amava aventuras, mas eu sabia meus limites e minha mãe ter ficado ao meu lado na época sem me julgar me aproximou muito dela.

— Nada, meu filho. Você está apenas vivendo. Do seu jeito, mas está. E às vezes a vida nos prega uma peça e temos que saber lidar com isso. Você é esperto. Sabe que Deus tem cuidado de você!

— Eu sei.

— Você é novo e é errando que se aprende.

Parecia infantil correr para o colo da mãe com quase 26 anos, mas era o que eu deveria ter feito toda minha vida, é o que a maioria de nós deveríamos fazer quando se tem uma mãe como a minha. Aos dezenove anos, quando tudo que eu queria era curtir com meus amigos e me gabar porque eu era descolado por andar com gente da pesada do bairro, perto de drogas armas e bebidas, minha mãe estava lá, como se eu nunca tivesse saído de casa. Como se eu nunca tivesse saído do colo dela.

Lembro-me que toda tarde ela ia me buscar para almoçar. Eu acordava cedo e ia para rua, "para meu posto". Comia o que tinha por perto, um salgado, hambúrguer... E todos os dias, ao meio-dia, durante um ano, ela ia até lá me buscar pra que eu pudesse ir pra casa almoçar. A essa altura eu não voltava pra casa com tanta frequência. Mesmo assim ela ia atrás de mim, como se eu tivesse saído de manhã para brincar de bola e me esquecido de voltar para o almoço. Durante uma garfada e outra ela tentava conversar comigo da forma mais branda, me pedindo com jeitinho para que eu me esforçasse para ver que meus amigos de verdade jamais me deixariam entrar na vida em que eu estava. E naquela noite, quando os policiais fizeram a batida no bar, eu corri pra casa como fiz hoje, desesperado, com medo. E como hoje, ela parou o mundo, os problemas e as preocupações com seu carinho até eu me acalmar.

Meu pai é mais quieto, mas também é muito presente. Ele gosta de chegar quando as coisas já estão apaziguadas; eu não me importo, pois meu jeito combina mais com minha mãe. Se eu fosse nomear as funções dos meus pais eu diria que minha mãe vem consertando os erros, tentando evitar as dores, acalmando, e meu pai vem depois, tapando tudo, jogando meus erros no rio, com uma ou outra lição de moral, disfarçadas de casos que ele vivenciou no passado. Depois que meu pai sai de cena, eu sei que aquele assunto foi apagado de vez e que nunca mais será tratado como um problema, às vezes nunca mais é citado.

Talvez eu tenha exagerado na reação com a Alice, mas assim que as palavras saíram da sua boca, eu só ouvi a palavra "encrença" vindo a mim. Tanto tempo trabalhando no bar me ensinou que existem aventuras que não compensam a dor de cabeça futura, e que meu contato com Deus não era tão grande para que ele me salvasse tantas vezes de erros que eu mesmo busquei com minhas mãos.

Eu fui para minha casa, que era nos fundos da casa dos meus pais. Desde que voltei para casa, com quase vinte anos, meu pai achou que era hora de eu assumir minhas responsabilidades e ter minha vida de adulto para dar valor no que eu iria conquistar com meu dinheiro. Minha mãe, mesmo concordando, não queria que eu fosse tão longe, então uma das casas que ele construiu em seu tempo vago para hóspedes se tornou minha casa. Era pequena, um quarto, um banheiro e uma cozinha, que eu mobíliei com meu próprio dinheiro, durante o tempo que trabalhei no bar. Deitei em minha cama e tentei falar mais uma vez com Mariza, que não me atendeu. Mas me retornou em seguida com uma mensagem.

"Oi, só agora vi sua mensagem. O que está acontecendo?"

Visualizei a mensagem, deixei o telefone na cama e fui para o banheiro. Se fosse há alguns dias, eu levaria o celular para o banho, só para não a deixar esperando. Mas só a respondi no dia seguinte.

"Bom dia! por onde esteve?". – Enviei logo cedo.

"Desculpe-me, eu precisei viajar para decidir mais detalhes sobre o livro do André e não sei como uma cidade tão bonita não tinha rede de celular, dá pra acreditar?"

"Não". – Nem pensei para responder. E nem hesitei em apertar o botão de enviar.

"O que houve? O que você tem? Espera, vou te ligar". – Ela enviou.

"Não posso atender agora! Estou de saída, depois nos falamos".

Eu ainda tinha muita coisa para resolver no bar, muita papelada para ler e assinar a respeito do estúdio, e eu não queria mais perder tempo. Queria focar nisso! Eu precisava esquecer que esses últimos dias aconteceram de verdade. Não via a hora de tudo estar pronto para fazer do meu estúdio, meu refúgio.

Mariza tentou me ligar várias vezes, mas eu preferi não atender, eu precisava aprender a fazer o mesmo que as pessoas faziam comigo. *Cidade sem sinal de telefone*. Claro que ela estava ocupada demais transando com seu chefe para se preocupar em me ligar ou mandar uma mensagem! Eu

gostava muito da Mariza, cada dia que passava ela havia se tornado mais importante em minha vida, estava realmente mal-acostumado com ela, e eu não estava pronto para ficar longe de sua vida assim tanto tempo por causa de um cara. Eu preferia sofrer agora pra ir me acostumando, porque esse namoro dela com Bruno pareceu sério pra mim, e em breve meu lugar na vida dela só irá diminuir. Somos amigos virtuais, em que isso importa pra ela?

Acho que o baque da noite passada me ajudou a cair na real. Estava na hora de crescer e parar com a brincadeira de criança de *melhores amigos virtuais*. Isso não daria certo mesmo, e cada um precisa ter sua vida. Estava na hora de cada um seguir em frente, era muito grato pelo tempo que ela esteve por perto, me fez realmente bem! Eu só não sabia como iria fazer para evitá-la por tanto tempo.

Oito

Mariza

Enviei umas trinta mensagens no WhatsApp do Lucas, mais umas quinze de texto e liguei inúmeras vezes. Mas realmente ele não queria falar comigo. Como eu contaria a ele que viajei para fazer a mudança da Karen e que consegui pegar uns dias de folga no trabalho para me despedir da minha melhor amiga, que por sinal é sua ex-namorada, que foi morar com o novo namorado com apenas seis meses de namoro?

Senti sua falta nos sete dias que estive fora. Mas eu não poderia ligar e nem conversar sem contar onde eu estava. Eu não sei mentir muito bem. E não saberia qual seria sua reação a essa notícia. Fazia tempo que não falávamos de Karen, e eu tinha medo de que isso despertasse nele uma tristeza. Ele nunca assumiu. Mas ainda sentia algo por ela.



Dois dias e Lucas não havia me respondido e muito menos atendido minhas ligações. Sentia sua falta. Quando fui para a casa de Karen, ela ainda não sabia da metade da história com Bruno e então passamos a semana toda colocando suas coisas no lugar e todas as conversas em dia, até mesmo sobre Lucas, como ele tem me ajudado, me dado conselhos e como tem sido amigo. Ela ainda insistia na ideia de que combinávamos mais que amigos. Eu realmente não conseguia o ver dessa forma. Até porque a imagem dele na lanchonete com o cabelo caindo no olho não me atraía nada. E era só assim que eu o via.

Bruno e eu estávamos saindo há duas semanas, e ficamos completamente inseparáveis, exceto pela semana que passei na casa da Karen. Estava sendo divertido estar com ele, que era tão engraçado! Adorava fazer piadas, mesmo odiando meu sarcasmo ele era divertido. Gostava de se divertir e de tentar coisas novas. Estarmos namorando escondidos era bem excitante. Saíamos todas as noites para sua casa que ficava em outra cidade, e

lá podíamos ficar à vontade, andar nas ruas, ir a lanchonetes, ao cinema, sem nos preocuparmos com o fato de algum conhecido do escritório nos ver.

Ainda não tinha transado com ele, eu queria esperar mais. Eu sentia que ainda não o conhecia tão bem. Mas toda noite quando nos víamos eu ficava muito excitada só com seu beijo. E não era só pelo fato de que fazia dois anos que eu não era tocada, mas porque ele sabia como me enlouquecer, ele sabia até mesmo a forma correta de me beijar, e por falar nisso, nosso beijo combinava tanto! E eu idolatrava esse fato. Sempre repetia e ele achava graça.

— Nosso beijo combina tanto! Já reparou nisso?

— Sim! Desde o primeiro dia. E amo você repetir isso pelo menos uma vez no dia! — Bruno disse um dia desses em sua casa.

Era incrível como ele seguia meu ritmo... Na verdade, nós seguimos o ritmo um do outro. Ele tinha as mãos firmes, conseguia me enlouquecer com elas. Tinha um corpo incrível, não era exagerado ou fora do normal, mas seu braço tinha os tamanhos certos nos bíceps, seus ombros eram largos, pelo fato de ter feito natação por muitos anos; um peitoral simplesmente perfeito, do jeito que eu gosto. Firme, definido e forte. Estava sendo bem difícil me segurar e não pular em cima dele, mas não queria me entregar tão fácil.

Dois dias após a viagem, voltei ao trabalho e ele ainda não havia arrumado tempo para me ver. Na segunda, quando cheguei, ele estava com seus pais em casa, e é claro, eu nem perguntei mais nada, não era a hora ainda de conhecê-los. E na terça-feira, ele nem foi trabalhar, saiu com André para resolver detalhes do livro. Como Karen não estava mais trabalhando conosco ele arrumou outra pessoa para ajudar com essas reuniões, o Caio. O assistente de Karen se tornou assistente de reuniões do Bruno. Enfim! Eu teria mesmo que esperar. Pelo menos poderia dizer que eu tinha um namorado.

Dez da noite daquela terça feira, nove dias sem falar com meu melhor amigo, com quem eu falava todos os dias mesmo quando não tínhamos assunto. Eu não parava de pensar em como fui egoísta com Lucas. E então liguei mais uma vez e finalmente ele me atendeu.

— Alô? — eu disse, receosa.

— Hum? — Que saudade eu estava de ouvir aquela idiotice!

— Estava pensando que eu não tenho direito de decidir como você se sente a respeito da Karen se mudar para outra cidade e ir morar com um cara que ela conheceu há seis meses — disparei, torcendo para que ele ficasse surpreso, se interessasse e ficasse para conversar.

— Do que você está falando, Mariza? — ele respondeu ríspido, e parecia sem paciência para jogos.

— Os sete dias. Não liguei porque eu estava com ela. E não sabia como você ficaria.

— Eu não tenho tempo para pensar nisso agora! Fiquei o dia todo na rua! Ainda vou trabalhar hoje. Felicidades para ela!

Não insisti. Mas eu queria que ele falasse comigo e acabei deixando meu desespero falar.

— Você quer me encontrar amanhã no shopping para colocarmos a conversa em dia?

Eu não ouvi essa frase sair da minha boca. Eu não pensei antes que ela saísse de mim, e eu precisava ouvi-las novamente para ter certeza de que eu realmente as disse. Tirei o telefone do ouvido, passei a mão nos olhos e fiquei esperando... Não sei o que eu estava esperando ouvir.

— Ah! — ele pausou. — Bom... — hesitou mais uma vez. Mas logo continuou. — Tenho umas coisas do estúdio para olhar amanhã logo cedo, e à tarde tenho que ir ao bar, mas à noite estou livre. Tudo bem para você?

— Claro! Manda mensagem falando o local e hora. Meu telefone está com pouca bateria. Tudo bem se eu te chamar amanhã? — inventei, no desespero.

— Não! Não! Claro que não! O meu também não vai demorar descarregar, então vou aproveitar. Boa noite. — Acho que o assustei.

— Boa noite! — Nunca nos despedimos tão rápido.

O que eu fiz? De onde saiu isso? E ele aceitou mesmo! Ai, droga! Eu não sei como vou reagir sozinha com ele, e se não tivermos assunto? E se pessoalmente percebermos que não somos tão legais assim, e se a amizade não for pra frente?



— Bom dia, Mariza, pode assinar esses documentos, por favor? — Bruno passou por mim e deixou uma pasta com um bilhete fofo dentro.

"Bom dia, minha linda. Estou com saudades!"

Espere-me no estacionamento ao final do expediente."

— Só um minuto, senhor, já assino e te devolvo. — Eu sempre

tentava manter nossa intimidade a mais discreta possível.

— Senhor não, Mariza! — Bruno se apoiou em minha mesa, com uma das mãos se inclinou, erguendo as sobrancelhas e me conquistando num olhar, deixando-me arrependida do que eu responderia a seguir no bilhete, que coloquei junto com os documentos na pasta, e a devolvi.

"Poxa, lindo! Hoje não poderei. Já tenho compromisso, preciso resolver uma pendência com o Lucas."

Bruno sabia tudo sobre o Lucas e até que ficamos essa semana sem conversar e que por isso tem me evitado. Ele tem superado minhas expectativas, tem me dado apoio com essa loucura de amizade virtual e não tem demonstrado nenhuma espécie de ciúmes. E espero que ele nunca o tenha, pois não tenho intenção de tirar o Lucas da minha vida.

No fim do dia, fui correndo para casa e só me preocupava em qual roupa usar. Não era nenhum tipo de encontro, mas eu precisava refazer a primeira impressão, já que da primeira vez fui motivo para piada. O Lu sempre brinca que naquele dia saí do trabalho e fui direto para a lanchonete com intuito de fechar o estabelecimento. Como se eu trabalhasse na vigilância sanitária da cidade! *É um abusado.*

Decidi ir de ônibus, já que por algum motivo eu estava muito nervosa. Tinha medo de que ele nem fosse, e eu queria ir pelo caminho pensando em como agir. *Não falar muito, não rir de tudo e não forçar nenhum tipo de conversa.* É a minha cara ficar nervosa em qualquer situação, disparar a falar, e voltar arrependida para casa por ter sido tão tagarela.

Ele marcou no shopping e eu teria que esperá-lo na entrada do estacionamento. É muito difícil achar alguém assim num estacionamento. Principalmente quando só se viram uma vez. Mais um motivo para me deixar nervosa. Fui pensando tanto no ônibus que passei do ponto e acabei tendo que descer duas ruas abaixo do shopping.

— Como conseguiu errar o ponto? — Lucas perguntou quando liguei contando. — Espere aí, estou chegando.

— Não! Lucas! É perto, sei chegar sozinha, não se preocupe.

— Mariza, já passa das oito da noite e não vou deixar você subir ruas escuras para chegar até aqui. Por mais que eu valha à pena! — Ele riu. — Espere aí, e antes que possa guardar o telefone na bolsa eu chego. — Ele desligou, nem tive a chance de dizer "não" mais uma vez.

— Convencido! — eu disse sozinha, olhando para os lados, com medo de ficar ali parada por muito tempo.

Eu não queria subir em sua moto, não queria ter que segurar em sua cintura, estava cedo demais para um contato físico. Mas ele era teimoso, e realmente chegou bem rápido. Parou a moto um pouco mais à frente e nem tirou o capacete todo, só vi um pedaço do seu rosto.

— Obrigada! — sussurrei para mim mesma enquanto seguia em sua direção.

Fiquei pensando como teria sido estranho ter que começar nossa primeira conversa ali, naquela rua escura e vazia. Eu não conseguia fechar a fivela do capacete, então ele se ofereceu.

— Deixa-me te ajudar — ele disse, já tomando o lugar das minhas mãos na fivela.

Eu tive mesmo que subir em sua moto e segurar em sua cintura. Até tentei segurar em sua camiseta, mas ele puxou uma das minhas mãos para que eu a envolvesse em sua cintura. E então o medo se instalou em mim. Medo de que ele não fosse quem eu achava. E se ele não parasse no shopping e tentasse me matar? *Se ele não parar no shopping vou fazer com que nós dois caiamos dessa moto; melhor uns ferimentos do que a morte.* Mas ele se comportou muito bem e parou mesmo no shopping. Desci quase com a moto em movimento de tão nervosa. Fiquei presa no capacete mais uma vez.

— Deixa que eu tiro — ele disse, puxando-me para perto.

Enquanto eu arrumava a barra da minha calça, ajeitava minha bolsa, ele tirava seu capacete, e... *Cacete!* Eu não lembrava que ele era lindo assim! Ele cortou o cabelo! Cortou aquele cabelo horroroso que caía nos olhos feito um mauricinho dos filmes dos anos noventa. Agora sim!

— Aaah! Hoje sim, está vestida pra ocasião. Pensei que viesse com seus saltos super altos e seus justos vestidos de secretária — ele disse, zombando e fazendo gestos com as mãos, encenando o que dissera.

— E você, hein! Cortou o cabelo! Agora sim! Está parecendo gente — eu disse, debochando, mas só porque eu estava sem graça por ele ser tão gato! E por esse sorriso dele me deixar tão desconfortável.

— Sim, gostou? — Ele passou as mãos nos cabelos.

— Claro! Não deixa crescer de novo! — eu disse, andando em direção à saída do estacionamento.

— Trouxe dois capacetes, planejou me dar carona?

— Não! Eu dei uma carona para minha irmã quando vinha para cá. — Ele sorriu. Que sorriso lindo.

Subimos até a portaria principal do shopping sem dizer uma palavra...

Não combinamos o que iríamos fazer e já estava um clima muito ruim. Então o chamei para me acompanhar até a loja de vestido de festa que acabara de inaugurar, com a desculpa que seria madrinha em breve. Eu amo esse tipo de loja e eu estava realmente com um pressentimento que em breve Karen se casaria e eu teria um motivo para vir e alugar um belo vestido.

Eu não entendi bem o porquê, mas ele andava trombando em mim, encostando seus braços em meus ombros, como se andasse torto e se apoiasse em mim para não se desviar demais. Ele parecia tímido, talvez fosse isso... Não olhava muito para meu rosto, mas me lembro de que quando ele me olhava sentia que estava segura. Que estávamos bem. Ele quase não falou. Então resolvi ser eu mesma, como se já tivéssemos o costume de sair juntos sempre. Entramos na loja e fui experimentar um vestido maravilhoso.

— O que acha? — perguntei, saindo da cabine.

— Ficou ótimo! Mas precisa de bainha, está curto em você. — Por mais que eu seja alta, perto dele eu parecia pequena... E a última cliente a usar aquele vestido não devia ter mais que um metro e meio.

— Ele é quem vai te acompanhar como padrinho? — o vendedor perguntou para saber o quanto teria que aumentar no vestido.

— Não! O meu acompanhante é mais bonito! Esse é o Lucas, meu amigo gay solteiro, que veio me ajudar a escolher o vestido perfeito... — brinquei com o vendedor, que adorou a revelação. Lucas não se importou e riu também. Aparentemente, não importava de que sexo vinha o flerte, desde que fosse constatado que ele era mesmo bonito o suficiente para atrair a atenção de qualquer um. Convencido!

Saímos da loja e, por falta de muita conversa e sem ideias, o chamei para dentro de um supermercado para comprar algo — nada a princípio.— Escolhi um refrigerante e ele não quis nada. Conversamos tão pouco, que ele nem parecia aquele tagarela de sempre. Mesmo sabendo que o assunto iria nos trazer longas conversas e nos tirar da zona de timidez, eu não quis contar o motivo da minha viagem e ele também não perguntou nada.

Ele escolheu dois bombons serenata de amor, um vermelho e um amarelo, e um batom. A moça do caixa sorria tanto olhando para ele que resolvi brincar com ela também.

— Moça, eu estou vendendo meu amigo. Quer comprar? — eu disse, apresentando Lucas para ela.

— Depende. Eu não posso pagar muito. — Ela riu e ele se soltou, rindo para ela de volta.

— Nada! Sou baratinho – ele disse com um sorrisinho para ela. Mas ainda estava tímido.

— Por 1, 99, você o leva agora! — ofertei.

Lucas me deu o bombom amarelo e dividimos o refrigerante, ele não queria nada a princípio, mas quando ouviu o lacre da lata de coca, resolveu que estava com sede. Eu precisava voltar para casa, mas não conseguia ser a primeira a dizer isso. Acho que ele já estava bem entediado, pois logo em seguida ao meu pensamento ele disse que tinha que ir.

— Não deu para conversarmos direito, não é? — resmunguei.

— O tempo foi curto, mas foi ótimo passá-lo com você —ele disse, me puxando para um abraço e eu o curti o quanto pude.

E então, as lembranças... Ele pegou a lata vazia da minha mão, tirou o anel dela e me entregou, dizendo para guardar de lembrança; abri o bombom que me deu, guardei o papel em meu bolso junto com o anel do refrigerante. Fiquei com as brincadeiras, os sorrisos, sua falta de jeito e seu perfume gravado em mim. Gosto de colecionar melhores momentos, e por mais legal que venha ser nossa amizade daqui em diante, esse será sempre a marca da nossa primeira vez juntos! Eu realmente amava ter o Lucas em minha vida, ser amiga dele me deixava feliz, e ter tirado essa pequena fração do meu dia para estar com ele, foi realmente importante. Ele insistiu para me levar em casa e não deixei. Voltei de ônibus e feliz por termos nos acertado, como se tivéssemos selado nossa amizade.

Nove
Lucas

Fico olhando para tela do celular esperando que ela comece digitar algo primeiro. Mas me rendo:

"Da próxima vamos ao cinema." – me arrisco

"Vamos sim! Só dizer quando". – Ela respondeu rápido, então nem pensou muito.

"1,99" – esse apelido soou bem carinhoso pra mim.

"Batatinha". – Eu sorri enquanto respondia.

"Eu vou tomar um banho e tirar essa cheiro de Lucas de mim." - ela respondeu implicando comigo.

"Para! Meu perfume é ótimo."

"É o que você acha! Boa noite 1,99".

Esse tipo de encontro foi uma grande novidade para mim, nunca imaginei sai com uma garota onde a intenção não fosse acabar ao menos em beijos. Com Mariza era diferente, e isso me fascinava.



Alice me ligava pelo menos três vezes ao dia. Por mais que eu não atendesse ela não desistia, enviando várias mensagens pedindo desculpas e dizendo que ainda precisávamos conversar, e algumas delas eram bem irritadas dizendo que se arrependia de ter me contado tudo. Por mais que o sexo com ela fosse incrível, eu preferia evitar confusão para minha vida, que já teve complicações demais. Ainda não tinha contado para Mariza sobre ela ser casada, não sabia por onde começar. E nem o que ela iria achar. Sinceramente eu nem sabia se queria contar!

Faltavam muitos detalhes, mas faltava pouco para que o estúdio ficasse pronto. E sendo meu último dia no bar, preparei uma grande festa de despedida. Na verdade, eu só acrescentei na festa que o Júlio já havia planejado que seria apenas um tempinho de open bar, mas eu resolvi fazer da noite toda uma festa e o bar ainda continuaria aberto para os "não convidados". A entrada seria cobrada, mas para arrecadar fundos para meu

estúdio! Ideia do Diego, e apoiada por Júlio. Eu realmente tive o melhor chefe do mundo!

Mariza estava na lista e ainda não havia confirmado se iria. Talvez achasse cedo para o segundo "encontro", não sei. Mas se ela aparecesse, seria ótimo! Até minha irmã que é mais caseira estava se preparando para ir. Algo me dizia que ela estava querendo fugir do namorado complicado que não dava sinal de vida há uns quatro dias. Ainda não entendi o porquê de eles estarem juntos. O cara é um babaca e em trinta dias do mês eles passavam dez brigando e ele vivia sumindo por vários dias. Já a aconselhei a arrumar coisa melhor. Mas para ela eu sou só um irmão ciumento.

Uma vez ela tentou sair comigo, na esperança de que eu tivesse amigos para apresentá-la, mas sinceramente, se eu tivesse amigos eu não os deixaria namorar minha irmã. Seria estranho. E eu não sou o cara que fecha os olhos e deixa a irmãzinha sair na balada "pegando geral". Confesso que não me comportei muito bem naquela noite e acabamos indo para casa mais cedo. "*Você é meu irmão, não meu segurança*", foi o que ela disse quando bateu com força a porta do meu carro quando voltávamos para casa. Aparentemente ficar por perto demais espanta os caras, e ficar do lado quando um cara se aproxima dela também. Que estranho.

Minha mãe disse que preferia guardar seu espírito festivo para a inauguração do estúdio.

— Ainda bem! Ninguém quer a mãe no bar, numa festa que começa às dez da noite com open bar — eu disse baixinho para meu irmão, socando seu braço enquanto ele colocava seu nome e o da namorada na lista que levei para casa.

— Eu ouvi isso, Lu! — Ela disse, indo até a cozinha e batendo com as pontas dos dedos em meu braço enquanto passava por mim e meu irmão.

Alice não desistia de ligar e enviar mensagens, já tinha bloqueado ela no WhatsApp, no Facebook, e até nas mensagens de texto. Estava orando que ela não aparecesse no bar! Todos aqueles dias eu passei ileso dela ter cometido essa loucura de aparecer. Não seria na minha despedida que ela iria dar as caras! Apesar de ela saber da festa que o Júlio daria. Droga!

De última hora meu irmão me apareceu com uma faixa na mão. E não tive como recusar, esse seria um grande aviso que colocaríamos na porta. "GAROTAS, SOLTEIRAS, MAIORES DE VINTE E DOIS ANOS NÃO PAGAM!" Foi ideia do meu irmão, que veio trinta minutos mais cedo e desacompanhado...

— Então, sua namorada não vai ficar brava de saber que essa ideia tenha vindo de você? — perguntei enquanto subia a escada para pendurar a faixa na porta.

— Ficaria se ainda estivéssemos namorando. Ela enviou uma mensagem me dizendo que não poderia vir e que seria melhor se seguíssemos cada uma sua vida. — Ele me olhou e riu. — Dá para acreditar? Uma mensagem!?

— E então, seguiu seu conselho e veio sozinho? — perguntei, terminando de amarrar a faixa.

— Sim, claro! — ele faz uma pausa — Por quê? Acha que eu deveria ter a respondido? — ele perguntou, confuso.

— Você nem a respondeu? — Desci as escadas rindo dele. — Ed, você me supera às vezes! — Bati em seu ombro o levando para dentro.

Aquele de fato era o melhor bar da região, com paredes escuras e pouca luz espalhada. Cada mesa tinha seu próprio foco de luz, que vinha de um fio preto descendo do teto até um metro acima da mesa. A maior luz do ambiente era das prateleiras de vidro atrás do balcão, uma luz branca que deixava o ambiente mais claro. Sempre amei trabalhar ali, e de alguma forma essa escolha de iluminação chamava minha atenção e me distraía.

Quando eu tinha meus dezenove anos ficava sentado em cima do balcão olhando para a grande parede de bebidas iluminadas e me distraía antes de voltar para casa. Eu sempre me perguntei o porquê de estar em um bar àquela hora e porque nunca tentei fugir dessa obrigação. No fundo eu sabia que eu me sentia seguro ali e que era muito grato ao Júlio por me ajudar, mas eu gostava de questionar a mim mesmo às vezes. Eu nunca mais vi os garotos com quem eu andava. Provavelmente ainda estavam presos.

— Oi, você é o barman que vai sair? — uma loira se aproximou, segurando em meu ombro e gritando em meu ouvido.

— Sim! — Afastei-me e sorri.

— Poxa, que pena! É minha primeira vez aqui e sua última noite! — ela sorriu sorrateiramente, passando as mãos por meu peito enquanto afastava seu rosto do meu ouvido.

Eu tenho um fraco por loiras. E aquela era realmente linda! Mas eu ainda nem tinha começado a beber e ela já devia estar na sua décima Long. Neck. E por algum motivo eu resolvi me afastar.

— É realmente uma pena, mas você vai gostar muito daqui. Fique à vontade! — Me distanciei dela e fui até meu irmão, que estava em uma roda

de amigos que pareciam saídos de um filme de adolescentes na puberdade. Fiquei escondido ali.

Escondido de quê? Por quê? Não sei. Mas não estava me sentindo com vontade de caçar naquela noite. Minha irmã veio com uma amiga e ficaram conosco na roda de amigos do Ed. Elas chegaram causando alvoroço naqueles meninos babacas cheios de espinhas com comentários ridículos. Eu tive que ficar por perto.

— Ninha! — apelido que minha mãe deu quando ela era bebê e até hoje a chamamos assim. — Onde está o Beto? — perguntei, querendo mostrar a eles que ela não era solteira.

— Terminamos! Dessa vez é para valer! — ela disse, tomando mais um gole no seu refrigerante.

Um dos garotos não tirava os olhos dela e parecia ter uns dezesseis anos, nem devia estar ali. E quando ela disse que tinha terminado, o garoto saiu do lugar, parou do lado dela e, quando ele abriu a boca para dizer algo, eu a chamei para conversar perto do balcão.

— Chega, Lucas! Pare de me vigiar, eu tenho vinte e dois anos, não doze! Eu sei o que estou fazendo. Sei das minhas responsabilidades e limites. Eu não bebo. Não fumo. Não uso drogas e não vou sair por aí beijando e transando com todo cara que me disser oi! Eu sei me cuidar! E não sou como você, Lucas! — Ninha não me esperou dizer nada e já se defendeu, irritada.

O som estava alto e ela sempre foi menor que eu, então eu precisava mesmo me abaixar para ouvir seu sermão.

— Chega com esse drama de novela mexicana, Maura Augusta! — brinquei. — Não precisa exagerar. Eu só quero te proteger para não cair na cilada de ficar com outro Beto da vida. Eu...

— Eu sei, Lu. Obrigada mesmo. Mas você precisa parar!... Vá curtir sua festa.

Ela apertou um dos meus ombros, piscou e saiu. Isso me feria muito, porque sempre achei que era eu quem deveria cuidar dela. Mas realmente, eu não podia mais fazer isso. Não insistiria, mas ficaria de olho mesmo de longe.

— Cuide-se! — gritei a ela enquanto sumia entre os convidados. O rapaz que estava cuidando das entradas acenou para mim da porta dizendo que já estava lotado e fui até ele.

— Tudo bem. À medida que alguém sair você deixa entrar outro — eu orientei a ele.

Enquanto conversava com o porteiro alguém mudou minha playlist de

sertanejo que selecionei a dedo. De longe via minha irmã ainda na roda com aquele adolescentes, e eu ainda estava incomodado com alguma coisa, como se estivesse faltando algo para que a noite fosse perfeita. *Que bagunça está sendo essa noite!* Mas tudo bem. Voltei ao balcão para aproveitar de vez minha noite, e quando pedi uma cerveja a Diego ouvi uma voz familiar.

— O mesmo para mim!

Não era possível! Eu não podia ser tão azarado assim.

— Alice! — Abaixei a cabeça no balcão e suspirei reconhecendo sua voz.

— Olá, Lucas! Creio que aqui você não pode fugir de mim. — disse, encostando-se em meu braço.

— Engano seu! Boa noite. — Peguei minha cerveja e saí dali, mas notei que ela me seguia e virei de volta.

— O que você quer, Alice? — perguntei, fadigado.

— Você! – ela disse com aquele sorriso malicioso.

Aquela noite era para curtir e deixar os problemas de lado, celebrar minha nova caminhada. Não era possível que o problema me achasse. Não naquela noite! Eu não deixaria! Ela colocou as mãos em meu ombro e eu carinhosamente as tirei.

— Alice, o bar é público, e com certeza pagou para entrar, então fique à vontade. Eu tenho que ir ali, do outro lado do bar. Longe de problemas!

Eu a evitei o quanto pude naquela noite, e ela até que se comportou bem. Mas não foi embora. Voltei ao balcão e me encostei para conversar com Diego e Júlio, que me proibiram de entrar do balcão para dentro.

— 1,99! — outra voz feminina, mas só uma pessoa me chamava assim, e essa voz grossa eu sabia bem a quem pertencia.

Virei em um susto. Eu não acreditava.

— Batatinha! Você veio!

E então nosso abraço... Apertado... Frouxo ... Desajeitado... Demorado.

— Como conseguiu entrar? Já estava esgotado! – Eu não conseguia parar de sorrir.

— Acho que fui uma das últimas a entrar, eu e uma loira bonitona metida, que não parava de jogar o cabelo em mim na fila. — Ela sorriu, olhando em volta, procurando pela tal loira.

— Vem, vamos pegar uma mesa.

— Como? Estão todas ocupadas — ela perguntou. Também não

parava de sorrir.

— Vem comigo! Tenho uma mesa especial para a melhor amiga do anfitrião. — Segurei sua mão e a puxei levando até o outro canto do balcão. Peguei duas cadeiras altas para nós dois.

— Uau! Que especial! — ela disse, debochando.

— Se tivesse me dito que viria eu teria mesmo reservado uma mesa.

Eu não estava mais tão tímido, não me sentia mais na obrigação de querer passar qualquer que fosse a impressão. Nós estávamos ali como ficamos pelo telefone. Divertidos, distraídos com o resto do mundo e jogando conversa fora. E então a Alice se aproximou me abraçando por trás, passando seus braços em volta do meu pescoço, como se eu pertencesse a ela.

— Não vai me apresentar sua namorada? — disse, beijando meu pescoço.

Esquivei-me e saí de seus braços, que pareciam tentáculos sobre meus ombros. E ela mesma se apresentou.

— Sou Alice, a mãe do filho dele! Ou da filha, ainda não sei. Só tenho seis semanas de gestação — ela disse, sorrindo naturalmente.

Dez
Lucas

Eu me desequilibrei na cadeira tentando levantar, e pedi para que ela parasse com jogos. Ela fingiu não me ouvir. Então pedi para que saísse, mas ela me ignorou mais uma vez e sentou em meu lugar. Mariza ficou sem reação. Parada, sorrindo e me olhando.

— Droga, Alice! Pare com isso! Vá para casa. Eu não quero que seu marido apareça aqui e cause confusão. Vá!

O olhar de Mariza arregalou, e em seguida ela franziu a testa, espremendo os olhos sem entender.

— Eu disse que precisava conversar com você, mas não me atendeu, não lê minhas mensagens. — Alice se virou para mim e insistiu.

— Vamos lá fora! Aqui não dá para conversar. — Mostrei a saída que dava acesso aos fundos do bar, deixei que ela fosse à frente e fiquei.

— Me desculpe por isso. Prometa que não vai embora. Por favor — pedi a Mariza.

— Lu, eu realmente tenho que ir e...

— Por favor. Espere-me aqui! — insisti, segurando forte em sua mão.

— Tudo bem! — Ela sorriu.



Como eu pude me esquecer da camisinha? Na verdade, acho que não usamos nem mesmo uma vez. O sexo com ela era tão intenso que parar e colocar a camisinha parecia algo superficial, que poderia atrapalhar o momento. Mas que burro, três segundos e eu teria evitado esse problema.

— Eu não viria aqui me humilhar se eu não tivesse certeza — Alice tentava me seduzir enquanto me contava.

— Pare! — Tirei as mãos dela do meu rosto, irritado.

Eu não podia acreditar em suas palavras, mas suas contas batiam. Quanto mais ela falava, mais atordoado eu ficava. Eu não queria ser pai, não naquele momento, eu tinha projetos, planos. Como iria colocar uma criança na moto? Como iria cuidar de uma criança? E eu não queria ter filhos com

uma mulher que já tinha um marido! Estava tudo errado!

Ela não falou muita coisa, mas disse que naquela noite em que me contou que era casada, também ia me contar que estava grávida. Tinha acabado de descobrir. Mas que antes disso eu saí correndo. Por que será, não é? Estou desde meus vinte anos tentando me manter fora de confusão, tentando não me tornar um otário, e eis que consegui! Engravidei uma mulher casada!

— Espera, você pediu uma cerveja quando chegou! — eu disse, franzindo a testa e encarando seus olhos.

— Era só para puxar papo, eu não a bebi!

— Droga! Droga! Droga! — eu repetia sem parar enquanto dava tapas na parede.

— Me desculpe, mas eu não planejei nada disso! — ela disse assustada.

Eu precisava me acalmar, ela também estava assustada! E não tinha a culpa sozinha nisso tudo. Respirei fundo e me virei para ela.

— Não! Eu que peço desculpas, só estou assustado! É que hoje não era um bom dia para me contar isso, entende? Mas vamos dar um jeito. — Coloquei as mãos na minha cintura, para puxar o ar dos meus pulmões enquanto eu jogava a cabeça para trás, na intenção de me acalmar e ela se aproximou.

— Lucas, eu só queria sua atenção, me desculpe, isso tudo é uma loucura, eu...

Interrompi-a.

— Podemos conversar amanhã? Eu já bebi algumas cervejas e tem uma amiga me esperando lá dentro. Ela não é minha namorada nem nada, eu só... Espera! Não é da sua conta! — balancei a cabeça negativamente, retomando a consciência. — Vá para casa, Alice. Eu te ligo amanhã, pode ser?

— Tudo bem, fofo! — Ela colocou as mãos em meu rosto na tentativa de me beijar. Virei o rosto e dei um passo para trás.

— Você veio de carro? — perguntei, preocupado.

— Eu vim andando. Moro a quinze minutos daqui, lembra?

— Espera! Vou pedir um Uber para você! Não dá para voltar andando a essa hora.

— Hum, que papai preocupado! — ela debochou. Franzi o cenho e a ignorei enquanto abria o aplicativo no celular. Graças a Deus o motorista

chegou bem rápido.

Mariza, estava no mesmo lugar, me esperando com um olhar solidário. Ao ver minha expressão, esticou os braços sugerindo um abraço. Recusei pegando em suas mãos e a tirando dali comigo. Saí deixando meu irmão responsável por vigiar nossa irmã e pegando a chave do seu carro.

— Eu volto em uma hora, fica de olho na Ninha — disse a ele.

Eu e Mariza entramos no carro e ela não parava de perguntar o que estava acontecendo. Dirigi até o próximo quarteirão. Estacionei só para poder socar o volante do carro um pouco para destilar minha raiva, ainda sem dizer nada. Mariza continuava a tentar me acalmar, mas minha cabeça fervilhava e eu só queria me deitar.

— Você quer ir a algum lugar comigo? — falei sem pensar, virando-me bruscamente em sua direção.

— Mas e sua festa?

— Não vamos demorar! Só quero respirar, me deitar um pouco.

— Aonde você quer ir?

— Eu tenho uma ligação muito forte com minha mãe, e se eu for pra casa ela vai perceber que tem algo de errado. Não queria...

— Tudo bem! Aonde você quer ir então? — ela me interrompeu, solícita.

— Não se assuste! Mas é o único lugar onde eu posso me deitar e ficarmos à vontade!

— Aonde? — ela insistiu em saber.

— Motel! — meu coração disparava por medo da reação dela. Mas eu precisava dizer logo e parar de enrolar.

Onze Mariza

Decidi de última hora que eu deveria ir a essa despedida do Lucas no bar. Demorei um pouco para achar o lugar, passei raiva na fila para entrar com uma loira folgada, que não parava com seu cabelo quieto e ainda agia como se tivesse uma carta de cliente Vip. Depois essa mesma loira me aparece com uma história louca sobre ser casada com outro cara e estar grávida do Lucas. E agora, depois de ser arrastada pelo bar, estou olhando nos olhos do Lucas, que parece atordoado, me chamando para ir "respirar" num motel!

— Qual é, Lucas? Fala sério... — disse, inclinando a cabeça e contorcendo os lábios.

— Eu juro! Só quero me deitar, respirar. Talvez eu chore no seu colo! É só! Eu juro!

Eu ainda não sei como e por que eu aceitei uma coisa dessas! Mas não demorei muito para concordar. Mesmo que uma parte de mim estivesse com aquele velho medo dele me levar para qualquer lugar e me matar, ou de chegar lá e me estuprar... Não sei de onde saiu aquela minha ideia maluca de aceitar. Talvez fosse o fato de querer ter esse tempo com ele.

Ele dirigia com a certeza de que sabia em qual motel iria parar. Não falamos muito no caminho, mas ele resmungou algumas vezes sobre a importância de se usar camisinha. *Agora era tarde*. Não demorou muito até chegarmos. Fiquei desconfortável por estarmos ali sem aquele propósito, e virei o rosto para que a recepcionista na entrada não me julgasse, como se ela soubesse que não somos namorados.

Eu, num motel, sem a intenção de transar. E com um amigo, que havia conhecido há alguns meses, por sinal. Eu devia ser louca! Lucas abriu a porta e logo se jogou na cama com os braços sobre os olhos. Eu ainda continuava de pé, pensando em como eu era louca.

Ele gritou e bufou algumas vezes. Depois deu um soco na cama e por fim se sentou. E só aí percebeu que eu ainda estava no mesmo lugar.

— Vai ficar de pé? Senta-se aqui. Prometo que não vou fazer nada! — disse, sorrindo, ajeitando um travesseiro debaixo da cabeça.

— Meu medo está tão claro assim? — resolvi me sentar ao seu lado. Ele resolveu ignorar o tal travesseiro e deitou a cabeça no meu colo.

— Viu só? Sou inofensivo. Pelo menos hoje! — ele disse, soltando seu lindo sorriso enquanto ajeitava sua cabeça sobre minhas pernas.

— Bobo! Fica calmo, isso vai se resolver.

Meu instinto levou minhas mãos a afagar seu cabelo. De frente para trás, como se meus dedos fossem um pente. O que ele amou, porque o senti se derreter mais em meu colo.

— Obrigado por vir — ele disse, se ajeitando.

— Me preocupo com você. -Respondi

Ele abraçou minhas pernas com uma das mãos por uns segundos. E então se levantou, encostou suas costas à cabeceira com as pernas esticadas, e eu me ajeitei ao seu lado. Ainda tímida, mas mais à vontade. Ele me contou a louca história com a Alice desde o início. E chegamos a um consenso de que ele estava se precipitando, pois uma mulher casada, universitária, que praticamente foi atrás dele no bar todas as noites, não poderia ser tão burra de engravidar do amante. E se estivesse mesmo, será que não seria do marido?

— Você vai descobrir! É só ter calma. E, além do mais, eu sonho em ser titia! Meu irmão não vai fazer isso por mim tão cedo. Então, que seja você! Vou poder mimá-lo bastante. Tomara que seja uma menina para irmos juntas comprar bolsas, sapatos e maquiagem.

Ele riu.

— Seja quem for, vai te amar, com certeza.

— Igual ao pai! — eu disse, o empurrando com o ombro, provocando uma gargalhada dele.

— Mas não quero me afastar. Eu tenho que ajudá-la e quero ser um bom pai. Se não for meu eu sigo em frente depois. Mas não quero passar a impressão de que vou abandonar o bebê.

— Isso aí, foi homem para fazer, seja homem para assumir! Mas... E o marido?

— Por hora dá pra fingir que não tem outro cara no meio do caminho? — ele suplica, franzindo a testa e contorcendo os lábios.

— Claro! Então o sonho do estúdio continua?

— Sim! Não vou desistir.

Ele deita a cabeça em meu ombro e suspira, mostrando-se completamente dependente de colo. Totalmente Carente.

— Eu me afasto um pouco e você encontra uma louca? — eu disse.

Ele levantou a cabeça, ajeitou o corpo, se ajoelhando na cama de frente para mim, e olhou em meus olhos.

— Promete que não some mais? — ele pediu com uma voz dengosa.

— Prometo — Eu sorri.

Abraçamo-nos, e eu senti algo diferente. Algo que nunca tinha sentido entre nós. Um clima. Fiquei desconfortável. Então me levantei, fui ao frigobar e peguei uma garrafa d'água.

— Tudo bem se eu pegar uma água? — perguntei, mostrando a garrafa. Não sei por que fiz isso, se eu mesma pagaria por ela.

— Claro!

Ele não parava de me olhar. Encostei-me a uma das paredes do outro lado do quarto. Eu estava sem lugar. Mas não desejei ir embora.

— Me dá um pouco? — ele pediu, apontando para a garrafa. E se levantou. Deu dois passos em minha direção, parou, cruzou os braços e sorriu.

Que sorriso lindo, meu Deus! — pensei e revirei os olhos mentalmente. Eu não tinha certeza, mas imaginei que ele tivesse parado ali só para pensar se deveria fazer o que estava prestes a fazer.

O meu sorriso tímido deve tê-lo encorajado, porque ele avançou em minha direção, chegando tão perto que pude sentir o frio da parede em minhas costas quando, de uma forma inútil, tentei me afastar mais. Acho que aquela blusa cavada nas costas não foi uma boa escolha para sair de casa naquela noite.

Ele me olhou de cima, como se estivesse se aproveitando de ser mais alto que eu. Eu não tive reação. Parada eu estava, parada eu fiquei. Ele tirou a água da minha mão e colocou no balcão ao lado. Sem se afastar. Sem tirar os olhos dos meus. Ele levantou suas mãos quase que em câmera lenta e as colocou atrás do meu pescoço, bem lentamente, como se não quisesse me assustar. Eu arregalei meus olhos e suspirei ofegante, demonstrando que fiquei assustada e empolgada com o que viria a seguir. Ele se inclinou em direção aos meus lábios e então me beijou. Lentamente, como se degustasse cada parte da minha boca. Como se realmente ele estivesse aproveitando cada segundo daquele beijo.

Tentei parar duas vezes, afastando sua boca da minha, mas eu mesma recomeçava o beijo. Eu não queria acreditar que estávamos nos beijando. Nunca o olhei de outra maneira, não me sentia atraída e imaginava que ele sentisse o mesmo por mim. Nosso beijo nem combinava. Era um beijo bom, mas não se encaixava na minha boca. *Por que eu ainda estava o beijando?* Talvez fosse o lugar que estava nos coagindo a fazer aquilo. *Eu não sei.*

Então o empurrei, colocando minhas mãos em seu peito. Ele se afastou e sentou na cama.

— Nossa! Está quente aqui, mesmo com o ar ligado. Posso tirar a camisa? – ele perguntou, sorrindo sorrateiramente. Eu via a maldade nos olhos dele.

Não! Não pode, não! — minha mente gritava.

— Pode sim! Está mesmo quente aqui! — Como minha boca enorme não tem o costume de esperar minha mente enviar o recado antes dela pronunciar alguma coisa, eu disse que sim. Ele a tirou, e meus olhos estavam vidrados nele. *Graças a Deus ele não tinha uma barriga trincada como a de um atleta. Senão ficaria difícil. Mas... Droga! O corpo dele era lindo mesmo assim! Como isso era possível?*

Eu precisava me sentar, e sentei-me na cadeira da bancada ao lado. Virei o restante da água na boca desesperadamente.

— Poxa, nem me deu! — ele disse, sorrindo.

— Hum! — Tentei parar quando o ouvi. — É mesmo! — Mas era tarde, já tinha acabado. Meu nervosismo não me deixava raciocinar.

— Tudo bem. Eu não quero mais. Vou pegar uma cerveja. Quer um vinho?

— Ei! — Levantei-me depressa, deixando a ansiedade de lado. Ele sabia bem o que o vinho fazia comigo. E eu não tinha pretensão de terminar seja lá o que for que começamos. Então continuei:

— Não estamos aqui para você respirar? Não precisamos do vinho, certo? Nem você de cerveja. Está dirigindo e já bebeu antes de vir para cá – franzi a testa e falei em tom de brincadeira. Tudo bem, eu poderia dirigir, mas no momento que eu cedesse a uma mísera taça de vinho, eu me deitaria com ele naquela cama e aproveitaria cada centímetro daquele corpo. Seria questão de minutos.

— Certo. Ah, claro! Nossa, me desculpe! Não quis parecer que queria transar com você. Não que eu não queira. Eu só quis explicar que não era essa minha intenção quando vim pra cá e... - Ele jogou o corpo para trás, se deitando na cama. — Ah, você me entendeu. — Ele sorria com a mão no rosto.

Eu gargalhei e cheguei mais perto, então ele se sentou novamente. Fiquei tentada a avançar nele, mas nosso beijo desajeitado não saía da minha cabeça, me dando força para não chegar tão perto.

— Eu sei. Entendi o que disse. Nunca imaginei isso. Sabe? Nós dois.

— Eu não planejei também. Mas aí aqui na cama você estava tão perto, tão carinhosa. Acho que confundi as coisas — ele disse, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e se inclinando para frente.

— Tudo bem! Não foi ruim! — desdenhei.

— Não foi ruim? Ah, fala sério! Você adorou!

— Estava demorando para o Lucas convencido chegar!

— Eu sou realista! — Ele inclinou a cabeça para o lado, e, meu Deus. Eu estava ficando louca. Comecei a achá-lo tão sexy. Sorri e balancei a cabeça negativamente enquanto pensava. E ele se levantou, vindo em minha direção novamente.

— Por que está se aproximando? — perguntei receosa.

Quanto mais perto ele chegava, mais trêmula eu ficava. Então ele pegou em minha cintura e me levantou fazendo me lembrar do filme *Amor à Toda Prova*, quando me desceu devagar, fazendo-me sentir cada parte do seu corpo.

E nos beijamos de novo. Dessa vez percebi o quanto sua boca pequena era macia. O membro dentro de suas calças estava rígido demais, e pude sentir isso sem pôr as mãos nele quando meu corpo vagorosamente se esfregava no seu enquanto eu não chegava ao chão. Quase não consegui disfarçar o quanto eu estava excitada também; por um momento pensei em ligar o “foda-se” e jogá-lo em cima da cama, tirar suas calças e prová-lo de uma vez por todas. Mas fui salva pelo seu telefone, que começou a tocar. Aproveitei a oportunidade para me afastar e colocar juízo em minha cabeça.

— É o meu irmão — ele disse, mostrando a tela do telefone. — Só um minuto, vou atender. — Ele foi para janela e logo se virou para mim com um semblante de decepção. — Minha irmã quer ir embora. Eu prometi que a levaria, mas meu irmão vai levá-la, porém irá precisar do carro — ele disse, franzindo a boca e a jogando de lado.

— É a nossa deixa! — eu disse, jogando para ele sua camisa.

Doze
Lucas

— Não vai embora agora, vai? — perguntei a Mariza quando saímos do carro.

— Eu preciso descansar um pouco. Sei que ainda é meia-noite, mas você se importa se eu for? — ela perguntou, coçando o alto da cabeça, e percebi que estava sem graça.

— Deixa-me te levar? — pedi, me aproximando na intenção de beijá-la.

Então o telefone dela tocou. Meu irmão se aproximou e ela se afastou para atender.

— Onde você estava? A Nina está impaciente lá dentro! Não sei por que se preocupa tanto com ela. Não aguenta mais que três horas fora de casa! — Meu irmão tagarelava impaciente enquanto meus olhos estavam fixados em Mariza, que ainda estava ao telefone.

— E quem disse que isso é ruim, Ed? Como ela está? — perguntei desinteressado, ainda com meus olhos em Mariza.

— Está bem. Vou chamá-la — Ed respondeu e ameaçou sair para buscar nossa irmã, mas eu o impedi.

— Não, não! Deixa que eu chamo vocês lá dentro. Espera só um minuto. — Eu o empurrei de volta para dentro do bar quando vi que Mariza voltava.

— Era o Bruno?

— Sim. Ele queria saber se cheguei bem e se eu precisava de carona para casa. — Ela sorriu sem graça, de cabeça baixa e batendo o telefone nas mãos.

— Eu nem perguntei como estão as coisas entre vocês, me desculpe.

— Que isso! Não era mesmo o momento nem o lugar para falarmos do Bruno. E você estava com um grande problema. Não íamos falar de mim! — ela tinha razão. Eu não queria mesmo falar do Bruno, não depois que nos beijamos.

Ficamos calados sem olhar um para o outro; ela tirou as chaves do bolso, não parava de brincar com elas e ficava olhando para os lados.

— Eu tenho que ir. — Ela me olhou e contorceu os lábios.

Eu me aproximei e segurei uma de suas mãos, abaixei a cabeça e

levantei os olhos fazendo charme, mas antes que eu pudesse dizer algo ela rapidamente se soltou, entrando no carro, mas não o ligou.

— Obrigado por ter vindo e ficado ao meu lado quando a guerra começou! — cruzei os braços na janela do carro.

— Foi legal! Obrigada por confiar em mim! Vai me dando notícias.

Ela ligou o carro e saiu. E depois que meu irmão foi para casa levar nossa irmã, eu entrei, me sentei ao bar e pedi uma cerveja. Conversei um pouco com Júlio, que me questionou sobre Alice. Ele a ouviu e estava preocupado.

— Não se preocupe, ela só queria me assustar. Não aceitou o término muito bem. — Disse virando o restante da cerveja no copo.

— Sei! Se cuida, garoto! Não vou mais estar te vigiando todos os dias.

Fiquei brincando com a garrafa enquanto ria do Júlio, e logo meu pensamento me levou ao que aconteceu no motel. E em seguida enviei uma mensagem para Mariza.

"Chegou bem?"

"Sim! Obrigada!" – Ela respondeu.

"Que bom!" – queria ter dito algo mais, mas achei melhor esperar.

Fiquei esperando alguma mensagem do tipo *"adorei a noite. Ah! Adorei o beijo também"*.

Enviei um Emoji.

Ela demorou a responder.

"Lu... Eu estou com muito sono, posso te chamar amanhã?"

"Claro! Boa noite, Batatinha"

"Boa noite, 1,99"

Algo estava estranho. Será que agora tudo seria diferente? Espero que eu não tenha estragado nada entre a gente. Mas eu não beijei sozinho. Ela retribuiu. Ela deixou. Posso até dizer que se meu irmão não me liga, teríamos transado. Talvez seja só cansaço mesmo, ela não tem muito o costume de sair.

— O que eu perdi nesse trio? — Meu irmão se aproxima, referindo-se a mim, Alice e Mariza.

— Não está bebendo, não é? Você vai dirigir hoje! - Ignorei sua pergunta para repreendê-lo.

— Claro que estou! Voltei faz vinte minutos e esse já é meu terceiro copo de whisky. Deixei o carro em casa e vamos embora de Uber. Irmão...

hoje começa uma nova era para nós dois! — ele disse, erguendo seu copo para o alto propondo um brinde e eu aceitei.



A noite anterior tinha sido incrível, mesmo com a Alice aparecendo. E por falar nela, era hora de resolver o dilema. Marquei de encontrá-la à tarde para conversarmos melhor. Vamos ver o que ela tem a me dizer. No caminho para o restaurante onde iria encontrar com Alice, parei em uma farmácia para comprar um remédio para dor de cabeça.

— Bom dia! — uma moça linda me recepciona atrás do balcão.
Ulalá!

— Bom dia! — Sorrio de volta. — Estou procurando um bom remédio para dor de cabeça.

— Ressaca da sexta à noite? — ela brincou.

— Nada. Excesso de problema. Tem algum aí que os faça sumir? — brinquei.

— Sinto muito. Não tenho nada, mas tem um aqui que vai aliviar sua pressão sanguínea, que deve ser o que está fazendo seus olhos ficarem assim, espremidos por causa da dor.

— Sim. Está bem incômodo. Mas eles são pequenos assim mesmo.

— Perdão. — Ela sorriu, tapando os olhos com uma caixa de remédios que estava segurando. — Sente-se aqui, vou medir sua pressão. — Ela me direcionou a uma cadeira atrás do balcão.

Nunca fui tão bem atendido em uma farmácia. Aquele atendimento dispensava uma consulta ao médico. Enquanto ela passava aquela faixa preta e abotoava ao meu braço, eu insistia em forçá-los para que meus músculos ficassem maiores e mais rígidos para impressioná-la.

— Senhor músculos, eu preciso que relaxe bem o braço. — Ela sorriu.
E que sorriso!

— Desculpe! — eu sorri de volta, olhando os seus olhos que estavam concentrados na aferição.

— Está tudo ok. Vou pegar um remédio para sua dor.

Ela volta ao balcão e me entrega o remédio.

— É só levar ao caixa. — Ela disse, com seu lindo sorriso, e eu fiquei

vidrado em seu rosto.

— Eu agradeço. Nunca fui tão bem cuidado em uma farmácia. Quem é o seu gerente? Vou pedir para indicá-la como funcionária do mês! – eu disse, tentando jogar um charme.

— Isso seria ótimo! Acabei de me formar e essa é minha primeira semana. Então estou fazendo o que posso.

— Está se saindo muito bem! Nasceu para isso! — eu elogiei, me debruçando ao balcão, buscando algo mais.

— Pronto! Era esse o sinal que eu precisava! Hoje pela manhã meu noivo disse a mesma coisa. E agora você, um completo estranho... Só pode ser um sinal que não devo desistir. Obrigada!

É sério? Toda mulher que cruzar meu caminho esse ano vai ser comprometida? Não é possível! Sorri, agradei, me despedi, paguei e saí da farmácia furioso com meu azar!



— Poxa que demora! Cheguei há uns quinze minutos. – Alice disse enquanto se levantava para me abraçar.

— Desculpa, parei na farmácia – justifiquei, um pouco irritado.

— Está tudo bem?

— Claro que sim! Eu disse farmácia e não cirurgião – disse, bravo.

— Ei! Alguém está de mau humor hoje! – ela disse, abrindo as mãos como quem se defende de um soco.

— Abaixе essas mãos, Alice, as pessoas vão achar que estou te ameaçando! – mais uma vez, irritado.

Antes mesmo do garçom chegar à nossa mesa eu já tinha certeza de que seria pai. O filho poderia ser meu, sim! O marido estava em outro estado há mais de um mês, preso em um posto esperando nova carga. — Minha teoria de um caminhoneiro bruto e irritado se confirmou. — Tinha até mensagens no WhatsApp para comprovar que ele não esteve em casa. E se ela realmente só estava se deitando comigo...

— Eu deveria passar numa loja e comprar uma blusa escrita "parabéns, bobão" – disse a ela.

— Olha, eu também não estou saltitando de alegria. O Felipe chega

em duas semanas e eu não sei o que vou fazer da minha vida. Até pensei por um momento em tirar e continuar minha vida, mas...

Eu a interrompi imediatamente, feroz.

— Não diga isso nunca mais! Está maluca? Seu problema é mesmo maior que o meu. Mas vou te ajudar. E vamos cuidar de tudo. Nunca mais pense numa coisa dessa!

Ela abaixou a cabeça sobre a mesa e, com a voz abafada, sorriu dizendo:

— Obrigada.

— Mas isso eu posso dizer: não é culpa minha. Foi você quem foi atrás de mim no bar, ficou amarrando seu cabelo daquele jeito e eu não resisti. – Gargalhei, tentando acalmá-la.

Ela levantou a cabeça e sorriu para mim.

— O que vai fazer? – perguntei.

— Ainda não sei. Ninguém sabe ainda que estou grávida. Tenho medo dele perder a cabeça e eu ter que voltar para São Paulo e morar com minha mãe. Vou ter que abandonar a faculdade. Parar minha vida. Estou sem rumo!

— Vamos fazer assim. Eu viajo com meu irmão amanhã, mas assim que voltar olho um apartamento para vocês ficarem até tudo se ajustar. Pode ser?

— Claro! Não vou recusar não. Eu estou sem saída mesmo! Minha amiga tem um alugando, tinha pensado em ir para lá e quando ele chegasse, eu já não estaria mais em casa.

— Ok! Não vou te dizer o que fazer com seu casamento, mas essa parte do apartamento, quando for, me avise para te ajudar com as despesas.

Despedi-me dela depois de almoçarmos, saí do restaurante às pressas e pensativo! Eu estava bem perto dela porque não queria que ela pensasse que a saída era interromper a gravidez. Mas eu também estava com medo. E precisava sair dali, queria correr! Correr ajuda a me acalmar, consigo pensar melhor. Mas era uma da tarde e estava um calorão. Estava de calças jeans, sem meus tênis de caminhar... Mas que se dane, eu precisava pôr essa raiva pra fora.

Coloquei meus fones e ouvi uma das poucas músicas internacionais que tinha no meu telefone: *Dynasty*, da Miia. A letra não tem tudo a ver com meu momento, mas uma parte dela sim, onde ela canta "*It All Fell Down (Tudo desabou)*", "*It All Fell (Tudo caiu)*", e então comecei a correr cada vez

mais rápido, ignorando o calor que fazia e o desconforto de correr com calça jeans. Minha cabeça fervilhava com os pensamentos de que eu precisava ajudá-la, mas sem parar meus planos, que demorei anos para tirar do papel. Corri e só parei quando cheguei em casa.

Mas quando cheguei, lembrei que eu estava de moto e não a pé! Corri vinte e cinco minutos debaixo do sol, estava pior do que quando fui caminhar de ressaca há uma semana. O estacionamento ia dar uns cem reais. *Droga! Não faço nada certo!* Por sorte meu irmão aceitou ir buscá-la para mim.

Entrei pelo portão dos fundos e fui direto para o banho. Depois deitei em minha cama e, quando liguei a televisão, minha mente me levou à Mariza... Meu telefone não tinha nem uma das suas mensagens enormes explicando alguma coisa. Isso era estranho. Achei que ela mandaria algo dizendo que foi um puta erro nos beijarmos. Mas nem isso. Acabei dormindo com celular na mão enquanto eu tomava coragem para mandar um simples "oi". Não queria forçar nada. Ela era estranha assim mesmo, talvez estivesse assustada.

Treze
Bruno

É sábado e esperava ver Mariza, mas ela desmarcou nosso final de semana juntos. Eu não tinha preparado nada, íamos passar nosso final de semana fazendo tudo o que desse na telha, já que ela sempre odiou cronogramas. Ela sempre diz que nunca dá certo quando se planeja antecipado. *Manias da Mah*. Sorri sozinho pensando nela.

Tentei ligar, mas ela não me atendeu e não respondeu a nenhuma de minhas mensagens. Quando nos falamos ontem à noite ela estava voltando para casa após a festa no bar, e quando chegou disse que gostaria de dormir até tarde naquele sábado, por isso desmarcou nosso passeio.

Não me importava com sua amizade com Lucas, mas gostaria de conhecê-lo um dia. Só fazia algumas semanas que estávamos namorando. Mas sentia algo por ela que nunca senti por ninguém. E já percebia que Lucas ficaria em nossas vidas para sempre, então...

Eu não falava nada para ela. Guardava para mim o fato de não acreditar em amizade entre homem e mulher. A chance de isso dar certo era 0,01%. O homem quando se aproxima de uma mulher sempre tem segundas intenções. A não ser que ele não goste de mulher.

Machista, preconceituoso, ciumento... Digam o que quiserem, eu sei do que falo. Pode até ser que no início não tenha havido nada, mas o cara quando tem muita atenção de uma mulher se prende tanto a ela que seu instinto natural é "atacar". O instinto masculino é burro. Ele não sabe fazer separação entre amizade e sexo. Porque é nisso que acaba... Uma bela amizade colorida! Sei que pareço um babaca, mas eu sei das coisas. Só espero que ela não se machuque.

— Quem morreu? — ela perguntou e eu ri ao atender ao telefone, referindo-se às minhas várias mensagens e ligações.

— Senhora Mariza? Estou ligando do hospital, o Senhor Bruno teve um caso raro de SDV (saudades de você).

A gargalhada dela me animou. A historinha era clichê, brega e muito boba. Mas eu gostava de fazer esse tipo de coisa para impressioná-la.

— Minha nossa! Qual o horário da visita?

— Agora mesmo! Acabamos de liberar para visitas. A Senhora poderia vir?

— Bru... Eu realmente não estou muito animada a sair da minha cama! Queria mesmo ver filmes, mas sem me levantar daqui.

— Tudo bem. E se eu for até aí para te fazer companhia?

Ela não respondeu.

— Alô? Ainda está aí?

— Ah, sim, claro! É que meu telefone caiu.

— Mari... Estamos bem?

— Sim, lógico! É que... hoje eu realmente queria ficar sozinha. Podemos almoçar juntos amanhã?

— Quer escolher um lugar ou escolhemos amanhã?

— Escolhemos amanhã!

— Saímos sem rumo e fazemos algo diferente. Que tal?

— Por mim está ótimo. Amanhã serei toda sua.

— Huum. Isso está ficando interessante...

— Não seja bobo!... Não é isso! – Finalmente ela riu.

— Estou brincando... Vou desligar, Mah, tenho que procurar alguém que queira minha companhia hoje. Talvez jogar bola... Quem sabe... — disse, dramatizando.

Quatorze

Mariza

Me sentia uma otária! Havia ficado dois anos sem namorar, sem transar; se tivesse beijado quatro bocas aquele tempo todo seria muito. E então, quando encontrei um cara incrível, o traí em apenas seis semanas em que estávamos juntos. Em que tipo de mulher eu havia me transformado?

Eu não poderia encontrar o Bruno, não teria coragem de beijá-lo e fingir que nada aconteceu... Não sei se conseguiria ficar normal perto dele. Então eu tive que evitá-lo.

Liguei a TV... a Netflix vai sair do ar de tanto que a assisto hoje – disse a mim mesma enquanto ia à cozinha pegar meus suprimentos: um balde enorme de batatas fritas — que não poderiam faltar —, refrigerante e uma barra de chocolate que estava na minha bolsa, já pela metade. O projeto era não sair da cama, não ver nem conversar com ninguém! *De volta à solidão da casa vazia*, disse enquanto me jogava na cama.

Tentei evitar filmes clichês com amigos namorados e sexo, tudo que podia envolver um romance. O que foi difícil, já que essas eram as características principais dos meus filmes preferidos. Mesmo assim minha alma estava gritando para assistir *Amizade Colorida* pela milésima vez. Por sorte não estava no catálogo. *Obrigada, Netflix!* Passei três vezes por *Simplesmente Acontece*. Um filme que adoro, mas não era uma história apropriada para o momento. Consegui fugir para *Sexy And the City*. Elas são amigas, mas não querem transar umas com as outras.

“Espera! Eu não quero transar com Lucas.”

“Não foi o que meu corpo disse ontem à noite.”

“Foi só um beijo, um acidente”

“Melhor ligar pra ele para conversamos. De repente nada precisa mudar.”

“Não! Melhor não conversar com ele esse final de semana. Preciso dar tempo ao tempo.”

“Mas estou louca pra contar pra alguém... E ele é meu alguém que conto tudo o que não conto pra mais ninguém.”

Essa sou eu conversando comigo mesma! Brigando com minha mente que estava a um milhão!

“Vai, liga! Ou manda uma mensagem!”

Bato com o controle na minha testa para mudar de ideia.

Não mandei mensagem, mas voltei ao catálogo e vi um filme com título interessante, *O noivo da minha melhor amiga*. Vamos ver esse. É uma história confusa. Nada a ver comigo e Lucas, e me fez ter coragem para ir em frente. Eu gostava da amizade dele e não a perderia por uma loucura de uma noite.

— Está vivo? – Pausei o filme e liguei para ele depois de perder na minha luta interna.

— Eu que pergunto... – ele responde desanimado.

— Parece que virei a noite. Acordei tarde, nem almocei. E estou comendo bobeiras desde as onze da manhã.

— Huum... - Ele faz seu velho som de desinteresse.

— O que foi?

— Nada, só que você sumiu e achei que estivesse brava comigo.

— Por que eu estaria?

— Por ontem?

— Eu realmente fiquei mal, mas já passou. Somos amigos. E estou em um relacionamento. Não tem nada a ver.

— Claro! Você está certa. Vida que segue... O que faz de bom? –Ele reanimou-se

— Jogada na cama, assistindo filmes. Cancelei meu final de semana com Bruno para ficar aqui comigo mesma.

— Hoje eu também não estou a fim de falar com ninguém. Às vezes bate uma deprê sem motivo e eu quero ficar sozinho.

Antes que eu falasse algo ele continuou.

— Só quero falar com você.

Dei um sorrisinho bobo.

— Então escolhe um filme aí! – eu disse derretida.

Perdemos tanto tempo escolhendo um filme que por fim desistimos.

— Então... Você gosta quando é levantada, né?

— Tá brincando! Você não quer falar disso.

Fiquei assustada por ser tão repentino o assunto, mas confesso que me excitou ouvi-lo mencionar.

— Qual é! Eu não tenho com quem conversar essas coisas. É para você que eu conto minhas "tretas", esqueceu?

— Mas nesse caso a sua treta sou eu – Lembrei-o na esperança dele desistir de lembrar a noite no motel.

— Era pra ser mais fácil! – ele resmunga.

— Mas não é! – digo ríspida.

Ficamos em silêncio, e eu só ouvia sua respiração...

— Me desculpa. Eu não deveria ter... – Ele inicia.

— Para! Não foi só você! – eu o interrompo.

— Você também queria? – ele pergunta empolgado.

Surpreendeu-me de novo e eu me levanto da cama e ando pela casa. Com ele não preciso de meios termos, somos abertos.

— O que você achou? – perguntei, sentando no sofá da sala.

— Diga você primeiro.

— Não fica bravo. Mas nosso beijo não combina, o que é bom, assim nada precisa mudar! – eu disse, fechando os olhos com medo da sua reação.

— Como assim? Nosso beijo não combina?

— Não sei te explicar, Lu, o beijo é bom... Mas não teve sincronia com o meu. Eu não sei bem o que é.

— Eu não achei! Foi ótimo! E você não fez parecer nada disso! – disse com seu tom convencido.

— É claro! Estava no calor do momento... E...

— E?

— E eu estava gostando! - eu disse sem graça, tapando o rosto como se ele pudesse me ver. — Satisfeito? E como foi com a Alice? Foi vê-la? – mudei de assunto antes que ele prolongasse mais.

— Ah! Foi ótimo! noventa por cento de chance de que eu seja mesmo papai. Como bom louco que sou, voltei pra casa correndo em plena uma da tarde e quase desmaiei. Como sempre, correr me alivia. Devia tentar uma hora dessas.

Conversamos por uns minutos e ele me contou que conheceu uma farmacêutica gata demais — palavras dele —, e sua falação me animou a sair de casa. Eu precisava enfrentar minha vida. Eu errei? Sim! Mas não poderia me esconder para sempre! Se nada der certo eu conto a verdade ao Bruno!

Tomei um longo banho e quando peguei o condicionador, esbarrei na lâmina de barbear, que caiu no chão. Eu ia colocá-la de volta ao lugar, então pensei... Por que não?

Eu li uma vez que a melhor tática para as solteiras que não querem transar antes da hora era não colocar a depilação em dia e usar uma calcinha grande e bege! Acho que foi a *Bridget Jones*, que disse no seu primeiro livro quando ela sai com *Daniel Cleayer*, não me recordo muito bem, mas eu amo

esse livro. E o filme. É claro! Pensando bem, ela indica usar uma calcinha velha, mas não era para tanto. Não queria marcar nada. Mas se o clima esquentar eu estaria mais que pronta!



— Quem é? — Bruno atendeu ao interfone com tom sorridente.

— Eu soube que tem um homem morrendo de SDV. Vim salvá-lo — eu disse, sorrindo muito animada.

— Ah sim! Espere só um minuto! — ele parecia nervoso.

Fiquei um tempo olhando para o portão à espera que se abrisse, pensando na coincidência de como os portões de grade geralmente são marrons.

— Oi!!! Ainda estou aqui! — eu disse novamente ao interfone, que parecia mudo. — Bruno, o que está acontecendo? — Comecei a ficar incomodada com a demora.

De repente já não parecia mais uma boa ideia ter ido sem avisar. E olhando-me no reflexo do carro me sentia uma imbecil por ter colocado saltos e um vestido tão justo, e ainda ter me depilado para ele. Comecei a me sentir incomodada por ficar ali parada esperando do lado de fora. E resolvi voltar ao carro. Quando caminhava em sua direção o ouvi abrir a janela.

— Me desculpe, o interfone travou. Vou descer e abrir manualmente — Ele disse, olhando com meio rosto pela janela.

— Não precisa! — gritei e entrei no carro, mas antes que eu o ligasse ele chegou ao portão.

— Me desculpe. Venha, deixa de bobeira. Foi só o portão. Eu fiquei tão surpreso que você veio que fiquei um pouco tenso. Vamos subir! — ele insistiu, abrindo a porta do carro para que eu saísse.

Ele conseguiu me convencer. Entramos no prédio e combinávamos de sair para qualquer outro lugar que não fosse um cinema, uma mulher de cabelos curtos e ruivos passou por nós um pouco distraída, deixando seu brinco cair aos meus pés. Um belo brinco rústico. Claramente feito por hippies. Bruno, muito educado, a entregou e meu olhar ficou fixo à peça.

— Que lindos! — elogiei os brincos para a ruiva, que parecia apressada.

— Ah, obrigada! São meus brincos preferidos!

Ela sorriu e saiu do prédio, e nós seguimos para o apartamento do Bruno. Tudo parecia normal. Mas algo ainda me incomodava, e assim que ele se dirigiu ao banho eu corri a seu quarto para procurar alguma coisa errada; algo estava estranho, eu só não sabia bem o que era.

— Posso pegar um copo d'água? — gritei ao Bruno.

— Tem vinho, se quiser. Fique à vontade! — ele gritou do banheiro.

Vinho? Achei que ele só bebesse cerveja. Estranhei e minha suspeita aumentou. Peguei um copo no armário e o deixei na pia, enquanto ia até a geladeira pegar a garrafa de água. Voltei ao copo e vi jogado no chão o outro par do brinco *rústico claramente feito por hippies*. O mesmo que a ruiva deixou cair na escada. Olhei na geladeira novamente e vi o vinho pela metade. *O Bruno detesta vinho!*

Eu não disse nada. Meu coração ficou apertado e me senti uma idiota. Coloquei o brinco em cima da tela do seu celular que estava na mesa da cozinha. Voltei à sala, peguei minha bolsa e fui embora, sem bater a porta e nem fazer barulho algum. Tirei meus saltos e desci as escadas correndo, trêmula de raiva. Cheguei à portaria, me encostei ao portão e me lembrei da dica do Lucas: *"correr me alivia do estresse"*. Foi o que eu fiz, corri três quarteirões descalça com um vestido justo que não parava de subir, enquanto a palavra "idiota" não parava de vir à minha cabeça! Parei no shopping, mas antes de entrar calcei os sapatos que estavam em minhas mãos, ajeitei meu vestido e fui direto para o banheiro. Lavei meu rosto para tirar a maquiagem que borrou com o suor da corrida.

E então me lembrei do carro.

— Droga! — eu disse alto e uma mulher que lavava as mãos ao meu lado me olhou.

— Desculpe, não é com a senhora.

Estacionei o carro na porta do prédio dele. A pior parte era que queria chorar, mas não conseguia! Será que a corrida realmente me curou? Eu estava com raiva, mas não conseguia chorar, olhava no espelho para ver o que havia de errado comigo. Meus olhos doíam como se todas as lágrimas estivessem presas atrás deles. Mas elas não caíam.

Eu gostava do Bruno, então será que para mim tudo bem ser traída? Só porque ele é um gato ele poderia fazer o que quisesse? Será que é verdade que chifre trocado não dói?

E então me lembrei do Lucas.

Não vou ligar para ele! Eu precisava falar com alguém, mas no momento em que eu ligasse para o Lucas, ele insistiria em vir me encontrar!

Mas ele poderia pegar meu carro. E eu não queria que ele me visse naquela situação.

Aquele vestido idiota estava me irritando. Entrei em uma loja, comprei uma camiseta e uma calça que parecia uma espécie de moletom fino. Comprei um chinelo também. Troquei-me dentro da loja mesmo e joguei tudo dentro da sacola e comecei andar pelo shopping sem rumo. Acabei parando no estacionamento térreo porque estava vazio.

Bruno havia me ligado oito vezes. Ignorei e liguei para Karen, que estava irada com ele. Mas insistia que eu precisava ligar para o Lucas ir me ajudar com o carro. Era a única pessoa próxima que poderia me ajudar. Já que se eu ligasse para meu irmão ele enlouqueceria, mas não sem antes me dar um belo sermão de como não ser traída... é, meu irmão é meio babaca as vezes quando tenta ser o mais esperto!

— Já sentiu minha falta? — Lucas atendeu ao telefone com voz sorridente, sem nem mesmo imaginar o que eu ia lhe pedir, e lhe contar.

Quinze

Lucas

— Eu sei onde fica. Espera-me no estacionamento do shopping que eu te busco aí.

Não acreditava no que ouvia, Mariza me contou o que houve e a cada palavra meu sangue fervia de raiva. Nunca fui um cara violento, nem sabia brigar, e mesmo sabendo que eu apanharia, ainda sim eu estava com uma grande vontade de dar um bom soco naquele otário! Bruno teve sorte de ter a Mari, e ele a dispensou daquela forma. Ele a iludiu no início fazendo todo aquele charme de cavalheirismo, sendo educado... Ele era um sacana!

Meu irmão me levou ao shopping para pegar as chaves do carro com ela. Assim que entramos no estacionamento térreo fiquei olhando-a sentada no corrimão da rampa de acesso, com uma roupa que não era nem de perto a descrição que ela me deu antes de sair de casa. Desci da moto quase em movimento para abraçá-la, esperando por um pranto, mas nada. Ela parecia bem. Sem querer fazê-la esperar mais, a deixei e fui buscar seu carro no endereço que me deu. Meu irmão voltou com minha moto para casa e eu fiquei parado na porta do carro antes de entrar, esperando que o otário saísse em uma das janelas. Mas ele parecia não estar em casa. Que pena!

— Você está bem? — perguntei assim que ela entrou no carro quando voltei ao estacionamento do shopping para buscá-la.

— Você pode dirigir? — ela perguntou sem graça, jogando uma sacola no banco de trás e enquanto eu saía do local ela se manteve quieta olhando para fora, como se tentasse não olhar para mim. Estacionei na próxima rua para consolá-la. Eu via em seus olhos que ela estava desesperada.

— Quer um abracinho? — perguntei, esticando os braços e tentando fazê-la sorrir.

Ela se soltou do cinto de segurança e desabou em meus braços, dizendo que estava pagando por ser uma vadia, por não honrar seu compromisso com Bruno, por ter se tornado uma pessoa horrível, blá, blá, blá! Só bobagens que não permiti que ela continuasse a dizer.

Depois de muito choro, e depois de ouvir seus gritos, a levei para minha casa. Ela não queria, foi difícil convencê-la que eu não faria nada. Mas ela precisava de carinho, atenção, um colo! E porque ela me direcionou para

sua casa, e chegando na rua ela disse que Bruno estava na porta do apartamento dela. Eu não o vi, ela não deixou que eu parasse o carro.

— Que tal se enfim eu cumprir minha promessa e cozinhar para você? — disse, respirando fundo, tentando esquecer que queria bater naquele cara.

— Quer me comprar com comida? — ela inclinou a cabeça, me olhando sobre seus olhos vermelhos.

— Por que não? Nada melhor que comida quando se está triste — eu disse, mantendo a atenção na estrada e me esticando para limpar seus olhos.

— Está bom. Mas só se fizer seu famoso pão de queijo recheado — ela me respondeu, se esquivando dos meus dedos em seu rosto.



— Que bagunça, Lu — disse enquanto entrava pela cozinha, a única entrada da casa.

— Eu não sabia que meu resgate iria acabar aqui. Eu só venho aqui para dormir e trazer umas garotas. Então vive bagunçado. Por isso a casa só tem três cômodos: a cozinha, um banheiro e meu quarto.

— Estou brincando! Só disse isso para eu ter outra coisa para pensar — ela disse, pegando meu travesseiro e desabando na cama.

Sentei-me na beirada da cama, bem próximo a seus pés para não passar uma ideia ruim e para comprovar que não a tinha levado na minha casa com outras intenções.

Ela estava agitada, mas permanecia deitada e se mexendo como uma cobra na cama, tirando e colocando o travesseiro da cabeça.

— O que quer ver? — perguntei enquanto ligava a TV, abrindo meu armário de coleção de DVDs em seguida para ela escolher.

— Está de brincadeira! — Ela saltou da cama e veio até mim. — Na foto não parecia que eram tantos assim!

Em uma das nossas primeiras conversas disputamos quem tinha mais filmes em casa e eu ganhei. E sem precisar mostrar minha coleção completa.

— Não toca! — Tirei as mãos dela que iam em direção a um dos meus filmes preferidos, com meu ator favorito.

— Por favor! A única coisa que eu poderia fazer era jogar no lixo

todos esses filmes do *Nicolas Cage*! — ela provocou porque sabia como eu ficava quanto a isso!

— Qual é, você só chorou em *Cidade dos Anjos* porque foi feito com ele! — defendi.

— Eu não assisti todo! — gargalhou e correu para a cama, se protegendo com o travesseiro.

— Está de brincadeira. Fala sério! — virei-me para ela sem acreditar.

— Eu não sou fã dele, tenho um pouco de preguiça dos seus filmes... Mas eu assisti *Aprendiz de Feiticeiro*! — ela exclamou e colocou a palma das mãos para o alto, vibrando.

— Meu Deus!... Então vamos ver agora!

— Ah! Não quero chorar de novo!

Ela disse, inclinando sua cabeça para baixo e afundando seu rosto no travesseiro, que apoiara nos joelhos com as pernas que estavam juntas, próximas do seu peito.

— Não precisa! Então, que tal uma comédia bem idiota? — sentei-me ao seu lado e brinquei com seus cabelos entre meus dedos.

— Podemos só ficar aqui? Conversando e sendo amigos? — pediu com a voz abafada pelo travesseiro.

— Claro! Chega pra lá. — Escorei as costas na cabeceira da cama, coloquei um travesseiro no meu colo e ela colocou sua cabeça nele.

Conversamos um pouco, rimos de algumas situações, e aparentemente escolher um nome para meu talvez futuro filho a distraiu. O telefone dela estava dentro da minha gaveta, misturado com minhas camisetas, shorts, meias e até cuecas. Era uma verdadeira bagunça. E ele não parava de tocar, me deixando enlouquecido. Depois de muita insistência minha, ela se levantou em um certo momento para colocá-lo no silencioso, mas ainda dava para ouvi-lo vibrar.

Acabei concordando em ouvir a Playlist horrível dela no Youtube, que mais tarde apelidamos de Play Day. Ficamos em silêncio enquanto tocava a música *Take a Bow*, de Greg Laswell, deitados ao lado um do outro.

— Esse deve ser seu recorde de ficar calada, né? — Ela me olhou feio, mas sorriu.

— Aqui é calmo. Por isso dorme o dia todo — ela me alfinetou de volta.

Impulsionei meu ombro para forçá-la para fora da cama.

— Paaaara! — disse, segurando a manga da minha camisa por saber o

que eu estava prestes a fazer.

— Luuuucaas! – gritou, mas era tarde demais.

— Saia da minha cama! – gargalhei maldosamente enquanto a via cair pra fora da cama...

— É guerra? Você é grande, mas eu consigo te bater! — ela disse, tentando se levantar.

Levantei-me e estiquei a mão para levantá-la do chão. Mas ela me jogou de volta sobre a cama, me dando tapas nos braços. Eu tentei me defender, e por um minuto meu instinto quase a puxou para cima de mim, mas ela foi bem rápida e logo estava a caminho do banheiro. Levantei-me e fiquei parado a olhando se afastar; era bom tê-la feito sorrir de novo.

Eram oito horas da noite de um sábado e eu estava em casa com uma garota que não queria nada mais que meu colo e meu ombro amigo. Ouvindo músicas que não faziam nem um pouco meu gênero, mas eu não estava sequer me importando com isso. Enquanto ela estava no banheiro fui até a gaveta, peguei seu telefone e o desliguei. Devolvi o aparelho à gaveta imediatamente.

A música acabou e mudou para *off I Go*, também do Greg.

Ela apareceu na porta e eu ainda estava de pé, um pouco assustado com medo de ela ter me visto desligando seu celular. Continuei de pé para não gerar suspeitas. Ela parou na porta e ficou me encarando, parecia que desviaria para a cozinha, mas desistiu e começou a caminhar em minha direção. Ela não vinha para brigar. Seus passos estavam firmes, decididos, largos e com certa decisão no olhar. Ela parou de frente para mim, me encarou mais de perto, chegou bem perto do meu rosto e me beijou.

Dezesseis

Lucas

Parei o beijo imediatamente e coloquei minhas mãos em cada lado do seu rosto, estranhando sua atitude. É claro que eu queria muito continuar, depois do episódio do motel parei de vê-la como uma simples amiga e comecei a notar que ela era bem atraente. Passei a notar que sua pele não era nem branca nem morena, mas sim cor de mel. E isso a deixava iluminada. Gostava dos seus olhos castanhos e expressivos, dos seus cabelos escuros e ondulados que eu adoraria puxar enquanto eu entrava nela bem devagar. E sua boca... Ah, sua boquinha era perfeita. Por mais que soubesse que eu poderia experimentá-la naquela noite eu precisava ter certeza de que ela realmente queria.

Seus olhos percorreram meu rosto por inteiro, como se me analisasse. E então ela parou de desviar seu olhar e finalmente os focou nos meus olhos, dizendo sem abrir a boca que ela tinha certeza. E então eu a beijei.

O beijo estava tão intenso que eu podia senti-la me forçando para cima da cama. Não resisti e me entreguei, deixando que ela comandasse do seu jeito. Ela estava em cima de mim me beijando com desejo e eu só pensava em não me aproveitar dela; tentava desvencilhar minhas mãos do seu corpo para ela não me achar muito afoito, mas era impossível. Então me deixei levar pelo momento, eu não poderia mais pensar no que ela diria quando acabássemos de nos pegar. E deixei que ela fizesse comigo o que bem entendesse.

Passei uma das minhas mãos por seus cabelos, o preendi em meus dedos, e com a outra eu apertei sua cintura com força, em um tipo de abraço, deixando-a presa contra meu corpo. Ela pegou minhas duas mãos e as colocou acima da minha cabeça e as prendeu com força com suas próprias mãos; ela estava decidida a ser dominadora, e eu não dificultaria seu desejo. Eu estava gostando da ideia.

A música mudou novamente e de repente eu estava gostando também daquela Playlist. As músicas pareciam favorecer o clima — não pelas letras, que não faziam sentindo no momento — e a próxima era *Don't hold me*, de Sandro Cavazza.

Então, seguindo o ritmo mais lento da música, ela se sentou em cima de mim, tirou do bolso um elástico e prendeu o cabelo. E eu a observava. Estávamos em silêncio, apenas suspiros eram ouvidos. Eu a olhava enquanto amarrava seu cabelo, e pensava que sem se esforçar ela conseguia ser sexy. *Como nunca percebi isso antes?* Eu estava apenas curtindo a situação, ansioso e curioso pelo que estava por vir. Seguindo o ritmo sexy da música, ela avançou em minha boca com tanta vontade que não parecia que nosso beijo não combinava. Nossas línguas começaram a se mover no mesmo ritmo e eu aproveitei nosso momento, curtindo seus lábios nos meus. Suas mordidas em meu lábio inferior. Eu estava enlouquecido como nunca!

Virei-me na cama, ficando por cima dela, e a olhei mais sério, como se eu pedisse permissão para avançar, e senti que estava tudo bem para ela. Com seu sinal verde minha mão foi baixando pelo seu corpo, entrando em sua calça entre suas pernas, até senti-la toda molhada. E nesse exato momento consegui ouvir outra música da sua playlist, *Afterglow*, de Juliander. Tirei sua calça calmamente enquanto eu beijava sua barriga, descendo minha boca junto com sua calça, beijando sua coxa, e então senti seu pé forçando minha calça para baixo, pedindo para tirá-la do meu corpo; fui tão rápido que a cueca saiu junto. Ela apertou meu braço com força quando voltei para cima dela e tirei sua calcinha. Estava mais que claro que não era o único que não aguentava mais. Posicionei-me entre suas pernas abertas. Ela estava mais que pronta. Com uma única estocada suave entrei nela e aproveitei o som do seu gemido enquanto ela empinava seu corpo, deixando seus seios em oferta. Nesse momento me lembrei.

— *A camisinha!* — reclamei. Ela me empurrou.

— É assim que você faz filhos que podem não ser seus. — Ela deu uma gargalhada gostosa enquanto eu ia à gaveta pegar uma camisinha. E eu sorri para ela, que apertou meu braço dizendo:

— Não sorri assim para mim!

Voltei rápido, subi em cima dela sorrindo ainda mais porque notei que ela gostava mesmo do meu sorriso. Mas ela me atacou.

— Droga de sorriso lindo! — ela disse, subindo em cima de mim.

Devagar, ela se sentava e se levantava, cavalgando, mesclando entre o ritmo rápido e lento. Ela não parava de apertar meus braços e meu peito, o que deixou marcas de suas unhas mais tarde. O fascínio dela pelo meu cabelo, suas reboladas e sua tara por sentar com meu pau todo dentro dela me descontrolava, então precisei tomar as rédeas novamente. Joguei-a na cama

colocando-a de lado, e entrei nela dando estocadas que iam aumentando a força conforme ela me apertava, gemia e me arranhava mais...



Ficamos deitados, descansando e conversando sobre nossa maratona de sexo de praticamente duas horas. Senti que queríamos deixar nossas marcas um no outro. Mostrar do que o outro era capaz. Ou talvez ela só quisesse sair do “castigo” de dois anos sem sexo. Não importava o que era, o que importava mesmo era que eu tinha gostado muito do que havia acontecido ali, foi incrível. Nunca fiquei com uma mulher que gostasse tanto de dominar e que soubesse bem como fazê-lo. Não até aquele dia!

Eu estava gostando da sensação do seu cabelo sobre meu peito. Sensação de aconchego, segurança... Comecei a sentir algo diferente, como se eu não quisesse mais soltá-la. — *Espera, o que está acontecendo? Que pensamentos são esses?* — Por sorte Mariza os interrompeu.

— Me desculpe pelos arranhões — ela se desculpou enquanto observava suas marcas de unhas em meu peito e em meus braços.

— Está tudo bem. Não foi tão forte. Só senti agora que o sangue esfriou — eu disse, sorrindo e a trazendo pela nuca para beijá-la.

— Eu tenho que ir pra casa, eu... — ela disse, saindo de cima de mim, mas eu a interrompi.

— Você pode dormir aqui.

— Não posso! Preciso ir para casa descansar e me preparar psicologicamente para segunda-feira. Afinal, meu chefe estava me traindo.

Ela disse, pegando seu celular na gaveta, as roupas no chão e vestindo sua calça de moletom que comprou na fuga para o shopping. Eu me levantei, vesti a cueca e me sentei na cama.

— É... Não vai ser fácil. Mas se quiser pode ficar. Prometo te deixar descansar. — Segurei sua mão quando ela passou por mim — Fica, passa o domingo comigo. — Pedi mas ela não se importou e se soltou de minhas mãos.

— Preciso mesmo ir!

Ela não esperou nem que eu terminasse de me vestir e acabei indo atrás dela na garagem, apenas de cueca.

— Tudo bem! Mas assim que chegar em casa me liga, ok? — disse, dando o último beijo da noite enquanto ela ligava o carro.

Não fui insistente para não parecer desesperado, mas eu soube naquele momento que eu tinha me apegado, e não era da forma que me apeguei há nove meses. Eu queria mais, queria mesmo que ela tivesse ficado. Que tivesse passado sua noite abraçada comigo, sentindo seu cheiro. E até brigando pelo cobertor durante a noite. Queria que ela não tivesse ido e que tivesse me deixado cuidar dela mais um pouco. Queria ter cozinhado para ela de manhã. Sempre falamos desse pão de queijo, e ela só o viu por fotos. Aquela noite ela deixou seu cheiro e as músicas gravadas em mim e muitas lembranças.

Dezessete

Mariza

Nunca conseguirei explicar o que deu em mim quando avancei no Lucas e permiti que transássemos. Só me lembro que enquanto eu estava no banheiro me vestindo, olhei para baixo e pensei “*Não acredito! Me depilei para aquele otário?*”. Enquanto secava minhas mãos na toalha de banho do Lucas que estava pendurada em cima do Box, eu fiquei olhando seus chinelos em meus pés, e pensei: “*por que pegamos os caras bacanas e o colocamos na friendzone?*”.

Eu juro! Lembrei-me que ele também era um baita de “um mulherengo” e seria pai em breve, que ele atrai problemas e que ele só era bacana comigo porque éramos amigos. Mas nada disso ajudou porque a última coisa que me lembrei foi da sexta-feira passada no motel, ele apertando meus quadris e me levantando acima do seu rosto, deixando-me completamente vulnerável e excitada. A lembrança foi tão real que pude sentir umidade entre minhas pernas apenas me lembrando.

Quando saí do banheiro eu evitei pensar muito, até pensei em ir para a cozinha pegar uma água e esquecer essa ideia maluca! Mas eu não conseguia me controlar, eu sou muito ansiosa, e até precipitada. Quando coloco uma ideia na cabeça, fica difícil não a colocar em prática! E a lembrança de suas mãos firmes e grandes me segurando no alto, seu olhar firme e de certa forma safado, me fizeram ignorar que eu não curti nosso beijo. Então respirei fundo e fui para cima! Seria do meu jeito, ao meu comando! E foi incrível! Por um momento nossos beijos combinaram, o ritmo parecia ser o mesmo! E eu estava disposta a fazer com que valesse a pena. E valeu!

Liguei meu celular e nem sei contar quantas mensagens e ligações o Bruno deixou para mim.

“*Me deixa explicar. Eu sou otário*”, dizia a primeira mensagem. *Ainda bem que você sabe*, disse em voz alta apagando as demais sem ler nenhuma, apagando seu contato e o bloqueando em tudo que pude. Depois de um longo banho, me deitei já com a cabeça mais fria. Feliz pelo fim de noite que tive, e grata por Bruno ter se mostrado um babaca logo no início, antes que eu realmente me ferisse.

Passei meu domingo limpando a casa, colocando as coisas em ordem,

jogando lembranças fora, organizando tudo. Na verdade, é uma velha mania. Quando estou triste, ou com raiva, eu limpo, faxino descontroladamente! Encontrei num pote de vidro o anel do refrigerante e o papel do bombom que o Lucas me deu na primeira vez que saímos juntos. Guardei o papel no meu livro preferido e coloquei o anel do refrigerante junto às chaves de casa. E peguei um velho pisca-pisca de natal e coloquei no vidro transparente em cima da minha cabeceira, fazendo uma luminária que vi no Pinterest. Deixei meu telefone desligado naquele domingo. Não queria conversar com ninguém, apenas amadurecer minhas ideias.

Na segunda-feira cheguei mais cedo, como eu costumava fazer para esperar por Bruno no estacionamento, quando não sabia que ele era um safado. Fiquei lá parada olhando-o se aproximar, sem medo de chorar, porque eu sabia que estava curada. Transar com Lucas foi melhor que passar a noite chorando e comendo com raiva.

— Mariza, deixa eu me explicar... — ele veio em minha direção falando, e eu o interrompi e comecei a falar sem freios tudo o que passei o domingo ensaiando.

— Antes que você comece com suas lindas palavras eu quero dizer que eu te desculpo, não tenho mágoas de você! Não estávamos namorando sério, e eu não tinha o direito de ficar brava. Eu fiquei ofendida por não ter sido comunicada que nosso relacionamento era aberto! Mas quem disse também que era um relacionamento? Eu tinha um caso com meu chefe. Era só isso!

Eu precisava desmerecer tudo que houve entre nós.

— Não é bem isso, mas fico feliz que tenha me entendido. Não era só um caso. Eu te pedi em namoro. Eu gosto muito de você!

Ele deu um passo em minha direção, eu dei dois para trás e estiquei meus braços contra seu peito, para bloqueá-lo já que ele continuava avançando.

— Não! Você não entendeu! Acabamos! Eu não tenho raiva de você, mas não temos mais nada! Sou sua secretária até que eu consiga a sorte de me mudar para o andar de cima!

Ele cruzou os braços e parecia não querer brigar.

— Você está no seu direito mas...

— Bruno! Por que acha que resolvi terminar com você aqui na empresa? Pra não termos tempo para conversas... Você traiu minha confiança, acabou! — Nada satisfeito, olhou-me nos olhos e balançou a cabeça

negativamente.

— Ok. Eu faço isso pra você. Junte suas coisas, vou trocar você com a Flavia, a novata do terceiro andar.



Lucas me chamou para sair à noite, com a desculpa de que precisava me distrair, mas não queria vê-lo, ainda não estava pronta. Mas não disse isso a ele, minha ideia era conduzir nós dois de volta ao que sempre fomos sem perder o ritmo.

O que não durou por mais de duas semanas. Acabei cedendo a tantos convites e nós fomos juntos ao cinema algumas vezes, mas mesmo sendo muito divertido sairmos juntos, eu evitava. Talvez porque mudamos um pouco desde o sexo. Acabamos voltando a nos falar só por telefone ou por mensagem, às vezes até fazíamos chamada de vídeo. Mas mudamos bastante. Nossas conversas não eram mais tão inocentes, sempre rolava umas besteirinhas. E não vou negar, eu gostava disso! Mas preferia evitar. Tinha tanto medo de isso dar errado e perdermos um ao outro. E então comecei a inventar inúmeros motivos para não o ver. Por sorte ele passou a viajar a passeio, com sua família, também para resolver suas coisas do estúdio que estava prestes a ficar pronto. Mas ainda passávamos muitas horas conversando e vendo filmes.



“Batatinha?”

“1,99” – digitei, me esforçando para suportar a luz do celular devido a hora.

“A Lucy quer casar”

Dei um pulo da cama!

Luciana, a moça da farmácia. Ela nunca teve um noivo de verdade, só disse aquilo para afastar a tara do Lu. E alguns meses depois ela acabou aceitando sair com ele, já que ele se tornou um cliente frequente da farmácia para vê-la. Tinha poucos meses que estavam namorando, por isso meu susto!

“Casar?” – Enviei a pergunta seguido se um Emoji assustado.

“Não hoje, mas um dia”

“Ah! Por favor, Lucas, são duas da manhã, só me acorde de novo a essa hora quando ela definir a cor do meu vestido de madrinha”

“Não quero ficar assustado e estragar tudo. Nunca pensei em me casar”

“Então não casa! Não faz merda para se arrepender depois. Lu, por favor, eu prometo que te ligo às sete da manhã e vamos conversar sobre isso, mas agora eu estou com muito sono”

“Mau humor, hein, bebê?” – Ele enviou um Emoji revirando os olhos.

“Você sabe que odeio ser acordada!”

“Eu te amo, Best. Boa noite”

“Também te amo! Boa noite!”

Voltei a dormir e logo cedo liguei para ele , e insisti até que me atendesse.

— Poxa, você sabe mesmo dar o troco, hein? Eu estava no banho.

— Vamos lá, me conta tudo. Estou indo para o curso!

No meu segundo mês no novo andar, Bruno ouviu minha conversa ao telefone com Karen, para quem eu contava que tinha feito sexo com Lucas na noite em que o peguei me traindo. Ele se irritou e fez algo que eu ainda não entendi, para que eu fosse despedida. Agora eu estava indo em busca de um sonho perdido. O curso de fotografia! Sempre amei desde o colégio, mas nunca investi na área.

— Vou aproveitar para correr. Então... Ela me disse que pretende casar-se, com vestido de noiva, festa e tudo mais!

Conversamos por uns minutos e eu tive a certeza que ela era mesmo louca. Pensar em se casar com o Lucas? Ele não se amarrava assim, ele não era um cara pra casar.

— Talvez ela o tenha perdido aí – eu disse, rindo.

— Até que não. Claro! Não agora, mas um dia quem sabe, ter filhos **de verdade** e sossegar – fiquei surpresa com sua resposta, ela na verdade não o tinha perdido, e sim o conquistado de vez.

Alice não estava grávida de verdade. Pelo menos foi o que ela disse ao Lucas. Não tínhamos certeza, mas nossa teoria é que por medo de perder o conforto e as mordomias que o marido lhe proporcionava, ela teria abortado. No início Lucas ficou bem magoado, mas resolveu não aprofundar no assunto

para não criar mais problemas. Ele estava ciente de que a parte dele foi feita. Era mesmo uma pena, ele já estava se acostumando com a ideia de ser pai e estava muito empolgado, mas... não podíamos fazer nada.

— Best, pensa bem, eu sei que não é uma coisa para amanhã; se é o que quer, darei meu apoio, mas se é para não a perder... Você está indo pelo caminho errado! – Aconselhei

— Eu sei. É só uma coisa nova a se pensar... Quem sabe será uma oportunidade de ver você de novo, ou vai inventar alguma desculpa para faltar a meu casamento também?

O estúdio dele inaugurou uns dois meses depois que transamos e eu ainda não estava pronta para revê-lo. Então não apareci. Foi feio da minha parte, mas em minha defesa eu sabia que não acabaria bem! Também não estava pronta para vê-lo com alguém. Não sei o porquê, mas eu sei que ficaria desconfortável.

— Não! No seu casamento eu faço questão de ir e levar uma placa bem grande com os dizeres: **“Game Over, Bebê!”**.

Ficamos rindo e inventando piadas sobre o dia do seu casamento, e como sempre acontecia, acabávamos ficando calados, deixando um grande silêncio entre nós.

— Estou com saudades. – Eu estava andando por uma calçada muito movimentada e parei de uma vez, com um grande aperto no peito.

Ele sempre dizia isso! Mas dessa vez foi diferente! Eu podia sentir a sinceridade em seu tom de voz e conseguia imaginar aquele rostinho fofo com olhos pequenos fazendo charme.

— Também estou! E muita – eu disse, tristonha.

— Então vem me ver! – eu sentia a urgência em sua voz e isso me enlouquecia!

— Por favor, Lu.

— Tudo bem – suspirou. – Eu tenho que ir. Obrigado por me ouvir.

— Lu, Espera! – exclamei!

— Eu já estou na pista para caminhar, depois tenho que ir ao estúdio, foi alugado quase o dia todo, então não posso me atrasar. Beijo!

— Bei... – Não deu nem tempo de terminar. Ele desligou. Estava bravo!

Já tinha virado rotina nos estranharmos assim, e sempre pelo mesmo motivo! Mas acabávamos ficando bem. Dois dias sem nos falar! Ele não respondia minhas mensagens e não me ligou de volta. Dessa vez ele estava

mesmo bravo! Mas eu não podia ceder, não queria perder sua amizade, já tinha dito isso a ele. Mesmo que ele insistisse que não iria rolar nada, não adiantava, eu sei que sempre acabaríamos nos beijando. Tínhamos uma química estranha que não sabia explicar. Talvez nunca consiga!

Dezoito

Lucas

Fiquei feliz por ver a Batatinha tão esperta e resolvida. Estava seguindo em frente sem dramas, sem pensar no passado. Apenas olhando para frente. Mas me magoava o fato dela querer distância. Confesso que eu sempre vou encontrá-la com a melhor das intenções, mas acabamos nos beijando! Não sei explicar, se é tesão, se é apego. Só sei que acabávamos nos beijando. Na verdade, era eu quem a beijava. Gostava do gosto da sua boca. Da sensação de ter seus lábios nos meus, mas não como algo romântico. Era uma coisa de amigos mesmo.

Eu nunca me comportei 100% quando íamos ao cinema, ok! Mas sempre gostei de pôr as mãos nela, de pegar que fosse em seus joelhos. Já que ela agia como se estivesse no sofá da casa dela, sempre colocando os pés na poltrona da frente que estivesse vazia. Sempre despojada e à vontade! Com pouco tempo eu começava a brincar de “*formiguinha*” com meus dedos em sua perna. E pode ser que meu excesso de carinho na nuca dela não ajudasse muito. Mas ela também não deixava o meu cabelo quieto! E isso me dava um puta tesão! Ela só não poderia descobrir.

Nunca tivemos problemas por isso. Não eram longos beijos, eram selinhos demorados. Sabe como é? Encostava minha boca fechada na boca dela, fechando os olhos e aproveitando a maciez daquela boca carnuda. Às vezes nós abríamos só um pouco a boca para morder os lábios um do outro. Era só! Era uma coisa louca de tentar explicar. Mas sempre ótimo. Nossos momentos de conversas sempre muito bons, mas nossos encontros são perfeitos! E eu sentia muita falta disso.

Ainda somos amigos, os melhores que podemos ser, e o fato de o sexo nunca ter abalado nossa relação sempre me fascinava. Parecia ter nos aproximado ainda mais! Não havia mais frescuras ou medos. Podíamos falar o que e como quiséssemos um com o outro.

Mariza sempre foi a mais sentimental, a mais dengosa. E eu sempre soube contornar com meu jeitinho. Geralmente ela tentava manter distância, e eu logo enviava uma mensagem pra deixá-la preocupada: “*preciso de você*”, “*não estou nada bem*”, “*você pode me ajudar?* “ Geralmente não era nada. E ela ficava P da vida comigo, mas sempre achando fofo! Às vezes realmente eu precisava dela, caía da moto e mandava mensagem com a foto do

machucado e ela me ligava desesperada implorando para que eu a vendesse.

Mas dessa vez eu era o dengoso! Eu queria muito que ela viesse me ver, e como ela sempre se recusava eu fiquei bravo dessa vez, e não liguei de volta. Eu sempre contei tudo para Mariza, mas existiam umas paranoias em minha mente que não conseguia formular em frases. Então eu nunca as falava. Mas se ela estava por perto, se me dava atenção, tudo isso desaparecia. Ultimamente minha saudade estava doendo muito, e minhas paranoias não sumiam nas conversas no telefone. Eu sentia falta de abraçá-la. Ficar em seu colo. Segurar sua mão. Mariza sempre teve um domínio muito grande sobre mim! Sempre soube como me acalmar, como resolver meus problemas e até mesmo tinha o jeito certo para falar comigo.

— Oi, me desculpe pelo sumiço. Estive ocupado! — não resisti e liguei para ela.

— Tudo bem. É bom que dá mais saudade!

— Verdade.

— Novidades? – ela perguntou.

— A Lucy e eu estamos no cinema. Quer vir? Já está na hora de se conhecerem, né?

— Ah... Hoje não dá! Mas eu quero muito conhecê-la.

— Droga, Mariza, até quando vai evitar me ver? Por que isso? Está acontecendo algo?

— Não! Eu só não quero estragar o que temos! Sou tão feliz por ter você! Não quero estragar nada!

Há meses ouço a mesma coisa.

— Como isso poderia acontecer?

— Eu não estou pronta ainda.

— Tudo bem! Quando estiver “pronta”, avise. Mas não se esqueça, eu não estou te chamando para transar. Só quero ver minha amiga.

Terminei a ligação e guardei o telefone. Lucy estava se aproximando para entrarmos no cinema.

— Está tudo bem? – ela perguntou ao notar minha agitação.

— Está sim! Mariza não vem, está com trabalho do curso para fazer, então... a gente remarca.

— Tudo bem! – ela disse, me dando um selinho.

Algo me dizia que eu era o único chateado pelo convite recusado. Mas ignorei.

Eu criei uma teoria na minha cabeça desde o dia do motel, “nada que

a Mariza fazer fará com que eu suma da sua vida de vez. Sempre vou voltar.” E eu não pretendo contar para ela nunca. Então amanhã eu ligo novamente.

Naquela noite Lucy e eu nos divertimos e conversamos muito. Estávamos nos conhecendo mais, numa sintonia única. Saímos do cinema, fomos para um barzinho com música ao vivo e bebemos muito. E eu além da conta; misturei muitas bebidas, dancei com estranhos e cantei no palco do bar com os covers que estavam ali. Sentamo-nos na mesa com dois casais muito divertidos e os dois falavam muito, contando histórias antigas de suas vidas, e eu não sei quando, como e por que, acabei contando que já transei com minha melhor amiga.

Lucy não parecia tão sóbria assim há um minuto antes de eu começar a contar isso!

— Droga! Falei demais! — disse, me levantando depressa, tentando não cair ao ir atrás da Lucy, que saiu da mesa furiosa sem dizer uma só palavra.

— Vamos conversar... — encontrei-a encostada a um carro do lado de fora do bar. Tropecei um pouco antes de chegar perto dela.

— Quer me convencer de que ainda tenho que conhecer sua amiguinha de sexo? — ela esbravejou.

— Ela não é minha amiga de sexo! — Retruquei

Não foi nada fácil convencê-la de que somos só amigos, eu contei a história completa para ela. Meu corpo naquele momento estava com 80% de álcool, meu raciocínio estava lento. E mesmo deixando meu senso de sinceridade ser acionado quando estou nesse estado, eu me saí muito bem. Até consegui mentir que aquela foi a última vez que a vi. Pedimos um Uber e fomos para minha casa.

“*Estraguei tudo*” — na segunda-feira pela manhã mandei uma mensagem desesperada para Mariza.

“*Olha! você está vivo! Oi, sumido! O que você fez?*” — Mariza brincou.

Eu não conseguia pensar em nada, então contei a verdade. Que me empolguei na mesa do bar e que agora a Lucy não confiava mais em mim com ela. Eu sei, Mariza deveria ser minha prioridade. Mas eu realmente gostava da Lucy, e eu deveria ser maduro o suficiente para assumir meu erro e arcar com as consequências se eu quisesse mesmo ter uma família um dia. Ela poderia ser com a Lucy. Mariza ficou muito brava, mas teve que me entender.

Viramos dois fugitivos. Todas as minhas conversas estavam sendo apagadas do meu telefone, e toda vez que eu ia ver a Lucy, bloqueava a Mari. Ligações, somente seu eu as fizesse! Fiquei preso em mim mesmo, por amar demais uma garota que odiava minha melhor amiga!

Com o passar dos dias, nossa amizade foi esfriando e eu já não tinha muito tempo para conversar com Mariza. Lucy veio morar comigo e eu só conseguia liberdade para conversar com ela no Studio. Era horrível, mas por outro lado eu estava feliz por estar sendo correspondido, finalmente. Estava cansado de jogar fora todas as oportunidades que tive e agora a felicidade me dava mais uma chance. Eu não iria jogar fora a chance de ser amado.

Infelizmente, Mariza e eu acabamos construindo um abismo entre nós. Passávamos semanas sem nos falar. E quando conversávamos era tudo muito frio. Tínhamos perdido a sintonia. A ligação.

Dezenove
Mariza
Um ano depois

— Batatinha! – ouço a voz de Lucas em desespero chorando do outro lado da linha. Fazia exatos oito meses que eu não ouvia aquela voz.

Eram seis da manhã e de tanto sono eu não olhei na tela para ver quem ligava e apenas atendi.

— Lucas! O que foi? – Saltei da cama assustada.

— Me desculpe ligar a essa hora. Sei que odeia ser acordada, mas eu precisava conversar com alguém que se importasse e só pensei em você.

— Claro! Conversa comigo. O que aconteceu? Fique calmo!

Ele não parava de chorar. Não era algo escandaloso, mas ele não conseguia formular uma frase até que, respirando fundo comigo ao telefone, conseguiu me dizer:

— Vi umas mensagens no telefone da Lucy onde ela dizia que não sabia por que estava comigo e que eu não tinha sonhos nem ambição. Ela dizia que eu era fraco!

— É o quê? Você está exagerando... Só pode! – Minhas veias pulsavam de raiva.

— Na verdade não era ela quem falava tudo, mas ela não me defendeu. E quando eu li, fiquei tão ferido, que só queria chorar e falar com você!

Minha vontade mesmo era de mandá-lo largar aquela idiota! Na verdade, eu fiz isso, mas conversamos muito e acabei mudando de ideia porque no final de todo seu desabafo ele mesmo decidiu conversar com ela e colocar tudo em “pratos limpos”. Eu não concordava, mas já tinha perdido meu posto de opinião em sua vida. Deixei claro que eu a odiava por tê-lo feito chorar, e por deixar que falassem dele daquela forma!

— Começamos a brigar e ela falou de você. Então ela pegou meu telefone para bisbilhotar e acabei fazendo o mesmo, julgando que ela também tinha algo a esconder. Quando vi essa conversa, nem acreditei!

— E por que estavam brigando?

— Porque, depois do noivado, ela insistiu que deveríamos fazer um casamento grande ao ar livre, com músicos e uns trezentos convidados. Eu não acho nada disso necessário.

— Noivado? – disse espantada.

— É. Ficamos noivos há quatro meses.

Eu não conseguia acreditar! E me sentei.

— Meus parabéns! Que legal! Então agora é oficial. Está tudo dando certo para você!

Eu realmente estava feliz por ele! Mas ainda não conseguia gostar dela. E era bom mesmo que ela não gostasse de mim. Agora era recíproco. Voltamos a nos falar por alguns dias, mas, poucas vezes durante a semana. A briga pelo grande casamento continuava. Ela deixou que dissessem na mensagem que ele não era ambicioso porque se recusou a gastar rios de dinheiro no casamento. Eu ficava indignada com aquilo. *Francamente!*

Após uma semana recebi uma foto no meu celular: um papel do cartório com a data marcada para o casamento no civil. Lucy cedeu e cancelou o projeto para a grande festa e se casariam somente no cartório. Eu claramente estava feliz por ele! Tinha medo de que estivesse se precipitando, mas eu não poderia fazer nada a respeito, infelizmente.

— Uhuu! Parabéns, você conseguiu! – eu disse, querendo chorar.

— É! Estou tão ansioso! Feliz! Queria tanto que você pudesse estar aqui no dia!

— Nem me fale! Será que se eu for lá para fotografar vocês como presente ela não resolve me aceitar? – brinquei, mas meu coração ainda doía.

— Seria incrível! Mas vou fazer isso: contratar um fotógrafo para tirar umas fotos bem legais. Vou deixá-la se arrumar bem linda como quiser e depois faremos um almoço na casa dos pais dela. – Ele estava tão eufórico que nem notou minha angústia.

— Isso! Faça esse dia ser lindo! Parabéns!

— Obrigado!

Nossas conversas foram ficando cada vez mais objetivas. Já não havia mais o clima para bate-papos e brincadeiras. Não conseguíamos mais decifrar um ao outro pelo tom de voz como antes, mas eu ainda conseguia perceber nele um desejo de prolongar as conversas. Mas nenhum de nós dois tomava a iniciativa, e a cada dia nossa intimidade se perdia um pouco mais.

Passadas algumas semanas, recebi uma foto inesperada do feliz casal recém-enforcado, ops... casado! Confesso que meu coração não vibrou de alegria de imediato! Porque eu não achava mesmo que fosse a hora certa, ou que ela fosse a pessoa certa para ele. *Logo ela que o tinha ferido tanto após o noivado?*

Lucas sempre foi especialmente importante para mim, sempre esteve comigo em momentos inusitados, e me fez rir quando eu nem mesmo queria conversar. Pensar em alguém o magoando a ponto de fazê-lo chorar me irritava e me fazia ignorar todas as vezes que ela o teria feito sorrir.

Até que eu recebi um áudio muito reconfortante.

— Casei, Batatinha! *Game over* para o bebê aqui!

Ele estava realmente feliz, e seu tom de voz dizia que ele estava ciente de que não seria fácil, mas que faria de tudo para que fosse incrível. E então fiquei feliz por ele! Mas, principalmente por Lucy, por tamanha sorte de se casar com alguém tão incrível como meu amigo. Eu não tinha ciúmes dela nem nada, mas a odiei por não me permitir estar lá nesse dia tão importante para ele. E com certeza não me esquecerei que ele o fez chorar!

Sentei-me na beirada da cama olhando para a cabeceira e achei melhor ter minhas lembranças mais perto de mim. Então, fui ao meu livro “Três Metros Acima Do Céu”, e tirei dele o papel do bombom. Tirei também o anel de refrigerante das minhas chaves e as devolvi para o pote de vidro, colocando-o de volta na cabeceira da cama. Isso me fez viajar nos dias incríveis que tivemos. Como boa dramática que sou, coloquei a *Play Day* para tocar no meu celular. Comecei a lembrar-me dos dias em que estivemos juntos de verdade. Como a primeira vez em que nos beijamos. Tinha sido incrível e talvez errado, mas eu nunca chegara a me arrepender do que houve. Até porque aquele Bruno fora mesmo um babaca. Um gato! Mas um babaca.

Lembrei-me até do frio na barriga que ele me fazia sentir em sua moto idiota! Todas as vezes que ele fazia-me sentar em sua garupa e envolver meus braços em volta de seu corpo. Ele vivia caindo dela e se machucando, por isso eu a odiava tanto. Mas o que eu odiava mesmo era aquela distância. O espaço que existia entre nós parecia que duraria para sempre.

Eu não sabia o que sentia por ele. Não era amor. Eu saberia se fosse. Mas gostaria muito de voltar no tempo e vê-lo mais vezes. Gostaria de não ter recusado seus convites para sair. Mas até aquele momento, eu só ficara com a saudade e a vontade.



Eu havia trabalhado muitos anos para grandes empresários e grandes empresas. Desde os dezessete anos havia acordado cedo, trabalhado em lojas

de roupas, sapatos, padarias e até mesmo como caixa em supermercados. Vivi assim até ir para a *Nova Publicação Brasileira (NPBR)*. Eu tinha, na época, apenas vinte e dois anos e fiquei lá por mais seis, sendo a melhor secretária que pude, dando tudo de mim. Tanto que havia esquecido meu sonho. Mas agora a minha relação com a fotografia estava dando muito certo. Eu amava o que fazia e eternizar momentos me dava prazer. Passei a respirar aquilo e não me importava com todos dizendo que eu deveria tratar a fotografia como um hobby.

Enquanto pensava em minha vida, meu passado, olhei pela janela e vi o carteiro chegar. Por estar esperando minhas novas lentes, eu ficava de olho nele o tempo todo. Corri para encontrá-lo, mas ele não parou e já estava seguindo em direção à próxima casa.

— Nada das minhas lentes, não é? – perguntei como se ele soubesse o que se encontra em cada pacote que chega para ele.

— Não! Comigo não tenho nada. Boa tarde.

Enquanto caminhava para dentro do prédio, uma moto buzinou e minha esperança reacendeu. Ele me entregou um envelope com papel pardo, selado com o emblema da NPBR, um brasão dourado. Sentei-me nas escadas e fiquei admirando o papel. Resisti em abri-lo porque até parecia não ser para mim. Estava formal demais. Mas era sim, o meu nome que estava no campo do destinatário.

O convite dizia que eu fazia parte da família, mesmo não estando mais com eles, e que para a comemoração dos quinze anos da empresa, eles contavam com a minha presença.

“Traga um acompanhante”, dizia no canto esquerdo do convite.

Claro, levarei com certeza!

Disse em voz alta, debochando de mim mesma por minha irritante solteirice enquanto subia as escadas de volta ao meu apartamento. Não cogitei ir àquela festa por vários motivos, e um deles era rever o babaca do Bruno. Deixei o convite em cima da mesa e já ia para a cozinha quando meu telefone sinalizou uma mensagem.

Mensagem de texto? Fala sério, quem ainda usa isso?

“*Eu poderia te ligar? beijos, Bruno*”

Minha nossa, ele tem mesmo a cara de pau de me procurar?

“*Não, obrigada*”

Digitei, mas meu coração me dizia que muito tempo havia se passado e que não havia mais motivos para aquele velho rancor. Era hora de deixar

tudo para trás.

“Ok” – Respondi.

Em segundos o telefone tocou e eu o deixei tocar por três vezes antes de atender.

— Alô?

— Alô! – tentei ser rude.

— Como você está?

Estou bem, já que me traiu e me fez perder o emprego – pensei.

— Estou ótima, e você? – respondi.

— Muito bem também, eu... – hesitou.

— O quê? – perguntei sem paciência.

— Eu preciso conversar com você, explicar algumas coisas, esclarecer outras – suspirava fundo. — Quero pedir desculpas por tudo.

— Ah, ficou no passado – menti.

— Não para mim. O que eu fiz com você foi a pior coisa que já fiz a alguém e isso não tem mesmo explicação.

Depois de algum tempo se lamentando e resmungando, ele conseguiu me convencer de ir encontrá-lo no *Café das Seis*, um quiosque que havia dentro do shopping. Famoso pelo ambiente rústico, decoração iluminada e por seu espaço pequeno, porém confortável e aconchegante, ele era bastante frequentado e amávamos ir até lá quando tínhamos uma folga do trabalho. Não me preocupei com a roupa que vestiria. Coloquei um vestido soltinho e uma sandália rasteira, amarrei o cabelo no alto. Só para dar a impressão de que eu só andava de moletom e coque o tempo todo!

Está ótimo! – pensei, me olhando no espelho. — *Da última vez que me preocupei em impressioná-lo ele acabou comigo.*

Enquanto dirigia para o café, fiquei pensando no quanto eu gostaria de poder ligar e contar ao Lucas toda essa ousadia do Bruno. Aparecer, assim do nada, querendo pedir desculpas e se explicar. Lucas é completamente diferente de mim. Se eu contasse a ele do convite de Bruno, ele me diria para fazer o que achasse melhor, mas que não se esquecesse do que havia acontecido. Já eu, se os papéis fossem invertidos, o teria proibido de ir àquele encontro e pronto. *Eu sou maluca, meu Deus!*

Ri, pensando que seria exatamente assim, e senti um aperto no peito de saudades dele. Até pensei que seria muito legal tê-lo por perto – e solteiro – para ir ao baile comigo. De repente, arregalo os olhos, lembrando-me da coincidência. Bruno havia me ligado quase ao mesmo tempo da chegada do

convite. Teria ele algo a ver com aquilo? Se fosse esse o caso, eu não poderia negar: ele agira rápido. Sorri.



— Desculpe-me pelo atraso – disse Bruno – Não imaginei que fosse demorar no escritório.

Sentou-se no lugar vago ao meu lado.

— Tudo bem! Eu sei como funciona fim de mês! Ainda me lembro.

— É sim. Ainda é a mesma loucura!

Ele parecia sem graça. Assim que chegou, se sentou, mas não tentou sequer pegar em minha mão. Parecia ter alguma alergia na nuca ou uma dor forte no pescoço, pois não tirava uma das mãos dali, sempre mexendo a cabeça para baixo e para os lados. Alongando o pescoço que parecia tenso. Completamente inquieto.

— Você está bem? – perguntei intrigada por sua inquietude.

— Sim estou! Eu só... Por que estamos no balcão e não na mesa?

Virou-se para mim, tirando as mãos da nuca e colocando-as em seu joelho. Uma em cada perna.

— Ah, não sei! – respondi. Fui pega de surpresa com sua pergunta, mas eu sabia sim. Não queria que parecesse nada mais do que dois amigos conversando. No balcão, teríamos menos conforto e iríamos querer ir embora mais cedo. No entanto, eu não diria isso a ele. Eu precisava parecer forte.

— Você não vai pedir nada? Deve estar com fome depois de tantas horas trabalhando. Se me lembro, você não para nem mesmo para comer. — Fui afastando meu prato com migalhas da fatia de torta de frango que acabara de devorar antes dele chegar, e me virando para ele.

Sem dizer nada, ele apenas me olhou e sorriu (de uma forma muito sexy), mostrando-me que gostou de saber que eu ainda me lembrava daqueles detalhes. Fiquei presa olhando em seus olhos lindos. Eles me atraíram de novo. Eu parecia ter esquecido como era hipnotizante olhar aqueles olhos claros!

— Vou pedir, mas não aqui! – respondeu, levantando a mão para chamar o atendente. Então pediu que ele nos arrumasse uma mesa assim que possível.

— Temos uma livre atrás do balcão, você se importa?

— Não! Claro que não. – Olhou de volta para mim – Quero dizer... Está tudo bem pra você?

A mesa era única atrás do balcão, isolada de todo o resto do café. Depois de trazer de volta a lembrança de como ele era lindo e extremamente sexy, eu não quis arriscar:

— Podemos esperar? Estaremos muito afastados de todo o resto e não quero que a gente confunda as coisas.

— Ah, claro! Sem problemas. Tem toda a razão. Vamos aguardar outra por aqui.

Ele pediu um café e, quando o atendente se afastou, voltou a ficar estranho e eu já não conseguia mais segurar a vontade de saber...

— Vamos ficar assim até conseguirmos uma mesa? Não podemos conversar aqui mesmo?

Ele ficou ainda mais sem graça, mas finalmente começou a falar. Disse o quanto estava arrependido do que fez, mas que também tinha sido a única vez.

— Está tudo bem! Faz muito tempo e eu não tenho ressentimentos. Não mais – menti.

— Eu não sei como aquilo tudo aconteceu. Eu saí para comprar um tênis, e a vendedora foi tão atenciosa que acabei a convidando para sair e fomos para minha casa. Eu sou um babaca. Eu era um babaca! Eu mudei. Na verdade, nunca fui aquele cara! Não sei mesmo de onde aquele monstro saiu. E quando você não me deixou explicar e pedir desculpas, eu fiquei mais convencido de que eu tinha me tornado um monstro.

— Bruno, para! – exclamei.

Sempre que ficava nervoso começava a falar e não parava! E antes que ele começasse a contar os detalhes do sexo com a ruiva achando que eu tinha superado, eu precisava pará-lo.

— Se eu disser que eu não superei e que só vim aqui para tentar perdoá-lo, sem saber que ainda me dói ouvir isso, você para de falar?

Eu pude ver o choque em seu rosto ao ouvir minhas palavras.

— Que droga! Eu... realmente não pensei direito quando te chamei para vir aqui. Mas eu não parei de pensar em você esse tempo todo!

Ele colocou os braços sobre o balcão com seus dedos entrelaçados e baixou a cabeça sobre sua mão estendida. Eu não tinha reação. O cara que havia me magoado e me enganado estava ali contando como tudo tinha

acontecido e tentando me pedir perdão. Eu não tinha o que fazer.

Levantando a cabeça, virou-se para mim e tentou aproximar suas mãos das minhas, que estavam sobre o balcão. Mas desistiu de tocá-las e as voltou para a perna. Então falou, mudando o timbre de voz para um mais calmo e suave, porém temeroso:

— Eu não estava pensando. Apenas fiz! O maior erro da minha vida foi tê-la enganado. Tê-la deixado ir.

— E por que nunca me procurou?

— Depois que ouvi você falar sobre o Lucas eu entendi que estariam juntos. Eu não podia atrapalhar sua vida... Espero que ele não se importe de você ter vindo.

— Está tudo bem! Foi bom esperar. Talvez se tivesse me procurado naquela época, teríamos criado feridas maiores.

Eu não quis dizer que Lucas e eu não estávamos juntos. E que nunca estivemos. Isso me ajudaria a mantê-lo no seu lugar, longe de cantadas ou algo do tipo. Até porque só a presença dele já mexia comigo.

Conversamos por mais uma hora e resolvemos desistir da mesa. Combinamos de deixar o tempo curar as feridas e apagar o passado. E conversamos mais sobre nós. Ele não tinha namorado muito, tinha saído e se divertido, mas não tivera nada sério com ninguém. Não que isso fizesse alguma diferença para mim.

— Foi você quem me enviou o convite da festa? – Perguntei de uma vez.

Ele abriu a boca com tanta convicção do que iria dizer que, antes que alguma palavra saísse de sua boca, eu já estava convencida de que ele não teve nada a ver com aquilo. Mas ele a fechou novamente, inclinou a cabeça para o lado e, sorrindo tímido, me disse:

— Sim! Quero dizer, não! O convite veio mesmo da gerência, mas fui eu que o enviei. Todos foram enviados pelo correio, convencionalmente mas, com meus contatos, consegui pegá-lo para entregar a você pessoalmente. No entanto, eu não sabia como seria sua reação, e eu podia encontrar com Lucas. Então resolvi pagar um motoboy rastreado para fazer a entrega e me ligar assim que lhe entregasse.

— Agora tudo fez sentido.

Eu sorri sem graça. Qual teria sido o motivo daquele trabalho todo? Eu estava realmente curiosa para saber, mas o que acabei dizendo foi:

— E isso tudo é pela ruiva ou pelo emprego que me tirou?

— Como? Eu não fiz isso, Mariza! – ele parecia incrédulo.

— Assim que me ouviu falar que tinha dormido com Lucas você foi até a gerência e pediu para dar baixa em meu contrato. A Nice mesma me contou.

— Mari, que loucura! Eu jamais faria isso! Ela me disse que foi você quem pediu demissão. Eu nunca soube o motivo.

Eu não conseguia acreditar, Nice armou para mim. Por quê? Eu nunca saberei!

— Me desculpe! Eu não tinha ideia de que a Nice... – Inicie!

— Vamos deixar isso pra lá? Para você tem sido ótimo, eu fiquei sabendo. Está trabalhando com o que ama. Deu certo para você! – Ele me interrompeu.

— Verdade!

— Quero falar de coisas boas, falar do futuro! Que tal se formos os três juntos para o Baile?

— Quem? – perguntei, sem entender quem seria essas três pessoas.

— Eu, você e o Lucas, ora!

Eu sorri, e apoiei meu queixo em uma das mãos que estava apoiadas com meu cotovelo sobre a mesa.

— Eu nunca namorei o Lucas, foi só uma noite! Depois disso nunca mais o vi. – Eu não precisava contar a ele que saímos mais vezes.

Ele parecia surpreso. E seu sorriso me dizia que gostou da notícia.

— Poxa! Sinto muito! – Não sentia.

— Não sinta! Fui eu quem não quis mais vê-lo. Para preservar a amizade, sabe? Eu não estava com a cabeça boa na hora e, isso poderia prejudicar nossa amizade, e...

— Já entendi! Eu sou tão idiota que joguei você nos braços dele!

— Não! Você não teve nada a ver com isso! Imagina! – ironizei, sorrindo – Tá... Só vinte por cento – completei.

Rimos juntos, e ele parecia confortável com a brincadeira. Então achei que seria a hora de ir. Não queria voltar naquele assunto. Não queria falar do Lucas. Não com ele!

Chegamos à porta e ele abriu-a, para que eu passasse primeiro. senti falta desse cavalheirismo. Paramos de frente um para o outro no estacionamento, e eu aguardava que ele me abraçasse; mas ele colocou as mãos dentro dos bolsos do seu jeans e eu cruzei os meus braços.

Os braços dele pareciam mais fortes e seus ombros estavam mais

largos. Seria possível isso? Eu precisava ser mais discreta, meus olhos percorriam ele por inteiro. Mas os dele faziam o mesmo comigo.

— Foi bom ver você! Obrigado por vir! – ele se despediu rapidamente e parecia um pouco sem jeito. Me despedi também e fui ao meu carro.

Enquanto dirigia de volta para casa, fiquei relembrando aquelas duas horas com Bruno e não tirava da cabeça todas as vezes que ele evitou me tocar, quando estava claro que tudo que ele queria fazer era isso. Não conseguia parar de me pensar em seus olhos olhando nos meus como antes, me mostrando o seu desejo. Talvez ele não percebesse, mas seus olhos o entregavam, deixando-o com seus pensamentos expostos. Pelo menos para mim. Eu não havia me esquecido de tudo que ele fizera. *Mas ele estava mais gato.*

Quando cheguei em casa coloquei meu telefone para carregar e, antes de deixá-lo na mesa, tentei mais uma vez falar com Lucas. Mas ainda era impossível. Ele me deixava sempre bloqueada e eu nunca podia ligar porque se a Lucy soubesse que ainda mantínhamos contato isso poderia acabar com seu casamento. Mas eu sentia tanto a falta dele...

Vinte
Lucas

O estúdio era o único lugar onde eu podia voltar a ser eu de verdade. Onde era verdadeiramente livre!

Ainda pensava muito em Mariza. Tinha saudades das nossas conversas infinitas e sem hora marcada. Sentia falta até das nossas conversas sem sentido. Eu não sei em que momento deixei de pensar por mim e virei aquele zumbi que chamam de marido.

Meu casamento estava ótimo, a Lucy era tudo o que um homem poderia querer. Mas após três anos de casados eu havia pensado em desistir. Não conseguia viver naquela monotonia. Não conseguia imaginar um motivo válido para desistir de querer o divórcio, porque o problema não era ela, era eu! Sentia falta de ser solteiro!

Liguei para Mariza no intervalo do trabalho e contei para ela o que estava sentindo.

— Isso é o que todo mundo fala, Lu! – ela me disse.

— Eu sei. É clichê! Mas não é mentira! Que problema uma mulher como ela teria? Eu é que me cansei mesmo! Eu não estava pronto. Não deveria ter me casado.

Eu gosto dela, mas não o suficiente para querer me anular como eu sou de verdade para agradá-la! Só não sei como se separa de alguém tão incrível e aparentemente sem motivo.

— Você deveria tentar fazer dar certo. Você pode se arrepender depois. E será tarde.

— Quem é você? Defendendo a Lucy?!

Desde que nos casamos, Mariza não havia tido muito afeto por Lucy. E o principal motivo teria sido a briga no nosso noivado, quando liguei para ela, chorando. *Rancorosa!*

— Divórcio é coisa séria. Pense bem!

Sentei-me no chão da sala acústica e passei a mão em meu cabelo. Meu coração ficou apertado e a saudade da Mariza aumentou naquele momento. Eu queria muito estar com ela agora! Poder deitar mais uma vez em seu colo amigo, receber seu carinho e poder ficar à vontade para dizer tudo que se passava em minha cabeça.

— Alô? – ela me chamou após um pequeno silêncio, enquanto eu

pensava nela.

— Vem me ver, Batatinha... – Supliquei

Mas ela não disse nada! E deixei, para ver até que horas o silêncio ficaria entre nós.

— Hoje não! Mas eu quero muito ver você, Best! – ela tentou ser fofa. Como era antes de afastá-la da minha vida.

— Como foi que chegamos aqui? Tão longe um do outro? – Choraminguei.

— Não sei. Mas temos que pensar melhor, agora que você é casado e sua esposa me odeia.

— Não te chamei para transar, Mariza! Só quero a companhia da minha amiga de volta. Que droga! – esbravejei.

Não seria uma má ideia repetirmos a dose daquele sexo gostoso que fizemos na minha casa. Mas não nessa situação. Não casado – pensei.

— Eu sei! Não foi isso que eu quis dizer... — Ela pausou — Vamos mudar de assunto?

Então ela me contou sobre o Bruno, do seu encontro com ele e sobre o convite do baile de debutante da empresa, porém, no meio do assunto precisei desligar. Lucy havia chegado ao estúdio, e se ela soubesse com quem eu falava, isso não ficaria nada bonito. Nem tive tempo de dizer o que pensava a respeito daquele cara voltar para vida da Mariza. Era tão raro as vezes que conversamos, mas eu havia marcado com a Lucy de conversarmos sobre nosso relacionamento e eu não poderia mais adiar.

Eu tinha lhe dito muitas coisas por mensagens e ela tinha se mostrado muito madura. E insistente também. Disse que não queria desistir de nós sem tentar. Mas como poderia convencê-la de que já havia desistido? A conversa rendeu pouco, porque aparentemente Lucy queria me prender com sexo. O que era maravilhoso, mas não iria mudar o que eu pensava. E eu não estava a iludindo. Sempre fui claro em dizer que o sexo não era o motivo de eu querer me separar. Mas ela sempre dava um jeito de me fazer perder a cabeça.

Ela já havia até conseguido me masturbar enquanto eu dizia a ela que era melhor cada um seguir sua vida, e eu acabei parando de falar. Apenas gemi de prazer porque sua boca pequena e quente estava em meu membro, que latejava de êxtase. Naquele dia, ela chegou ao estúdio de saia e camiseta, sentou-se em minha frente de pernas abertas e se tocou vagarosamente, enquanto eu tentava dizer algumas poucas palavras. Dava para ver sua calcinha encharcada. Eu tentei manter-me firme, mas era impossível! Eu

estava muito excitado. Parei de falar e só a observei se tocar enquanto eu me masturbava também.

Eu não ficava nem um pouco feliz com aquilo. Embora no momento eu achasse bom, no final, minha consciência doía porque eu sabia que ela estava se esforçando para não perder seu marido, e eu mesmo, depois de todo esse show sexual, voltava com aquele desejo insano de separação. Eu claramente não a merecia.

Quando saímos, paramos para tomar sorvete em uma dessas sorveterias artesanais que ela amava. Tentamos conversar mais um pouco, mas fomos interrompidos por um casal de amigos que pararam para nos cumprimentar e contar a feliz notícia de que seriam pais. Aquilo acabou criando um clima pesado para nossa situação. Lucy sempre quis ser mãe e pensávamos em ter um filho quando fizéssemos cinco anos de casados, depois de muitas viagens e passeios divertidos. Mas depois do primeiro ano de casados nunca mais havíamos tocado no assunto. Porém, depois daquele encontro, ela ficou tensa e quis voltar logo para casa.

Entramos no carro e ela ligou o som, e me pareceu incomodada.

— Onde está aquele pen drive? – Ela perguntou revirando o porta-luvas do carro.

Uns dias depois que Mariza e eu transamos coloquei o *play day* no pen drive e depois que me casei o mantinha no carro. No porta-luvas. Escondido. Mas de alguma forma Lucy o encontrou há mais ou menos dois meses e sempre que estávamos juntos ela o colocava para tocar.

Dei de ombros na esperança de que ela o deixasse onde estava. Eu ficava tão incomodado quando ela o tocava! Mais ainda porque as músicas me lembravam a Mariza, minha amiga que eu tive que afastar da minha vida para que meu relacionamento desse certo.

Ela então desistiu de procurá-lo e sintonizou uma rádio. Estava tocando Adele, a sofrência americana com melhor timbre.

Ela estava inquieta, impaciente. E toda vez que eu me virava para ela, a via desviar o olhar. Então, de repente, de um fôlego só, me questionou:

— Por que se casou comigo?

Eu tinha as respostas, mas não podia revelá-las.

— Eu gosto de você, Lucy, só sinto falta da vida de solteiro.

— Isso não responde minha pergunta, Lucas!

Eu não consegui dizer nada. Mas ela tomou fôlego e virou-se para mim.

— Se a questão é ficar com outras mulheres, que tal se fizéssemos um ménage?

Vinte e Um

Lucas

— O quê? – Eu tentava manter o foco no trânsito enquanto ficava furioso com o que tinha ouvido.

Eu não acreditava no que ouvia. O sonho de qualquer homem estava sendo ofertado para mim, e literalmente ela se tornara agora a melhor mulher do mundo. Mas eu não suportei a ideia; parei o carro no estacionamento de um supermercado no caminho.

— Lucy, não! Eu não posso continuar fazendo isso com você. Não seja o que não é para não perder alguém que ama. E que a propósito não te merece. Não se rebaixe para elevar o ego de alguém para ele achar que te merece! Nunca faça isso!

— Lucas, não é isso – ela começou, mas eu não deixei que terminasse e disse de uma vez.

— Me perdoe! Eu não mereço você. Sou um otário, eu sei! Estou renunciando a uma pessoa incrível somente porque me sinto preso e não estou pronto para ficar na monogamia. Nunca traí você! Fisicamente não! Mas não é isso que você merece! Não é o que tem que ter! Eu amo você! Só não amo o suficiente para me prender para sempre! É como dizem: “sou bicho solto”.

Ela chorou muito e eu também, mas finalmente ela percebeu que não adiantaria insistir. Saímos dali com a decisão de que iríamos de fato nos separar. No dia seguinte eu iria procurar um advogado e resolveria tudo para nós! Não seria fácil, eu já sabia. Mas era preciso! Eu estava aliviado por ter conseguido resolver tudo como um verdadeiro homem.

Levei-a embora, arrumei minhas roupas em uma mala e fui para a minha antiga casa, que ficava nos fundos da residência dos meus pais. Aquela velha casa de três cômodos. Eles estavam viajando e eu podia passar a semana ali, sem nenhum tipo de cobranças ou perguntas; isso me daria tempo até acertar as coisas. Eu não queria voltar definitivamente para lá, mas por hora serviria.

No caminho, passei no bar do Júlio e comprei um engradado de long neck, uma garrafa de vinho, e levei junto meia garrafa de uísque dele. Conversamos pouco porque o bar estava cheio e o Diego estava pirando com

tanto trabalho. Mas, enfim, algo me fez feliz! Eu fiz algo certo! Eu consegui me livrar das drogas, fui um ótimo *barman*, dei um ótimo treinamento para aquele rapaz e terminei meu estúdio, que por sinal, estava dando muito certo.

Voltando para casa, senti apertos em meu peito que me faziam querer ligar para Lucy e dizer que eu sentia muito, que queria voltar. Mas no fundo eu sabia que era momentâneo. Era simplesmente desespero. Medo. Como um cachorrinho, que após três anos na casa do seu dono, sendo muito bem tratado, foge e não sabe como vai viver na rua, onde não há hora nem lugar para sua rotina. Mas eu sabia que, como esses vira-latas, eu seria um grande sobrevivente conhecendo o mundo, aprendendo a atravessar ruas movimentadas e até me arranjando para dormir bem toda noite.

Liguei meu som portátil e me joguei na cama. Estava tudo impecável por ali. Meus pais haviam feito uma bela reforma e nem parecia mais a casa da qual saí há três anos. Mas estava vazia, sem TV, sem geladeira, sem fogão, pois levei tudo que tinha quando nos casamos e comprei minha casa com Lucy. O guarda-roupa ainda estava ali, porque na casa nova Lucy preferiu colocar um daqueles feitos sob medida. E no lugar da minha velha cama com cabeceira de madeira na cor clara, havia um sofá cama. Eu não sabia como me portar, não sabia como agir. Só sabia que havia conseguido!

“Estou em casa.” – Enviei uma mensagem para Mariza.

“E onde você estava?” – Ela não entendeu.

“Eu saí de casa. Estou aqui onde morava antes de me casar. Lucy finalmente me deixou ir.”

“Nossa! Nem sei o que dizer. Mas e agora?”

“Ainda não faço ideia. Mas quero viver um dia de cada vez.”

“Não tenho que te dar os parabéns, né?”

“Poxa! Saí dessa como um homem! Eu mereço.” – brinquei.

“Não sou a favor de divórcios, você sabe.”

“Quer vir pra cá?” – ignorei o assunto.

“Primeira missão de divorciado: você ainda não é divorciado. Então ela ainda pode se magoar e usar tudo contra você, queridinho.”

“Poxa, virou advogada, Dra. Batatinha?”

“Eu até quero ver você! Mas vamos esperar a poeira baixar para não parecer o que não é.”

“Desde quando pensa antes de fazer alguma coisa assim?”

...Silêncio... Ela não respondeu, acho que a magoei. De onde tirei isso? Ela sempre pensou antes de agir!

“Você sabe que eu estou brincando, não é?”

“Sei sim.”

Enviei uma foto minha, deitado na cama sem camisa, com minha cabeça apoiada sobre meu braço. Mas ela não respondeu.

“Qual é? Seria ótimo repetir a dose. Dois amigos se pegando, sem compromisso, e depois poderíamos ficar deitados colocando o papo em dia.”

Ela visualizava e não respondia. E eu não desistia.

“Você acha então que agora nos resumimos a isso?” – ela finalmente respondeu.

“Não, Batatinha! Para de exagero! Mas não faria mal. E só de imaginar eu já fiquei empolgado.”

Enviei outra foto. Dessa vez da minha mão segurando meu pênis. Ela parou de responder. Até liguei, mas ela não me atendeu. Continuei minhas bebidas. E as quinze cervejas já tinham acabado. E a terceira meia taça (era o único “copo” que encontrei) de uísque que tomei estava começando a fazer efeito. Acabei pegando no sono.

Estava no meu quinto dia de separação e só saía de casa para trabalhar, e na volta sempre passava no bar do Júlio. Comprava bebidas e voltava para casa, onde ficava assistindo qualquer coisa no celular até pegar no sono. Quem me via poderia achar que eu estava deprimido, mas eu só estava curtindo a minha liberdade, minha privacidade. Realmente como eu queria.

Estava pensando ainda mais na Mariza, tinha saudades dela todos os dias. Como ela não me atendia e não respondia as minhas mensagens, eu estava enlouquecendo sem ter com quem conversar sobre tudo aquilo! Acho que não ter muitos amigos não é mesmo uma boa ideia para alguém que está passando por um processo de divórcio.

Passei pela rua da casa dela naquela semana para me desculpar por ser um imbecil. Parei em frente à casa e fiquei buzinando, incansavelmente, esperando-a sair de um daqueles prédios. Já que não sabia qual era o dela. Mas a única coisa que aconteceu foi um vizinho dela ameaçar chamar a polícia, caso eu não parasse com o barulho. Eu já tinha bebido algumas doses de tequila com Ed na festa de um de seus amigos, e ter a polícia por perto naquele momento não seria bom para mim. Minha cota de besteiras já tinha se esgotado. Liguei o carro e fui para casa.

“Aonde você está? Acabei de passar pela sua rua. Você não estava em casa!” – Enviei uma mensagem para Mariza, enquanto tentava pegar no

sono deitado em minha cama. Sem resposta, mais uma vez.

Meus pais voltariam em dois dias, e eu não gostaria de estar lá quando eles voltassem. Não estava pronto para contar a eles que havia me separado da nora dos seus sonhos. O problema era que ainda não tinha encontrado uma casa para alugar. Tinha olhado nos sites e nada! Geralmente Mariza me ajudaria... *Ela sempre resolve tudo!*

Vinte e Dois

Mariza

Tinha acabado de chegar de um ensaio de gestante. Fechamos contrato para o acompanhamento mensal. Ela acabara de descobrir a gravidez e queria registrar, mês a mês, a evolução da barriga até o nascimento. Daqueles ensaios que o casal veste todo mês a mesma roupa, só para que no final dos nove meses notássemos o quanto evoluiu de um feto para enfim um ser humano em seus braços.

Fazia dias que eu estava evitando o Lucas – uns seis dias, na verdade –, e agora era obrigada a ligar para agradecer a indicação do casal Marta e Eduardo. Quando chegamos ao local do ensaio foi que soube que a pessoa que ela me disse ao telefone era o Lucas. Aparentemente são amigos da Luciana também. Então em breve ela saberá que ainda mantemos contato.

— Obrigada pela indicação! – liguei para agradecer, e ele não esperou que o telefone chamasse mais de uma vez.

— Olá para você também! – ele tentou brincar, mas eu não estava mesmo querendo nada disso naquela hora.

— Eles são ótimos. Mas me fizeram perguntas. Então em breve a Luciana vai te ligar para saber há quanto tempo mantemos contato – eu disse, ignorando a brincadeira.

— Mas que droga, Mari! Eu não tenho mais nada com ela. Ontem dei entrada nos papéis. E não vejo a hora deles chegarem para eu assinar minha liberdade!

— Uau! O “Lucas solteiro” agora é mesmo grosseiro!

— Não! Desculpe, não queria que parecesse grosseria. Não estou brigando com você! Eu só...

— Está tudo bem! Eu tenho que descarregar a câmera e começar a edição das fotos. Então... – Eu o interrompi imediatamente.

— Não! Espera aí! Já vai?

— Beijo, Lu! Obrigada mais uma vez!

Não esperei que ele dissesse mais alguma coisa e desliguei. Graças a Deus não me retornou. Não estava tendo muita paciência com ele e não queria ficar muito perto no período de divórcio. De alguma forma aquilo poderia prejudicá-lo, e eu estava conversado muito com o Bruno. Saímos duas vezes naquela semana. Eu estava gostando muito desse tempo juntos, e

ele insistia que eu o acompanhasse ao baile. Eu estava cogitando seriamente o convite.

— Lucas ainda me liga, mas não tenho mais tanto apego – contei para Karen, que me ligava semanalmente para saber das novidades.

— Ele foi um babaca em ficar te mandando fotos e chamando para transar. Mas ainda acho que vocês gostam um do outro.

— Não tem nada disso! É amizade, afeto.

— Sei! – Ela gargalhou, e em seguida ouvi um barulho de vidro se quebrar. — Larissa! Suba já para o sofá! – ela gritou com a sua filha de dois anos. — Deixa minha sobrinha em paz! – eu sorri, a defendendo.

— E vou deixá-la cortar o pé?! Ai, Mari, ela está cada dia mais agitada!

— É saúde! – Eu ri, imaginando suas travessuras.

Ainda nem a conhecia, mas a amava como se tivesse saído de mim.

— Preciso desligar! O Marcos ainda não chegou e temo que com um descuido ela beba água sanitária!

Rimos juntas.

— Ei! Preciso mesmo ir, mas se não vai levar a sério o que te disse sobre o Lucas, ao menos não se esqueça que você merece se divertir. Então, aceite o convite, vá ao tal baile com Bruno.

Eu não queria me enganar de novo. Por mais que eu estivesse morrendo de vontade de atacar a boca do Bruno toda vez que o via, ou até quando falávamos por telefone, eu não podia ceder tanto assim. Fiquei horas na frente do computador, editando fotos e pensando se deveria mesmo ir ao tal baile, e com o Bruno. E imediatamente minha mente fugiu para modelos de vestidos, e logo eu já estava no Google fazendo uma busca minuciosa. *Que tal um vestido longo?* Vi um modelo elegante que era a minha cara. Decote discreto com as costas abertas, modelo sereia, nude, com brilhos por todo ele. *É esse!*

— Oi, Mari. – Bruno parecia esperar por minha ligação, pois atendeu empolgado.

— Oi. Pensei bem e resolvi aceitar seu convite! Mas seremos só dois amigos naquele baile, ok?

— Ok! Prometo me comportar! – Sua voz me dizia que ele estava sorrindo. — Vai ser legal ter você comigo – ele mudou o tom de voz e era um tom galanteador.

— Ok! Tenho que desligar e procurar uma boa costureira para fazer

meu vestido. – Eu disse.

— Não pode alugar um como uma pessoa normal?

— Ah! Não sei se encontro o modelo que pensei. E pare de ser tão mandão!

— Minha tia tem uma loja de vestidos de festas aí perto de você. Quer que eu te leve lá?

Aceitei sua oferta. Ele veio me buscar minutos depois e me levou até a tal loja, que ficava no shopping. Quando entrei, percebi que já conhecia o lugar e um dos funcionários, que aparentemente não se lembrou de mim. Era a mesma loja no shopping que certa vez fui com Lucas, para experimentar um vestido no nosso “primeiro encontro”. Eu não tinha nada a esconder do Bruno, mas ficar ali me fazia lembrar o Lucas e o quanto estava sendo dura com ele! Fiquei desconfortável. Tirei meu telefone da bolsa e o segurei em minhas mãos enquanto me recostava ao balcão à espera de Bruno, que seguiu loja adentro atrás de sua tia.

— Não! – sussurrei para mim mesma depois de digitar o número do Lucas e antes de apertar para chamar.

Eu ainda não podia ceder e ficar por perto enquanto ele passava pelo processo de separação. E eu ainda estava um pouco ofendida por sua atitude daquela noite em que me mandou fotos. Fiquei com a impressão de que ele queria apenas sexo, quando eu só queria matar a saudade. Acabei ficando ofendida e magoada.

Consegui me entender com a costureira, que me garantiu que em poucos dias o vestido ficaria pronto, e eu teria que voltar para prová-lo. Bruno me apresentou à sua tia que ficou explicitamente feliz por vê-lo acompanhado.

— Desculpe por minha tia.

— Que nada! Ela é uma fofa! Faço fãs até sem saber, viu só? Aprenda! – disse, socando seu braço.

— Ela me envergonha às vezes.

Ele disse, abrindo espaço para que eu passasse em sua frente na escada rolante. Estávamos indo à praça de alimentação comprar almoço para Dona Zélia, a tia, que deixou escapar que soube de nós dois há um ano e que torcia para que a gente desse certo. Enquanto caminhávamos pelos corredores largos do shopping, fiquei observando o rosto do Bruno e ficamos constrangidos. Eu mais ainda, por ter sido pega o encarando.

— O que foi? – ele perguntou com sorrisinho bobo.

— Nada! Eu só estou pensando em quantas mulheres você já deve ter apresentado à sua família – improvisei, já que eu estava admirando o quanto o achava lindo, e como sua falha nos dentes da frente fazia do seu sorriso ainda mais charmoso. E mesmo sem saber, ele estava me conquistando de novo.

— Nenhuma... Minto. Apresentei apenas uma! ... Você.

— Não pode ser – disse, desacreditada.

— Eles são carentes e se apegam fácil. Não posso apresentar qualquer uma a eles.

Ele sorria enquanto passava a mão no braço, e abaixou a cabeça, fazendo charme e sorrindo de volta para mim. E eu sorri de volta em resposta. Era incrível, como aquele sorriso parecia novidade para mim. Estranho como nunca havia notado, ou dado importância esse charme das falhas dos seus dentes.

Depois que ele me deixou em casa, fiquei tentada mais uma vez a ligar ou mandar mensagem para o Lucas, para saber ao menos como ele estava, já que depois de não responder suas mensagens ou atender suas ligações ele desistiu e nunca mais ligou. Já fazia uma semana...



O dia do baile chegou e eu estava ansiosa, nervosa e pronta uma hora antes do combinado com Bruno. Passei o dia no salão, e durante toda essa semana que passamos à espera desse baile, Bruno não deixou de me fazer companhia um dia sequer, fosse por mensagem ou telefonema. Talvez tenha sido porque quando saímos da loja de vestidos, no caminho para casa eu resumi minha história com Lucas e disse que eu sentia falta do meu melhor amigo, mas não podia ceder ainda!

Das duas uma, ou ele quis me fazer companhia ou quis tomar o lugar do Lucas!

Sentei-me para ouvir músicas a fim de me acalmar e desligar meus pensamentos. Eu batucava meus dedos no braço do sofá, meus pés não paravam de bater no chão, seguindo o ritmo dos meus dedos. Eu não conseguia escolher uma música. Então deixei o telefone no sofá para evitar

do meu desespero me fazer chamar pelo Lucas numa mensagem, pedindo que me desse um bom motivo para não ir a essa festa com Bruno. O que talvez ele faria sem pensar duas vezes. Sentei perto da janela, pensando o porquê eu faria isso, se Lucas não sabia que eu e Bruno mantínhamos contato.

“*Não encontro vaga na sua porta, se importa em descer?*” – Bruno me enviou mensagem, preocupado por não poder descer do carro e me buscar na porta de casa como sempre fez.

“*Sem problemas*” – respondi e desci em seguida.

Estava um pouco nervosa e com vergonha. Eu ainda não sabia bem se era o fato de estar tão arrumada ou por não saber como aquela noite terminaria.

Meu vestido era simplesmente maravilhoso, exatamente como eu havia imaginado. Quando saí pela portaria Bruno estava dentro do carro, parado em local proibido, me aguardando. Assim que me viu arriscou sair do carro e, deixando-o ligado e aberto, veio em minha direção.

O tempo parecia que havia parado, ele estava andando em câmera lenta (pelo menos para mim) e parecíamos estar em um filme muito clichê. Ele se aproximou com as duas mãos de palmas unidas, na frente da boca, como se fosse rezar. Com os meus olhos arregalados. Continuei em sua direção.

— Minha Nossa! Você está maravilhosa! – ele exclamou exageradamente.

Eu não conseguia dizer nada! Apenas *obrigada*. E entrando no carro depois que ele abriu as portas para mim, eu repeti.

— Obrigada.

Eu queria muito conseguir respirar fundo e dizer o que estava me sufocando naquele momento. Ele estava muito lindo de visual novo, havia deixado a barba crescer um pouco mais, estava bem-feita, bem marcada. Vestia um terno azul marinho, uma camisa branca e uma gravata fina azul. Ele colocou o cinto de segurança, arrancou o carro e me olhou no passar de marcha.

— Está tudo bem? – ele perguntou, me olhando. Eu sempre fui tímida, e já havia me segurado muito perto dele todas aquelas semanas. Mas algo estava diferente, eu não queria ser eu. Não aquela noite.

— Está calada! Quer que eu encoste? – ele perguntou, franzindo a testa. Então não segurei:

— Você está um gato! – disse, cruzando as pernas e me virando para

ele.

— Gostou do novo visual? – respondeu, sorrindo e me deixando louca com aquele sorriso incrivelmente sedutor.

Olhei pra baixo e não acreditei no que via.

— Porra! Você está de tênis. Tá falando sério? – disse com a expressão sorridente e desacreditada.

— Eu não queria vir tão social. Só a ideia me incomodou. E vi esse modelo na loja que achei muito legal. Não gostou?

— Claro que gostei! Tão diferente. E ficou tããão sexy! Bruno, você já é lindo, mas hoje você está fora do normal!

Tapei os olhos de vergonha por deixar minha boca expressar o que minha mente pensou. Ele colocou sua mão sobre a minha e, me olhando, sorriu. E sem dizer nada. Eu sabia que ele queria falar que estava tudo bem eu demonstrar o que penso.

Desde que ele voltou à minha vida, aquela foi a primeira vez que ele me tocou. Por mais que ele tenha se esforçado, todas as vezes que nos encontramos, para que não acontecesse. Eu devo ter facilitado mais para que ele tenha tido coragem de encostar em mim novamente. Segurei sua mão com certa força, dando a mim mesma mais segurança. Foi quando ele começou:

— Sei que gosta de fazer os momentos ficarem marcados com músicas. Então essa vai ser nossa música dessa noite. – Ele ligou o som que já estava em pause, ajeitou a gravata e continuou:

— Maroon 5 *Get back in my life*. Levou tempo, mas achei uma música que tivesse um pouco a ver com a gente. Ou comigo, não sei!

Eu ria sem jeito. A música era realmente boa, pelo menos o ritmo era. Eu não sabia sua letra, mas ele fez questão de cantar a tradução de algumas partes que ele claramente decorou para aquele momento. Começamos a dançar dentro do carro, mexendo o corpo e balançando as mãos para o alto com o ritmo da música, e ele começou a cantar o que traduziu.

... Você é uma imagem perfeita, completamente vale a pena...

Eu o olhei e sorri encantada pela frase proferida.

... Você me deixa contra a parede. É impossível expressar como você me faz bem.

Eu sorri de novo e diminuí o ritmo da dança para prestar atenção.

... E você sabe o quanto eu sinto sua falta,

...E você sabe que não posso resistir,

Eu congelei o encarando e ele continuou olhando para frente,

batucando no volante como se estivesse sozinho no carro.

... *Volte para minha vida.*

... *Eu nunca vou te deixar sozinha.*

Parei de dançar e fiquei olhando-o repetir as frases à medida que a música rolava. Não estava nada bonito ele tentando acompanhar o timbre do *Adam Levine*, mas não era isso que estava me incomodando naquele momento. Ele realmente ensaiou tudo, até mesmo fingia que não via meu rosto paralisado com o que ele me dizia/cantava. A música acabou e começou outra que, sinceramente, eu não me lembro qual era e então ele me olhou sorrindo, divertindo-se muito.

— O que foi? – Colocou a mão no meu queixo. – Hãh? O que foi? Não gostou? – perguntou, já sabendo a resposta.

— O que foi isso? – questionei, sorrindo e trêmula.

— Espera! Não acaba com minha coragem! Eu não sabia o melhor jeito de dizer sem que você saísse correndo e lembrei que você ama filmes, música. Então pensei: “como combinar tudo que ela ama, sem ser clichê e brega?”.

Eu virei meu rosto para a rua, sorrindo. Eu podia ver que ele não parava de olhar para mim, à espera de uma resposta.

— Essas armações são só comigo? Primeiro, há um ano você me faz aquele teatro todo com o jantar de negócios do livro do André para me beijar.

— Ei! O livro era real! – ele se defendeu, sorridente.

— E agora você monta todo esse esquema, aquela tarde que passamos no café da seis, o convite enviado por um motoboy, esse baile.

— O baile também é real. – Ele respondeu arqueando apenas uma das sobrancelhas e dando um sorrisinho no canto da boca.

— Você decorou só essas partes?

— Sim! Era o que eu queria dizer! Não gosto de música internacional tanto assim. – Ele sorria muito confiante, parecia não se importar com minha resposta. Claramente estava feliz pelo feito.

— E você? É real também? – disse, encabulada.

— Sou sim! – Ele virou o rosto para entrar na rua. –Chegamos.

Ele nem parou o carro e um rapaz se aproximou para levá-lo ao estacionamento. Outro abriu a porta para mim, e nos encontramos na entrada do salão. Lado a lado, cruzamos nossos olhares e eu era só sorrisos. Eu não estava mais trêmula, nervosa ou com medo. Encostei minha cabeça em seu ombro, e ele encostou sua cabeça sobre a minha e sussurrou:

— Vamos curtir a festa e esquecer tudo isso por enquanto, tá bom?

— Tá bom!

Assenti com a cabeça e aceitei sua mão, que se entrelaçou com meus dedos. E imediatamente senti um frio na barriga. Mas era algo bom!

Vinte e Três
Bruno
Dois anos depois

Blin... Blin... Blin...

— Aonde o Bruno arrumou esse sino? – Ouço Mariza perguntar a Karen, que estava sentada ao seu lado, tão incomodada com o “sininho” quanto todos à sua volta. Ela acenou para que eu parasse; então, tendo toda atenção do local, eu comecei meu discurso:

— Juro que me preparei muito, ensaiei diversas vezes frente ao espelho, escrevi e reescrevi esse discurso tantas vezes que perdi as contas. Dona Regina me concedeu a palavra no seu aniversário. E, mais uma vez, parabéns, sogra! – Todos sorriram educados, e Regina sorriu agradecida por minhas felicitações!

Parei para tomar fôlego com as mãos na cintura e recomecei, sorrindo de nervoso:

— Desde o dia em que Mariza entrou naquela empresa eu não conseguia tirá-la da minha cabeça, e por mais babaca que eu tenha sido em deixá-la sair da minha vida, eu agradeço por Deus ter me concedido a oportunidade de tê-la de volta. Hoje faz dois anos desde aquele baile em que finalmente ela me beijou.

Ouvi gargalhadas e ela fez que não com seu dedo indicador enquanto sorria deslumbrante. Então eu continuei:

— Foi incrível desde então. E agora eu sei que quero muito passar o resto da minha vida com ela. Meu amor, poderia vir aqui?

Estiquei a mão à sua espera. E ela saiu da longa mesa com meus pais, minha tia, sua mãe, seu irmão – que nunca foi meu amigo – , Karen e alguns amigos de sua mãe.

— Mais uma armação, não é, sr. Bruno? – ela disse, chegando mais perto e segurando minhas mãos.

— Sim, e essa armação também é real.

Foquei meu olhar em seu sorriso e tirei do bolso uma caixinha preta com uma pequena fita dourada em cima e me ajoelhei.

— Ai, meu Deus, Bruno! – ela gritou, levando a mão à boca.

Ela ficou surpresa e tremendo. Então tirei da caixinha a aliança pequena com uma linda pedra por cima, como acontece nos filmes que ela

tanta ama, onde a noiva usa um anel solitário que quando se casam trocam por uma aliança tradicional dourada. Eu fiz exatamente como ela sempre sonhou.

— Eu te amo e sei que vou te amar para sempre! Casa comigo? – eu disse sorrindo, nervoso e temendo por sua resposta.

Então, com toda a família se levantando e aplaudindo, a vi chorar e me puxar de volta para cima em um abraço e um longo selinho. Antes mesmo que eu pudesse colocar a aliança em seu dedo:

— Sim, meu amor! Eu aceito!

Mariza

— Estou noiva! Eu vou casar! – eu não acreditava no que tinha acabado de acontecer e falava histérica à Karen:

— É lindo, Mari.

Estávamos todas admiradas com tudo, inclusive com o anel.

— Filha, eu não poderia estar mais feliz. – Minha mãe me abraçou, feliz por mim.

— Obrigada, mãe. Eu também estou nas nuvens! E obrigada por ceder seu aniversário para o pedido! Não poderia ter sido numa data melhor.

Fizemos uma roda e ficamos ali, admirando o anel, as palavras e todo o resto! Ele planejou tudo, o dia, o horário, as palavras...

— Como você sabia? – O abracei, mostrando o anel.

— Você foi bem clara em cada filme que víamos. “Acho linda essa ideia do solitário no noivado e a aliança de ouro no casamento”.

Eu o olhava sem acreditar na sorte grande em ser sua noiva, em ser sua escolhida para passar o resto da vida nesse mar de surpresas boas e atenção.

Faltando poucos meses para o casamento, começamos a levar minhas coisas para a casa do Bruno. O apartamento dele era maior, com mais cômodos, inclusive um quarto vazio onde faríamos meu escritório para trabalhar com a fotografia, estudar etc. Eu estava muito empolgada e comecei logo a embalar as coisas.

Karen resolveu passar uma semana comigo e naquela mesma noite voltaria para casa. Mas ela não poderia ir sem ajudar a embalar minhas coisas.

— É bom ter ajuda e melhor ainda que essa ajuda venha de você! – eu

disse a Karen enquanto entregava a ela as caixas vazias. E nesse mesmo instante, Larissa passou correndo por mim e se jogou no sofá para ver seus desenhos.

— Tia, eu posso pegar um travesseiro? – ela perguntou.

— Sim, meu amor. Pega o meu que está na cama.

Ela passou correndo por mim mais uma vez e assim que chegou ao quarto, ouvimos um vidro se quebrar. Karen saiu correndo e gritando:

— Suba pra cama ou vai cortar o pé!

Por algum motivo as pequenas mãos de Larissa não se davam bem com objetos de vidro. E por sempre andar descalça, Karen preocupava-se em dobro.

— Droga! Mariza, me desculpe! – Karen gritou do quarto.

Imediatamente saí em disparada, já sabendo o que ela havia quebrado. *O vidro com as lembranças do Lucas.* Cheguei até o quarto e me certifiquei de que ela não se machucou, então percorri o cômodo atrás do conteúdo do pote, que se espalhou pelo quarto entre as caixas.

— O que é isso? – Karen me entregou o papel de bombom.

— Eu guardo de lembrança – eu disse, pegando de sua mão e guardando no bolso da calça.

Continuei minha busca atrás do anel do refrigerante, que eu tirei da minha chave há algum tempo e coloquei de volta no vidro que agora era apenas estilhaços pelo chão.

— Sim, já percebi. Mas quem te deu esse bombom? – ela perguntou, debochando.

Eu continuava de joelhos no chão, concentrada me esquivando dos cacos de vidro e procurando pelo anel que havia desaparecido em meio àquela bagunça.

— Karen! Não é só quem. É onde, quando, por que... como... – esbravejei, fadigada.

Comecei a ficar aflita e nervosa. Então Karen tirou Larissa do quarto e voltou com uma vassoura e uma pá para me ajudar, sem fazer mais perguntas.

— Levanta, vou varrer e vamos achar seja lá o que for.

— É um anel de lata de refrigerante! – disse, sentando-me à cama e depois de dito em voz alta, percebi o alarde que estava fazendo por um *anel de refrigerante*.

— Me dê essa vassoura, eu sou uma idiota. Desculpe-me! Eu só não

queria que sumisse, mas tudo bem. Está na hora.

Quando voltamos para a cozinha e sentamos à mesa, Karen foi até a geladeira enquanto eu batucava na superfície, inquieta com meus pensamentos.

— Batatinha?

Levei um susto, elevei rapidamente a cabeça com os olhos arregalados e ela notou:

— Por que disse isso? – perguntei, brava.

— Eu só perguntei se quer batatinha. O que fiz de errado?

Ela estava com um saco de batatas congeladas estendido para cima. Coloquei os cotovelos sobre a mesa e levei as mãos ao rosto. Ela se sentou ao meu lado:

— Ei, o que está acontecendo?

— É o Lucas. — Bufe! — Aquele anel de latinha é do dia que nos vimos a primeira vez no shopping. Ele “serrou” meu refrigerante e no final tirou o anel da lata e me deu para guardar. E agora eu estou noiva e nem posso ligar e contar a novidade.

Tirei o papel do bombom do bolso:

— Esse papel é de um bombom que ele comprou para mim e eu guardei. Eu sei, sou patética!

Ela me olhou e gargalhou:

— Meu Deus, vocês são feitos um para o outro. Se ele me desse algo assim para guardar eu teria dito que não sou lixeira – ela debochou, rindo sem parar.

Ficamos rindo por um bom tempo, e ela tentou dizer algo para comprovar que não daria mesmo certo com ele.

— Você sente falta dele... – Ela afirmou, baixando o tom de voz, amável demais.

— Muita – resmunguei e baixei a cabeça. — O que eu faço? – Voltei meu rosto para ela.

— Liga para contar a novidade, coloque o papo em dia. Vocês são amigos muito antes do Bruno chegar em sua vida! Você tem esse direito. E está precisando desse tempo com ele!

— Mas eu não consigo ser como era antes. Ele me passa a impressão de que só quer sexo, ele sente falta das conversas indecentes, das chamadas de vídeo que fazíamos com joguinhos etc.

— Eu não acho que seja só isso! Ele merece mais uma chance. Tem

meses que não se falam direito! Você não tem que ir à loja de vestidos de casamento amanhã? Então, depois que sair de lá, vá até ele. Vão ver um filme ou sei lá o que vocês fazem juntos. Mas mata a saudade do seu amigo.

Karen estava certa, eu precisava vê-lo de novo, já fazia três anos que não nos víamos, só conversando por mensagem e ligações. E a cada dia eu me afastava mais! Eu estava realmente com muita saudade.

Ele sabia que o Bruno havia me procurado, mas não que fomos ao baile juntos. Muito menos que namoramos por dois anos. O que ele pensaria ao saber que vamos nos casar? Eu sentia falta dele todos os dias, mas comecei uma missão de esquecê-lo, para seguir minha vida e não me apegar a quem não me valorizava, não me apegar a quem achava que minha amizade só servia para beijos, sarros e sexo. Nesses dois anos que estive com Bruno, Lucas e eu quase não nos falamos. Mas o que eu queria mesmo era que voltássemos quatro anos atrás para termos nossa amizade sincera e pura de volta! Sentia falta até mesmo da nossa fase infantil, de filmes e conversas sem sentido!

Pensei bem, e decidi que não poderia desistir da nossa amizade assim. Eu não poderia continuar ignorando suas mensagens e não responder direito como estava fazendo a alguns meses! Eu precisava voltar a ser eu mesma com ele. Acabei me tornando quem mais temia: Aquela amiga que abandona os amigos por causa do namorado! Minha amizade com Lucas tinha que superar nossos erros. Superamos o sexo, íamos superar aquela distância!

Vinte e Quatro

Lucas

Mais de seis meses, era o tempo que tinha a última mensagem que Mariza me enviou. Não sabia mais nada da sua vida. Não conversávamos mais, e eu sentia muita falta dela.

Um mês após as mensagens que mandei bêbado, ela voltou a falar comigo, mas não era mais a mesma coisa. Eu sentia muita falta e não deixava de pensar nela! Conversamos pouco nos dois últimos anos e ela estava cada vez mais distante, mas eu não insistia, pois tinha medo de afastá-la com tanta pressão. Mas não deixava de sentir a falta da minha Batatinha.

Fazia exatamente dois anos e dois meses que havia me separado oficialmente. Perdi metade de um lote, vendi minha parte para ela e me mudei para um apartamento de um quarto. Perdi também metade de um carro e, por sorte, minha moto foi comprada antes de nos casarmos. Mas foi justo com ela! Fui eu quem acabei com sua vida e com seu sonho de felicidade eterna. Meu estúdio ficou muito conhecido e muito frequentado. Já cheguei a alugá-lo no domingo para três bandas diferentes, e graças a Deus está dando muito certo.

Lucy se mudou para o Canadá. Incrível como ela tinha nacionalidade americana e eu nem fazia ideia! Minha irmã abandonou aquele namorado que vivia indo e vindo da sua vida e se casou com o Hugo, aquele que me ajudou com a sonoplastia do estúdio. Meu irmão continuava solteiro e me fazia companhia nas noites! Já meus pais não aceitaram muito bem minha separação, e a família dela me apagou da vida deles. Não sem antes o irmão mais velho de Lucy tentar me dar um soco, me jogando no chão e me dando um empurrão com o pé no meu peito. Sorte que seu pai o segurou, para evitar que eu apanhasse mais. Eu não revidaria nem em sonho, eu mereci. Se fosse com minha irmã, faria ainda pior.

Mas ultimamente eu ficava mais em casa do que nas festas que meu irmão sempre arrumava. Gostava de curtir minha casa. Principalmente com tanta modernidade. Eu podia arrumar um esquema sem sair dali. Celular, redes sociais e aplicativos me faziam ficar preguiçoso e confortável; estava sempre online no Facebook (ferramenta antiga, mas muito eficiente), aceitando garotas novas e conversando muito! Só não confiava no Tinder,

achava muito superficial. O Facebook me mostra mais quem são as pessoas de verdade. Ou o mais perto da verdade. Isso até quatro meses atrás, quando recebi uma grande notícia, e fez com que minha rotina mudasse completamente. Inclusive essa novidade fez com que comprasse um apartamento maior!

“Por onde você anda, Batatinha? Por que não vem me ver e ficar perto de mim? Tenho novidades. Na verdade, a novidade é grande! Minha vida está de pernas para o ar e queria tanto que pudesse me ajudar agora! Por que não estamos mais próximos? O que foi que eu fiz? E o que eu posso fazer para arrumar tudo isso?”

Algumas noites, quando eu podia, bebia e criava coragem para escrever mensagens desse tipo para ela, mas minha coragem não passava de guardá-las em rascunhos. Devia ter umas sete notas com aquele mesmo conteúdo! Eu nunca as enviava porque tinha medo de como ela pudesse interpretá-las. E por não saber como eu contaria sobre essa novidade na minha vida! A realidade é que eu ainda não estava pronto para nada disso. Mas eu queria minha amiga de volta.

Sentado na beirada da cama, com a cabeça inclinada para baixo, fiquei olhando a tela do celular que segurava entre minhas pernas abertas e trêmulas, na esperança de perder a coragem de enviar.

“Batatinha?”

Apaguei as mensagens melosas e enviei algo mais simples, antes de enviar algo que me deixaria em suas mãos. Mas ela não respondeu. Eu estava sendo um covarde, mas não queria me entregar assim, principalmente porque não queria compromisso. Na verdade, eu não sei bem o que queria com aquela mensagem. Só sei que queria enviá-la; na minha cabeça estava apenas pedindo que ela voltasse para minha vida como era antes. Eu imaginava que ao saber como me sentia, se ao menos ela soubesse como a saudade e a distância estavam acabando comigo, voltaria a ser minha Batatinha. Minha Best.

Engraçado! Um tempo atrás estávamos conversando sobre nosso apego e ela, não se importando em ser transparente, me disse que já chorou de saudades de mim e que não sabia o que faria, pois sempre pensava e lembrava-se de mim, do meu perfume, minha risada, os filmes e até minha mania de morder o lábio inferior para seduzi-la. Então cantei a música do Lucas Lucco - *Pra te fazer lembrar*, e pra variar ela não conhecia porque só ouve música internacional (ela e essa mania) e essa ficou sendo nossa

música!

*“Mas sempre haverá uma data, palavra, um olhar,
Um filme, uma música, para te fazer lembrar,
Um perfume, um abraço, um sorriso só para atrapalhar,
Só para te fazer lembrar de mim.”*

Essa música era a nossa cara e agora estava eu vivendo e remoendo ela todos os dias. Sentindo saudades, imaginando como seria bom se pudéssemos ser amigos de novo.

“Oi, desculpa a demora! Estou andando tão ocupada que mal pego no telefone. O que vai fazer amanhã?”

Ela respondeu à meia-noite e meia a mensagem que enviei às dezenove horas. E eu já estava tão bêbado que mal conseguia achar meu celular que sumiu no sofá.

“Eu? Nada! Por quê?” – respondi, tentando não mostrar interesse, e olhando em volta da minha sala enorme e bagunçada.

“Tenho umas coisas para resolver perto do estúdio. Quer aproveitar para nos vermos?”

“Claro, vou adorar!... – Escrevi, mas logo apaguei para não parecer tão desesperado. Então enviei:

“Sim! Me liga e eu te busco, seja lá onde for.” – Depois que enviei, percebi que não mudou muita coisa.

“Rsrs tudo bem. Até amanhã.”

“Rsrs”? – Ela nunca tinha usado isso! Ela sempre fora de longos “KKK” – pensei.

“Não está podendo falar?” – perguntei, ansioso.

Ela não respondeu mais. Fiquei irritado, ela nunca tinha sido assim. Sempre insistira para que eu ficasse mais, e agora só conversava o necessário. Isso quando aparecia! Mas ao menos iríamos nos ver no dia seguinte.

Mariza mandou mensagem logo cedo, dizendo que às cinco da tarde já teria terminado seu compromisso. E justo no dia do meu aniversário eu estava atolado de serviço, com compromissos inadiáveis na rua. Eu temia que nosso encontro tivesse que ser remarcado. Estava de ressaca e cheio de problemas para resolver. Seria incrível passar mais um aniversário com ela. Apesar que seria apenas a segunda vez.

— Não se preocupe, Lucas, darei uma força ao Hugo. Pode sair para resolver o que precisar, e feliz aniversário! – meu irmão disse, pegando no meu ombro.

Sempre que pode ele vem nos dar uma força. Por mais sem juízo que seja, eu acabo aceitando suas ofertas de ajuda, e hoje era um dia que eu realmente queria isso. Quando resolvi sair do bar e abrir o estúdio ele se empolgou, mas com o tempo pulou fora. Porém, agora está sempre aqui!

— Obrigado, mano! E, Ed, por favor, não deixe o Hugo mais louco! É para ajudar, não atrapalhar – respondi sorrindo, e saí para resolver tudo o mais rápido possível para não precisar adiar meu encontro com Mariza.



Faltavam quinze para as cinco da tarde; por sorte consegui resolver tudo a tempo e fui até a sorveteria onde ela me disse que estaria, e não a encontrei. Fiquei sentado na entrada, tomei um açaí enorme, mas ela não respondia minhas mensagens, não atendia minhas ligações. Eu fiquei olhando para os lados, esperando-a aparecer, e com medo de que ela furasse comigo mais uma vez. Meu coração estava acelerado, eu estava muito empolgado, como nunca! Comecei a me preocupar e pensei em esperar mais, então, recebi uma ligação do meu irmão e tive que voltar às presas para o estúdio.

Algo com notas fiscais e liberações, e eu precisava ir para achá-las.

— Droga! Onde está você, Mariza?

Vim me perguntando pelo caminho até o estúdio. Tinha programado caminharmos até lá para ficarmos mais tempo juntos, finalmente ela conheceria meu tão planejado estúdio, pediríamos pizza, assistiríamos a filmes e atualizaríamos nosso Play Day. Eu contaria minha novidade e finalmente descobriria o que há de errado com ela. Mas pelo visto ela não queria me ver na mesma proporção que eu; nem mesmo devia saber que dia era hoje. Fiquei mais irritado no caminho de volta!

Quando cheguei ao estúdio ele já estava fechado. Meu irmão não perdia tempo e nunca ficava um minuto a mais que o combinado. Era sempre assim. O lugar era médio, nada grandioso, mas bem planejado. A discreta porta de entrada dava acesso a um balcão de recepção com CDs à venda, revistas sobre música, paletas diversas, baquetas, fones etc. E um sofá de espera. Deitei nesse sofá, esperando que meu irmão me dissesse qual era a tal emergência, já que não tinha mais ninguém na loja quando cheguei. Além de

o meu aniversário estar uma droga, parecia que combinaram de me fazer de bobo naquele dia. Meu humor mudou repentinamente.

— Então, se não precisava de mim, pra que eu voltei para o estúdio, Ed? Droga! – gritei com meu irmão pelo telefone quando ele me disse que conseguiu resolver o problema.

— Calma! Eu já resolvi, só preciso que assine as cópias que estão no envelope, amanhã levo cedo ao advogado e estará tudo resolvido.

— Eu espero! Pago esse advogado para não me deixar ter dor de cabeça, mas parece que vocês não estão satisfeitos comigo. Onde está esse bendito envelope, Ed? – Eu ficara mais irritado. E não conseguia decifrar o motivo real.

— Acabei deixando na mesa de som. Me desculpa! Não pude te esperar – ele disse, calmamente.

Levantei-me e fui até o interior do estúdio. De longe avistei um envelope. Ainda com o Ed ao telefone.

— Achei! Porra, Ed, você deixou a luz da sala acústica ligada? Já estou irritado e parece que você planejou me matar desse ódio hoje, não é?

— Desculpa, mano, nem percebi. Foi mal *aê*! – Ed não estava nem um pouco preocupado com minha irritação.

Caminhei em direção à porta da sala para desligar a luz.

— Filho da mãe! – disse enquanto via que a mesa também estava toda ligada. Desliguei e fui em direção à sala.

— Você é um irresponsável. Nem no meu aniversário você alivia! Estou louco pra ir para casa e...

Quando entrei na sala, a vi sentada na banquetta alta, bem no canto da sala acústica. Segurando um cupcake com uma plaquinha “1,99” fincado no topo dele.

— Batatinha! – Não acreditava no que via.

— Há! Você a encontrou! Espero que ela não tenha roubado nada. De nada, Lucas! – ouvi o Ed dizer as palavras, mas não o respondi. Desliguei, guardei o telefone no bolso e fiquei parado na porta a encarando sem acreditar. Ela se levantou e veio em minha direção. Eu não sabia por que eu ainda ficava tímido e sem reação perto dela. Até que ela se aproximou e nos abraçamos, interrompendo minha timidez e dando lugar aos nossos sentimentos, com nosso velho e bom abraço.

Frouxo. Apertado. Desajeitado. Demorado.

— Nossa! Que saudade!

Ela sussurrou enquanto me soltava.

Eu não a soltei.

Eu nunca a solto.

Ela que sempre se afasta, por mim passaria horas agarrado em seus braços.

— Onde você estava? – perguntei, segurando sua mão.

— Fiz você ir até a sorveteria para eu vir pra cá.

— E como achou o lugar?

— Liguei pra cá assim que você me disse que já tinha saído. Seu irmão atendeu, eu expliquei meu plano e ele me ajudou com o resto. E... Meeeu Deus, que irmão mais lindo é esse?

— Minha família é toda linda! Mas eu sou o mais bonito, claro! – Disse mexendo no cabelo.

— Você não muda, né, meu convencido?

Ela se afastou do abraço, mas ainda segurava minha mão com a que não estava ocupada segurando o bolinho. Eu avancei em sua mão na tentativa de morder o bolo, mas ela o esquivou de minha boca. Desliguei a luz e fomos para a sala ao lado, ainda segurando forte sua mão.

— Esse bolo não é pra mim? – perguntei quando ela o deixou na mesa.

— Calma! – Ela tirou um isqueiro e uma vela da bolsa.

— Ei! Não está pensando em acender essa vela aqui, está?

— É assim que se canta parabéns! Você nunca teve uma festa de aniversário? – ela sorriu, debochando de mim.

— Claro que já! Mas assim você vai colocar fogo no meu estúdio!

Ela nem se importou de estar em um lugar forrado com teto de isopor e com espuma acústica por toda parte. Então cantamos parabéns com a vela apagada mesmo! Depois a levei de volta ao estúdio, mostrei e expliquei como tudo foi feito.

— Aqui é o corredor que separa a sala de reuniões da sala de gravações, e essa é a mesa para reuniões, lanches essas coisas. A mesma que você me ajudou a escolher quando ainda se importava comigo. Lembra? – Fiz meu charme habitual

— Lucy não fez você comprar outra? – perguntou alisando a mesa com as pontas dos dedos.

— Ela nunca soube que foi você quem escolheu. E mesmo se soubesse, jamais a tiraria daqui.

E retomei a explicação:

— Essa é a outra parte do sofá que está na entrada, eu trouxe para cá, pois quando eu queria fugir dos meus problemas vinha trabalhar e ficava até tarde, e acabava dormindo nele. Ainda faço muito isso. No mesmo cômodo, um banheiro com um chuveiro. Já que não saía daqui eu precisava de um, para não precisar voltar em casa. E essa é toda minha fortaleza. Meu refúgio! Tem até um frigobar aqui.

— Nossa! Está tudo lindo! Você pensou em tudo mesmo! Essa cor cinza com detalhes amarelos ficou perfeita. E, a propósito, eu trouxe sorvete e deixei aí nesse frigobar!

Sentamos no sofá. Ela sempre ficou muita à vontade perto de mim, não importava quanto tempo passasse. Então tirou suas sandálias e se sentou cruzando as pernas em cima do sofá. Ficamos conversando sem parar, contando tudo, perguntando sobre o outro. Ela insistia que não havia nenhuma novidade tão legal quanto as minhas. Então eu falava mais que ela, mas ainda não havia tomado coragem para lhe contar minha grande novidade.

Já era noite e ainda estávamos juntos, e eu não queria que aquilo tudo acabasse. Pedimos pizza, tomamos o sorvete que ela trouxe e eu não parava de tentar beijá-la. Era impossível, minha cabeça se inclinava em direção à sua boca automaticamente. Mas ela sempre se esquivava e não falávamos sobre o assunto.

— Vou ao banheiro, fica de olho na pizza.

Pedimos pelo aplicativo em seu celular. Então ela o deixou em minha mão.

— Uma mensagem do WhatsApp! Ou melhor, tem alguém ligando! – gritei para ela.

“Mozão” era o que aparecia na tela do telefone, com uma foto dela com um cara. Estavam abraçados. Ela saiu do banheiro rapidamente, assustada.

— Me dê aqui. Obrigada!

Ela pegou o telefone da minha mão e foi para a sala acústica atender. Eu fiquei sentado no sofá, sem entender direito o porquê de ela não ter me contado daquele namorado. Estávamos conversando há horas e ela disse que não tinha nenhuma novidade! Um namorado é uma novidade. Uma grande novidade!

Vinte e Cinco

Mariza

O Lu se levantou e parou do outro lado do vidro. Ficou lá, parado, com as mãos sobre aquela mesa cheia de botões e sem tirar os olhos de mim. Então me virei de costas para ele.

— Tudo bem, amor, assim que pousar me envia mensagens. Também amo você!

Desliguei o telefone e fiquei imóvel do outro lado, olhando para ele, que também estava parado. Mesmo com medo do que viria a seguir, eu ficava reparando seu corpo, como estava lindo. Seu rosto não estava mais tão redondo como antes. Estava mais magro, seu cabelo – que amo – estava lindo. E aquela blusa preta destacava ainda mais a beleza dele!

Por que eu não contei logo quando ele perguntou sobre as novidades? Espero que ele não tenha reconhecido o rosto do Bruno! Ah, que se dane! Eu já vou ter que contar tudo mesmo! Por que eu não queria contar a ele? Não sei! Talvez porque o Bruno tivesse me traído e eu tivesse mudado como ser humano desde então.

“Toc- Toc”

Ele bateu com os dedos no vidro e acenou, me chamando. E eu não conseguia sair do lugar, porque eu sabia que, caso ele quisesse me ouvir, eu teria que começar desde o início, pois ele não sabia de nada, nem dos primeiros encontros com Bruno. Ele acenou de novo. E antes que eu sáísse do lugar, ele apertou um botão e sua voz ecoou em alguma parede à minha volta:

— Ô, estátua! A pizza chegou. Você vem ou não? – Seu sorriso continuava lindo!

Saí da sala e ele foi à porta pagar pela pizza. Puxei uma cadeira e sentei-me à mesa, à sua espera.

— Só não tenho pratos aqui – ele disse, entrando na sala, tentando equilibrar a pizza e o refrigerante sobre a mesa.

Eu estava muito sem graça e não sabia se ele estava tentando agir normalmente ou se não tinha visto a foto e o nome que me ligou.

— Que isso, quando foi que precisei de talheres para pizza?

— Tem gente que não gosta de pegar a pizza com as mãos.

— Não eu! Ainda sou eu – eu quis deixar isso bem claro!

Ele estava abrindo a caixa da pizza e me olhando vez ou outra,

desconfiado e até incomodado.

— Será?

Ele viu! Ele sabe!

Levantei-me e fui até ele na outra ponta da mesa ajudá-lo:

— Me desculpe! – eu disse.

Ele soltou a tampa da caixa e se encostou à mesa, colocando uma mão de cada lado do corpo.

— Mais de três anos sem nos ver, praticamente dois deles sem nos falarmos direito. Você não se lembrou de dois aniversários meus seguidos, não responde minhas mensagens e quando responde não é mais como antes, e nesse aniversário eu achei que você queria compensar todos os outros que perdeu. Você invadiu meu estúdio, mas não teve coragem de me contar que está namorando. Você acha mesmo que ainda é a mesma? Eu não sei não.

Ele voltou para a pizza, tirou seu pedaço e esticou a caixa para que eu pegasse o meu.

— Desculpe! Eu estava tão feliz de ver você que vim com a intenção de só te ouvir, te deixar falar.

Ele puxou uma cadeira, se sentou, e eu fui para o sofá.

— Mas não é assim que funcionamos, Mariza! Não é um monólogo, principalmente com tanto tempo sem nos vermos e nos falarmos! Eu queria saber de você também, droga! E você iria me deixar aqui contando até o que eu comi na ceia do natal de 1998 e eu só saberia desse namoro no dia que se casasse, é?

Enquanto terminava de engolir, franzi a testa e, ao mesmo tempo que o olhava, contorci os lábios.

— Não!... Você não fez isso! – Ele colocou o punho cerrado na boca, com os olhos fixados em mim.

— O que, Lucas?

Coloquei minha pizza de volta na tampa da caixa. Por mais que gostássemos de comer, brigando com ele não ia ter o mesmo gosto. Então desisti da pizza. E ele também.

— Nossa! Você já se casou. Foi o que disse com essa careta aí. Você quis dizer: “eu já estou casada, burro!”.

Levantei-me e sentei na cadeira ao lado da sua.

— Não! Claro que não! Ainda não me casei! Mas estou noiva. Foi no aniversário da minha mãe. Fizemos um almoço para os familiares e até a Karen estava lá. Eu nem fazia ideia do que iria acontecer, e ele...

Lucas se levantou, começou a juntar a bagunça em cima da mesa, fechou a caixa de pizza, fechou o pote de sorvete. E eu continuei.

— Eu queria te contar, eu tentei...

— Para! – ele esbravejou.

Assustei-me! Nunca o tinha visto daquele jeito. Seu rosto estava diferente.

— Ok, vou te contar do início — eu disse, pensando que ele estava bravo por eu não contar como tudo aconteceu. Mas não era isso.

— Por que você está assim, Mariza? Por que está tão diferente? Por que está mentindo, omitindo? O que aconteceu com você?

— Não é pra tanto, Lu – eu disse, levantando as mãos em pedido de pausa.

Ele estava diferente. Era um novo Lucas, um que eu não conhecia. Como se algo nele estivesse a ponto de explodir, e então o tom da sua voz aumentou e ele não parava de andar de um lado para o outro enquanto gesticulava.

— Não? Você nem me liga mais. Não me atende quando eu ligo, não responde minhas mensagens, nunca mais me contou nada, dizendo que não tinha nada de novo, e na verdade tinha! Você só não queria me contar. É por ele? Ah, é claro! O cara nem deve saber que somos, aliás, que fomos amigos um dia.

— Espera! Não é isso, Lucas, não fala assim. Ainda somos amigos!

Ele caminhou em minha direção e eu me levantei do sofá. Ele estava chegando perto, e meu coração disparou. Por um minuto pensei que ele se aproximaria para pedir desculpas, me abraçar e se acalmar. Até porque ele estava exagerando.

Ele andou em minha direção, um pouco ofegante e me encarando. Chegou tão perto que precisei encostar-me à beira da mesa para manter uma certa distância e manter meus pensamentos firmes. Ele não parava de se aproximar, mesmo não tendo mais espaço entre nós. Lucas chegou tão perto que eu conseguia ouvir sua respiração nitidamente. Seu perfume amadeirado era tão bom! O mesmo de sempre! Me fazia pensar em coisas que com muito esforço consegui parar de imaginar! E em um segundo de descuido meu, ele estava colando sua testa na minha, fazendo com que eu ficasse ofegante também!

— Lucas... – em tom ameaçador, encarei seus olhos.

— Mariza... – repetindo meu tom, Lucas enrolou uma mecha do meu

cabelo em seu dedo indicador e o levou atrás da minha cabeça com sua mão aberta, e colocou o peso de sua mão em minha nuca.

Era hipnotizante, como sempre foi; se eu ficasse a olhar para ele eu o beijaria, e estragaria tudo que consegui. Destruiria meu noivado e arrasaria com o coração do Bruno! Mas eu queria muito sentir a maciez dos seus lábios pequenos mais uma vez, como eu queria suas mãos por todo meu corpo. Ele estava muito ofegante e se contendo para não me atacar. E eu estava fazendo o mesmo!

Fechei meus olhos. Viajei em seu perfume que me perseguia desde o dia em que o conheci, e que agora me fazia perder o juízo. Enquanto com meus olhos fechados, senti sua mão descendo por minhas costas. As deixei ereta com a sensação do se toque e respirei fundo! De repente suas duas mãos apertaram meus quadris, erguendo-me e me colocando sentada na mesa. Abri os olhos assustada. E um pouco excitada. Ele tirou as mãos de mim de súbito, as apoiando uma de cada lado do meu corpo. Ele inclinou sua cabeça para baixo, entre um dos braços. Desistindo.

Passei a mão em seu cabelo. *Que saudade.*

Ele ergueu a cabeça sem levantar seu corpo e me olhou:

— Me desculpe! Eu não consigo te dizer o que está entalado, eu preciso, mas não consigo. Tudo que quero agora é sentir sua boca, tocar seu corpo... Se eu chegar mais perto, vou destruir tudo para você! E eu não tenho esse direito – ele pausou. E vendo que concordei com o que acabou dizer, ele desistiu, se encaixou entre minhas pernas e me abraçou! Não estava confortável, mas não era o que parecia.

— Tá tudo bem, Lucas! – Deitei minha cabeça sobre seu ombro e o apertei com mais força. — Sem perceber, eu o tirei da minha vida. A culpa é minha – disse, abafada por seus braços que agora estavam grandes e fortes.

— Eu queria que nada tivesse mudado. Passei por tanta coisa e... – Ele suspirou. – Ah! E eu só queria que estivesse comigo nessa bagunça! – Ele me apertou mais forte antes de se afastar devagar. Como se não quisesse me soltar.

Antes que eu abrisse a boca, ele foi até o sofá, pegou minha bolsa e a esticou para mim.

— É melhor você ir! Seu noivo vai ficar preocupado.

Senti um nó na garganta e meu coração disparou. O contorno de seu rosto transmitia uma sensação de tristeza e seu olhar era de desgosto, mas ainda sim permanecia firme! Eu queria contar tudo a ele, contar como eu

estava feliz agora e como sofri por um bom tempo quando finalmente entendi meus sentimentos por ele, os quais não conseguia controlar. Mas eu não poderia contar naquele momento! Na verdade, não havia mais tempo para isso. Tirei minha bolsa da sua mão, desci da mesa, calcei minha sandália e, ao passar por ele, lhe dei um beijo no rosto.

— Feliz aniversário, 1,99!

— Obrigado! – Ele segurou minha cabeça para afundar minha boca em seu rosto e pressionou os olhos como se estivesse curtindo cada segundo.

Caminhei até o estacionamento me segurando para não chorar. Entrei no carro e assim que a porta bateu não pude mais aguentar. Deixei que saísse tudo, pois minha garganta doía como se estivesse segurando uma pedra e não um choro! Apertei tão firme o volante com minhas mãos, que eu seria capaz de tirá-lo do lugar. Doía dentro do meu peito tão forte, que a sensação era de uma grande perda. Nunca tivemos um momento mais tenso. Tanto que a sala parecia pequena. Eu o amei! Já amei tanto o Lucas que nunca soube o quanto.

Enquanto dirigia eu tentava descobrir o que ele também estava escondendo, já que a todo o momento ele dizia que algo mudou, por diversas vezes ele repetiu que desejou minha presença quando tudo aconteceu, e eu, movida pelo desejo de tê-lo mais uma vez, não perguntei o que era. *Eu já fui uma amiga melhor.*

Por sorte Bruno não estava na cidade e foi por isso que eu tinha ido ver meu vestido de noiva, já que na volta era fácil passar para ver o Lucas.

— Preciso de você! Posso ir aí?

— Claro. Estarei acordada! – Karen nunca me negou abrigo, mesmo longe sempre foi minha boa e velha amiga irmã.

“Se puder me desculpar, amanhã poderíamos conversar melhor! Quero muito te contar como tudo começou. Eu te entendo, também ficaria furiosa se me fizessem o que eu fiz com você. Afastei-me e acabei te tirando da minha vida. Quero te mostrar o anel, e quero que você vá ao casamento. Estou muito feliz e gostaria que ficasse feliz por mim. Você sabe como você é importante para mim. Desculpe por ser uma péssima amiga!”

Eu não resisti e mandei essa mensagem para o Lucas antes de chegar à casa da Karen.

“Desculpe-me pela forma que agi, você sabe que não sou bom em controlar meus desejos quando estou com você, e foi difícil escutar o que me falou, ainda mais da forma como foi. Não queria ter te expulsado. Mas ainda não estou pronto para conversar. Estou feliz por você sim. Só não estou feliz

com a pessoa que você se tornou. E me desculpe por aquilo lá na mesa.”

“Por favor, pelo menos venha ao casamento. Vou deixar o convite para você no estúdio!” – respondi, ignorando tudo, inclusive sobre o que houve na mesa. Não poderia mais tocar nesse assunto. Exceto com Karen, para quem eu contaria cada detalhe. Lucas não respondeu a mensagem.

— Só você não percebe como ele também gosta de você, Mari! – Karen não desistia de ser um cupido.

— Impossível, era só empolgação por nosso reencontro. Ele ficou muito magoado quando contei que estava noiva, e estávamos há tanto tempo separados que a saudade o fez pensar que gostasse mesmo de mim. Já passei por isso – eu disse, enquanto Karen revirava os olhos, irritada comigo.

— Você é teimosa! Credo!

— Conheço o Lucas, eu sei como ele reagiria, jamais me diria assim de uma vez, e quando estou prestes a casar! Ele sabe como sou indecisa, e jamais me faria ficar assim!

— Ok! Não digo mais nada! Desde que tenha certeza de que casar com Bruno é o que você realmente quer!

— Claro que é! E por falar nele, Deus é testemunha, se o meu respeito por Bruno não fosse tão grande, eu teria me arriscado hoje com Lucas!

Karen riu escandalosamente e se empolgou, pedindo mais detalhes da noite. Passamos horas conversando e acabei ficando para o final de semana.



Dois meses após a nossa estranha briga, chegou o tão sonhado dia: o meu casamento! Até então, Lucas não havia me respondido. Deixei o convite para ele na recepção do estúdio e nem assim mandou alguma mensagem. Deixei junto um cordão que mandei fazer: uma daquelas plaquinhas de identificação militar, referência ao seu avô que serviu no exército e morreu um ano antes de nos conhecermos. Lucas sempre teve muito apego a ele. Pedi também para que o fabricante prensasse junto um anel de latinha de refrigerante, referência a nós. Seria meu presente de aniversário que não consegui entregar.



Vinte e Seis

Lucas : Quatro meses antes

Eram dez e meia da manhã do mês de maio e estava deitado na cama. Não pensava em sair do quarto; o apartamento era pequeno, apenas um quarto e uma cozinha, tão pequena que um teria de sair para outro entrar. Na sala coube um sofá de três lugares e a televisão, que coloquei em cima do nicho preso à parede. No quarto eu precisei escolher entre um guarda-roupas e uma cama de solteiro, ou ter uma cama de casal e deixar as roupas na mala. Nunca tive cama de solteiro, sou espaçoso, gosto de me espalhar pela cama. Provavelmente eu cairia da cama no meio da noite várias vezes. Para evitar algo assim, comprei uma arara daquelas de lojas de roupas. E mantenho minhas camisas penduradas, o restante está na mala.

O prédio de seis andares enganava, apresentava uma bela pintura e ótimo acabamento por fora, tínhamos porteiro e até elevador; pelo anúncio no jornal de classificados parecia ideal para um recém-divorciado. Mas por dentro do apartamento havia um mausoléu escondido; o que aluguei estava em melhores condições, apenas duas paredes mofadas que consegui arrumar, já que esperar pelo proprietário era perda de tempo. Eu não reclamava, foi o que deu para alugar de imediato depois do divórcio. Era temporário! Com o aumento na procura pelo estúdio, e por novas propostas para ser produtor musical de uma ou duas bandas que ensaiavam nos finais de semana, e com mais minhas economias percebi que daria para me mudar, então, me empolguei com a grana alta em conta e comprei um apartamento enorme de três quartos, no lugar mais alto da nossa cidade. Nunca fui de luxos, mas devido a esse miniapartamento eu resolvi me dar esse presente! Era meu último mês ali. E não via a hora de me mudar.

O interfone soou e me arrastei para fora da cama para atender. Era o porteiro.

— Alice? Não conheço. — Desdenhei a informação, já tirando o telefone do ouvido para desligar. Foi quando o ouvi me chamar alto:

— Senhor Lucas!... — Ele hesitou e continuou:

— Ela pediu para lembrá-lo da sua despedida no bar há três anos, disse que o senhor estava com uma amiga. E que foi lá para te dizer que estava grávida...

Ele hesitou mais um pouco e finalmente disse:

—... do senhor.

Imediatamente minha mente funcionou. *Droga! Não era possível, era Alice! “A loka”* – Era como a Mariza a chamava. – Ela me achou depois de tanto tempo, voltou à minha vida de repente e ainda me fez lembrar da Mariza! Que quase não conversa comigo!

— Deixe-a subir – sussurrei, querendo bater minha cabeça na parede por tanta lembrança!

Corri até o quarto e peguei uma camisa. Saí para o corredor descalço mesmo e fiquei na porta do elevador, esperando por ela, pensando em dispensá-la o mais rápido possível. Mas quando a porta se abriu, notei que ela não estava só. Ela segurava nas mãos de uma garotinha que mais tarde soube que se chamava Lívia e, que tinha três anos. Tímida, olhos pequenos, cabelo liso até os ombros bem escuros, uma franja sobre os olhos, bochechas redondas e rosadas, boca desenhada e pequena. Um sorrisinho fofo. Ela era simplesmente linda! Era impossível negar. Era minha miniatura, era minha filha! E no momento que entramos para o apartamento, conversei com Alice e tive certeza.

Foi amor à primeira vista! A pequena parecia saber quem eu era. Ela ficava à vontade no minúsculo apartamento, andou pelos poucos cômodos, sentou-se no sofá, se deitou. Ela ficou mesmo à vontade, não dizia nada mas me olhava sorrindo. E eu fiquei um “bobão” diante dela! Eu estava apaixonado. Aquele pequeno ser me tomou por inteiro no instante que entrou em minha vida!

Alice não viera a passeio, mas sim para pedir que eu cuidasse de Lívia. Ela me contou toda a história desde que me ligou dizendo não estava mesmo grávida, ela me contou como sua mãe ficou feliz com a notícia de que seria avó, ignorando completamente as circunstâncias e que não pensou duas vezes antes de entrar em um avião no dia seguinte, indo para São Paulo apenas com uma mala de roupas. As essenciais, frisou ela.

— Eu nunca acreditei na história de que inventou a gravidez. Podia jurar que tinha abortado! – Disse perplexo

— Me desculpe, eu não queria mais nenhum problema. Eu sabia que não estávamos prontos para sermos pais e... fui embora. Mas agora, eu preciso de você!

Alice estava doente e infelizmente descobriu tarde demais. Tinha poucos meses de vida. Priscilla, amiga de infância da minha mãe — uma daquelas que nos viu crescer e que chamamos de tia a vida toda —, é

neurologista e por isso conhece muitos médicos. Ela tentou nos ajudar, mas infelizmente não havia nada que pudesse ser feito! Dada a situação, me esforcei para dar a ela os melhores últimos meses de sua vida, apressei-me para mudar para o novo apartamento, montei todo um quarto para as duas e mimei aquelas meninas como se fôssemos mesmo uma família durante os meses que esteve comigo. Ela recebeu muitas visitas e tivemos muita ajuda. Principalmente da minha família. Foram meses difíceis e tem sido até hoje.

Depois de sua chegada, eu passei a contar as horas para sair do trabalho e chegar logo em casa para ver as “minhas meninas”. Minha vida, assim como rotina havia mudado, era tudo novo, eu tinha alguém me esperando em casa e isso era maravilhoso. Eu sempre passava na floricultura e trazia vasinhos de flores e plantas diferentes para ela. Antes de ficar totalmente acamada, Alice amava ficar no terraço, decorando tudo com seu dom para paisagismo, que, claro, eu desconhecia. Ela olhava na internet alguma ideia e quando eu voltava à tarde para casa trazia o que ela precisava. Passávamos os finais de semanas juntos, trabalhando em alguma de suas artes inventadas, enquanto admirávamos Livia correndo pela casa, deixando suas marcas de pés e mãos por toda parte.

— Que ideia foi essa de comprar sofás brancos? Livi vai sujá-los para sempre! – Alice dizia enquanto Livia estava deitada no sofá que ficava logo na entrada, com suas pequenas perninhas para o alto e tomando sua mamadeira.

— Eu não ligo! – Ela não precisava saber que os dois sofás e as duas poltronas brancas eram impermeabilizados.

Alice custara a se lembrar de Mariza, mas quando o fez não me deixava mais esquecê-la, e sinceramente eu não queria mais falar nela.

— Adoro suas histórias, me conta mais... – Alice insistia toda noite. Sempre que se sentia mal ela vinha se deitar comigo. Chegava de mansinho na porta como uma criança, colocava meio rosto entre a porta e pedia para entrar. Sempre assim. Em uma das noites muito frias, quando ela mostrou sua grave piora ela veio sem dizer nada, e se deitou comigo.

— Está gelada, Alice. – Me espantei

— Sim! Coberta alguma me aquece.

A puxei para perto e a enrolei em meu cobertor, ajeitando-a carinhosamente, e no fim, ela parecia um casulo. Passei meus braços por cima dos seus e a abracei firme.

— Termina de me contar. Você parou na parte que descobriu que a

amava! – Alice se ajeitava em meu abraço e sussurrava fraca.

— Você não desiste, não é? – Ela balançou a cabeça negativamente e eu continuei:

— Ok, sim, eu sempre a amei, só não havia percebido e quando ela foi embora da minha casa naquela noite de sábado eu... – Como toda noite que ela vinha para minha cama, eu contava uma parte da minha história com Mariza até que ela pegasse no sono. Eu sempre estava exausto, por acordar cedo e trabalhar no estúdio, e voltar para casa e render minha mãe ou minha irmã no serviço de cuidar das minhas meninas. Nunca me deitava antes da meia-noite e sempre acordava antes das seis da manhã. Mas eu não deixava de dar atenção e carinho que elas precisavam. Alice faleceu meses depois, deitada em minha cama, enquanto eu penteava seus cabelos. Na esperança de cumprir uma das minhas promessas feitas a ela: “Nunca me deixe ficar desarrumada”

Ela insistia que mesmo não saindo de casa, ela deveria estar sempre bem apresentável. O batom eu não conseguia passar, então às vezes minha mãe se encarregava disso. Era lindo ver como ela sempre foi vaidosa e que só depois de estar arrumada ela deixava que a Lívia entrasse no quarto, dizendo que sua filha não poderia vê-la com aparência de doente. Partia meu coração vê-la tão frágil e cada dia mais fraca.

— Desculpe por ter sido um idiota com vocês!

— Que nada! Eu que agradeço por esse idiota ter aparecido em nossas vidas. Vai! Termina de pentear meu cabelo, “Luquinha”. – Ela já estava completamente fraca, magra, irreconhecível e sem força até mesmo para se sentar sozinha.

— Agora arrumou um apelido para mim? – Perguntei passando a escova pela última vez em seus cabelos. Alice não me respondeu, então a olhei. Seus olhos fecharam e eu não percebi. Meu coração acelerou quando não notei sinal de respiração, o medo tomou conta de mim e entrei em pânico. Logo que notei que ela não voltaria a abrir seus lindos olhos persuasivos, fiquei um bom tempo segurando seu corpo desfalecido em meus braços, sem parar de contar minha história com Mariza. Como se ela ainda pudesse me ouvir.

— Então! Vou continuar! — Funguei, sorrindo desesperadamente, querendo ignorar o que acontecia diante dos meus olhos, encarando seu rosto

magro e com suas maçãs fundas tomada pela maldita doença. Tentando segurar sua cabeça que estava despencada para trás em meus braços e procurando ignorar seus olhos que permaneciam fechados e imóveis. — Acorda, tá bom? Vou contar mais uma parte; vamos lá, por favor Alice, agora não, ainda não acabei de te contar, você adora essa história. Acorda! – eu insistia desesperado, mas era em vão .

Era uma tarde de setembro, e minha mãe estava na sala segurando Livi nos braços quando ouviu meu desespero reagindo ao falecimento da mãe da minha filha. Por não saber onde deixar Livi, e por estar atordoada, ela não conseguia se aproximar e me tirar de lá. Até que meu irmão veio, não sei de onde, e me tirou do quarto.

— Vem, Lucas, precisamos ajeitar as coisas. Lucas. Ela não gostaria que você fizesse assim. Lucas!... Lucas!... – Meu irmão entrou no quarto e, como sempre, muito ponderado quando se trata de me acalmar; ele não tocou em mim, repetiu meu nome várias vezes para me despertar, e na tentativa de tirar Alice de meus braços, ele tentou me trazer de volta para a realidade.

— Ela morreu enquanto eu penteava seus cabelos e agradeceu por eu ter entrado em sua vida! – eu disse, lamentando, acariciando seu rosto e deixando finalmente o choro vir, e ele veio rasgando meu peito e deixando uma grande dor no meu coração. — Foram suas últimas palavras. – Eu disse chorando copiosamente ninando o corpo de Alice sem vida em meu colo.

E quando finalmente soltei o corpo já menos quente dela sobre a cama, ajeitei sua cabeça cuidadosamente sobre o travesseiro macio e meu irmão me escoltou para fora do quarto. E quando atravessei a porta cai de joelhos pois não havia me preparado para essa perda! Eu sabia que esse dia chegaria. Mas me iludi com os dias bons de quando voltava para casa e ela estava sentada na cama sorrindo e conversando normalmente como se não houvesse a doença.

Os dias seguintes foram terríveis, sentia sua falta todo santo dia. Durante semanas, fiquei completamente destruído. Passei a aproveitar as noites de folga para afogar minha vida em bebida, o que eu voltei a fazer com frequência quando estava sozinho. Passava meu tempo me lamentando e até me culpando pela morte triste de Alice sentado no terraço brigando comigo mesmo por ter deixado ela passar por tudo desde o início sozinha.

Após quatro meses de seu falecimento, recebi a mensagem da Mariza me dizendo que queria me ver, bem no dia do meu aniversário. Minha mãe havia pego Livia para passar a noite, como ela sempre teve costume de fazer

para me dar um alívio, já que minha vida de pai passou de um sonho a um pesadelo, pois Livi me odiava!

Fui surpreendido pela mensagem da Mariza, exatamente em um desses momentos deprimentes da minha nova vida. Eu acabara de destruir o jardim suspenso que Alice montou no meu terraço.

— *Eu nunca mereci ter passado os últimos dias com você! Você deveria ter me esquecido! Eu só piorei sua vida! – Eu dizia irritado enquanto quebrava cada vaso de barro que havia ali, bêbado, brigando com o jardim como se fosse a própria Alice!*

Como eu desejei aquele momento! Não houve um só dia do meu desespero que eu não pensasse em como eu gostaria de deitar no colo de Mariza e chorar sem parar e contar como estava sendo difícil dormir à noite porque Livia sentia falta da mãe dia e noite. Queria contar a ela como estava sendo difícil conquistar aquela garotinha. Como eu queria contar a ela que minha vida virou de ponta cabeça e eu não tinha ideia de como ser um pai melhor! Não existia melhor hora para Mariza voltar à minha vida. E fiquei muito ansioso para vê-la.

...

Nada do que planejei aconteceu, porque enquanto Mariza estava comigo no estúdio, contei tudo, contei da minha separação, das minhas idas a baladas. Contei até das mulheres diferentes que passaram por minha vida. Mas não contei nada sobre Alice ou Livia! Por mais que meu coração doesse, e minha cabeça me dissesse para aproveitar o momento e me expor para minha melhor amiga, eu travei diante do que aquele momento me fez lembrar: Alice!

— *Você não pode se esconder para sempre, tem que contar a ela o que sente!* – Alice sempre repetia a mesma coisa. E naquele momento enquanto Mariza estava no banheiro, eu pensei em contar o que sentia, mas aí, seu telefone tocou e então vi que era tarde demais. Ela estava com outro cara.

Como sempre, acabei perdendo o controle perto de Mariza, quase a beijei, e ainda a expulsei da minha vida por puros ciúmes. Eu não podia suportar que ela havia seguido sua vida e ainda por cima sem me incluir nela. Me senti excluído. Naquela noite, quando ela saiu, eu queria quebrar tudo à

minha volta, estava extremamente irritado! – mas quanto custaria um vidro novo a prova de som?– Eu queria ter ido atrás dela e me desculpado e contado a verdade, já que provavelmente ela não acreditou quando eu fiz menção de gostar dela. Mas por outro lado, eu não poderia ceder e arriscar destruir a sua vida. Eu sabia que se ela me aceitasse eu estaria estragando a vida dela.

— Droga! – gritei batendo forte com o punho fechado contra o braço do sofá quando ela bateu a porta do estúdio.

Três anos depois

Depois da nossa briga no estúdio, Mariza nunca mais me viu, e as únicas vezes que eu mandava mensagens era quando Lívia estava com meus pais e eu aproveitava para ficar bêbado. Virei um puta de um covarde, daqueles que bebem pra ter coragem de sentir algo por sua melhor amiga sem julgar a si próprio! O problema é que quando isso acontecia, eu não me aguentava de raiva por nunca ter tido coragem ou deixado que ela percebesse o que eu sentia, quando nem eu mesmo me permitia sentir algo!

Me apaixonei por ela quando deitou nua enrolada em um lençol, e usou meu peito de travesseiro, quando fizemos amor. Ela me tocou diferente naquele dia. Mostrou que me queria, mesmo que por um momento. Apaixonei-me por minha melhor amiga, e assim que ela entrou no carro para voltar para casa eu sabia que algo havia mudado. Eu só não conseguia ver o que era.

Deixei que ela se afastasse, a mandei para fora da minha vida e não tentei a impedir de se casar. Se é que eu tinha esse direito. Nunca a contei sobre Lívia. Eu era pai e ela iria amar a ideia! Sei que ficaria feliz por mim. Mas enquanto eu a olhava nos olhos com ela sentada em cima daquela mesa, e com minha testa colada na dela, eu só pensava em beijar aquela boca e em seguida contar tudo que eu sentia. Enquanto minha mão escorregava por suas costas e ela fechava seus olhos, eu fantasiava sua voz dizendo que me amava também. Mas meu coração acelerado e meus pensamentos a mil deixaram minhas mãos tomarem as rédeas dos meus desejos. No entanto, assim que ela abriu os olhos, eu acordei para a realidade: *Se ela me amasse também, desmancharia seu noivado, e ficaríamos juntos. Mas Mariza ficaria presa a mim e a uma criança que não era dela. Como eu poderia estragar sua vida assim?*

Então parei. Tirei minhas mãos dela e a deixei ir!

Desde que transamos eu lutava contra qualquer sentimento; toda vez que eu pensava nela, meu peito ardia de vontade de tê-la por perto. Notei que cada dia mais, eu estava dependente da sua companhia, e que precisava falar com Mariza todo santo dia. Eu tentava não nutrir esses desejos nem mesmo em meus pensamentos, e fazia de tudo para não demonstrar a ela o que com muita dificuldade tentava não sentir, e sofria calado. Sempre dissemos "te

amo" um para o outro e nunca deixei meu coração se enganar, achando que era amor de verdade. Quando não passava de amor de amigos.

Quando nos conhecemos eu tinha certeza que daria certo ser amigo de uma garota, e sempre tive certeza que eu estava blindado: que nunca me interessaria por ela, e que aquela noite seria só sexo. Quando ela começou a me beijar, a olhei nos olhos porque geralmente eu quem tomo a iniciativa e acabo saindo como o amigo tarado! Mas naquela noite em meu quarto, eu notei seu desejo por mim; talvez eu visse um pouco de raiva do Bruno em seus olhos, mas era em mim que ela iria descontar essa raiva. Eu achei mesmo que era só isso! Achei mesmo que eu estava deixando minha amiga me usar para descontar todo seu ódio com sexo! E era pra ser apenas isso, talvez um começo de uma amizade com benefícios. Mas não, eu fui fraco, não consegui, e confundi as coisas: me apaixonei por minha melhor amiga e no fim estraguei tudo.

Não sabia se ela seria eternamente feliz sendo madrasta. E não sei se eu saberia dar a ela tanta atenção e amor como sempre planejei, eu tinha uma filha e ela é a minha prioridade. Minha cabeça estava a milhão, e eu não sabia o que fazer. Apenas a deixei sair da minha vida e ser feliz com Bruno, que parecia amá-la de verdade.

Ela não sabe, mas fui ao seu casamento e a vi sorrindo, de fato muito feliz. Fiquei escondido na cozinha, junto aos garçons, e assisti tudo de longe. Vi aquele maldito sortudo sorrindo para ela com um olhar de quem realmente acabara de ganhar na loteria. E ele sabia que o que acabara de ganhar, era melhor que qualquer dinheiro no mundo. E pelo seu olhar, faria de tudo para não perder ou magoá-la. *Eu espero mesmo! Porque minha vontade de socá-lo ainda está intacta.*

Quando Ed me disse que Mariza havia deixado seu convite de casamento no estúdio, não dei importância, apenas pedi para que ele me dissesse o nome do noivo. Fiquei ainda mais furioso por ela retornar com aquele imbecil que não merecia sequer citar seu nome, que dirá se casar com ela. Eu não iria a esse casamento! Mas mudei de ideia depois que meu irmão apareceu lá em casa com uma embalagem pequena, dizendo que Mariza deixou junto com o convite.

“Que eu e seu avô possamos ficar sempre pertinho de você. Feliz aniversário 1,99”

Um cartão, pequeno e simples, escrito à mão com a letra dela, que eu até então não conhecia. E que me fez, além de repensar a ideia de ir ao

casamento, ficar emocionado com o presente personalizado. Os dias que se aproximavam da cerimônia me faziam perder a coragem. Entretanto, no dia marcado no convite, eu não tive escolha: Ninha e minha mãe fizeram questão de chegar cedo em minha casa para ficarem com a Livi, a fim de que eu pudesse ir.

Eu não queria aparecer, não queria que ela me visse, mas comecei a me arrumar decidido a ser educado e fingir que nada aconteceu com meus sentimentos. Porém, acabei me acovardando e logo me desarrumei. Eu tinha todo um teatro planejado em minha mente. E treinei muito com a Ninha, que gargalhava a me ouvir.

Eu iria sorrir. Seria apresentado à mãe da noiva e aos pais do noivo. Seria um convidado educado. Não beberia uma gota de álcool para não pôr em risco meu papel. Eu dançaria com os outros convidados e com certeza pegaria uma ou duas madrinhas. Tiraria fotos com os noivos e não iria chorar durante a cerimônia. E mesmo não sendo um dos padrinhos, eu pediria uma oportunidade e iria lhe surpreender com meu brinde!

Como em um dos seus filmes preferidos, que a amiga começa fazendo um brinde no casamento do melhor amigo a quem ela sempre amou, mas nunca contou. E agora, sendo madrinha desse trágico casamento, ela precisava levantar a taça e fazer um belo brinde aos noivos. Porém, antes de se levantar, ela começa a projetar em sua cabeça como fará esse discurso. E ela pensa assim:

“Respire fundo, conte tudo desde o começo. Conte como nos conhecemos, conte desde quando compartilhávamos os nossos sonhos, até os mais estranhos... Não, melhor deixar isso em segredo... Diz pra eles que isso é... Que só pode ser um dos dias mais felizes da minha vida” (filme Simplesmente Acontece).

Eu começaria meu discurso assim, como o início desse filme que ela ama e assiste sempre que não tem mais nada para ver. Ela nunca se importou em ver os mesmos filmes cem vezes, e ainda decora suas partes preferidas. Eu escrevi tudo num papel, só porque sabia que depois desse discurso ela iria querer guardar o papel junto à embalagem do bombom e ao anel de refrigerante que ela guarda do nosso primeiro encontro. *Nostálgica como sempre.*

Mas quando li em voz alta o que escrevi, percebi que não conseguiria mentir olhando em seus olhos, não em seu dia mais importante. Então desfiz o nó da gravata com raiva e a atirei na cama. Minha mãe logo entrou no

quarto e insistiu que eu deveria seguir em frente, como meu último ato de amor para ela, e que seguiríamos daí sendo apenas amigos. Mas desabotoei a camisa e fiquei me olhando no espelho com aquela camisa branca para dentro da calça, todo arrumadinho. Segurei a corrente de prata com as placas militares que ela me dera de presente e tentei criar coragem para seguir os conselhos de minha mãe. Com a gola da camisa bagunçada eu reclamei:

— Antes mesmo de sair de casa já tenho a aparência de um bêbado. Não sou capaz de fingir nada disso! – esbravejei.

Tornou-se comum meus pais virem me ajudar com a Livi. Ela demorava a dormir, e quando finalmente o fazia, acordava três ou quatro vezes pela madrugada, sentindo falta da mãe. E por ver que eu não conseguia mais, acabava ligando para meus pais que rapidamente apareciam na minha porta. Só minha mãe conseguia a colocar para dormir, então eles passaram umas semanas com a gente. Meus vizinhos deviam me odiar. Livia chorava tanto e tão alto, que eu já estava achando que havia algo de muito errado com ela. Mas o pediatra disse que era bem comum uma criança mudar o comportamento após o falecimento da mãe.

Eu passava meus dias choramingando por meu amor não correspondido por Mariza, por meus olhos fundos e minha cabeça doendo; eu faltei várias vezes ao trabalho, com vergonha da minha aparência. Na verdade, era mais vergonha e culpa por me sentir um pai fraco e incompetente. Minha mãe sempre se esforçou para me ajudar com meu psicológico, e sempre usou formas inusitadas – e às vezes dolorosas – para me fazer enxergar a realidade. E dessa vez não foi diferente: ela me lembrou de como cuidei da Alice enquanto ela esteve aqui!

— Lembra de como você sempre dizia a Alice como ela continuava linda e como ela confiava em você para cuidar dela e até lhe dar banho? – Minha mãe pegou a gravata na cama e colocou em minha mão, recordando os dias que tivemos com a mãe de minha filha.

— Sim, mãe, o que isso tem a ver? – perguntei, entristecendo meu semblante com a recordação, e continuei: — Nesse dia ela sentou na beirada da cama, segurava a minha mão. Ela estava magra, seus cabelos já não tinham mais aquele brilho de antes e seu rosto não tinha mais aquele olhar petulante. Mas para mim ela continuava linda de verdade!

— Sim! E nesse mesmo dia ela o fez prometer que não desistiria de contar a Mariza o que sentia, mas agora já não dá mais. Mas você ainda pode ir a seu casamento e ficar feliz por ela. Faça de hoje o último dia que sofrerá

por esse amor. A partir desse dia ela volta a ser sua amiga, porém casada! Pense como ela estará linda, ahn? Eu sei que quer vê-la – ela dizia com seu tom de voz amável, enquanto fechava os botões da minha camisa.

Eu ficava inquieto de pensar em como não estaria lá para vê-la realizar seu sonho. Nós nos conhecemos há anos eu não poderia perder essa realização em sua vida. Ela não pôde participar do meu casamento porque a Lucy não a queria lá. Mas o Bruno fez diferente, ele fazia questão de que eu fosse para vê-lo ganhar, por isso não se importou dela me convidar! Então dei um beijo na testa da minha mãe e saí do quarto sem dizer nada; ela sabia que a conversa tinha funcionado. Passei depressa por meu pai, que brincava com sua neta na sala de estar.

— O papai volta já, gatinha – eu disse, beijando o rosto da Lívia.

O elevador parecia não querer me ajudar. Então corri pelas escadas mesmo, segurando a gravata em minhas mãos. E nem mesmo peguei meu terno. Eu precisava ser rápido se quisesse participar do casamento. Cheguei cedo ao espaço reservado para a cerimônia e a festa. Como sempre na vida, ela estava atrasada. Mas perdi a coragem de tudo que planejei. Acabei me escondendo na cozinha e consegui ficar por ali, vendo tudo desde o início. Nunca imaginei que ela ficaria tão linda em um vestido branco e com tanto pano na saia. Continuei ali, assistindo a cerimônia da janela, até sua saída do altar, de mãos dadas com aquele babaca, sob uma chuva de arroz. Bem clichê, como ela gosta.

— Eu te amo! – disse baixinho, enquanto a via caminhando feliz, sorrindo, levantando seu buquê e balançando o pescoço para os lados igualzinho aos integrantes do grupo *Fat Family*. É a cara dela fazer uma coisa dessas quando consegue o que quer. Sorrio vendo como ela continua a mesma bobona de sempre e sinto ainda mais saudades.

O engraçado é que aquela música da saída foi a única internacional da cerimônia inteira! Logo ela, que não ouve outra coisa! Deixei meu presente numa mesa decorada com uma foto do casal sorrindo, trocando olhares à beira de uma piscina. Baixei a cabeça, pegando fôlego, batuquei com os dedos em uma das caixas à minha frente, contorci os lábios e disse a mim mesmo, assumindo a derrota:

— É hora de ir.

Aquela foi a última vez que a vi.

Três anos se passaram desde o seu casamento, e muita coisa mudou para mim. Me tornei um pai melhor, só bebia quando Livi não estava em casa

e a pegação diminuiu em quase 80%. Eu era quase um padre! É mentira o que dizem que as mulheres ficam atraídas por um homem segurando um bebê; pelo menos, eu não estava com sorte! Mudei de carro duas vezes e havia tomado coragem para comprar meu carro dos sonhos, uma 4x4 Black. Relutei porque sempre optei por carros econômicos, mas era meu sonho e eu tinha que realizá-lo. Eu estava numa ótima fase da minha vida, tanto profissional quanto pessoal. As coisas no estúdio não poderiam ficar melhores. Então era mesmo a hora de aproveitar, como um bom empresário.

Vinte e Sete

Mariza

Três anos e meu casamento parecia uma montanha-russa. Desde o sétimo mês não tínhamos mais que três meses seguidos de paz. Toda vez que surgia um trabalho eu tinha que me preparar para uma guerra em casa.

Quando me casei, fiquei sem tempo para organizar corretamente minhas atividades e precisei de ajuda para minhas mídias sociais a respeito da fotografia. Ao voltar da lua de mel, me acomodei e por pouco não perdi alguns contratos; admiti Cintia e acabei deixando que ela ficasse por conta da agenda e negócios. Mas toda vez que ela vinha em casa para trabalharmos juntas, a pobre presenciava uma cara feia de Bruno, que a via como inimiga. Às vezes ela até fugia sem que eu visse.

— Você não precisa disso, eu ganho bem – Bruno dizia, tentando mais uma vez me convencer que eu não deveria aceitar o contrato dos noivos que Cintia trouxe para mim.

— Bruno, eu não quero depender do seu dinheiro!

— O dinheiro não é meu. É nosso! Já te disse isso e não quero voltar a repetir. – Ele gritou para mim, me interrompendo e sentando-se no sofá.

— Sim! É nosso! E o meu também é nosso! Eu amo fotografia e gosto de saber que tenho algo para fazer além de lavar pratos – respondi, parando em frente à TV para tomar sua atenção.

— Não começa! – Ele jogou sua cabeça para trás, fadigado.

— Foi você quem começou. – Ele me ignorou, se levantou do sofá para ir à cozinha, e eu fui atrás.

— Bruno, não adianta discutir! Não vou abandonar meu trabalho. – Ele continuou a andar, sem mostrar importância ao que eu dizia. — Bruno, está me ouvindo? – esbravejo e grito, perdendo a paciência por ver seu descaso. Os vizinhos já devem estar no corredor do prédio curtindo mais uma sessão de gritaria entre nós. Ele finalmente se virou para mim com um envelope na mão.

— Sabe por que eu odeio tanto que você saia de casa para “fotografar”, não é?

Não acreditava que ele estava fazendo o sinal de aspas com os dedos, insinuando que eu usava o trabalho para fazer outras coisas.

— Porque no ensaio da Marta e Eduardo eles não paravam de falar do

Lucas! Você repete isso umas cem vezes por semana! – eu disse, revirando os olhos.

Quando voltei ao trabalho, Bruno sempre me acompanhava nos ensaios, mas nunca gostou verdadeiramente de estar lá. E eu só percebi, depois, que ele ia para me vigiar! Quando fomos fazer as fotos do casal, Marta, Júlio e o seu filho (os amigos de Lucy e Lucas que registrei mês a mês na gestação), ela não parava de falar sobre como Lucas a fazia rir e de como sentia falta de ir à casa do casal. E quase nem citava o nome da Lucy! Desde então, todas as vezes que brigávamos Bruno citava o Lucas, como se meus clientes fossem uma espécie de ligação entre nós. Meu coração ardia e eu sempre ficava desconcertada quando ouvia seu nome.

— Não vejo o cara há três anos, não sei nem se está vivo.

Disse isso para tentar amenizar o ciúme numa tentativa de mostrar desprezo, mas imediatamente me arrependi de ter dito e minha expressão facial me condenou, com a mínima possibilidade da morte do Lucas um dia.

— Claro que ele está vivo! Se estivesse morto você estaria de luto eterno – ele esbravejou, e como sua voz sempre foi grossa, ela soava mais alto do que o normal e me assustava.

Eu não suportava mais! Toda vez a mesma briga, os mesmos motivos e as mesmas frases! Eu estava cansada e não aguentaria ficar ali para ver o fim daquela discussão. O deixei sozinho, coloquei meus tênis e fui correr, eu precisava relaxar e a corrida sempre me fazia bem. Bruno não se importou, pois nem veio atrás. Ainda bem, pois eu precisava de ar, de espaço. Já era tarde, mas eu não me importava. Corri por duas horas seguidas naquela noite.

Cheguei em casa e ele já estava dormindo; deitei ao seu lado sem sequer dizer uma palavra ou tocá-lo. Mas durante a noite nossos corpos seguiram no automático e ele se virava, passando seus braços em volta dos meus. Eu estava de costas para ele e por ter o corpo maior, eu me sentia dentro de uma concha com braços fortes e grandes! E por um momento eu me esquecia que quando ele acordasse voltaria a ser um imbecil. *Um gato, mas um imbecil!*

Quinta-Feira

Saí cedo para minha primeira sessão de fotos, e na volta pra casa

passei no escritório da Cintia para ver se ela tinha algo novo para mim.

— Eu tenho sim. Vai acontecer uma apresentação, acho que é uma inauguração, eu não entendi direito! Eles vão ligar amanhã para explicar melhor, vai ter algumas bandas e vão precisar que fotografe para divulgação em redes sociais e até para uma revista. Enviei um formulário para que preencham os detalhes e me enviaram ontem mesmo.

— Meu Deus, Cintia, você parece o Bruno quando está nervoso!

— Sou eficiente. Solto tudo em uma frase só. – Ela gargalhou.

— E onde está esse contrato?

— Mariza, eu deixei na sua casa ontem antes de sair de lá, na mesa da cozinha. Você e o Bruno começaram a brigar tão rápido que nem me ouviu quando eu disse “vou deixar aqui na mesa”.

— Ok. Eu vou para casa e assim que eu ler, assino e te ligo – falei e fui para casa. Mas um novo inferno estava por vir.

Entrei pela porta da cozinha e dei de cara com Bruno sentado à mesa, com meu envelope na mão. O mesmo de ontem e eu não havia notado.

— É por isso que está correndo toda noite? – ele disse, erguendo o envelope.

— O que é agora, Bruno? – disse, pegando o envelope da sua mão.

— Você está encontrando com Lucas?

Droga! Essa sensação não passava. Toda vez que ele dizia “Lucas”, meu coração ardia e eu novamente me desconcertava.

— Não, Bruno. Não estou! – bufei e continuei andando. Fui direto para o escritório, deixei o envelope sobre a mesa e fui para o banho pensando em como Bruno estava cada dia mais paranoico! Pouco tempo depois ele abriu a porta do banheiro e se apoiou à porta com os ombros:

— Posso entrar?

Ele estava diferente, com o olhar abatido, como se estivesse cansado de brigar.

— Não vou demorar. Eu já saio e conversamos.

Ele me encarou, tirou a camisa e andou até o Box. Abriu a porta de vidro e ficou com os braços abertos segurando de cada lado, mas não entrou.

— Eu só quero um pouco de colo – disse, parecendo cansado.

Concordei com a cabeça e ele entrou sem nem mesmo tirar a bermuda. Assim que fechou a porta de vidro atrás dele, me abraçou forte e sussurrou umas duas vezes:

— Me desculpe. Me desculpe!

— Está tudo bem! Não temos tido um casamento muito bom, mas creio que podemos consertar isso – eu disse, otimista.

Ele me soltou e me olhou esperançoso. Tentou secar o rosto mesmo com sua mão molhada.

— Sim, é disso que precisamos. Começar de novo. Sem brigas.

Ele me beijou com um longo selinho e disse que me esperaria no quarto para conversarmos. Secou-se e saiu do banheiro. Depois que terminei, fui para lá e ele estava sentado segurando mais uma vez o bendito envelope.

— O que é isso, afinal? – perguntei, secando o cabelo com a toalha e apontando para sua insistência com o envelope pardo.

Ele deixou o envelope em cima da cama e pediu que eu me sentasse ao seu lado. Depois de meses brigando, se estranhando e sem conversarmos direito, eu desconhecia aquele ambiente amigável. Mas ele tinha tudo preparado. Assim que me sentei, tirou de trás dele uma garrafa do meu vinho preferido e duas taças:

— Uau! – eu disse, sorrindo sem acreditar.

— Espera! Esqueci o balde com gelo. – Ele sorriu, correu na cozinha e voltou rapidamente. — Pronto – disse, nos servindo. Mesmo não gostando de vinho, me fez companhia.

— Eu tenho umas coisas a dizer e gostaria que você não me interrompesse até que acabe, pode ser?

Dei um sorrisinho pelo canto da boca e concordei, esticando a mão como se abrisse “alas” para ele começar.

— Por favor, Mah, sem deboche. Hoje não!

Ele sempre detestou quando eu usava humor.

Então ele começou e disse como tem sido um babaca, machista e irritante. Mas que ele sempre teve um sonho de ter um casamento à moda antiga, quando as coisas estão todas prontas no seu devido horário e que ele não precisasse comprar janta porque a esposa está desanimada. Claro, levá-la para comer fora estava sempre em questão nesse sonho. Mas uma vez ou outra. Nesse sonho ele queria ser o provedor da casa, queria mesmo que ele pudesse sustentar a casa e fazer todos os caprichos da mulher. Ele queria que eu dependesse dele para tudo. Era basicamente isso.

— Espera! É isso? Você está me pedindo para que eu seja sua escrava em casa e deixe que você compre minhas calcinhas? – irritei-me. — Não que haja algo de errado nisso. Mas eu gosto, posso e quero sair para trabalhar, e ter meu próprio negócio. Então, por que eu deveria depender de você?

— Não é isso, Mah. Você pode fotografar, mas porque não como um hobby?

— Não acredito nisso! – Tomei meu vinho em uma golada. — E o que você tem aí? Um ultimato? O pedido de divórcio? – Apontei para o envelope.

Uma parte de mim queria muito que fosse.

— Não! É uma negociação. Eu te deixo em paz, com seu trabalho, seus eventos. Nunca mais vamos brigar por isso e te apoiarei no que você quiser.

— Para isso eu tenho que...? – perguntei e me servi mais uma dose do vinho. O que o deixava enlouquecido, “uma mulher não pode se servir sozinha”, ele sempre dizia.

— Basta não aceitar esse contrato. Você já o viu? – ele disse, confiante, enquanto tentava tomar a garrafa para me servir.

— Você é patético! Ainda não vi, por que você está com ele desde ontem – eu disse, esquivando a garrafa de suas mãos.

Ele me entregou para que lesse e continuou falando, enquanto eu o abria e corria os olhos na escrita.

— A Cintia deixou na mesa da cozinha ontem e achei que você já tinha lido. São os termos de trabalho, as necessidades do contratante para o evento.

— Eu sei bem o que é um contrato, Bruno! – O encarei com raiva e peguei o envelope de sua mão e comecei logo a ler os papeis.

— Vai ver aí que são três dias de evento e que ... – Ele parou de falar porque viu uma lágrima escorrer em meu rosto enquanto lia:

— O que você acha que está fazendo? – perguntei, secando o rosto rapidamente.

— Mah, eu só não quero que vocês se vejam mais! Só isso! Você já amou alguém assim? De não querer mesmo dividir com ninguém? – ele falava como se eu fosse mesmo entender a doença que ele tinha por mim.

— Qualquer marido com ciúme teria pedido com jeitinho, mas você preferiu me chantagear e me contar seu sonho de um casamento abusivo! – Disse devolvendo os papeis para o envelope — Eu devia ter percebido que você seria esse tipo de homem quando não aceitou nenhuma música internacional no nosso casamento e trocou todas por MPB, dizendo que não combinava com nosso tipo de cerimônia. Eu até poderia aceitar numa boa seu pedido para não trabalhar nesse evento. Mas eu estaria abrindo mão de muito

dinheiro e muito prestígio para manter um casamento que já não está dando certo há anos. Exceto os sete primeiros meses.

— Espera! Você não me entendeu. Eu não quero isso. Só quero você longe dele! Você pode ter seu prestígio e posso até ajudar com isso! – ele disse, sorrindo como se tudo tivesse resolvido.

— Era só ter pedido: “Mariza, estou com tantos ciúmes que não sei lidar com o fato de que você vá passar três dias no estúdio do Lucas cobrindo toda sua trajetória”. – Gritei enchendo mais uma vez minha taça.

Gritamos um com o outro por mais uma hora até que ele se cansou e saiu para casa do seu amigo. Eu fui para o escritório e fiquei encarando seu conteúdo, e nele havia o nome do Ed, do Hugo e do estúdio. Ed estava citado como gerente comercial e era quem me contratava. Uma jornalista estaria fazendo a matéria para uma grande revista musical da cidade, mas Hugo insistia que eu fosse a fotógrafa para o evento, o contrato especificava um lançamento de duas bandas produzidas por eles. Eu teria que ficar quinta e sexta no estúdio e faria algumas fotos externas, e ficaria sábado até o fim do evento cobrindo tudo que acontecesse lá. Seria um trabalho freelancer e não precisaria editar as fotos. Era só enviá-las à revista e o resto seria com eles.

Meu coração apertou ao saber que mais uma vez a vida me fazia encontrar com Lucas. Depois que ele me expulsou do estúdio eu nunca mais soube nada dele. Nunca mais procurei saber também. Uma vez eu estava no shopping com Cintia e enquanto estávamos no elevador, daqueles todo de vidro, o vi no elevador ao lado. Mas seguíamos em direções opostas. Eu estava subindo para o terceiro andar e ele descendo. Tentei encontrá-lo em meio à multidão quando saí do elevador, mas era impossível. Era véspera de natal e o shopping estava um verdadeiro formigueiro. O perdi de vista e nunca mais o vi.

Liguei para Karen, que tem odiado o Bruno por todas as histórias que contava a ela, por saber que ele não me fazia feliz e que era um idiota machista! E sua primeira reação foi me dizer o que fazer, passo a passo.

— Você vai juntar suas coisas, escrever um bilhete: “Desculpe, não dá mais”, entrar no seu carro, ir até o estúdio numa cena bem dramática e beijar muito a boca do Lucas – ela disse.

— Não, amiga! Eu não quero isso! Eu nem sei como vou ficar nesses três dias. E se ele nem quiser me ver?

— Então por que ele trocou a fotógrafa da revista por você?

— Isso não é ele. Ele nem deve saber de nada. Deve ser coisa do Ed.

— Não importa! O dinheiro e o prestígio vão te ajudar a realizar seus sonhos de ser reconhecida como a melhor fotógrafa, que você é! Vai! Aceita e deixa o resto com o destino – ela ordenava, impaciente.

— Que destino, Kah? – disse, exausta.

— Vocês se amam, droga! Quando vão admitir isso um ao outro? – ela perguntou, sorrindo.

— Não é esse tipo de amor! É uma amizade muito forte.

— Me engana que eu gosto! Quebraram a cara se casando com pessoas que não amam, e agora sofrem a falta um do outro!

Sexta-feira

Bruno não voltou para casa nem para se trocar, e eu passei a noite acordada pesquisando tudo sobre o estúdio na internet. Olhei também o Facebook do Lucas e tudo o que eu queria ver há anos. Eu fui correr assim que o sol apareceu e na volta liguei para a Cintia, dizendo para aceitar o trabalho.

A deixei agendar uma reunião com Ed e Hugo para combinarmos sobre o trabalho. Eu mal podia esperar para vê-los e perguntar sobre o Lucas, saber como ele está. *Quem sabe ele não vá também?* – pensei, esperançosa.

Arrumei-me fora do normal para essa reunião na esperança que Lucas estivesse lá. Um vestido justinho para mostrar o novo corpão que adquiri nos três anos, mas sem salto, porque se o Lucas aparecesse não ia querer estar mais alta que ele quando me abraçasse. Coloquei um tênis branco, passei perfume e um batom bem leve. Mas ele não estava lá! E eu não perguntei por ele. Ed está ainda mais lindo que antes. Me fez recordar todas as vezes que eu fazia ciúme em Lucas, dizendo que Ed era mais bonito que ele. Tão lindo que fez Cintia ficar desconcertada. E raramente ela ficava sem graça perto de alguém. Ele estava mais maduro, não tinha mais sua carinha de menino rebelde.

— Foi bom ver você, Mariza. – Ele levantou e me abraçou.

— O prazer foi meu, Ed! Nos veremos lá.

— Cintia. Foi um prazer conhecê-la. – Ele apertou sua mão e lançou

uma piscadela.

Os levei até a porta e entrei de volta, aflita, já arrependida de ter aceitado o contrato e com medo do Lucas ainda não querer me ver e nem saber de nada disso.

— Calma, criatura! Vai dar tudo certo, e já assinou, não dá pra voltar atrás! – Cintia bateu em meu ombro e sorriu.

— É, então, *bora* trabalhar. Mas primeiro tenho que conversar com meu senhorio – debochei, me referindo ao Bruno.

Peguei minha bolsa na mesa da Cintia e segui; quando cheguei à porta, olhei para trás:

— Estou rindo, mas é de nervoso. De ódio! – desabafei.

— Fique calma, você saberá o que fazer quando for a hora certa! A conversa é a melhor saída. Não é o que sempre diz? – Cintia tentou me acalmar.

Ela não conhece toda história com Lucas. E não vou contar! Já tenho que enfrentar meu marido machista e inseguro, não estou com tempo para mais alguém me dizer que somos perfeitos uma para o outro! Eu amo o Bruno, mas tem sido difícil engolir sua insegurança, ciúme e obsessão. Ainda mais agora, assumindo claramente que não quer que eu trabalhe e querendo que eu renuncie à minha carreira tão sonhada, só para fazê-lo se sentir mais seguro. Mas não posso negar que a possibilidade de rever o Lucas estava colaborado para minha frieza quanto a meu casamento.

Minha pesquisa na noite passada me deixou muito pilhada, eu achava mesmo que tinha superado tudo com Lucas e que os três anos sem o ver ou falar com ele, me fariam esquecer que senti algo por ele um dia, e que nunca fui retribuída. Vi suas redes sociais zeradas de fotos, só com uma de perfil antiga, e postagens que ele compartilha. Ele desfez a conta no Instagram, não o encontrei. Mas vi algumas poucas fotos dele no site do estúdio. Umas pequenas filmagens que ele aparece meio que sem querer, bem rápido. Filmagens que fiz questão de pausar para admirá-lo, notar cada mudança, e aumentar minha saudade.

Droga! Começou tudo de novo!

Quarta-feira

Bruno voltou para casa na sexta-feira, um dia depois da nossa briga e só após o trabalho. Desde então, não tínhamos conversado muito e ele não

tocou no assunto sobre o estúdio ou meu trabalho. Estávamos em um clima tão amigável naquela semana, que pensei em preparar um jantar legal para nós dois e quem sabe irmos dormir juntos novamente, como antes. Eu sentia falta de sexo. E ficava excitada só de pensar em transar com ele.

Quando Bruno entrou em casa, após um dia longo de trabalho, ouvi o som dele tirando os sapatos na sala. Eu fui até ele para dar um beijo e mostrar minhas intenções. Porém, antes que eu fosse para a sala, ele entrou na cozinha e se encostou à mesa, daquele jeito que ele sempre fez quando eu ainda era sua secretária, e que me deixava louca, com as mãos apoiadas uma de cada lado da mesa.

— Vou receber um soco se eu disser que está muito sexy com essa saínda por baixo desse avental? – Ele disse me fazendo sorrir.

Aproximei-me, e fui logo à sua boca mordiscando seus lábios como ele sempre gostou.

— Não ganha não! Que bom que gostou – Respondi

Enquanto nos beijávamos, comecei a abrir os botões da sua camisa, deixando-a aberta com seu abdômen à mostra. Mas o que eu amava mesmo era seu peitoral, definido, forte... Suas mãos firmes e pesadas seguravam em minha cintura com força, me deixando muito excitada apenas com seu toque. Ele subiu suas mãos por todo o meu corpo até o meu pescoço, deixando uma mão de cada lado, como se quisesse me devorar; ele afastou meu rosto e me encarou com olhar voraz, seus olhos percorriam todo o meu rosto, me examinando, o que me deixava com mais vontade.

Mas ele interrompeu nosso momento, tirando suas mãos de mim. Segurou em minha mão, puxando-me até o quarto. Aquilo me deixou animada, pois não transávamos há semanas, e eu estava pronta para recomeçarmos e deixar essa confusão de lado.

— Huum, misterioso – disse mordendo os lábios.

— Senta! Quero te falar uma coisa. E, por favor, sem deboche – ele disse, apontando para a cama.

É sério? Ele vai cortar essa delícia de momento para conversar, agora? Não vamos ter sexo? – Revirei os olhos fisicamente com meu pensamento. *Parece que não agora. Então vamos ver o que é dessa vez* – pensei, revoltada.

— Eu sei que tenho sido um idiota. E que eu mudei muito desde que casamos – ele começou, me deixando enfasiada.

— De fato – o interrompi, decepcionada por não ser sexo o que ele

teria para mim naquele quarto.

— Mah, me deixe falar.

Ele colocou as mãos na cintura, abrindo mais a camisa, e quando percebeu que não tirava os olhos do seu peito, começou a fechar os botões novamente.

Protestei, com os olhos arregalados.

Ele se sentou e percebi que ele estava suando! – *Talvez fosse nosso beijo lá na cozinha. Geralmente ele sua fácil* – pensei.

Rapidamente ele se levantou, mas logo se ajoelhou, segurando minhas mãos, e abaixou sua cabeça sobre elas. Ele estava inquieto, e já sem forças na voz. E meu tesão já havia sido trocado por medo e aflição. *O que será agora?*

— Eu... traí você! Não consegui me segurar diante de nossas brigas e minha insegurança, e quando saí daqui na quinta-feira passada, após nossa briga com o envelope, encontrei a Amanda, que mora no bloco C, aqui do condomínio, com muitas sacolas subindo para seu apartamento, e quando a ajudei a subir com as compras ela me ofereceu água e eu entrei, começamos a conver...

Eu não disse nada. Estava congelada por dentro, sentindo algo inexplicável, meu coração ardia e minha respiração ficou acelerada; me levantei e ele parou de falar. Veio atrás de mim. Dei a volta na cama e fui até o armário, nosso quarto não era muito espaçoso, mas naquele momento parecia ainda menor. Peguei umas roupas e ele tentava me impedir, mas eu não conseguia nem ouvir sua voz, eu não podia acreditar que estava acontecendo de novo! Então concentrei minha mente em tudo, menos naquele momento. Ele falava, mas eu não o ouvia, ele segurava minha mão para que eu não tirasse as roupas do cabide. Não tendo muito sucesso, me segurou pelos braços, ficando frente a frente, me jogou na cama com força, e então voltei a mim, assustada e com medo.

— Pare de tirar suas roupas, você não vai a lugar algum! Vamos superar isso, estou disposto a fazer o que quiser! – ele gritou desesperado, com o rosto vermelho e em lágrimas. E naquele momento me questionava o que eu fiz com minha vida. Todos esses anos perdidos com um homem que não me fazia feliz. Que nunca me respeitou e se quer me amou. Ele queria ter a posse sobre mim, e isso não era amor. E então me despertei.

— De verdade? O que eu quiser? – perguntei, levantando-me e cruzando os braços.

— Sim! Peça, eu farei sem hesitar. – Seus olhos vermelhos pareciam

esperançosos e eu mal via a hora de destruir essa esperança.

Ele disse, esperando que meu pedido fosse para que eu pudesse cobrir a matéria do estúdio.

— Ok. — Desamarrei meu cabelo e ajeitei melhor quando me vi descabelada. — Quero o divórcio e quero que nunca mais me procure!

Vinte e Oito

Lucas

Quinta-feira

— Tem certeza de que isso vai dar certo, Hugo? Detesto tirar fotos, fazer poses. E não quero falar sobre minha vida pessoal, hein!

— É só agir naturalmente, faça seu trabalho. Produza, lidere. E deixe que a fotógrafa capte seu natural! E relaxa. É só sobre o estúdio.

Hugo tentava me acalmar, já que em anos essa era a primeira vez que iríamos abrir as portas para alguém da imprensa falar sobre nossa empresa, nosso trabalho. Seríamos oficialmente divulgados para o mercado da música e eu não sou bom com câmeras.

— Não seria um fotógrafo? – eu perguntei, me virando na cadeira da mesa de som.

— O rapaz da revista ligou e disse que tiveram que trocar tudo de última hora, mas que a profissional que vem é uma das melhores. Você vai gostar dela! – ele disse.

Estava tão ocupado com as produções e ensaios para apresentação de sábado que deixei Ed e Hugo por conta de toda essa parte.

Hugo passou por mim e apertou meus ombros dizendo:

— Apenas seja você! Não se esqueça dessa dica! “Seja você e deixe rolar naturalmente. Você merece!”

Minha vida estava uma grande maratona, mudei minha rotina completamente, quase não bebia, parei de jantar pizza e hambúrguer. Voltei a cozinhar constantemente e minha casa tinha bonecas, saias de bailarina e sapatilhas por toda parte. Ela sempre foi uma pequena bailarina, linda e bagunceira!

Ela me ensinou a ser uma pessoa melhor e tudo que fazia era por ela e para ela. Não tinha mais tanta ambição pessoal, minha ambição se tornou fazer dela uma grande mulher, com valores e com sonhos! Sonhava em ser seu melhor amigo, queria mesmo que em suas crises ela me procurasse, sabendo que poderia contar comigo sempre. Ainda estava muito longe, mas já me preparava psicologicamente para quando ela viesse me contar sobre o primeiro beijo. Sendo só nós dois eu já me preparava para ser sempre presente. Eu passava horas imaginando como seria ser pai de uma adolescente, tentando me preparar para ser um bom pai sem deixar de ser seu

amigo.

Chegara o primeiro dia da entrevista e tudo que eu tinha que fazer era agir normalmente! Continuar com meu trabalho, organizando, editando etc. A repórter chegou, mas veio sozinha, a fotógrafa não estava com ela.

— Lucas Santos. Solteiro? Casado? Apaixonado? – A repórter, que era realmente linda, atraente e que não decorei o nome, me perguntou.

— Podemos não falar da minha vida pessoal? Não estou pronto ainda – disse, sorrindo e tentando não parecer grosseiro. Afinal, qual importância isso teria?

— Ok... Me conte, quando descobriu seu amor pela música? – ela não pareceu gostar da mudança de assunto.

— Huum... Desde que me entendo por gente! – Eu ri. Mas ela não. Engraçado como meu sorriso literalmente maroto não tem efeito sobre ela.

— Seja mais específico. – Ela disse, cruzando as pernas e apoiando seu braço ao encosto lateral da cadeira me encarando seriamente.

— Desde que percebi que ela toca no meu coração, que me acalma e que de alguma forma me mostra o que fazer. A música tem sido um refúgio para mim desde que aprendi a ouvi-la de verdade. Até mesmo a batida dela me diz algo. – Eu disse, com a expressão mais séria, me lembrando de tudo que a música já fez por mim e ela toma nota de cada palavra. Minha sinceridade parece ter quebrado o gelo de sua face, e enfim eu podia vê-la mais amena, com olhar encantador enquanto eu falava.

— O senhor canta, não é? Vi na programação que vai fazer a abertura do evento. Por que produtor e não cantor?

— Sim, eu canto. Mas eu gosto mesmo é de produzi-las; gosto de estar com as mãos na massa, criando, ou pelo menos dando vida à música através de artistas realmente bons que não têm tanta oportunidade.

Com algum tempo conversando com a repórter Bianca, – que insistiu para ser chamada de Bia –, fui me soltando. Então Ed entrou na sala com uma das bandas que seria lançada no sábado e sugeriu que mudássemos um pouco o rumo da entrevista. O Ed sempre foi assim, comunicativo e intrometido, sem medo. E ela aceitou. Aproveitei para levantar um pouco, tirar a tensão dos ombros e os convidei para irmos à sala de recepção tomar um café e comer um bolo antes de recomeçarmos. Descontraída, Bia parecia outra pessoa.

Mariza
Quinta-feira: 08:00

Não foi nada fácil conseguir me livrar daquela situação que o Bruno me colocou. Eu estava arrasada, mas não queria mostrar isso a ele! Não queria chorar em sua frente, mas essa foi a arma que usei para que ele abrisse as portas e me deixasse sair, já que ele insistia que eu precisava ficar, conversar e entender o lado dele. Parecia até uma piada, então chorei desesperadamente e disse que eu não conseguia ficar ali e ver tudo aquilo acontecer de novo comigo, e com o mesmo Bruno! Eu não podia aceitar nem suportar! Só assim ele me deixou ir. Corri para a casa da Cintia, que passou a ser meu socorro nos momentos difíceis. Karen tem me feito tanta falta!

Depois de passar a noite chorando e lamentando por minha vida amorosa ser uma bagunça, e por meu casamento ter sido uma perda de tempo, eu consegui acordar a tempo para o primeiro dia da entrevista com a equipe do Lucas. Eu não estava com cabeça para pensar em nada que não para lamentar que eu não tive tempo para me recuperar do baque de ser traída mais uma vez pelo mesmo imbecil. — *Talvez a imbecil seja eu.*

Reencontrar meu melhor amigo de anos atrás, por quem fui apaixonada secretamente, não ia ajudar em nada! Mas era trabalho, concordei; então tinha de seguir em frente. Cintia não me deixou sair de moletom, tênis e de coque.

— O mundo não precisa saber que está toda ferrada na vida, querida! – Cintia tem um humor negro que eu já me acostumei, e ela o usou enquanto desfazia meu coque mal feito.

— O mundo precisa aceitar pijama como roupa de luxo – resmunguei, sentando na cama de frente ao espelho e sem nenhuma força, enquanto ela não tirava suas mãos de mim tentando me arrumar.

Ela me convenceu a usar uma blusa preta mais soltinha, de manga até o cotovelo, e uma calça jeans clara com rasgo no joelho. Me forçou a trocar meu tênis preto surrado por seu All Star branco. E antes de chegar à porta, vi seu chapéu novo, marrom lindíssimo que ela namorou por meses na internet até ter a coragem de pagar 180 reais por ele. Serviria tão bem para tapar meu cabelo que ficou terrível depois de tanto fazer e desfazer os coques. Não precisei dizer nada, apenas olhei para ele.

— Pega, Mortícia! Vai combinar com o look. Hoje você pode tudo,

até usar meu chapéu caríssimo! – Cintia brincou, me apelidando de mãe da família Adams, enquanto me olhava da porta do quarto sorrindo maldosamente. Eu sei que ela estava tentando do seu jeito me fazer sorrir. Mas eu não estava mesmo no clima.

Lucas
Quinta-feira, 11:00

Ed me informou que a fotógrafa estava vindo para a segunda parte da entrevista com outra banda. Eu estava ficando nervoso com tudo aquilo! Mas precisava me acalmar e tentar agir normalmente, então precisei ignorar tudo à minha volta e entrar na sala acústica para ensaiar a música de abertura como se nada mais estivesse acontecendo. Bia, a repórter, fez menção em entrar comigo na sala, mas não permiti. Mesmo assim ela não tirava os olhos de mim, focando no que eu fazia ou dizia. Essas coisas me deixavam tenso. Todo esse holofote me deixava tímido, mas era por uma boa causa.

Me sentei na banquetta em frente ao microfone e peguei meu ukulele. Logo percebi a repórter intrigada e empolgada com suas anotações ao ver que eu não tocaria o violão que estava ao meu lado; tentei me desligar dela e logo comecei a tocar as notas para iniciar, com um ritmo mais suave que a versão original, a música de Mano Walter.

*“Ela só quer encontrar um coração partido,
Que também já tenha sofrido, por amor.
Vou oferecer o que restou do meu peito para ela,
Juntar a minha tampa com a panela dela,
temperar a nossa vida, e dar mais sabor.”*

Estava concentrado nas notas que eu tocava sobre as cordas do instrumento, chegando a fechar os olhos para sentir a letra, e para esquecer que havia pessoas me observando. Tão focado que não percebi a fotógrafa que chegou e estava do outro lado do vidro me olhando. Permaneci de cabeça baixa, concentrado nas notas. Consegui cantar mais uma estrofe antes dos meus olhos me levarem a ela.

*“...Eu tenho um abraço para te dar
Cê quer que eu leve aí ou você vem aqui buscar
Te prometo não te prometer nada ...”*

Levantei os olhos rapidamente para não ficar tão chato e parei de cantar porque vi Mariza parada do outro lado do vidro, segurando um monte de bolsas e objetos. Naquele exato momento, se é que era possível, tudo parou e em minha visão a sala de som não estava lotada, só ela estava atrás daquele vidro, mais ninguém. Sem tirar meus olhos dela, levantei-me lentamente sem acreditar, deixei meu Ukulele na banqueta e sai da sala rapidamente para abraçá-la e, quando parei na porta do corredor, não consegui mais sair do lugar. Algo me impedia: era o medo de atrás dela vir seu marido e meu abraço acabar a prejudicando, mas ela sorriu, deixando suas coisas no chão e eu soube que eu poderia me aproximar, e então nosso bom e velho abraço.

Apertado... Frouxo... Desajeitado... Demorado.

Muito demorado.

Mesmo com todos os anos, nosso abraço era desajeitado, eu a apartava e não queria soltá-la, ela sempre afrouxando seu corpo como se tivesse medo de que alguém nos visse agarrados, mas sempre demorávamos a nos soltar. Era estranho, porém o mais gostoso dos abraços. Eu a afoguei em meu peito, e a apertava forte, e sentia suas mãos apertando minhas costas. Ela sempre foi a primeira a fugir do meu abraço, mas dessa vez não sentia que ela queria me soltar. Até que senti algo molhado em minha blusa.

— Batatinha... — eu disse, tentando ver seus olhos. Mas ela rapidamente os secou em minha blusa, levantou a cabeça sorrindo para mim e disse o que eu estava com tanta saudade de ouvir.

— 1,99, que saudade! — Eu não resisti e a trouxe para mais um abraço, seguido por um beijo em sua testa.

— Você prometeu que nunca ia sumir! — sussurrei sobre sua cabeça e por um momento, ao abrir os olhos, me lembrei que não estávamos sozinhos.

Nos soltamos e Bia estava tão próxima de nós com aquele gravador em uma mão e um celular na outra que ela quase fez parte do abraço.

— Você não vai usar isso, vai? — Mariza quis saber com ela depois que se soltou de mim.

— Algum problema? — ela questionou, tirando o gravador de perto e guardando o celular com as fotos que tirou no bolso.

Percebi certa aflição no rosto da Mariza quanto ao conteúdo coletado por ela, então tive que intervir:

— Bia, essa é Mariza, minha melhor amiga no mundo inteiro. Ficamos sem qualquer contato por três anos e agora nos reencontramos de

surpresa – eu disse embasbacado, segurando nos ombros de Mariza.

— Serei a fotógrafa do final de semana do evento do Lu – Mariza disse, estendendo a mão para Bia. E eu sorri novamente, sem acreditar na coincidência de ser ela a fotógrafa que a revista havia enviado.

— Certo! Então posso ou não usar o momento de vocês na matéria? – Bia insistiu, ignorando nosso momento.

A chamei na sala de reuniões, sorridente e sorrateiro, eu sabia que para ela seria uma ótima oportunidade de ter algo a mais em sua matéria, mas se Mariza estava incomodada eu não deixaria que isso acontecesse.

— Podemos deixar essa parte para outra matéria? Creio que ela não se encaixa na que está fazendo sobre o estúdio. Deixa pra próxima e faremos uma sobre minha vida pessoal completa, com direito a qualquer pergunta. Feito? – negocieei.

— Qualquer pergunta?

Ela repetiu sorrindo, com o olhar maldoso, e apontando sua caneta para mim, demonstrando que a ideia não poderia ser melhor. De repente, ela já não parecia mais tão linda. Sorrio de volta, concordando com a cabeça, sem tirar o sorriso do rosto.

— Sim! Qualquer pergunta.

Disse alto, saindo da sala e voltando para Mariza que já estava rodeada por Hugo, Ed e Ninha, que chegou enquanto eu estava na sala com Bia. Eles a rodearam, cheios de perguntas e risadas.

— Ei! Deixem a Batatinha em paz – disse, me aproximando do grupo curioso.

A puxei pela mão esquerda e trouxe para meu peito, e logo notei a falta da aliança. Eu não consegui raciocinar e beijei sua mão, em cima de onde deveria ter uma aliança dourada. De alguma forma eu sabia que algo havia acontecido entre ela e Bruno e, sem querer, fiquei feliz. Ela percebeu e logo puxou a mão de volta e continuou a conversar. Bia parecia uma sombra atrás de mim, anotando e gravando tudo. Mariza sempre fez amizade fácil, mas como fez com Ninha, Ed e Hugo parecia até que se conheciam e eu não sabia. Depois de impedir uma tentativa de interrogatório com Mariza, fomos almoçar.

Vinte e Nove

Mariza

De barba num tom mais claro, touca na cabeça, um brinco na orelha e uma tatuagem no braço, Lucas estava muito diferente. E seu corpo mais definido o deixara mais maduro. Que orgulho senti em vê-lo tão bem! – pensei enquanto o via cantar e tocar no estúdio, antes dele me ver.

— No meu carro ou no seu? – perguntou enquanto fechava a porta do estúdio.

— No meu. Está logo ali na frente – disse, apontando para meu carro do outro lado da rua.

— Tá bom, mas antes venha aqui que quero te mostrar uma coisa. – Lucas, eufórico, pegou em minha mão e me puxou para o estacionamento do estúdio. As mãos dele estão mais firmes e fortes.

— Esse é meu novo xodó! – disse, batendo no capô de um 4X4 preto.

— Que lindo seu caminhão, Lucas! – brinquei.

— Agora já me acostumei, mas no início me sentia em um caminhão mesmo. E a notícia que você vai amar é que vendi a moto.

— Graças a Deus! – agradei.

Ficamos uns minutos ali, admirando e falando sobre seu carro novo, e depois fomos ao meu carro, que o fiz dirigir a caminho para o restaurante. E ele pegou em minha mão enquanto dirigia.

— E então, o que houve nesse dedo? – ele perguntou, notando a falta da aliança.

Recostei minha cabeça no encosto superior do banco, olhei para ele contorcendo os lábios e espremendo um dos olhos, fazendo uma careta.

— Podemos fingir que não havia nada aí? Pelo menos por enquanto? – choraminguei.

Ele fez uma expressão de quem ficou confuso e preocupado e tentou insistir.

— Tuuuudo bem. Outra hora? – Ele me olhou.

— Outro dia. Hoje não quero falar disso! Hoje quero falar de nós – eu disse, sorrindo para ele.

— Oh! Outro dia? Então vai ficar mais tempo? – ele tentou mais uma vez, agora com uma indireta.

O olhei pedindo que não insistisse. Acabei dando um jeito de mudar

de assunto.

— Tira esse gorro, está calor.

— Não implica com meu gorro. É meu estilo. Combina com a barba!

— E que barba, hein? – desdenhei da enorme cabeleira em seu rosto.

— Para qual churrascaria nós vamos? – continuei, levantando o astral e me ajeitando no banco.

— Opa! Leu meus pensamentos, estou louco por um churrasco!

— Claro que está, Lu! Você nunca recusa um churrasco.

Ele soltou seu sorriso maravilhoso para mim quando percebeu que eu ainda lembrava bem dos seus gostos.

Conversamos muito sobre ele e sobre meu trabalho com a fotografia durante o almoço, mas vendo que isso me lembrava o Bruno, mudei logo de assunto e falamos mais sobre a vida maluca dele.

— Tenho uma surpresa linda pra você! Mas só mais tarde.

Ele me convenceu a ir para sua casa depois da entrevista.

— Temos tantos filmes para pôr em dia! – ele disse quando saímos do restaurante.

Eu sorri, recordando que não ia ao cinema há um bom tempo e não estava sequer atualizada com os últimos lançamentos. Bruno não gostava muito de filmes; era mais fã de esportes. E ir ao cinema com ele era pedir que ele dormisse; sempre detestei ir ao cinema sozinha, então parei de ir. E eu passava tanto tempo fora de casa que quando chegava, o clima não estava nem para ver jornal, que dirá filme.

Antes de entramos no carro, ele encostou-se à porta do passageiro, impedindo que eu entrasse. Mas antes esticou suas mãos para mim:

— Me dá um abraço? – pediu, com seu velho jeitinho dengoso.

— Claro. – Deitei a cabeça em seu peito, deixando que ele me envolvesse com seus braços, que estavam grandes e fortes. Com a voz abafada por seu peito eu disse:

— O Bruno me traiu – choraminguei.

Ele me afastou com carinho e abaixou a cabeça para olhar em meus olhos. Estava assustado.

— Quando foi isso, Mari? – Me afastei, dando um passo atrás.

— Ele disse que foi quinta-feira passada, mas só me contou ontem.

— E você está aqui trabalhando? Tá maluca?

— Funciona bem pra mim. Eu me atarefo e esqueço isso. Além do mais, era a oportunidade de te encontrar de novo! – disse, sorrindo sem graça,

tentando disfarçar minha vergonha.

Ele desencostou do carro e abriu a porta para mim. Assim que entramos no carro, ele disse:

— Batatinha, eu vou ligar para a revista e agradecer por enviarem você e vou pedir para enviarem outra. Quero que fique comigo até tudo se resolver e quero que curta esses dias do evento comigo, mas não trabalhando. Como convidada.

— Revista? Não, Lu. Eu sou autônoma. Foram o Hugo e o Ed que me procuraram. Disseram que não gostaram da equipe da revista e pensaram em mim. Não foi você?

Ele gargalhou alto e colocou o braço sobre o volante, com o rosto ainda virado para mim sem acreditar. Ajeitou o gorro na sua cabeça:

— Não! – Ele sorria. — Eles me disseram que o fotógrafo da revista não poderia vir, mas que estavam mandando uma das melhores. Nem passou pela minha cabeça que iam procurar você!

Ele riu novamente e colocou a mão na boca.

— Mari! Eles armaram isso tudo! E não me disseram nada! Desde que os deixei na organização eles estão suspeitos...

Ficamos rindo e ligando os fatos:

— Mas você já tinha contado sobre mim?

— Sim, eu contei para o Ed que fazia anos que não te via, ele deve ter contado para o Hugo, que com certeza contou à Ninha.

— Que deu a ideia! – dissemos juntos em uma só voz!

— Ainda não acredito. – Ele passou as mãos no rosto, e olhou para mim, continuando. — Mas você ainda estava casada?

— Sim! – Dei uma gargalhada. — Eu ainda estou! Eles pouco se importaram com esses detalhes! Mas vamos dar-lhes os créditos. Foi linda a atitude deles. E eu amei! – Sorri

O telefone do Lucas tocou. Era o pessoal do estúdio. Estavam aguardando por nós. A descoberta do plano para nos fazer reencontrar me distraiu e deixamos o assunto do Bruno de lado. Ele tentou mais uma vez me tirar do contrato dizendo que eu não precisaria trabalhar, mas eu insisti. Voltamos e trabalhamos muito; e no fim do dia como combinado, fui embora com ele. Passamos na casa da sua mãe porque minha *surpresa linda* estava lá.

Assim que entrei, fui muito bem recebida.

— Então essa é a famosa Mariza? – A mãe dele perguntou, me abraçando.

— Mãe! – ele a corrigiu, com vergonha.

— Finalmente a conheci! Estava começando a achar que era uma amiga imaginária do meu filho – a senhora de cabelos longos e com muitos fios brancos me disse.

— É um prazer conhecê-la, ele sempre falou muito da senhora também! – disse, admirando sua semelhança com a Ninha.

E então uma boneca vem correndo pelas escadas, fazendo com que toda atenção fosse voltada para ela. Uma menina linda de bochechas rosadas, redondas, com olhos pequenos e negros como seu cabelo liso. Ela vem gritando:

— Papai chegou!

Me deixando surpresa, chegando perto do Lucas e pulando em seus braços. Ele a levantou até o alto e a segurou no colo, e eu não tirava meus olhos arregalados da menina.

— Livia! Essa é Mariza. A melhor amiga do papai.

Eu sorria nervosa, sem acreditar no que ouvi e vi e fiquei esperando a mãe aparecer para acabar comigo. Mas quem seria ela? A menina não tinha só três anos, que foi quando nos vimos pela última vez.

— Mari, essa é Livia. O bebê do papai! – Ele a colocou no chão e afagou seu cabelo. Despenteando sua franja impecável, como todo seu cabelo que ia até os ombros.

— Meu presentinho... – ele disse orgulhoso, olhando para aquela garotinha linda ao seu lado.

Eu ficava apreensiva esperando a apresentação da mãe, mas ela não parecia estar por ali. Conversamos por um tempinho e Livia parecia muito educada; ficou tímida no início, mas logo se soltou. De repente estava me chamando de tia e eu quase derreti de amores.

O ouvi conversar com sua mãe na cozinha, pedindo para que Livia pudesse dormir com ela naquela noite e ela não foi nada discreta.

— Lu, você sabe que sou contra esse tipo de coisa.

— Mãe! Ela é só uma amiga. Está precisando de ajuda, o marido a traiu e ela está sozinha nessa! Eu não faria nada disso! Com a Livia lá não vamos poder conversar. Jamais faria nada com ela, mãe!

O ouvi tentar sussurrar, nervoso.

— Filho, eu sei de tudo. Sei como foi esse tempo que ficou esperando e torci para isso acontecer, Deus é prova como orei para se reencontrarem. Mas cuidado, ela é casada !

Trinta
Lucas

— Eu falei sério quando disse que você deveria ficar comigo até se resolver. Eu quero cuidar de você!

Eu disse a Mariza enquanto pegava as coisas em seu carro e colocava no meu. Deixamos o carro dela na minha mãe e eu a levei para o meu apartamento. Minha mãe realmente esteve comigo sempre e se tornou a melhor amiga que eu poderia ter na vida! Ajudou-me com Livi desde o primeiro dia, e depois que Alice faleceu, precisei de cuidados maiores tanto comigo quanto com minha filha. Não vou negar, foi complicado no início, já que Livi ainda não havia se apegado a mim como figura paterna e eu estava um trapo fisicamente, por ter pesadelos toda noite revivendo a cena da Alice morrendo em meus braços.

Durante muito tempo eu sofri pela falta da Mariza. Até porque Alice adorava ouvir nossas histórias, e lembrar de uma sem lembrar da outra era impossível. Por isso eu sempre falava dela e não conseguia tirá-la das minhas lembranças. Minha mãe sempre esteve comigo, me aconselhando a seguir em frente. Nunca permitiu que eu parasse minha vida por conta desse amor que nunca revelei. E por isso agiu de maneira tão hostil quando pedi para que ela nos desse aquela noite sozinhos. Ela temia que eu acabasse agarrando Mariza. *Mas não era pra tanto.* Paramos no caminho para comprar seu vinho preferido, umas cervejas, chocolates e batata congelada. Eu sempre adorei essa facilidade de agradá-la.

— *Pizza?* – ela perguntou, pegando uma caixa no freezer do supermercado.

— Não! Daqui não, vamos pedir uma lá de casa – eu disse, tirando a caixa da sua mão, enquanto ela começou a dançar uma música que tocava no alto-falante do supermercado.

— Nem bebeu e já está assim? – eu disse, olhando para os lados para me certificar que ninguém estava vendo aquela cena.

— Dança, seu chato! Se solta! – ela falou, pegando minhas mãos e balançando para o alto, muito animada.

— Maluca! – Eu sorri, a deixando balançar meus braços. Eu a observava se divertir, como uma criança em uma excursão da escola.

Marisa estava um pouco fora do normal e veio bebendo ainda no

carro, no gargalo da garrafa de vinho. Quando chegamos em casa, conversamos muito. Depois que ela parou de admirar o tamanho do meu apartamento, é claro.

— É óbvio que vou ficar aqui! Tem hidromassagem! Lucas, pra que um quarto desse tamanho? – ela gritou do banheiro do meu quarto.

Eu me divertia, enquanto ela voltava à sala e enchia de novo sua taça de vinho até a borda. Tomou em uma golada metade do que encheu e a entregou a mim, quando avistou o piano na sala de visitas.

— Então você tem mesmo um piano! Porra, ele é lindo! – Ela se sentou no banco à frente do piano e deslizou sua mão pela tampa do teclado, que graças a Deus ela não abriu. Mas imediatamente se levantou para olhar seu interior e eu não conseguia parar de rir dela, nunca a vi assim tão agitada ou espontânea e desbocada.

— Eu vi uma foto de você sentado em um piano. Você toca? – ela perguntou, vindo em minha direção e pegando de volta sua taça.

— Não, eu até comecei a fazer umas aulas e, empolgado, vi um anúncio nesses sites de usados e o comprei, mas nunca mais voltei às aulas – respondi, e ela recomeçou a andar pela casa que, modéstia à parte, era enorme.

— Amor... – Puxei-a pelo braço antes dela me abandonar de novo para um tour pelos cômodos. Ela se virou, ajeitando o cabelo com a mesma mão que segurava a taça e resmungou:

— Minha nossa, que saudade eu estava de ouvir você me chamar de amor.

Eu me aproximei e a trouxe para mais perto, segurando em sua cintura:

— Também estava com saudade de dizer. Vem cá, vamos sentar ali no tapete da sala e conversar sobre tudo, sobre nada e rir à vontade. Como fazíamos por mensagem, só que pessoalmente.

Ela piscou para mim, sorriu, escapou das minhas mãos e correu para a sala, e eu a segui. Ela estava elétrica! Mas era vinte por cento nervosismo e oitenta por cento vinho. Ela ficava agitada quando nervosa ou ansiosa.

— Tem música boa aí? – ela perguntou.

Tirei meu celular do bolso, liguei o som e o conectei ao meu Bluetooth, e a primeira música que começou foi *Take a Bow*. Ela me olhou, sorriu e exclamou, já sentada no tapete do chão na sala:

— *Play Day!* Você lembrou!

— Eu ouço as mesmas músicas toda vez que estou sozinho em casa ou no estúdio a anos – disse, me sentando ao seu lado.

Ela se aproximou, acalmou-se e deitou no meu colo. Então começou a contar tudo desde o início: como o Bruno voltou para a sua vida, a cena patética dele dentro do carro com a música do Maroon 5, o baile e até o sexo dos dois no dia seguinte ao baile; o pedido de casamento que ele fez e suas brigas recorrentes desde que se casaram.

— Por que ele tinha que mudar? Por que não podia ser para sempre o Bruno de quando namorávamos? – Ela deixou as lágrimas rolares em meu colo e colhi cada uma sem tentar impedi-las, pois sabia quão bem isso a faria. Depois ela se sentou de frente para mim, limpando o rosto molhado.

— Essa resposta é simples, ele sempre foi esse Bruno que conhece hoje. Mas não podia mostrar quando namoravam. – Disse sem pensar no momento de fúria pelo tal Bruno. Ela chorou ainda mais e quando tentei me aproximar para acalmá-la fui impedido, pois ela dizia que se eu a abraçasse não iria mais parar de chorar.

Isso me deixou furioso, e tentando controlar meu ódio pelo babaca, tapei a boca com a mão fechada, apoiando meu braço no joelho que estava elevado até meu peito. Ele desperdiçou os três anos de casamento brigando, só porque não queria que ela trabalhasse.

— Agora é a sua vez.

Ela disse, empolgada ao notar que eu ficava cada vez mais bravo com Bruno. Então contei sobre a Alice, Lívia, sobre meu casamento e minha separação. E contei que fui ao seu casamento, mas sem muitos detalhes.

— Você foi... – ela dizia-me com o olhar arregalado. – Eu vi o presente mas achei que tinha enviado por alguém, sei lá!

— Fui, mas eu não tive coragem de aparecer. Eu estava arrasado por não ter contado sobre a Lívia. E por tê-la expulsado do estúdio pelo mesmo motivo.

— Não tem nada a ver! Tivemos nossos motivos para não contar. E já passou.

— Verdade.

Fiquei grato por ela não querer saber meu motivo por não ter contado da Lívia na época, e por não querer voltar ao assunto do que houve no estúdio. A playlist se repetiu várias vezes e nem percebemos. Então ela se levantou:

— Chega de deprê! Vamos dançar!

— Batatinha, você está bêbada. São três da manhã. Vai ficar de ressaca quando acordar. É melhor ficarmos quietos aqui.

— Está me mandando embora de novo? – ela dramatizou, me olhou feio segurando a garrafa de vinho, e as músicas não paravam de rolar.

Estava segurando uma lata de cerveja e tive a ideia de tirar o anel dela. Eu o segurei em minha mão antes de dá-lo a ela, que o pegou e começou a chorar.

— O que foi, amor? – perguntei, carinhoso e sem saber o que eu poderia ter feito de errado.

Ela me abraçou dizendo:

— Eu perdi o anel do refrigerante que me deu.

Eu comecei a rir e ela espalmou a mão em meu peito.

— Não tem graça!

— Batatinha... – Ergui sua cabeça segurando em seu queixo e a olhei nos olhos. — Eu sei que não perdeu porque quis, a maior lembrança daquele dia está aqui comigo... Você. E eu tenho uma que nunca tirei do pescoço.

Enfiei a mão dentro da minha blusa e puxei a corrente que ela me deu de presente há três anos.

— Meu Deus! Eu não me lembrava disso! Lu... você guardou! – Ela estava realmente espantada por ver que eu ainda usava.

— Tá de brincadeira? Eu não tiro nem pra tomar banho!

Seus olhos estavam brilhando pelas lágrimas e ela estava realmente mais linda do que eu me lembrava. Meu coração estava disparado por tê-la comigo aqui tão perto. Inclinei-me em direção à sua boca sem tirar meus olhos dos seus, mas ela se afastou rápido, mudou de música e começou a dançar sem soltar a bendita garrafa.

— Agora chega! Vamos ouvir música de verdade! – eu disse, frustrado, mudando a playlist para sertanejo.

— Você sabe que não sei dançar isso, né? – ela disse quando eu peguei em sua mão e a trouxe para mais perto do meu corpo para dançar a música da *Yasmin Santos*.

— *“É que eu to com saudade, saudade nível hard... tá sobrando vontade, tá faltando coragem...”* – sussurrei alguns trechos da música em seu ouvido, a trazendo pra mais perto do meu corpo e a ensinando dançar no ritmo certo. O que não aconteceu, porque ela não sabia nem para que lado seguir. Rimos mais do que dançamos.

— Troca de música. Eu já estou aqui e não tem mais essa saudade! –

ela gritou, abrindo os braços, tentando superar o volume do som.

— Você quem pediu, hein! Essa foi a que ouvi nos últimos dois anos quando parei de esperar você aparecer.

A música começou e ela cantou junto, me surpreendendo. Chegou mais perto e cantou apontando para mim. Eu não sabia se ela estava cantando ou se estava falando a verdade. E fiquei parado olhando-a cantar, tentando descobrir a verdade. Ela sabia a música inteira.

Desde quando ela ouve sertanejo?

— “... foooooi mas não é mais a minha notificação favoritaaaaaaaa...”
— ela gritou, jogando a cabeça para trás, curtindo a música. E eu fiquei parado segurando minha sexta lata de cerveja, esperando que ela acabasse de cantar, mas ela não iria parar até que a música terminasse. E eu não aguentava mais aquela tortura, ela estava apertando meu coração com as mãos, me fazendo pensar que realmente havia me superado. E que ela podia mesmo nunca ter sentido nada por mim. Pensar nisso me rasgava por dentro e eu precisava tentar.

Ela dançava em direção à cozinha, me ignorando, e eu deixei minha cerveja na mesinha ao centro da sala e fui com tudo atrás dela, a surpreendendo antes que conseguisse abrir a geladeira. Ela olhou para trás assustada e sorriu, mas eu não retribuí o sorriso. Porque eu estava encarando seus olhos e sua boca. Não retribuí o sorriso porque estava ocupado a desejando. Então ela se virou de volta para a geladeira me dando as costas sem se importar, ou mesmo notar meu desejo. Eu levei minhas mãos à sua cintura fina e cheguei bem perto dando um selinho em seu pescoço, deixando-a imóvel. Eu não conseguia mais me controlar. Eu a queria.

— Me desculpa por isso, mas esperei três anos por você. E eu não superei você não! Nunca deixei de esperar uma mensagem, uma ligação... Eu senti sua falta. E muita – sussurrei bem baixinho em seu ouvido, torcendo para que o vinho tivesse lhe dado coragem o suficiente para me beijar.

Ela se virou para mim, ficou parada me olhando e, sem dizer nada, me puxou de volta para a sala, desligando o som. Então me abraçou forte e disse com a cabeça em meu peito:

— Eu nunca esqueci você!

Meu coração disparou de felicidade por saber que eu não fui o único que ficou esperando tudo isso recomeçar! Por um momento pensei em me aproveitar da situação, mas eu precisava colocar minha cabeça no lugar. Ela ainda era casada, cheia de problemas e tinha bebido uma garrafa de vinho

sozinha. Eu não poderia contar para ela naquele momento que sempre a amei. Eu queria falar, mas não poderia ser naquele momento!

— Vamos dormir? – Eu disse, a afastando e segurando em sua cintura.

Trinta e Um *Mariza*

Minha cabeça doía, revirei-me na cama, me escondendo com a coberta. Tirei a cabeça para fora do cobertor e fiquei um pouco perdida com aquele quarto todo rosa, com muitas bailarinas na parede. Então me situei. *Estou no quarto da Livia. Não foi um sonho. Estava mesmo com Lucas. E não o beijei! Nossa, estamos crescendo mesmo!*

“Toc. Toc”

— Posso entrar? – Lucas perguntou do outro lado da porta, interrompendo a conversa que eu estava tendo com minha mente.

— Claro! – Sentei-me na cama e notei que eu ainda estava com a mesma roupa de ontem. E assim que entrou, Lucas começou a rir.

— Como está essa cabeça, dançarina?

— Rodando mais do que o pião da casa própria.

Ele caiu na gargalhada e me tirou da cama me puxando pelas mãos, e eu saí arrastada.

— Temos vinte minutos para tomar café e chegar a tempo no estúdio.

Eu paralisei diante da mesa de café da manhã.

— Que isso? Estou me sentindo importante.

Ele riu e me abraçou. *É... Ele gosta de me abraçar! Sempre gostou.*

— Sempre prometi cozinhar para você e nunca consegui! Então, *voilà...*

— Você não fez isso tudo – afirmei, sentando e pegando um pão de queijo.

— Sim! Depois que dormiu ontem fiz a massa do pão e assei hoje bem cedo, junto com o pão de queijo! Foi bem rápido.

Eu não acreditava! Quanto mimo.

— O que está me olhando? – Perguntei sorrindo

Ele comia, mas não tirava os olhos de mim.

— Você está na minha casa. Dormiu aqui. E ficou bêbada! – Lucas gargalhava, me encarando. — Nunca te vi bêbada antes.

— Dá pra acreditar que já temos 32 anos? – desconversei

— Não! Você tem 32, eu tenho 31, velhinha! – Lucas debochou, sorrindo para mim.

— Você não sabe manter-se fofo, não é? – Empurrei seu ombro com a

mão.

Assim que terminamos, fomos nos arrumar e corremos para o carro.

— Você dirige e eu escolho a música! – eu disse, entrando pelo lado do passageiro. Ele parou na porta do motorista e me olhou por cima do teto do carro.

— Está abusando já, né?

— Ah, você disse que cuidaria de mim... – respondi fazendo charminho.

— Entra logo nesse carro, Batatinha. Sorte que eu jamais te deixaria dirigir meu caminhão – ele disse, sorrindo.

— Bom dia! – ela nos saúda, pegando suas coisas da mesa de reuniões.

— Boom dia! – Lucas riu, dando um longo bom dia e abraçando-a.

Bia me arrastou para o estúdio da redação junto com as duas bandas. E foi uma loucura! Passei mais de quatro horas fazendo um ensaio para a capa da revista e nada a agradava! Voltei para o estúdio de carona com uma das bandas e, meu Deus, que energia eles têm. Eles eram ecléticos e agitados, me senti numa van escolar fazendo excursão para o parque. Começou com Jorge e Mateus, depois Marília Mendonça, Zezé di Camargo e Luciano, Akon, Eminem, Racionais e por fim Alok! Exatamente nessa ordem. Péssima combinação para quem só ouve internacional, estava exausta e de ressaca.

“*Espero que você esteja viva*” – Cintia enviou uma mensagem. Eu havia me esquecido dela completamente.

“*Estou bem! E estou a caminho do estúdio, assim que eu descer desse High School musical móvel eu te ligo.*”

Ela insistia em fazer várias perguntas, mas eu não conseguia raciocinar com aquela bagunça. Eles pararam no estacionamento do estúdio e enfim liguei para ela.

— Então você não voltou para casa porque estava com seu amiguinho colorido?

— Deixa de bobeira, Cintia! – Sorri enquanto ela insistia em falar bobagens sobre mim e Lucas depois que lhe contei um pouco do meu reencontro.

De repente senti uma mão forte puxando meus braços com muita força para o lado. Meu coração acelerou pensando que fosse um assalto ou algo parecido.

— Bruno! – exclamei, esbaforida e trêmula.

— Estou te ligando e você não tem nem a decência de me atender.

— Você está brincando, não está? – eu disse, puxando meu braço de sua mão e indo em direção à porta do estúdio. Me despedi de Cintia e guardei o telefone. Ele colocou seu braço na parede, me impedindo de passar.

— Eu estou trabalhando!

— Claro que está! – ele falou com tom duvidoso e revirou os olhos.
— Precisamos conversar!

— Já conversamos e você não está cumprindo meu pedido! Saia da minha frente! – Eu estava furiosa só pelo fato de ter que olhar pra ele.

Ele tirou a mão, mas segurou minha bolsa com a câmera. Eu comecei a sentir medo.

— Bruno, para! Solta!

— Eu não posso ficar assim, Mariza! Sinto sua falta. Eu errei, fui um idiota, mas estou arrependido. Eu te amo!

— Você é mesmo um idiota! Devolva minha bolsa.

Ele parecia não me ouvir e continuava sua lamúria:

— Mariza, eu sinto muito. Eu quero mudar, quero ser o marido que você sempre quis. O marido que você merece, eu...

— Bruno! Eu não quero conversar agora! – eu o interrompi, o empurrando com toda a força e raiva que sentia por ele. Eu não conseguia mais ouvir sua voz. Peguei na alça da minha bolsa e ele não a soltava. Mas a puxou forte para que eu fosse junto. Ele me agarrou com força e seus olhos lacrimejaram, mas não me comoveram.

— Me solta, Bruno. – Eu lutava contra ele. Mas era em vão. Ele não me soltaria.

— Já chega, Bruno!

Ouvi a voz do Lucas e imediatamente Bruno me soltou e foi em sua direção.

— Estou te incomodando, Lucas? – Bruno estava furioso.

E como é que ele sabia que aquele era o Lucas se nunca se viram antes?

— Bruno! Sei que vocês têm coisas a resolver, mas gostaria de pedir que deixasse para depois do horário de trabalho dela.

— Você é o chefe, né? A contratou para tê-la por perto de novo e agora mandar e desmandar nela. Não sossegou enquanto não acabou com nosso casamento – Bruno disse, fechando as mãos e chegando até a

suspender a manga da camisa.

— Eu acabei com seu casamento? Tem certeza que precisou de mim para isso? – Lucas exclamou, alterando o tom da voz, e se aproximou de Bruno, que deu mais um passo e o encarou. Então eu me envolvi.

— Já chega! – exclamei. — Lucas, obrigada, mas poderia levar isso lá para dentro, e avisar a Bia que eu já vou ajudá-la?

Disse, entregando minhas bolsas para ele. Que as pegou, mas não saiu do lugar, nem mesmo me olhou. Ele estava vidrado no rosto do Bruno.

— Lucas, por favor – insisti, encarando seus olhos.

Ele finalmente desfiou seu olhar do Bruno e os direcionou para mim. Assim que ele entrou, Bruno se aproximou de mim e eu o bloqueei, espalmando minhas mãos em seu peito.

— Chega! Não faça mais isso! Não apareça sem avisar, não me ligue e não me procure a não ser que venha com os papéis do divórcio para que eu assine!

Ele passou as mãos na cabeça, inquieto, e começou a gesticular, apontando para dentro do estúdio:

— Tá brincando comigo? Está na cara que estão juntos. O cara faz o que você manda...

Eu logo o interrompi, sem a menor paciência.

— Chega! Eu disse chega, Bruno! Eu não sou como você!

Isso o tocou profundamente, pois ele baixou a cabeça e desistiu.

— Então, quando poderemos conversar?

— Eu te ligo! Agora, vá embora! – Gritei.

Esperei que ele entrasse no carro para eu voltar ao estúdio e, assim que entrei, encontrei o Lucas sentado na recepção. Nervoso!

— O que ele queria? – ele perguntou, mexendo com os pingente do cordão que lhe dei de aniversário.

— Acho que uma nova chance. Sei lá...

Ele se levantou irritado enquanto eu ainda falava. Eu fui atrás e segurei em seu braço.

— Ei! Obrigada por me ajudar!

Ele passou o braço em volta do meu ombro e beijou o alto da minha cabeça. Continuamos a caminhar estúdio adentro. Bia nos viu e aproximou-se:

— Lucas, as perguntas pessoais que me prometeu podem ser feitas amanhã entre um intervalo e outro? – Ele sorriu sem graça, confirmando com

aceno de cabeça, sabendo que depois teria que cumprir a promessa.

— Quer ir a uma delegacia? Sabe que pode dar queixa do Bruno, não é? — Lucas começou assim que Bia saiu.

— Não precisa. Ele só quer conversar. Vou esperar esse trabalho acabar e ligo para marcar algo.

Ele não gostou do que eu disse, mas não podia fazer nada. Bruno ainda era meu esposo. Ele não deu importância, apenas arqueou a sobrancelhas e contorceu a boca como quem diz: "Você é quem sabe".

Trinta e Dois

Lucas

— Fiquei tão cego quando vi aquele idiota agarrando a Mariza que faltou pouco pra eu dar um soco nele! – eu dizia ao Hugo por telefone mais tarde, naquele mesmo dia.

— Mas você não pode perder a cabeça. Até porque ele ainda é o marido dela! – ele me aconselhou.

— Eu sei! Mas ele não parecia que estava agarrando para conversar, a sensação que tive foi que ele iria agredi-la... Sei lá. – Fiquei nervoso ao pensar na hipótese e tirei o gorro da cabeça com força. — Mariza saiu do banho. Tenho que desligar – completei às pressas quando a vi saindo do banheiro e indo para o quarto de hóspedes, onde coloquei suas coisas.

— Ok! Juízo aí, rapaz – Hugo debochou.

— Sempre!

Sentei-me na mesa de jantar com Livia para ajudá-la com o dever de casa e Mariza aproximou-se:

— Deixa que eu a ajudo. Você ainda nem tomou banho.

— Certeza? – perguntei, arqueando as sobrancelhas.

— Claro! Se ela não se importar, é claro. – Sorrindo, segurou nos ombros de Livi.

— Não, tia. Eu quero que me ajude – Livia aceitou a oferta.

Mariza ficou toda boba quando Livia a chamou de “tia”. Deu pra ver seus olhos brilharem.

— Tudo bem. Eu não vou demorar.

Livia me chamou para me contar um segredo no ouvido e sussurrou:

— Eu gosto dela!

Então percebi que meu medo de três anos atrás foi desnecessário. *Como pude não as apresentar naquela época? Era óbvio que Livia se apaixonaria por Mariza.* Pensei, enquanto caminhava sorrindo para o banheiro, deixando-as na sala.

Quando voltei, elas já estavam na cozinha fazendo o jantar. Com a porta fechada, deixaram um recadinho com a letra da Livia: “Se você é menino, não pode entrar”. Quando finalmente saíram da cozinha, trouxeram para a mesa uma travessa grande de macarrão assado! Eu estava vivendo um sonho. Minhas meninas preferidas são amigas. E estão todas no mesmo lugar.

— Hora de dormir, princesa! – Avisei Livi quando desliguei a tv.

— A tia pode me levar para dormir e contar a historinha hoje? – Livi me pediu, dengosa, indo em direção a Mariza, que sorriu e pareceu lisonjeada pelo convite.

— Meu amor, ela está cansada. Vamos dar uma folga pra ela – tentei impedir.

— Mas eu gosto dela, pai! – pirraçou e, por mais lindo que achasse aquela amizade, eu precisava impor limites, pois sabia que Mariza não ficaria por muito tempo e não queria que Livi se apegasse. Mas Mariza se empolgou.

— Se não tiver problema vai ser um prazer colocar uma princesa pra dormir! Nunca estive num reino antes – Mariza brincou, fazendo reverência com um vestido imaginário, e isso fez Livi gargalhar.

— Tudo bem! Vou aproveitar minha noite de folga! – Tentei não pensar sobre isso. De toda forma eu amava esse momento.

Joguei-me no sofá e selecionei um filme para ver com Mariza. Mas ela demorou demais e acabei pegando no sono, ali no sofá mesmo.

— Lu... – Mariza sussurrou para me acordar. — Vá para a cama.

— Huum... Separei um filme para ver com você! – eu disse, me espreguiçando.

— Bom, ainda são dez horas! Dá para ver um. Amanhã será seu grande dia e tem que estar preparado. – Ela sorriu, e aquele sorriso me lembrou de tudo que ela fez por mim naqueles dias e como ela se deu bem com Livia. Me enchi de coragem e corri ao banheiro para escovar os dentes enquanto ela foi para a cozinha colocar a pipoca no micro-ondas. Estava decidido! Eu ia contar tudo a ela! Quando voltei, ela já estava me esperando com o filme em *pause*. Ela colocou o travesseiro no colo para que eu deitasse nele, e assim que eu o fiz, ela começou a cariciar meu cabelo como sempre fazia.

— Que saudade, Batatinha! – Disse me deliciando com seu carinho.

Ela sorriu e voltou sua atenção para a TV:

— O que acha de eu tirar a barba? – perguntei, passando a mão sobre ela.

— Acho ótimo! Você ficaria lindo com a barba mais ralinha e com seus óculos – ela disse, ainda afagando meu cabelo vagarosamente.

— Como sabe que uso óculos? – perguntei surpreso, já que em todos esses anos nunca mostrei ou contei isso a ela.

— Livia me mostrou umas fotos.

Tapei os olhos com vergonha e ela continuou:

— E por falar nela, que garota incrível! Uma pena Alice não ter vivido para ver! E você está fazendo um ótimo trabalho, por sinal.

— Sabe, nunca achei que diria isso, mas ela é tudo para mim! Minha base, o motivo de toda minha vida estar mudada. É o motivo do meu sorriso!

— Por que nunca pensou em dizer isso?

— Porque nunca sonhei em ser pai! E não foi fácil no início. Nos primeiros meses depois que Alice nos deixou, ela não me aceitava. Até que um dia caiu na escola e minha mãe não pôde ir buscá-la, como sempre fazia. Entramos no carro e ela ainda chorava no banco de trás, na cadeirinha, pedindo pela vovó. Então parei o carro, tirei o meu cinto de segurança, virei-me para trás e dei um beijo no joelho e no cotovelo ralado, dizendo que meu beijo era mágico e que ia curá-la. Não foi de imediato, mas aos poucos ela foi diminuindo o choro até dormir, e quando a coloquei na cama, ela segurou minha mão para que eu deitasse com ela. Desde então, ela nunca mais me rejeitou.

— E quem os vê não imagina que foi tão difícil!

Eu sorri concordando e fiquei recordando mentalmente todas as nossas lutas desde que Alice se foi. E não dissemos mais nada por um tempo.

— Me desculpe por hoje com o Bruno – Mariza quebrou o silêncio.

Sentei-me ao seu lado, ficando de frente para ela. Coloquei uma das mãos no encosto de trás do sofá e a outra em seu rosto.

— Não se desculpe! Eu faço isso. Me desculpe por tirar você da minha vida.

— Está tudo bem! Já superamos isso... Certo?

— Se eu tivesse sido um pouco mais corajoso, você não estaria passando por isso... – Deslizei minhas mãos até sua nuca, e olhei fixamente em seus olhos.

— Não! Não superei! – Avancei para beijá-la, mas ela se levantou imediatamente.

— Desculpa, Lu, é que...

— Não precisa se explicar. –Tentei disfarçar.

—... Ainda estou casada, sabe? E...

Levantei-me e segurei em sua mão.

— Você está certa. Eu é que tenho que me desculpar! É só alegria de ter você por perto de novo. – Me recolhi mais uma vez em minha casca de amizade e resolvi não a deixar perceber nada. Dei um beijo em seu

rosto e fui para meu quarto.

— Boa noite, 1,99 – ela disse antes de fechar a porta do seu quarto.

Não respondi e me joguei na cama sem acreditar no meu azar!

Tarde demais – sussurrei para mim, arrependido. Não conseguiria dormir, deitei cedo demais e meus pensamentos não paravam; tentei não reviver o dia que a expulsei do estúdio, lembrando que por um instante, naquele dia, ela esteve com a guarda baixa, pronta para se entregar. Tentei não pensar nos dias que vivemos tão perto e eu nunca deixei que ela visse que a amava. *Quanto tempo eu perdi!* Peguei o celular, precisava me distrair, comecei a escrever para Hugo:

— Ela ainda ama o Bruno! Perdi mais uma vez.

— Como assim, o que aconteceu? – Ele respondeu

— Tentei beijá-la e...

Uma nova mensagem chegou enquanto eu digitava para Hugo.

“*Não consigo dormir.*” – dizia a mensagem dela.

“*Eu também não.*” – respondi imediatamente.

Abandonei a conversa com Hugo e corri para respondê-la, mas logo ouvi um barulho. Ameacei me levantar e vi uma sombra por debaixo da porta. *Ela deve ter ido à cozinha*, pensei. Mas os passos pararam e a sombra ficou mais próxima, então a ouvi abrindo.

— Posso?

Sentei-me depressa na cama quando a vi com o rosto na porta.

— Claro!

Desliguei a internet do celular e coloquei-o no móvel ao lado da cama. Ela se aproximou deitando ao meu lado, sem dizer uma palavra. Deitei também e ficamos frente a frente, nos olhando em silêncio. Eu queria saber o que ela queria de verdade, e eu não avançaria mais nenhum sinal. Ela era imprevisível, *talvez só queira companhia*. Não a toquei, por mais que minhas mãos estivessem descontroladamente querendo tocar em seu rosto. Ela se aproximou mais e colocou o rosto em meu peito! Abracei forte seu corpo e acariciei seu cabelo.

— Tudo bem se eu dormir aqui? – ela pediu, me deixando sem entendê-la. Eu não podia. Não ia ser fácil ficar com ela na cama a noite toda e não poder possuí-la.

— Mari... Desculpa, mas eu não consigo – disse, divagando receoso.

— Hã? – Ela levantou a cabeça.

— Eu... — parei para pensar em uma boa desculpa. — Eu preciso

descansar e amanhã tenho que chegar mais cedo no estúdio, e depois ir montar o som na locação e... – Menti.

— Ah, claro! Nossa, nem tinha pensado nisso! Tudo bem! Eu vou voltar pra minha cama – ela disse sem graça, desgrudando do meu corpo.

Beijei sua testa e a deixei ir. Enquanto ela se levantava da cama, eu pensava no porquê de ela ter ido ao meu quarto. Tentei ignorar, mas era impossível.

Saltei da cama e corri para barrá-la na porta:

— Você não veio aqui à toa! – disse, segurando a porta com uma mão, e ela permaneceu de costas para mim, segurando a maçaneta. Eu não esperei que ela se virasse; envolvi meus braços em seu corpo com força e beijei seu pescoço. Mas ela se esquivou, encostando-se à porta e ficando de frente para mim. Dei um passo atrás, liberando a porta para que ela saísse de vez. Com as mãos na cintura, suspirei forte, mexendo a cabeça negativamente e mordendo os lábios, tentando segurar minha tensão. Não suportava mais seu jogo, mas precisava respeitá-la. Mas ela não saiu, e continuava encostada à porta, então voltei a ela. Sem saber onde colocar as mãos, as posicionei novamente sobre a porta, deixando-a entre meus braços. Ela estava ofegante e calada, e eu, aproveitando-me do meu tamanho, cheguei mais perto forçando-a a olhar para cima, para ver meus olhos que estavam fixados em seus lábios.

Ela levantou o olhar e me encarou, pressionando os lábios. Era o que ela fazia quando não tinha certeza do que devia fazer. Então avancei em sua boca. Eu estava há tanto tempo esperando por isso, que lhe dei um selinho demorado e me afastei com medo de estar sendo abusivo. Mas de longe eu olhei em seus olhos e vi um pedido: “*continua*”. Bem devagar, me aproximei para não a assustar e correr o risco de ela desistir; chegando mais perto coloquei minha mão direita em sua nuca, como sei que ela gosta, e a trouxe para mais perto, beijando-a lentamente, degustando cada parte da sua boca. Ela retribuiu com um ritmo voraz, passando a mão por minhas costas, ficando ainda mais ofegante. Senti seus dedos pressionarem minha cintura e arrastar minha camisa para cima. Afastei nossos lábios, e sorri feliz por ela finalmente se entregar. Então a deixei tirar minha camisa e ela o fez lentamente e eu sorri mais uma vez, porque sei bem como ela gosta do meu sorriso.

— Não sorri assim pra mim! – ela disse com um grunhido agressivo. Então eu sei que ele surtiu o efeito costumeiro.

Ela mordeu meu lábio inferior com carinho, me fazendo suspirar. E a sensação do corpo excitado dela contra o meu e fez o volume em minha

bermuda aumentar. Achei que ela fugiria ao senti-lo, mas se entregou. Então, como uma dança, girei seu corpo para deitá-la na cama, mas não conseguia parar de beijá-la e a mantive de pé. Seu beijo ainda era o mesmo, mas com gosto mais maduro, mais experiente, e dessa vez sentindo amor nesses lábios carnudos e macios. Sabia que não éramos só dois amigos se beijando.

Por um instante parei, tirei minhas mãos dela, me afastei e a olhei de longe, admirado por ela estar mesmo ali comigo. Então recomecei. Chegando devagar, deixando-a apreensiva. Minhas mãos foram para sua cintura. A segurei com força, tirando-a do chão e a jogando na cama.

— Ai! – Ela gargalhou.

Nunca falha.

— Shiii! Não pode fazer barulho! – eu disse, subindo sobre a cama de joelhos e ficando em cima dela.



Era três da manhã e duas horas aproveitando cada centímetro da mulher que eu amei por anos, ainda não consegui dormir. Não conseguia acreditar que ela estava mesmo em minha cama, de volta para mim. Mariza dormiu na minha cama, com a cabeça sobre meu peito. E dessa vez eu aproveitei bem a sensação do seus cabelos espalhados em meu peito.

Assim que ela despertou, eu acordei também e assim que sorri para lhe dizer bom dia, ouvimos uma porta se abrindo. Era do quarto da Livia. Mariza correu para se esconder atrás da porta e eu me enrolei na coberta para esconder minha ereção matinal. Mas ela não veio para o quarto. Livia perdeu o sono e estava na sala chamando por Mariza, que rapidamente correu para acudi-la. Olhei no celular, ainda não eram seis da manhã. Algum tempo depois, Mariza voltou para o quarto, sorrindo e dizendo:

— Ela achou que eu tinha ido embora.

Sua notícia me preocupou, fazendo-me raciocinar:

— Ela dormiu? – perguntei, preocupado.

Ela subiu na cama, me beijou e deitou novamente em meu peito:

— Sim, dormiu bem rápido. Está tudo bem? – ela me questionou, notando a mudança no meu tom de voz.

— Sim, por quê? – tentei esconder minha preocupação.

Ela me ignorou.

— Vou tomar um banho e me arrumar – ela disse, indo em direção ao

banheiro do meu quarto. Por um instante pensei em ir atrás e fazer companhia, mas não consegui pensar em mais nada além da Livia se magoando depois que Mariza fosse embora! *Que merda eu fiz.*

Trinta e Dois

Mariza

Sábado 08:30

Algo estava errado e Lucas não queria me falar. Desde que voltei do quarto da Lívia ele estava pensativo. Não conversou muito enquanto tomávamos café. *Será que se arrependeu da noite passada?* Lívia foi junto no carro, por isso não deu para conversarmos a respeito. Esperava que ele não tivesse se arrependido, porque eu desejei aquela noite por anos! Talvez fosse nervosismo pela festa de lançamento.

— Posso ajudar em algo, Lu? – perguntei, andando atrás dele pelo estúdio.

— Não, você está de folga durante o dia! Vá curtir!

O ignorei e fui até Ed, que acabou me deixando ajudar.

— Vou levar a Livi para minha mãe e de lá vou para a locação, quer vir comigo?

Ed me convidou, e quando caminhamos para a saída, ouvimos Lucas:

— Aonde vão?

— Levar Lívia para a casa da mãe e de lá vamos à locação. Precisa de alguma coisa? – Ed o respondeu.

Ele soltou as caixas que segurava sobre o balcão da recepção, coçou a barba pensativo e disse:

— Fica, Mari. Vou precisar de você.

Balancei a cabeça negativamente e franzi a testa sem entender por que ele mudou de ideia repentinamente. Neste momento, Lívia veio correndo.

— Tia! Você vai à festa hoje, não é? – ela perguntou com sua voz doce e apaixonante.

— Vou sim, meu amor! – disse, a abraçando.

Lucas não tirava os olhos de nós e assim que Ed saiu com Livi e nós ficamos sozinhos, eu comecei:

— Tudo bem! Poderia dizer o que está acontecendo? – questionei, sentando sobre a mesinha de centro da sala de recepção.

— Nada! Só estou preocupado com o lançamento. É muita coisa – ele respondeu enquanto enrolava uns cabos que estavam nas caixas.

— Tem certeza que não é porque a Lívia se apegou a mim e você tem medo dela se magoar?

Ele deixou os cabos e se aproximou de mim, sentando no sofá e colocando suas mãos sobre minha perna para que eu fosse compreensiva:

— Eu te disse. Ela é tudo pra mim. E se você sumir de novo, vai magoá-la. Eu estou acostumado, mas ela só tem seis anos, já perdeu a mãe, não precisa...

Ele parou de falar e coçou a bendita barba, dessa vez um pouco mais rápido e mais nervoso. Fiquei calada porque eu não poderia prometer nada. Eu ainda estava legalmente casada, tinha acabado de transar com meu melhor amigo – de *novo* – e eu teria que voltar segunda-feira para minha cidade, tinha contratos novos para cumprir, reuniões para agendar e planos que ainda estavam no papel. Eu tinha uma vida fora dali. Enquanto pensava em uma resposta, ele já estava em pé na minha frente, olhando-me de cima, e meus olhos estavam paralisados olhando para o nada.

— Mariza, você me ouviu? – Ele estalou os dedos, despertando-me dos meus pensamentos.

— Sim! – Baixei a cabeça, entristecida.

— O que foi? – Ele sentou novamente no sofá, me encarando.

— Você poderia me levar ao meu carro?

— Não! Você não vai embora. Vai? – Ele levantou o olhar, erguendo as sobrancelhas, desacreditando.

— Não! Agora não, mas depois do lançamento. Eu não posso ficar, Lu. Quanto mais tempo eu ficar por perto, mais apegada Livia ficará.

Ele se levantou, andou pela sala, foi até a janela que dava para a rua, se apoiou nela com os braços para fora e respirou, fundo e alto. Depois se virou para mim, tirando o gorro da cabeça, e de onde estava o jogou no sofá, à minha frente. Ele estava irritado:

— Vai ter alguma vez em que você vai ficar na minha vida?

Ele andou em minha direção.

— Como assim? – Franzi a testa, sem entender o que ele quis dizer.

Eu gostaria que ele estivesse mesmo me pedindo para ficar, fazer parte da sua vida, namorar e ser sua. Mas eu precisava manter a sanidade e voltar à realidade... Lucas nunca sentiu nada por mim, não a esse ponto. Ele parecia ter desistido do que iria dizer. Então se sentou no sofá.

— Nada! Eu... Quer saber? Eu só sinto falta de ter você sempre por perto. – Ele jogou a cabeça para trás e bufou antes de continuar: — E eu deveria ter ouvido você, toda vez que transamos as coisas ficam estranhas.

Desci da mesa e me sentei ao seu lado, passando a mão em seu

cabelo, e ele virou a cabeça para me olhar com aqueles olhos pequenos.

— Agora não somos somente dois amigos que transam, Lu. Somos dois adultos e uma criança. E... agora tudo gira em torno de como ela vai ficar. Eu gostaria de ficar, alugar um apartamento bem do lado do seu e manter nosso lance colorido por mais tempo. Mas, além de eu não ter grana pra bancar um aluguel naquele prédio... eu não posso.

— Então não vai. Fica com a gente! Temos espaço.

Gargalhei bem alto com sua proposta:

— E enfim eu moraria com meu melhor amigo, como sempre sonhamos! Agora é tarde bebê... preciso da minha liberdade. Depois do divórcio quero alugar um apartamento menor e me aprofundar em minha profissão...

— É! Tem razão!

Ele levantou-se, pegou os cabos novamente e começou a andar pela recepção, enchendo as caixas. Fiquei parada, esperando-o começar a dizer alguma coisa, já que estávamos conversando. Quando ele terminou de pegar o que precisava, parou na porta da recepção em direção à saída.

Meu telefone tocou e, mais uma vez, era Bruno, que não desistia mesmo o ignorando a manhã toda. E aquela não era mesmo uma boa hora para falar com ele.

— Pode pegar minhas chaves aqui na mesa e vir comigo? – Lucas me pediu, enquanto saía do estúdio.

Peguei as chaves e o segui, e ele colocou as caixas na carroceria do carro.

— Não vai entrar? – ele perguntou, abrindo a porta do passageiro e deixando-a aberta para que eu entrasse.

Sentei. Coloquei o cinto. Ele bateu a chave e assim que o motor ligou, ele o desligou imediatamente e espalmou sua mão no volante, me assustando.

— Sabe o que é pior?

Arregalei os olhos e balancei a cabeça negativamente, pressionando os lábios. Sem me dar a chance de responder, ele continuou:

— Você não percebe! Ou não quer ver! E ainda vem com essa ideia maluca de “lance colorido”! Por favor, não fala mais isso...

— O que eu deveria ver, Lucas? – perguntei, imaginando o que poderia ser, mas tentando não me iludir. — E o que nós temos não é mesmo uma amizade colorida?

Ele me olhou, debochando da minha pergunta:

— Tudo bem, não quer morar com a gente, eu entendo. Então fique essa noite! Não vá embora quando a festa acabar. Pode ser? – ele perguntou.

— O que você está aprontando, mocinho?

— Só fica mais um pouco! – ele insistia.

Balancei a cabeça positivamente. Ele ligou o carro e comecei a rir. Ele me encarou sério:

— Do que está rindo?

— O Lucas de seis anos não era tão durão assim.

Ele sorriu:

— Sempre fui, Batatinha! Sempre fui!



Bruno fazia questão de me lembrar o quanto minha vida estava arruinada, me mandando mensagens e ligando inúmeras vezes. Mas não atendia, como fiz o dia todo. Sua insistência me fazia pensar que não adiantava eu me esconder aqui perto do Lucas, meus problemas não iam desaparecer. Mas essa noite eu precisava esquecer tudo isso, me lançar ao trabalho e ao sucesso do meu amigo, a quem sempre torci pelo melhor. Finalmente convenci Lucas a deixar eu pegar meu carro, já que eu não poderia ir ao evento com ele que saiu de casa muito cedo, antes do horário marcado.

O espaço estava cheio. Eu mal conseguia um bom lugar para trabalhar! Vi Hugo, Lucas e Ed subiram ao palco e anunciaram a abertura da noite de lançamento. Depois de muitas palavras e apresentações, um rapaz trouxe a banqueta e Lucas se sentou. Tentei manter meus olhos na equipe, mas estava impossível, já que Lucas havia seguido meus conselhos e mudou o visual. Tirou o gorro, deixando a mostra os “meus cabelos” (como eu me refiro a eles) aparou a barba e estava com seus óculos de grau. Ele me olhou e eu sorri de volta, dizendo lentamente para que ele pudesse ler meus lábios.

—F-i-c-o-u l-i-n-d-o !

Ele inclinou a cabeça, como quem diz: “*eu sei*” e começou a tocar e cantar.

— Está gostando? – Ed perguntou, quando fui aos bastidores fotografá-los.

— Sim! Está tudo perfeito! Parabéns! – Respondi gritando pois o som estava alto.

— Obrigado! Lucas disse que você não gosta de sertanejo! – Ed gritava se aproximando do meu rosto para superar o volume que vinha do palco quando a primeira banda começou a se apresentar.

— Não me atrainem um pouco! – Disse alto.

— É sentimento, cada letra e melodia! Sertanejo é o melhor ritmo já criado! – Ele segura em meu ombro e se aproxima do meu ouvido e imediatamente vejo Lucas no fim do corredor nos olhando.

Antes que eu terminasse de conversar com Ed, Lucas se aproximou e me puxou para dançar.

— De novo, Lu? Sabe que não sei dançar! – Reclamei.

Ele me ignorou, tirou a câmera da minha mão e a entregou ao Ed, que se afastou. Lucas pegou em minha mão e posicionou a outra em minhas costas. Eu tentei acompanhar seu ritmo. Mas comparado ao meu desajeito, a música era rápida. E eu só fazia rir. Mas parei para admirá-lo cantar o refrão:

— *É que eu tô com saudade, saudade nível hard.*

Ele cantava alto, enquanto aguentava meu desajeito em tentar dançar. A música acabou e consegui fugir do dançarino animado. Mas ele me puxou pela cintura quando me afastei. E me abraçou forte! Seus braços envolviam meu corpo.

— Não some mais, tá bom? – ele disse em meu ouvido, com o jeitinho dengoso que sempre amei.

— Não vou! – eu respondi, feliz.

Meu celular tocou novamente: era o Bruno. Ele não desistia. Então fui em direção a uma das salas atrás do palco e resolvi atendê-lo, mas antes que eu conseguisse entrar fui parada por Bia, que ficou a festa toda sumida e apareceu agora como *num* passe de mágica. Coloquei o celular no bolso novamente.

— Você e o Lucas namoram?

Assustei-me com sua pergunta repentina.

— Não! Somos só amigos. É que, nos conhecemos a muitos anos, e somos assim mesmo, muito grudados! Mas é só isso.

— Jura? Então quer dizer que ele está livre? – ela vibrou.

Eu ri. Para não demonstrar meu ciúme.

— Está sim! – Cerrei os dentes sem deixar que ela visse.

— Ótimo.

Ela se virou e foi na direção onde Lucas estava. Senti-me boba em alimentar esperanças em relação a ele. Eu o conheço bem e sei que, se Bia o chamar, ele vai!

22h50

Há vinte minutos os vi entrando por uma porta atrás do bar. Meu coração doeu e por um momento me entreguei à minha fragilidade. Meu desespero me fez entrar na sala e atender o Bruno, que chorou ao telefone me pedindo mil perdões e prometendo nunca mais me magoar. Isso me fazia ficar irritada comigo mesma. Ainda mais insegura e frágil do que me sentia. Não sei o que eu esperava com aquela atitude.

Os pais do Lucas já tinham ido para casa com a Livia, Ed estava agarrado em uma morena há um bom tempo, Hugo e Nina até tentaram manter contato comigo, mas eles não podiam ser babás de mim a noite toda, pois o lugar não parava de encher, e comecei a me sentir sozinha naquele lugar tão cheio.

23h30

Bruno ligou dizendo que estava lá fora e insistiu para que eu fosse conversar com ele. Eu acabei cedendo quando percebi que Lucas havia sumido há quase uma hora com Bia. Tive medo, mas me arrisquei. Eu sabia que ele jamais me faria mal! Ele estava na porta de entrada e tentou se aproximar quando me viu, mas me afastei rápido. Conversamos por alguns minutos e ele notou minha indiferença com ele. No entanto, insistiu, me pedindo mais uma chance.

— Eu tive um pouco mais de paciência com ele, o deixei falar, se explicar, e acabamos chegando a um acordo. – Eu disse a Hugo, que foi ver como eu estava ao me ver conversar com Bruno.

— Mariza! O cara não te merece, você sabe!

23h45

Entrei de volta à festa e logo vi Lucas no palco, fazendo agradecimentos pela presença de todos. Pela festa e por todo o prestígio. Ele

convidou sua irmã para o palco. Ela ajeitou o microfone, as luzes se abaixaram e uma grande luz focou nos irmãos em cima do palco. Eu ajustei as configurações da minha câmera para a nova iluminação, posicionei o ocular da câmera em meu olho esquerdo e cliquei várias vezes, dando *zoom* na lente para pegar aquela linda imagem: fundo do palco escuro, um pouco de fumaça artificial e uma forte luz azul sobre eles. Ela estava com um lindo vestido, de tecido leve e branco. Ele usava uma blusa de manga comprida branca, combinando perfeitamente com sua irmã.

Antes de começar a tocar seu violão, ele ajustou as mangas para cima e deu um sorriso em minha direção. Consegui captar com minha lente aquele sorriso que sempre me enlouqueceu. Ele começou com leves solos em seu violão bem afinado, e seu toque suave acalmou o ambiente, preparando-nos para o que viria a seguir.

Ele sorriu novamente, dessa vez olhando para sua irmã como um sinal para começarem. Então ela soltou sua linda voz e atrás deles um telão se acendeu com a tradução da música internacional que eles cantariam.

Eles eram perfeitos no palco, vozes em completa sintonia. Nina começou, e seu canto era tão suave quanto se imagina ao olhar para ela. O salão estava vidrado na apresentação, e mesmo saindo do gênero proposto na noite, os vi satisfeitos com o que viam no palco. Eu consegui ignorar um pouco meu drama com Lucas e voltei a derreter meu coração por ele.

Lucas cantava como se não houvesse ninguém em sua frente, de olhos fechados, sentindo a música e o toque nas cordas de seu violão.

— Estava te procurando! Preciso te contar uma coisa.

Bia surgiu subitamente ao meu lado, falando bem próximo ao meu ouvido, me assustando e me impedindo de prestar atenção no que acontecia no palco. Sorri e virei-me novamente para o palco, na esperança de que percebesse que eu gostaria de prestar atenção, mas ela continuou.

— Acabei de transar com Lucas!

Meu coração disparou imediatamente e confirmou-se em mim o que sempre soube: Lucas sempre estava atrás de sexo, fosse comigo ou com uma repórter que acabou de conhecer. Ela continuou falando, enquanto eu tentava manter a pose, fotografando o palco, mas a câmera pesava e senti necessidade de respirar fundo.

— Eu não sei como você conseguiu ficar sem ao menos beijar aquela boquinha linda! Mariza... Você não sabe o que está perdendo. — Ela continuava.

A olhei, sorrindo entre os dentes. Minha vontade era de empurrá-la para longe.

— Que legal, Bia, Lucas é assim mesmo. Quando ele quer, vai atrás até conseguir. — Respondi e voltei minha atenção para o palco, tentando disfarçar minha decepção, mas ela não parava.

— Ele me contou a história de vocês! Até me disse que se interessou por você por um curto prazo, mas logo viu que você não fazia o tipo dele e desistiu! Mas o melhor você já tem, não é? A amizade dele.

A música mudou o tom, e eles cantavam juntos. Ninah graciosamente fazia a segunda voz para a do Lucas, que estava realmente incrível. Bia me envenenou e saiu para longe. Lucas levantou a cabeça e sorriu para mim enquanto cantava. Tentei ser forte, mas as palavras da Bia acabaram comigo. Lucas claramente dormiu comigo para satisfazer seu ego e acabou ferindo o meu. E eu, como sempre, confundi as coisas. Tentei ignorar o fato de que Bruno me tem na sua mão, e que eu sentia um amor platônico por um cara que nunca fez nada além de me usar na cama. Estava tão ferida emocionalmente que não conseguia distinguir nada. Minha conversa com Bruno me fez pensar em muitas coisas. E, muito confusa, comecei me sentir um lixo.

Liguei as coisas: *Lucas nunca se apaixonaria por mim. Ele me conhece bem demais e nunca pensou que combinaríamos. Já me disse isso tantas vezes! E agora confirmou, dizendo a uma estranha. Bruno tem seus defeitos, mas com paciência eu posso consertá-los. E ao menos sei que me ama.* Fiquei aflita pela confusão em minha cabeça.

— *Preciso sair daqui* — disse a mim mesma e saí do meio da multidão desorientada.

Juntei minhas coisas com pressa, enquanto ouvia Lucas cantar o último refrão. Eu entrei em pânico e a primeira coisa que consegui pensar era em ficar sozinha. Ele ainda cantava quando eu corria em prantos até a porta de saída sem que ninguém me visse. Entrei no meu carro e saí em disparada! Dirigi sem parar enquanto chorava, assustada comigo mesma. Liguei para Karen, coloquei no viva-voz do carro e soluçava, enquanto contava tudo o que havia acontecido.

— Karen, quando eu me tornei essa pessoa que depende do amor de alguém pra sorrir? Eu sou tão patética assim?

— Mari, para esse carro! — ela pediu, desesperada.

— Eu estou bem, só quero chorar com alguém por quem eu não esteja

apaixonada.

— Então vem pra cá!

Parecia a coisa certa! Então dirigi até a casa de Karen. Meu telefone não parava de tocar. Eram ligações do Lucas. Ignorei todas. Eu não queria conversar, não queria ouvir como foi perfeita sua noite. E que sua contagem de mulheres em quem ele entrou acabava de ganhar uma placa de diamante como premiação.

Karen abriu a porta da frente assim que viu meu carro parar. E abriu a porta do carro assim que eu o desliguei, entrou, me abraçou e eu desmoronei em seus ombros. Depois de alguns minutos, entramos em sua casa e todos já dormiam. Ela ficou me ouvindo lamentar por várias situações pela qual eu me culpava.

— Toma um banho, vou pegar uma roupa para você e depois continuamos.

Voltei do banho e ela conversou mais um pouco comigo, tentando me convencer que a culpa não era mesmo minha, e sim deles que não souberam me valorizar. Ela não saiu de perto até que eu pegasse no sono.

Trinta e três

Lucas

22h30

A noite estava linda, a festa estava perfeita e assim que saí do palco para apresentar o segundo grupo da noite, encontrei Mariza conversando com Ed. Admito. Eles me deixam enciumado, sempre fiquei! Ela sempre disse como ele era lindo e que era até mais lindo que eu.

Imediatamente o hino dos meus últimos meses sem a Mari começou a tocar e sem pensar muito a puxei para dançar, deixando meu irmão de lado. Me diverti com seu desastre na dança. Não via a hora da noite acabar para dizer a ela tudo que sentia. Eu já tinha decidido, se ela precisava voltar para casa e talvez não voltar tão cedo para me ver, ela não iria sem saber o que sempre senti. Eu estava tão empolgado quanto uma criança à espera do seu presente.

Bia estava atrás de mim a noite inteira. Ela me encontrou e me chamou para umas perguntas sobre minha vida pessoal como eu havia prometido. Entramos na sala pequena atrás do bar e notei que ela fez poucas perguntas e muitas indiretas. Se fosse há uma semana certamente ela não precisaria de tanto para me mostrar seu interesse. Mas desde quinta-feira eu estava em outro universo. A vida havia me presenteado com a volta da única mulher que já amei de verdade e, mesmo não tendo agarrado essa oportunidade antes, mesmo escondendo e lutando contra o que sentia, via que estava na hora.

— Bia, eu tenho uma coisa para fazer e não posso demorar! – disse, apressando-a.

— Claro! Não vamos demorar!

Ela se aproximou demais e notei que ela estava prestes a me beijar. Assim que chegou mais perto, eu a segurei pelos braços e sorri para lhe explicar:

— Bia, você é uma gata! Eu não te rejeitaria dias atrás, mas eu não posso. Não mais!

— Você está namorando? – ela perguntou, irritada com minha rejeição.

— Não! Ainda não! – disse, escapando para o outro lado da sala.

— Não entendo.

Ela ajeitou a roupa e encostou-se à mesinha ao lado, com os braços cruzados. Então me encostei à porta e expliquei como Mariza chegou à minha vida, como nos tornamos amigos, como ela se tornou minha melhor amiga e quando foi que percebi que estava apaixonado por ela. Contei como fui presenteado com Livia e como deixei Mariza sair da minha vida por ter feito da minha filha minha maior prioridade. E como ela voltou para minha vida há dois dias!

—... e em cinco minutos vou subir naquele palco e, por mais que isso não faça meu estilo, vou cantar uma música internacional que ensaiei só para impressioná-la. Ela adora esse tipo de coisa que acontece em filmes e...

Bia saiu do seu lugar e veio até mim, colocando suas mãos em minha corrente, que levava sempre no pescoço. Mexeu em meus óculos de uma forma muito sexy, mas eu estava realmente inatingível, não era ela quem eu queria.

— Que lindo! Posso te dar uma dica? Não comece como todo homem apaixonado faz, sabe? "Quero dedicar essa música à minha amada". É brega. E se ela ama essas coisas já deve ter visto isso mil vezes. Faça algo original. Deixe que a música fale por você! E boa sorte!

Agradei e a deixei passar. Quando ela saiu, me sentei numa poltrona pequena que havia ali e comecei a pensar no que ela havia dito. Ela estava certa! Eu precisava ser original, não uma cópia! Isso é previsível demais. Quando subi no palco, não consegui encontrar Mariza. Então enrolei, agradecendo a todos, fazendo algumas conversas paralelas, até que ela surgiu no meio da plateia. Não sei de onde vinha, mas estava perfeitamente onde eu gostaria que estivesse. Começamos a cantar e tudo que mais queria era que ela percebesse que eu cantava para ela. Que a letra da música estava falando por mim.

Ninha cantou e não consegui olhar em direção a Mariza, fiquei nervoso. Meu medo da rejeição tomou conta de mim por um momento. Mas torcia que ela estivesse atenta à letra da música. Quando resolvi finalmente olhá-la, sorri nervoso, sem saber se minha mensagem estava sendo recebida. Então vi Bia conversando com ela e, por um instante, pensei que ela estava me ajudando. Mas pelo olhar de Mariza notei que não era nada bom o que ela ouvia. Tentei atrair sua atenção para mim, aumentando o tom da música. Meu tom ultrapassou o da minha irmã e ela entrou como segunda voz, me ajudando a consertar o erro.

Mariza não estava prestando atenção. Comecei a ficar tenso e olhei para o violão na troca de notas, e quando voltei a olhar ela não estava mais lá. Corri os olhos pela plateia, mas ela sumiu. Me desesperei querendo que a música acabasse logo para procurá-la, mas ainda faltava a última estrofe e não podia abandonar o palco de uma hora para outra, como nos filmes. Continuei e ela reapareceu, mas estava indo em direção à porta com suas bolsas. Precisei manter a força para não estragar a última apresentação da noite. A música acabou, agradei e saí correndo do palco, deixando meu violão jogado no corredor. Mas era tarde demais: ela havia ido embora e não atendia minhas ligações.

— O que aconteceu? – Hugo veio atrás quando me viu saindo do salão.

— Eu não sei! Bia estava conversando com ela e em seguida ela sumiu.

Fiquei um tempo na porta, feito um idiota, esperando que ela voltasse. Mas o salão se esvaziou rápido e eu não tinha ideia de onde ela poderia ter ido. Ela não atendia ligações de ninguém. Nem mesmo do Ed ou da Ninha.

Desisti de ficar sentado em cima da caixa de som e, depois que todos foram embora, só ficou a equipe de desmontagem que contratamos. Começamos a desmontar os equipamentos, e eles insistiam para que eu os deixasse trabalhar sozinhos, mas eu queria ficar até o final, ainda na esperança de que ela voltasse. Todos da minha família foram para casa, e no salão só havia sujeira, cabos e caixas de equipamentos espalhados.

— Não consigo ficar parado! E nem vou conseguir dormir agora. Então me deixa ajudar – insisti com o rapaz responsável pelo som.

02h45

Meu telefone tocou e não reconheci o número, mas, na esperança de que fosse alguma notícia sobre ela, atendi no primeiro toque.

— Ela está aqui em casa, seu imbecil! – a voz feminina esbravejou em disparado, sem dizer ao menos "alô".

— Quem é? – perguntei, ríspido e irritado.

— Karen! – ela bufou e fiquei sem jeito. Tantos anos se passaram que nem reconhecia sua voz.

— Oi, Karen! Como ela está? Por que ela foi para sua casa? Ela te

disse alguma coisa?

Ela interrompeu meu desespero e disparou:

— Não posso conversar agora, mas... Ela me contou o que aconteceu. Uma repórter disse a ela que você não a via mais do que amiga, que nunca se interessou por ela e que tinham acabado de transar. Lucas, eu sei que você a ama. Sempre soube! E você sabe que ela também é louca por você! Tenta resolver isso. Mas do jeito certo, porque ela está muito ferida, confusa e acho até que está ficando louca – ela brincou e tentou rir, sem graça.

Deixei os cabos que enrolava caírem no chão, e andando pelo salão em direção à saída, contei a ela o que houve de verdade com Bia. Em seguida, entrei no carro enquanto falava:

— Qual seu endereço? Vou até aí.

— Não tão rápido! Ela está dormindo. E minha família toda também!

— Eu não posso esperar até amanhã, Karen! – esbravejei.

— Pode sim! Ela está exausta, assim como você. Venha amanhã!

— Tudo bem – desisti, baixando a cabeça no volante.

— Mas não precisa vir cedo! Eu acordo tarde! – ela brincou novamente.

Sorriso sem graça, decepcionado por tê-la perdido novamente.

— Karen... obrigado por me apresentar a ela e por me ajudar agora.

— De nada! Tinha que acontecer, estava escrito! Boa noite, Lucas.

Domingo, 06h45

Não consegui dormir direito e, assim que amanheceu, fui em direção ao endereço que Karen me enviou. Chegando ao endereço, liguei várias vezes para Mariza, mas ela não me atendeu. O porteiro demorou a liberar minha entrada, me fazendo ficar mais nervoso. O condomínio era fechado, grande e cheio de casas iguais. Estilo americano, com gramados na frente de cada casa, e todas as portas eram brancas, bem trabalhadas.

Eu planejei repetir o gesto do primeiro encontro com o bombom, mas ainda não tinha ideia de como fazê-lo. Apenas parei no caminho e comprei um *Serenata De Amor*, da embalagem amarela, como naquele dia. Uma hora parado na porta da Karen com medo de bater à porta, e uma menininha muito linda a abriu. Um homem tatuado, musculoso, careca – e sério – saiu de trás dela, vindo até mim.

— Você deve ser o Lucas – ele disse, esticando a mão para me cumprimentar.

— Sim. Você deve ser o marido da Karen!

— Sim, sou Marcos. Prazer.

Um silêncio constrangedor pairou por uns segundos. Principalmente porque eu tive uma grande vontade de comentar como ele parecia ter saído do filme *Velozes e Furiosos*. *Karen idolatrava esse filme*. Não me admira o marido parecer com um dos principais.

— Quer entrar? – ele perguntou, quebrando o silêncio.

— Karen não acharia uma boa ideia! – disse, envergonhado.

— Eu tive uma ideia melhor que a dela. Vamos!

Entrei. Karen e Mariza permaneciam dormindo, Karen contou a Marcos que eu fiz um café da manhã para Mariza no seu primeiro dia na minha casa, e ela ficou muito feliz com minha atitude. Por isso ele teve uma grande ideia.

Entramos, ele havia preparado algumas coisas para que eu pudesse recriar o café da manhã para ela. Com sua ajuda fiz o pão de queijo recheado que já fazia parte da nossa história, coloquei alguns objetos e elementos para relembrar nossos poucos encontros, bem como uma lata de Coca-Cola. Ela estava magoada por perder o anel do refrigerante, então peguei uma lata que coloquei na mesa e corri até o carro para pegar o bombom que comprei no caminho. Deixei a mesa recheada como um café da manhã de um hotel. Acho até que acabei com a despensa da casa.

Assim que estava tudo pronto, Marcos acordou Karen, arrumou a pequena e todos saíram, deixando a casa livre para a surpresa. Claro! Karen não saiu sem antes ir à cozinha me chamar de idiota por demorar tanto a me declarar para Mariza.

Ela estava no quarto da Larissa, que era no fim do corredor da casa de dois andares. Eu sabia que se ficasse à espera dela dentro da casa eu não teria sucesso. Então fechei a porta da cozinha para esconder a surpresa, saí da casa e toquei a campainha como se tivesse acabado de chegar. Mas fiquei nervoso. Assim que saí me dei conta de que na vida real nada é como nos filmes e que ela poderia realmente não me aceitar!

— Quem é? – ela gritou bem longe. Mas eu não disse nada. Então toquei mais uma vez a campainha. E em seguida ouvi um barulho do lado de dentro, denunciando que ela estava atrás da porta.

Ela não disse nada, me deixando mais tenso, e cheguei a tremer um

pouco. Então insisti e dessa vez bati a porta com a mão fechada, mais forte, até que ela finalmente abriu.

— Oi, Mariza – eu disse, com a cabeça escorada ao meu braço direito que apoiei na parede; era para ser uma pose sexy, mas acho que com minha tensão acabei passando outra impressão.

— Oi, Lucas – ela me cumprimentou friamente. Observei em seus olhos e vi que ela estava chorando. Avancei em sua direção para abraçá-la, já que detesto vê-la daquele jeito. Meu coração estava tão acelerado que ela deve tê-lo notado batendo fora do peito. E depois que ela recusou meu abraço dando um passo para trás, minha tensão piorou. Não queria que ela percebesse meu nervosismo, mas estava impossível mostrar alguma confiança.

— O que está fazendo aqui? – ela parecia brava.

— Me desculpe. Eu fiz tudo errado, mas...

Ela tentou fechar a porta, mas a impedi. Ela me deu as costas e já ia voltando ao quarto novamente, mas a segurei pela mão e ela esbravejou:

— Me solta, Lucas! Chega! Estou cansada! Vá embora – ela ordenou. Mas ela queria dizer mais alguma coisa. Eu via em seu rosto.

— Eu não vim brigar! Eu quero conversar...

— Se não percebeu, eu não estou no clima para ouvir suas aventuras sexuais agora – ela me interrompeu mais uma vez, cruzando os braços.

Eu me aproximei e segurei forte suas mãos. Mas ela estava mesmo brava e as puxou novamente. Eu, que já estava temeroso por contar o que sentia por minha melhor amiga, com tanta birra dela eu fiquei mais apreensivo, temendo que ela realmente não gostasse do que eu tinha a dizer. Talvez Karen estivesse errada, Mariza talvez nunca tivesse me amado mesmo e só quisesse minha amizade! *Melhor eu manter isso em segredo e esquecer tudo isso.*

— Eu não sei o que houve lá no evento, mas senti sua falta e vi que você saiu sem se despedir de ninguém. Você é importante para mim, e você não faz ideia do quanto. Não me imagino passando mais nenhum dia longe de você e nem quero!

Vi uma lágrima escorrer dos seus olhos e sua cabeça se inclinou para baixo. Mas imediatamente ela ajeitou seu corpo, secou a lágrima, me olhou nos olhos e disse:

— Você nunca se cansa desse jogo? Eu não vou te esperar eternamente para que perceba que estou a fim de você enquanto dorme com

metade do universo!

Seu olhar estava firme e seus lábios, contraídos, demonstrando sua falta de paciência comigo. Ela se abriu primeiro e disse o que sentia, deixando meu coração acelerado e feliz por ouvir aquelas palavras. Então retomei meu plano inicial. *Chega de ser covarde!*

— E você acha que eu ouvi Karen falar mil verdades no meu ouvido ontem pelo telefone, e que dirigi por 45 minutos tão cedo para quê? Para te contar da minha aventura com a Bia? — Ela recomeça a subir as escadas, furiosa, e eu paro em sua frente. — Uma aventura que não aconteceu. Eu não transei com ela, nem com ninguém, Mari! Ela só te disse isso porque não a deixei me beijar.

Ela me ignora e desce as escadas para escapar de mim em direção a outro cômodo, e eu corro atrás dela, parando em sua frente e segurando suas mãos.

— Batatinha, me escuta! Durante esses anos achei que você seria somente minha melhor amiga, que seria só a pessoa para quem eu contaria minhas aventuras, minhas tretas, nunca achei que sentiria algo por você, eu tinha certeza que estava blindado. Mas no dia que você quis transar comigo na minha casa, naquele dia eu senti uma coisa diferente, e desde então eu venho lutando para não sentir o que eu sinto, mas tem ficado cada dia mais impossível, e nem mesmo esses três anos longe de você me fizeram te esquecer. E...

Pausei... Puxei-a pela mão até a cozinha e consegui arrancar uma lágrima dos seus olhos enquanto ela sorria encabulada.

— Como fez isso? – ela apontou para a mesa repleta de comida.

— Marcos me ajudou. Karen gosta mesmo de um cara romântico, né? — digo, brincando, convencido de mim mesmo, e ela bate em minha cabeça com a ponta dos dedos, entristecida.

— Convencido... Agora não. Bia acabou com meu psicológico, que já não estava bom. Não estou mesmo para brincadeiras — ela disse.

— O idiota da história sou eu que contei a ela que cantaria a música para você e achei mesmo que ela estava do meu lado! Que inocente! – disse, irritado comigo e chegando mais perto dela.

— Eu não consegui prestar atenção na música toda, mas a procurei na internet quando cheguei ontem. É verdade? – ela pergunta, enxugando os olhos e se referindo à letra da canção.

— Sim! Nunca ouvi uma música tão verdadeira sobre o que sinto!

Eu... — Segurei seu rosto, a encarei e reformulei o que ia dizer. — Quando a Livi chegou eu pensei que você não gostaria de se envolver com um cara complicado como eu, ainda mais com uma filha. E se você não estivesse pronta eu não poderia gastar tempo fazendo isso dar certo. Ela precisava de mim! Então tirei você da minha vida. Cometi um grande erro, eu sei, mas nunca consegui te esquecer. E eu só percebi o enorme engano que cometi quando, na sexta-feira, vi vocês duas juntas. Quando vi como se deram bem logo de cara decidi não perder mais tempo.

— Eu jamais me importaria de ter alguém como ela em minha vida! — ela afirmou, sorrindo.

Seus olhos grandes e brilhantes enchiam meu coração de amor e de coragem; quanto mais olhava neles, mais eu a queria.

— Eu tenho medo de dizer as palavras e te perder! — confessei, emocionado.

— Tem que tentar — ela disse com uma voz branda, mas ao mesmo tempo desafiadora, encarando meus olhos com firmeza. Soltei seu rosto bem devagar, passei minhas mãos em volta de sua cintura, e trouxe seu corpo pequeno para mais perto do meu. Ela passou as mãos em torno do meu pescoço e, com os dedos, acariciava meu cabelo, fazendo com que eu me rendesse.

— Eu te amo, Batatinha.

Ela sorriu com os lábios e com os olhos.

— Eu te amo, 1,99 — ela disse, sorrindo, e me beijou. O primeiro beijo com Mariza e não com minha melhor amiga. Sem medo de deixá-la perceber que a amo... Um beijo livre, sexy e doce. Eu queria continuar beijando-a e pegá-la em meus braços, jogá-la no sofá da sala, tirar suas roupas e provar mais uma vez cada parte do seu corpo. Mas meus pensamentos foram traídos:

— Espera, e o Bruno? Hugo me contou do acordo! Vocês vão voltar? — interrompo o beijo, assustado, me recordando de que ela esteve com ele durante a festa.

— Nããão, credo! Eu disse a ele que eu não queria nada dele, nem casa, carro, nada! Mas que deveria ser uma separação amigável, caso contrário eu o processaria por traição. Sabia que dá um bom processo? E como editor-chefe, não ia pegar nada bem na carreira dele!

— Espertinha — disse, a beijando na ponta do nariz. — Nunca mais deixo aquele idiota chegar perto de você! — A abracei forte e ficamos assim

por uns minutos, depois fomos para a cozinha, nos sentamos diante da mesa farta, e guardei o anel de refrigerante para mais tarde. Então, curtimos nosso café da manhã conversando muito.

Trinta e Quatro

Mariza

Voltamos para a capital, e Lucas me fez parar com ele no salão onde ocorreu o lançamento na noite passada, com a desculpa de que tinha que ver como ficou o local. Entramos e me deparei com as pessoas mais importantes para ele no salão nos esperando: sua mãe, seus irmãos, seu cunhado e sua filha. *Ou deveria dizer nossa filha?* Ele pegou seu violão, sua irmã ajeitou o microfone e sentou-se na cadeira de pernas altas ao seu lado, enquanto ele começava a falar.

— Como ontem tivemos um imprevisto durante minha surpresa, porque uma pessoa muito amarga me disse que seria brega fazer uma introdução dessa, eu vou refazer meus planos de ontem à noite. Agora vejo que se eu tivesse feito assim, "dona" Mariza não teria fugido! Claro... Com tanta beleza assim as mulheres não resistem, todas querem um pedacinho do Lucas aqui e...

— Vai logo com isso, Lu! — A mãe dele gritou, interrompendo seu ataque de amor próprio.

— Ok! Eu dedico essa música à minha melhor amiga! E agora, minha namorada! — ele se aproximou, segurou o violão com uma das mãos, e com a outra tirou algo do bolso e me entregou: um anel de refrigerante.

— Você quer namorar comigo, né?

Eu me derreti, sorrindo com seu jeito diferente de me pedir em namoro, e claro, aceitei e o beijei antes dele voltar para frente da pequena plateia e começar a música internacional que ensaiou para mim.

— Senhoras e Senhores ... Falling For You!

Tradução

Fogo e gelo

Esse amor é como fogo e gelo
Esse amor é como chuva e céus azuis
Esse amor é como o sol nascendo
Esse amor me fez tentar a sorte
Não me abandone
Ainda estou apaixonado por você

Uma bela mente
Seu coração tem uma história com o meu
Seu coração me machucou algumas vezes
Seu coração me deu novas emoções
Seu coração me deixou sentindo tão bem
Então, o que posso fazer?
Ainda estou apaixonado por você
Nós demoramos um pouco
Com cada respiração, um novo dia
Com o amor em risco
Nós tivemos erros o bastante
Mas todas as suas falhas e cicatrizes são minhas.

Dois anos depois

A três semanas estou trocando algumas mensagens com Bento, e hoje consegui me organizar melhor para vir encontrá-lo. Seu prédio enorme e chique fica em outra cidade onde ninguém me conhece, é claro! E hoje esse encontro será intenso. Bento tem me enviado muitas fotos durante o dia me deixando aflita e torcendo para que o dia passe logo ver de perto tudo o que vi nas fotos!

— Amiga, estou aqui, por favor, me de cobertura! – Digo a Cintia por telefone já dentro do elevador.

— Você sabe o que penso sobre isso, não é? – Ela bufa e tenta desviar-me mais uma vez do meu objetivo, mas estou determinada, não vou voltarei atrás.

Não vou negar estou nervosa e um pouco trêmula, a mensagem dizia que no 12º andar eu deveria virar à esquerda e o número do apartamento é 1202. Assim que encontro eu toco a companhia e um moreno pouco maior que eu, musculoso e de olhos verdes, assim como aquele médico lindo de Greys Anatomy atende a porta, de camiseta e bermuda deixando-me sem jeito quando noto tamanha beleza.

— Mariza? Você é ainda mais Linda do que nas fotos que me enviou. – Ele diz sorrindo para mim e me convida a entrar.

Mais uma vez estou trêmula, mas em nenhum momento penso em voltar atrás da minha decisão! Como diria os Engenheiros do Havaí, “não

vim até aqui para desistir agora”!

...Continua